

O INÍCIO DA ESPERANÇA
DA SÉRIE OS LIVROS DE ESTEROS

ALDEMIR ALVES

AS CRÔNICAS DE FEDORS





DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

AS CRÔNICAS DE FEDORS

OS LIVROS DE ESTEROS – VOLUME

1

Aldemir Alves da Silva



EDITORIA SELO JOVEM

Editora Selo Jovem, Ribeirão Preto - SP
Tel. (16) 3011-8004

Editora SLJ todos os direitos reservados - CNPJ: 17.807.559/0001-20

Compre impresso no site da editora:

www.selojovem.com.br

Leiam outros livros do autor clicando aqui:

http://www.amazon.com.br/s?_encoding=UTF8&field-author=Aldemir%20Alves&search-alias=digital-text

Caro aventureiro, se você é um leitor fissurado pelos livros narrados em primeira pessoa, se você se apegar a um único personagem, PARE POR AQUI, definitivamente, esse livro não é para você!

A narração de Esteros foi escrita para que o leitor não perca nenhum detalhe, sendo até intitulada pela primeira editora como “*o autor usa um novo modo para narrar a sua história*”. Aqui priorizo a trama e apresento um novo mundo a ser explorado.

Para um narrador de fantasia medieval, a meu ver, a história deve ter o maior destaque. Para Esteros eu uso uma narração "LIGHT" comprada aos narradores de RPG, por isso, esse livro mesmo sendo baseado no gênero não tem a essência do RPG narrado e jogado.

Espero que esse pequeno texto tenha despertado mais ainda a sua curiosidade para lê-lo, se a resposta for SIM, então vire essa página e viva grandes aventuras em ESTEROS!

Revisão

Cirlene Doretto

Capa

André Siqueira

Ilustrações

Aldemir Alves / Junior Menezes

Quando li Livros de Esteros - As Crônicas de Fedors pela primeira vez tive certeza que não tinha um livro qualquer em mãos, não sei se foi a intenção do escritor, mas a forma de narrar a saga de Andor me encantou profundamente. De tal modo que me fez sentir como se estivesse lendo pela primeira vez um livro de fantasia medieval.

Conhecendo, sentido, vivendo com todos os acontecimento causados por Vamcast naquele mundo tão pacífico, tanto na ótica do inocente Andor, como do misterioso e sofrido Fedors, só consegui perguntar uma coisa ao autor quando conversei com ele: "Quando sai o próximo?"

*Num tempo que muitos escritores tentam **copiar** os estilos mais famosos, o escritor dos livros de Esteros fez o simples e o que mais gosto: contou uma boa história.*

Espero que todos tenham esse sentimento e que os deuses de Esteros e da escrita deixem a mente do Aldemir sempre lotada de ideias.

Ricardo "Mestre" Urbano - Geek na Rede

Em um mundo que transformou a dor e a morte em mitos do passado, Vamcast Destrus cresceu carregado de dúvidas e ciúmes de seu irmão mais novo pelo afeto de seu pai, se tornando um grande guerreiro, que acima de tudo deseja poder. Agora mergulhado nas sombras e tomado por seus sentimentos mais obscuros, ele se tornou um assassino de reis, declarando-se inimigo de todos os povos de Esteros.

Daniel Silva – RPGVale

Descobri que as pessoas querem saber mais dessa história, criticam-na porque desejam viver mais nesse mundo, anseiam por mais batalhas, querem emoção, exigem tudo o que os personagens têm a oferecer.

Conheço minhas limitações, por isso sei que tenho potencial para criar um livro de qualidade e posso agradar até mesmo o leitor mais crítico.

“Literatura é questão de momento, para escrever algo épico o escritor precisa estar em um momento épico.”

PREFÁCIO

As Crônicas de Fedors é uma série que retrata as lembranças do personagem “Fedors”, um homem cujos caminhos o transformaram num moribundo. Sim, um morto-vivo. Para quem não sabe, morto-vivo é uma pessoa caminhando sem vida, um ser apodrecido que ainda sustenta uma alma.

A história de Fedors começou alguns anos antes, ele já fora um mortal e pelo que conta em sua primeira crônica, conhece bem o mundo de Esteros e seus povos. A sua *morte* foi causada por algum fato trágico que o faz sofrer por lembranças confusas e arrependimentos do passado. Fedors estava desacreditado. Lançou sua sorte aos ventos e esteve há muito tempo jogado sobre o solo empoeirado, tendo como companhia apenas uma árvore seca e quase sem vida.

Porém, as esperanças surgem e “Salazar”, um andarilho que trafegava por ali se propõe a escutá-lo. A partir daí surge a história.

Fedors, segue sendo o narrador do livro. Ele contará a Salazar e aos leitores o porquê de seu sofrimento, narrará acontecimentos que marcaram a família Destrus da qual ele também fez parte. O desfecho desta primeira crônica está prevista para cinco livros, que poderão ser adiantados conforme escrevo a história. No momento em que escrevo este prefácio, tenho prontos quatro manuscritos sobre a série, aguardando apenas a publicação. Porém, em razão do grande interesse dos leitores pelo livro, pretendo adiantar as publicações ou, quem sabe, adiantar o processo de publicação do volume completo. Após o desfecho da história planejo partir para grandes contos paralelos sobre “O Mundo de Esteros e seus habitantes”.

O PROCESSO DE ESCRITA

Quando criei o primeiro capítulo de Esteros no ano de 2010, estava muito envolvido no MMORPG, em especial no game Word Of Warcraft. Sempre gostei de temas que envolvem as mitologias nórdica, celta, egípcia e grega. Os livros que abordam essas mitologias geralmente foram criados por grandes autores, amantes do puro RPG, que além de se inspirarem em algo já existente, inovaram e conseguiram passar a sua própria essência para os seus livros, criando linguagens próprias.

Inspirados nessas mitologias grandes nomes surgiram ao longo dos anos, J.R.R. Tolkien com o seu perfeito “O Senhor dos Anéis”; C.S. Lewis com “As Crônicas de Nárnia”, dentre outros grandes nomes da literatura mundial. Esse seguimento só enriquece a literatura fantástica, oferecendo aos nossos leitores livros magníficos e inspiradores.

Ser fã dos personagens mitológicos, especialmente de orcs, elfos, anões, gnomos e fadas, me fez desejar criar a minha própria história nesse gênero. Criando personagens a meu modo, com crenças e costumes particulares para Esteros, dei vida à novas raças e povos. A mitologia esteriana se constrói ainda na infância da humanidade. Tudo começa após a traição dos anjos ao seu Deus Supremo. Essa traição desencadeia a destruição do primeiro paraíso, recriando o céu e inferno, juntamente com os novos mundos e planetas.

A criação da mitologia esteriana é baseada em fatos fictícios e científicos relacionados ao universo, e também aos seres vivos em geral. É claro que essa teoria recusa a aceitação de um Criador. Devemos, porém destacar o fato de que a teoria do big-bang é, na verdade uma consequência de outra teoria: a teoria do universo em expansão. Para deixar a mitologia mais realista inseri um Deus sobre ela, juntei todo o meu conhecimento religioso e teórico e acabei criando algo “inovador” mesmo utilizando algo antes explorado.

Quando o grande paraíso se tornou um lugar de prostituição e desordem, o Criador pôs fim em toda a sua criação. No entanto, por amar intensamente os seus filhos, salvou os puros, “as crianças”. Os Deuses da mitologia esteriana ganham vida após esse episódio. São trinta deuses espalhados por todos os universos, cada qual com o seu legado: cuidar das vidas que lhes foram designadas. Seguindo essa teoria do big-bang, deixo a imaginação do leitor fluir de modo que isso relacione outros “mundos” aos esterianos. Talvez o nosso mundo possa fazer parte da mesma galáxia de Esteros. Isso é perfeito, porque poderei um dia inserir os seres humanos na trama do livro.

A mitologia esteriana narra os primeiros confrontos entre os deuses dominadores dos mundos habitáveis e a primeira discórdia entre Nazebur e os seus irmãos. Tudo ocorre nesse início de trama, nascendo em seguida o céu e o inferno. Nazebur tem como meta destruir a vida nos mundos existentes no universo, a sua missão é corromper as almas mortais e promover a maldade sobre esses indivíduos. Com ajuda dos próprios mortais ele pretende dizimar a vida nos planetas, extinguindo todos os seres vivos e alterando as suas almas para transformá-los em soldados imortais. Criaturas conhecidas como Asmectros.

Essas criaturas possuem passe livre e podem caminhar sobre os mundos paralelos, se fortificar e evoluir nos corpos mortais, como larvas em um hospedeiro. Elas possuem as almas mortais até conseguirem absorver toda a energia vital do indivíduo. Quando finalmente conquista o controle absoluto se desenvolvem por completo, tornando-se uma criatura extremamente poderosa. Nazebur trama reunir milhares de Asmectros ao seu lado, e depois usá-los contra os demais deuses. E finalmente alcançando esse objetivo ele se levantará contra os demais e se tornará o ser Supremo de todos os planetas.

O foco da história está especialmente sobre a família Destrus, eles são os mais antigos e conceituados reis de Naires, foram eles que selaram a paz após derrotarem o maior vilão que Esteros já conheceu, o orc Nalefis Ônus.

Desde a época de Lord Mancarus Destrus, que é pai de Mussafar Destrus e aquele que aniquilou o Orc Nalefis, o continente Naires é tomado pela paz e confraternização entre as espécies. Porém, as guerras antigas de cem anos atrás, travadas pelo rei Mancarus ainda marcam os povos, que temem o seu retorno.

Na trama existem também criaturas notáveis que podem ser invocadas nas batalhas, essas criaturas serão prêmios para os dominadores (as) que após possuírem as pedras espirituais terão ao seu lado um mascote - protetor. Essas pedras após serem invocadas, darão vida à diversas criaturas, porém a índole da criatura invocada será semelhante a de seu dominador. Um vilão quando executar a invocação terá a seu lado um monstro de propriedade maligna, um morto - vivo, demônio alado, dragão, etc. Já uma pessoa praticante do bem poderá dar vida a um ser de luz como anjo, montaria alada, Pegasus, fada, minotauro. Após o manipulador dar vida às criaturas ganhará um anel que será colocado em seu dedo, esse anel jamais poderá se separar do seu dominador, a não ser que o mesmo seja destruído em batalha.

NOTA DO AUTOR

Para um melhor entendimento dessa trama, sugiro que o leitor leia primeiro “A mitologia esteriana” que se encontra no final deste livro. A parte mitológica narra a descendência divina dos povos aqui apresentados e explica de forma clara como surgiram os deuses e os planetas apresentados na história. As mudanças aplicadas nessa nova edição foram editadas no intuito de poder melhorar a leitura. Muitas delas baseadas nas visões de alguns críticos literários que apontaram erros e

acertos na narrativa. As principais mudanças a serem destacadas são as caracterizações do mundo e personagens.

Mesmo que as críticas tenham me inspirado a melhorar esse livro sei que há possibilidades de que essa história não agrade a todos, e que alguns ainda possam criticar o modo como ela foi escrita, porém, por outro lado, tenho certeza de que outros irão apreciá-la e se divertir bastante enquanto a leem. É óbvio ainda que algumas pessoas poderão dizer que essa trama não é a mais original na literatura fantástica, ou a mais criativa. Entretanto, esse livro tem conquistado muitos leitores desde a sua primeira publicação. E eu penso que um autor jamais deve criar a sua obra apenas para si próprio, pois isso seria egoísmo.

Os livros de Esteros teve a sua primeira versão publicada no ano de 2011, num site onde a publicação é gratuita e de forma 100% sob demanda. Ali provei pela primeira vez a dádiva de ser lido e acompanhei as primeiras críticas dos meus, então, primeiros leitores. Para alguns, o livro era pequeno e com poucos diálogos, para outros era uma leitura agradável e que deixou pontas soltas, que eles ansiavam em descobrir. Eu estava a cada dia mais envolvido nesse projeto, então não parei e continuei criando a história.

Em 2012, terminei o livro completo em um total de 600 páginas. Quando finalmente fechei a história com o título de Esteros - O Continente Naires, parti para uma tentativa frustrada de publicação. Enviei esse livro para muitas editoras pequenas, médias e grandes. Jamais recebi respostas positivas e as que responderam me cobravam preços absurdos e fora de minha realidade financeira. Foi quando eu estava quase desistindo e voltando para “aquele site”, que recebi uma proposta um pouco mais amigável, a editora me oferecia 300 livros e o valor na época R\$ 7.000,00 mil reais. Pensei bem e estava decidido pela publicação a qualquer custo, então pensei em dividir o livro em partes. A partir daí me tornei um autor publicado.

Porém a simples publicação, sem nenhuma divulgação ou interesse por parte da editora em vender meus livros, me frustrou outra vez. Descobri que embarquei em um navio prestes a naufragar. Outra vez, estava num “site sob demanda”, porém agora era pago. Aquela editora não fizera uma revisão decente no meu livro, não se interessava em vendê-lo e não era séria, nem mesmo bem aceita pelo público leitor.

Foi quando me bateu o desespero. Preferi sinceramente quebrar o contrato e retornar ao site sob demanda. Mas antes que eu retornasse, surgiu uma luz no fim do túnel. Uma editora jovem me cedeu uma oportunidade. A Editora Selo Jovem, que nasceu com a junção de alguns autores dispostos a se autopublicarem. A

missão era dar vida a um selo editorial, nós mesmos trabalharíamos em nossas obras, cada um assumindo uma função e ajudando um ao outro. A ideia funcionou, e a partir dali consegui publicar sem nenhum custo e os leitores começaram a aparecer... Finalmente estava sendo lido!

Os livros de Esteros teve a sua publicação oficial no início de 2013. Sendo publicado em partes. Comercializado a um preço justo, principalmente no site da editora, e também na Amazon. O livro vem sendo muito bem aceito pelos leitores de fantasia. Por experiência, eu, Aldemir Alves, digo a vocês caros autores:

Invistam em seus sonhos, acreditem que são capazes e jamais desistam quando alguém disser que você não é bom o bastante para fazer isso ou aquilo. Você pode tentar, você deve arriscar e vai conseguir...

Para os leitores que criticaram o meu livro, para outros que irão criticar, deixo apenas um trecho de um comentário escrito pelo mestre Tolkien que sempre me inspirou.

J.R.R. Tolkien diz em seu prefácio:

"Algumas pessoas que leram o meu livro, ou que de qualquer forma fizeram uma crítica dele, acharam-no enfadonho, absurdo, ou desprezível. Eu não tenho razão para reclamar, uma vez que tenho opiniões similares a respeito dos trabalhos destas pessoas, ou dos tipos de obras que elas evidentemente preferem. Mas, mesmo do ponto de vista de muitos que gostaram de minha história há muita coisa que deixa a desejar. Talvez não seja possível agradar a todos em todos os pontos, nem desagradar a todos nos mesmos pontos... O leitor mais crítico de todos, eu mesmo, agora encontro muitos defeitos, maiores e menores, mas, infelizmente não tenho a obrigação de criticar o livro ou escrevê-lo novamente, passará sobre eles um silêncio, com exceção de um defeito que foi notado por alguns; o livro é curto demais!"

Então, caros amigos, a resposta de Tolkien para as críticas destrutivas foi bem simples, pois com suas palavras ele disse: "eu vou escrever mais e mais, essa história se tornará enorme e vocês vão ter muito para criticar". Esse defeito Tolkien resolveu, vejam só o tamanho de sua obra. Inspira ou não?

Esteros vai se estender, todos esses primeiros livros serão unificados. Como eu descrevi no primeiro livro, existem cinco continentes a serem descobertos, é minha obrigação demarcar esse mundo com mapas e escrever sobre todos os outros continentes.

Por fim, espero que esse prefácio tenha despertado a atenção de vocês para o livro, espero também que essa história possa ensinar a todos que a família tem

mais valor e está acima de qualquer coisa. Mesmo que esse livro aborde uma ficção como tema predominante, os argumentos tratados aqui podem ser verídicos, quando aplicados na vida real. O descuido e o desafeto contra um inocente é capaz de transformá-lo pelo resto da vida. A minha mensagem é para que os pais tratem seus filhos com igualdade, que se ofereça respeito na mesma medida para todos os membros de uma família.



PRÓLOGO

“No começo de tudo eram quatro deuses, na verdade quatro irmãos. A eles foram designados vários universos e um legado que seria cuidar de uma herança, que foi chamada de “vida”. Essa herança foi dada a eles pelo seu pai, o Deus de todas as galáxias que vendo vários mundos serem destruídos, deu-lhes uma última chance de salvar as criações máximas que tinham o direito à vida. Os irmãos conservavam e cuidavam do bem concedido com muito carinho até que um dia o equilíbrio foi abalado, pondo em risco a vida de todos. Com o passar dos anos, os quatro irmãos se tornaram homens poderosos: Nazebur, Homandir, Temtauros e Zeuros. Eles mantinham os seus mundos em galáxias chamadas cordilhetes. Todos esses cordilhetes, por sua vez, continham universos regentes que mantinham um sol, uma lua e estrelas propícias para manter a vida em uma junção perfeita, gerando calor, escuridão, frio e luz. Essa união era capaz de manter as células vivas, em evolução contínua em perfeita harmonia e paz. Nesses mundos, a paz reinava e a vida girava em ciclos, assim como giram os planetas; quando um ser terminava a sua missão no mundo, era remetido à outra vida em outro planeta, não se lembrando da anterior. Podendo amar, sonhar, sorrir, dançar, brincar novamente. Poder-se-ia viver novamente, essa é a verdade. Sendo assim, haveria um ciclo perfeito de vidas e felicidades. A alegria dos mortais atraía os deuses, pois a maldade, a inveja e a corrupção não existiam. Com o ambiente puro, abriam-se as portas, assim os deuses podiam caminhar entre nós e compartilhar da nossa felicidade.

O equilíbrio do universo foi perfeito enquanto durou. Digo isso porque um dos deuses se tornou ambicioso e cruel. Nazebur, vendo tantos mundos e tantas vidas começa a produzir em seu coração um sentimento de inveja, desejando tudo para si. Sua sede pelo poder era cada dia maior, e sem conseguir um autocontrole emocional, um dia, ali caminhando e observando aqueles mundos majestosos e repletos de vida não aguentou e solicitou uma reunião com os seus irmãos. Sem esconder o seu verdadeiro interesse, declarou que queria a sua parte de tudo, acabando a sociedade entre eles. Os irmãos não entendiam o porquê da decisão de

Nazebur, só que não tinham escolha, pois ele tinha o direito de ficar com o que era seu de herança. E, depois de tanta pressão acabou conseguindo.

Mas, a maldade foi tremenda, tanto que o deus trouxe sofrimento a todos que viviam em seu território. Caminhava por ali como um ser ganancioso, desejando as mulheres mortais, sugando as riquezas e a vida dos planetas, criando assim uma era imunda e obscena. E, quando finalmente matou a todos, acabou-se a diversão. O ciclo não mais funcionou. Os homens tornaram-se corruptos e assassinos, as suas almas ficaram presas ali, pois não mais se mantinha o ciclo de poder ir para outras vidas. Aquele mundo foi chamado de inferno, ou “o mundo dos mortos”. Vendo Nazebur que não havia mais ninguém vivo, e que os seus planetas estavam todos destruídos, começou a destruir a vida nos planetas de seus irmãos. Sozinho, aprisionava e dizimava quantas almas conseguisse. Diante desse mal, os irmãos Temtauros, Homandir e Zeuros passaram a lutar contra o seu próprio sangue. O deus que não podia ser morto, mas sim derrotado em batalha, foi aprisionado e mantido amarrado por correntes gigantescas e indestrutíveis em um trono negro no seu próprio mundo. Nazebur, totalmente sem ação, teve de fazer alianças, mas só havia almas mortas à sua frente. Então, deu nomes próprios e forças às almas escolhidas, agora chamadas Asmectros.

Asmectros eram demônios que se tornariam o único modo de espalhar o mal nos mundos de seus irmãos. Esses seres podiam transitar e dominar os corpos de mortais, conferindo a eles poderes inimagináveis. Assim continuava a matar, até que acabasse com toda a vida nos planetas, depois fariam o seu próprio mundo. Um mundo morto e destruído, formado por almas imortais a serem transformadas em demônios poderosos. Guerreiros tão poderosos que juntando-se a eles, Nazebur formaria uma legião capaz até mesmo de matar os seus irmãos. Dominando e tomando tudo para si e se tornando o Ser Supremo do Universo, deixando apenas a lembrança de um tempo em que os deuses podiam caminhar sobre os planetas compartilhando a paz e a alegria. Um tempo em que todos os planetas continham vida, a maior criação dos deuses. Uma criação destinada a sofrer pela sua própria ganância pelo poder.”



FEDORS

As Crônicas de Fedors

Um homem caminha solitário por uma estrada longa e seca. O sol incessante, a leve tempestade de areia castigam o seu corpo e fazem arder seus pés calejados por uma longa e árdua jornada. Para a sua alegria, avista no horizonte uma grande árvore de poucas folhagens, mas capaz de saciar o seu desejo por alguns minutos de descanso. Ao se aproximar dela, assusta-se com uma figura encostada do outro lado.

O desconhecido aparentemente está morto e cheira muito mal. Tocando com o seu cajado o corpo empoeirado, o viajante arrisca começar um diálogo:

— Olá, você está bem? Tudo bem com o senhor?

A figura sinistra move vagarosamente o rosto na direção do viajante. Sua face está aparentemente toda queimada, seu corpo coberto por um manto negro dos pés à cabeça, seus olhos escuros levemente fechados. Não possuía nariz, e apenas uma metade dos lábios era visível. Os dentes eram amarelados e com marcas de sangue e escoriações, a face aparentemente derretida e desbeijada, talvez tivesse sido queimada, ou o sol a tenha esturricado. A parte esquerda do rosto é composta apenas de ossos brancos e de resíduos de carne apodrecida. Um pedaço de pano sujo em trapos cobre o pescoço e braços. Lentamente os seus olhos se abrem, e ele deixa escapar um gemido baixo e rouco:

— Hum...

Nesse instante, pode-se notar vários insetos voando em todas as direções, abandonando o corpo da criatura imóvel e aparentemente em decomposição. A árvore onde se mantinha encostado estava seca e coberta por formigas e coprófagos, folhas e galhos forravam o solo. Os urubus e corvos pousavam sobre os galhos, o cheiro de carniça expelido pela criatura incitava-os, entretanto não podiam devorá-lo, pois ainda tinha vida.

Salazar, assustado, dá um pulo para trás e arregalando os olhos pergunta ao desconhecido:

— Como pode estar se movendo?

A criatura movimenta lentamente o osso maxilar e, repentinamente começa a dialogar com o viajante:

— Desculpe-me a minha indelicadeza... Sente-se comigo e faça-me companhia.

Ao contrário do homem à sua frente, o ser continua sentado, cansado e tristonho, mas a sua voz é calma e doce. O viajante senta-se ao lado da criatura sinistra, encarando-a fixamente, faz outra pergunta, agora em voz trêmula:

— O que houve com o senhor? Parece-me muito mal... — Salazar enquanto conversa com ele, aproxima-se mais do homem e minuciosamente observa suas feridas e escoriações.

A criatura, sorrindo com muita dificuldade, movimenta agora a perna direita que estrala como se os ossos estivessem soltos, encosta-se no tronco da árvore ao seu lado. Batendo a mão sobre uma formiga que caminhava pelo seu corpo, pronuncia mais algumas palavras ainda em tom de voz suave:

— A minha história é longa e muito dolorosa e pode demorar muito para ser compreendida. — As últimas palavras já são ditas em voz alta, mas logo desencorajada, parecendo querer a desistência do curioso à sua frente, que nesse momento, no entanto aparenta muito mais interesse em conhecê-lo.

O viajante era um homem de cabelos grisalhos até a nuca, olhos castanho — claros, pele branca e barba falha, rosto esbelto e queixo rubro, sobrancelhas grossas e testa avantajada, nariz acentuado e um corpo mediano, com ombros largos e feição serena. Estava vestido por uma camiseta de mangas longas, uma calça larga e um jaleco de feltro, por cima uma capa de couro. Carregava uma trouxa pendurada em um galho fino, calçava botas de couro e não possuía nenhuma espada ou arma branca.

Então retira um pedaço de pão seco de sua sacola e diz:

— O meu nome é Salazar. Estou cansado da minha longa jornada rumo ao norte, por isso tenho todo o tempo do mundo para poder ouvir sua história. Sinta-se à vontade para dividi-la comigo. — Realmente, Salazar pretende conhecer mais sobre o sujeito e o encara com firmeza, como que exigindo mais informações sobre o seu novo companheiro de solidão.

A criatura sorri com dificuldade, enquanto levanta a mão direita rejeitando o pequeno pedaço de pão oferecido. E, lentamente redireciona o rosto para o homem desconhecido e começa a narrar a sua extensa história:

— Primeiramente o meu nome é Fedors. Mas, já tive outro nome, um nome forte e respeitado por todos no nosso mundo, fui um membro da família Destrus. Mas, o meu poder somado à minha inocência, me transformou na criatura que sou hoje... Como disse antes a minha história é triste, de difícil compreensão. Porém, antes de contá-la a você preciso saber se realmente está disposto a ficar mais um dia em minha companhia. — Nesse momento, Fedors leva os dedos aos lábios, e

em seus pensamentos parece implorar pela resposta positiva do seu novo amigo, desejando mais diálogo com alguém nesse momento, afinal não sabe quanto tempo levará para que outra pessoa cruze aquele caminho.

Salazar parece ler os pensamentos da criatura, mas já está embriagado pelas palavras do companheiro de prosa, então trata de responder rapidamente a ele:

— Verdadeiramente, eu não tenho pressa em minha caminhada, ainda são muitos os caminhos a percorrer. Se tiver dúvidas sobre a minha permanência aqui, fique sossegado. Eu posso ficar mais um dia ao seu lado.

Agora, Salazar deu o seu veredicto. Ficar ali para compartilhar a dor sentida pela criatura, que mesmo com uma aparência horrível, se mostra doce e sincera.

Nesse momento, um sorriso de felicidade é notado na face atordoada de Fedors, que imediatamente agradece a companhia:

— Muito obrigado pela sua companhia, somente eu sei como é bom poder conversar com alguém nesse momento. Contarei muitas coisas, algumas são tristes, outras são lamentáveis, mas todas elas são verdadeiras. Essa aparência horrível com que me encontro nesse momento é o meu castigo por aceitar a oferta tentadora de alguém já condenado na sua existência, mas isso ainda pode esperar, pois contarei tudo, desde o início...

... Ao longo da minha jornada conheci algumas pessoas, então obtive informações a respeito da criação da vida e dos planetas em que vivemos. Ouvi falar de um Criador, mas não sei qual o seu verdadeiro nome nem a sua real origem. Alguns o chamam de Criador, outros o chamam de Supremo, mas eu o chamo apenas de desconhecido ou ausente. Afinal, por que esse ser criou a vida e a deixou de lado? Por que não simplesmente destruiu as pessoas ruins e manteve somente as boas? Não posso entender o porquê das pessoas perderem o amor uns aos outros. Neste momento sou uma criatura desprezível e horrenda, mas já fui belo um dia. O meu coração já amou com muita intensidade, mas infelizmente as pessoas que amei se foram de forma trágica e lamentável. Só a monstruosidade me restou. Estou parado nesse lugar há muito tempo, imagino que estou há pelo menos vinte dias sem me alimentar, sem sequer levantar-me daqui. Estranhamente, depois que voltei dos mortos não tenho mais fome, talvez nem tenha mais estômago! É, eu sei... Isso é muito estranho. Engraçado... já matei vários monstros neste mundo. Apesar disso, sinto que ainda existe um monstro que precisa morrer. Infelizmente... Esse monstro sou eu! Bem, mas para que possa entender as minhas palavras, vamos ao que realmente interessa, vou contar a você como o amor de um homem e de alguns deuses foi capaz de salvar várias vidas. Quem sou eu? Você irá descobrir

em breve. Não tive muitas escolhas, mas talvez seja o maior culpado por tudo. Tive de aceitar o mal em minha vida, mas meu propósito era salvar a quem mais amava...

...Por enquanto, peço paciência, pois antes de conhecer a minha história e me julgar como culpado será preciso entendê-la corretamente...



ZINZA

O Norte

Um dia antes dos treinos

“A época dos treinamentos era sempre igual para todos os garotos de Esteros. Com a chegada do final do ano, partiam para treinar magia e esgrima com os professores escolhidos por seus pais. Alguns dias antes do regresso dos meninos, o rei Mussafar, por ter passado por treinamentos com dois dos seus professores favoritos, indicou os filhos para treinarem no mesmo local de sua infância. Ambos retornariam para o castelo real após uma temporada de estudos e formação escolar.

O regresso dos filhos aconteceu já bem próximo do fim de ano. As festas dos mais nobres já haviam começado, o céu estava coberto por grandes explosões coloridas criadas especialmente pelos engenheiros do norte. Crianças desciam sorridentes de suas carruagens e rapidamente eram recebidas por seus pais, que felizes, festejavam.

Os grandes vilarejos ao norte de Esteros eram moradias de vários fazendeiros e criadores de animais domésticos de Naires. A agropecuária e o artesanato eram praticados com muita habilidade e prazer entre os esterianos, pois a regra nesse mundo era comer bem, e sempre manter em estoque para que houvesse fartura.

A longa estrada de terra batida era riscada pelas grandes rodas da carruagem, que se aproximava. Fastouros, o poderoso general do Norte conduzia os garotos rumo ao castelo real de Mussafar. Fastouros era um homem alto, um metro e noventa, tinha cabelos grisalhos e levemente escovados para trás, barba falha que lhe percorria das costeletas ao queixo, sobrancelhas finas em V, olhos castanho-escuros, queixo rubro e nariz avantajado e curvo, sua feição era serena e calma. Era um homem discreto, caudatário, e sempre estava otimista.”

— Mãe, são os príncipes? — Perguntou um garotinho, puxando a saia da mãe.

— Sim, filho. São os filhos de Mussafar e eles estão retornando para casa. — Respondeu a aldeã de olhos negros e cabelos estabanados, abraçando o menino e levando-o ao colo.

O regresso dos príncipes promovia uma grande festa muito próxima aos portões do castelo real; crianças seguiam a carruagem em grande correria, enquanto gritavam os nomes dos príncipes com entusiasmo.

Finalmente, depois de horas de viagem a carruagem chegou ao seu destino. Fastouros libertou os cavalos e abandonou o acento, caminhou até o final da carruagem e abriu a porta em forma de círculo. O transporte dos nobres era confeccionado em ouro e metal, seu formato arredondado nas laterais e achatado

na parte superior. As rodas grandes e em seus interiores curvaturas, no eixo ficava amostra o símbolo do Norte, era a cabeça de um leão envolto por um escudo de guerra e uma espada em aço nobre.

— Chegamos, meus príncipes! — Disse o general e reverenciou os garotos.

A chegada dos príncipes promovia festa e correria no castelo. Todos os criados, os jardineiros, cavaleiros, soldados, todos os recebiam da mesma forma todos os anos. Era algo habitual e um mandamento entre eles.

— Os meninos retornaram! — Disse Zinza, a rainha do Norte. Estava vestida por uma manta branca que tocava o solo, por baixo o vestido real era tecido em seda fina e na cor branca transparente. Sua coroa no formato de tiara era trabalhada em ouro branco, nas laterais pequenos diamantes a enfeitavam. Zinza tinha olhos azul – claros e cabelos amarelados com cachos nas pontas. Tinha o rosto arredondado e o queixo fino, nariz acentuado e levemente arrebitado, lábios finos e rosados, pele muito branca com maçãs num rosa tímido.

Andor, o mais jovem, jogou-se nos braços do pai. O primogênito, por sua vez apenas desceu e reverenciou o rei.

— Sejam bem-vindos! — Comemorou o rei Mussafar, timidamente, esbanjando felicidade ao ver os filhos retornarem.

Mussafar, o rei do Norte, era um homem de porte físico mediano, olhar frio e penetrante, rosto esbelto e olhos negros. Os seus cabelos eram longos até o pescoço e lisos lançados sobre a face, pele morena clara, lábios carnudos e queixo fino. Era um homem frio e um pouco reservado. Caminhava lentamente e jamais levantava a voz para um criado ou soldado. Tirava sempre a barba e apesar de seus quarenta anos tinha aspecto jovem e robusto.

Zinza percebendo a aproximação dos filhos correu e abraçou Vamcast. Em seguida apalpou os ombros de Andor. Sua felicidade era imensa e quase tangível, pois já haviam decorridos quase nove meses longe dos garotos.

— Mãe, estava com muitas saudades! — Disse Vamcast beijando a face da rainha.

— Eu também querido! — Respondeu ela, oferecendo-lhe um abraço.

Seguindo com as boas-vindas... Zinza deixou os filhos por instantes para que os criados reais se aproximassem e levassem os príncipes para uma refeição reforçada e um banho relaxante. O castelo real era muito bem equipado por dentro, seus móveis trabalhados por artesões, desde os bancos de mogno às escadarias em madeira cumaru no estilo império. Nas janelas, dispendiosas cortinas de seda. As

pilastras que sustentavam o três pisos superiores eram trabalhadas em pedras e cerâmicas num branco ofuscante. O chão ladrilhado em ardósia esverdeada e pequenas lascas de pedra.

Os muros construídos à base de terra, madeira e camadas de pedras para reforçar a estrutura contra ataques. A arquitetura era única e exclusiva dos eractos, não havia castelos iguais em Naires. Para o rei era destinado um salão e aposentos exclusivos que somente o senhor do castelo possuía. Para a maioria dos moradores, um dia típico começava ao nascer do Sol. Algumas camareiras dormiam no chão do quarto do senhor e de sua rainha cuja privacidade era garantida apenas por uma armação de tecidos ao redor da cama. Depois de se vestirem, o senhor e sua família iam ao salão para tomar um café da manhã regado a pão e queijo, e logo seguiam para a missa diária.

O almoço, sempre servido entre as dez da manhã e o meio-dia, incluía três ou quatro pratos principais e podia ser acompanhado por apresentações de malabaristas. Durante o dia, enquanto o senhor cuidava da administração, da justiça e da coleta de impostos do feudo, sua esposa tratava da educação dos filhos e supervisionava camareiras e cozinheiras. À noite, apenas uma leve refeição, em geral, uma sopa. Alimentados, os senhores voltavam ao quarto, enquanto os servos se espalhavam pelo chão do salão ou em câmaras no interior da torre.

O primeiro dia em casa

Após algumas horas, o sol brilhava no horizonte, e Zinza se preparava para deixar o aconchego dos seus aposentos. Um pouco mais de tempo com os pais era o maior desejo dos filhos inquietos... Já na parte da tarde, com os seus desejos realizados, o príncipe Andor mostrava ao pai as suas habilidades na escrita e formação de textos. Vamcast, por sua vez estava ao lado da mãe acariciando os cabelos da elfa e sorrindo-lhe, enquanto ela retribuía o mesmo carinho.

Ao anoitecer do primeiro dia em casa, o príncipe mais jovem preparava a sua cama macia que era feita de madeiras retiradas da floresta Sindar e também de um colchão recheado de penas de tuco-tuco, os grandes pássaros da floresta mágica que também serviam como um transporte rápido e cujas penas eram aproveitadas diariamente pelos esterianos.

Zinza, a elfa de longos cabelos loiros e olhos azuis, sorriu graciosamente e aproxima-se do garoto. Toca-lhe o rosto fazendo carinhos em Andor. O menino, ao

sorrir para a sua mãe viu seus olhos brilharem, então educado como sempre se despediu:

— Mãe tenha uma boa noite. Irei dormir mais cedo, pois estou impaciente para iniciar o meu segundo ano de treinos na escola de magia... — Os olhos negros de Andor brilharam forte nesse momento, quando a ingenuidade e a simplicidade se fundiram, conferindo-lhe um semblante angelical naquele corpo que um dia, inspiraria poder.

A elfa, voltando a tocar os cabelos negros do filho mais jovem, sorriu para ele novamente e beijou-lhe a testa. Preparava-se para deixar o quarto.

— Descanse meu menino, volte a dormir e sonhe com os anjos, amanhã será um dia longo para você e seu irmão.

Andor era um garoto de aparência máscula, longos cabelos negros e lisos que lhe caíam aos ombros. Olhos num preto forte e ofuscante e seu porte físico e aparência eram idênticas a de Mussafar. Mesmo com pouca idade, isso por ter apenas seus treze anos, era alto, um metro e sessenta de altura, ombros largos e peito estufado.

— Estou feliz por estar em casa e sonhei com a senhora e o pai todas as noites... — Andor era inteligente e sincero, calmo e alegre. Sempre dizia palavras otimistas e aprendia tudo com muita facilidade.

A elfa estava admirada com o seu pequeno Andor que crescera rápido e agora já era um homenzinho. Porém, antes de partir, olhando para a segunda cama que estava vazia, voltou-se ao caçula e perguntou:

— Filho, onde está o seu irmão? Já é muito tarde, ele precisa dormir e descansar para poder viajar amanhã bem cedo... — Zinza estava nesse momento em frente à cama revirada de Vamcast. Colchão, travesseiro e cobertor estavam jogados para todos os lados.

O menino, despreocupado e inocente como sempre, sabia que Vamcast estava treinando nos fundos do castelo, mas tentava protegê-lo, pois sabia que seus pais não aprovavam treinos de esgrima fora de época. Tentando amenizar um futuro castigo, contou uma pequena mentira para sua mãe:

— O meu irmão? Ah, Vamcast me disse que iria ao banheiro, já deve estar chegando, pode ir dormir sossegada... — Andor, agora permaneceu sentado sobre a cama, enquanto mantinha o olhar fixo em direção à elfa.

— Hum... Quando ele retornar deseje a ele uma boa noite, amanhã retornarei para acordá-los.

— Tá bem, mãe, durma bem!

Zinza, cobrindo o garoto com um enorme cobertor beijou-lhe a testa, partiu rumo aos aposentos reais. Os elfos eram pessoas amistosas e felizes, não possuíam desejo por batalhas e estavam sempre em contato com a natureza.

Quando Zinza deixou o quarto, Andor jogou as cobertas ao solo, levantou rapidamente e calçou os sapatos. Correu em direção ao porão.

Vamcast treinava solitário e apesar de ser um elfo, tinha anseio por batalhas, o que contrariava toda a lógica de sua espécie e limitações raciais. Vamcast era um garoto magro, um pouco mais alto do que Andor, um metro e setenta. Seus olhos eram de azul intenso e refletivo, cabelos brancos e platinados, rosto fino e angelical. Seus cabelos estavam sempre presos para trás e muito bem penteados. O rosto tinha aspecto angelical e os lábios finos e rosados, possuía um olhar sereno e olhos pequenos e acentuados. Seu semblante élfico exibía uma beleza divina, única. Tinha leveza esplêndida ao movimentar-se e quando sorria exibía dentes muito brancos e brilhantes. Era um garoto muito bonito e asseado. Vestia-se preferencialmente de calças largas de lã, jalecos de feltro e cotas de malhas. Era muito parecido com a mãe. Ele empunhava a maior espada, e empunhava com as duas mãos. O gume sequer fora preenchido. Estava sério, de rosto enfurecido e seus longos cabelos de cor branca chacoalhavam a favor do vento.

— Não sabe quem sou, nunca ouviu falar de Vamcast? O rei do norte? O impiedoso? — E desferiu um golpe despedaçando a armadura. Sorria alto, encenando uma batalha.

O menino montava galhos de árvore dentro das armaduras, posicionando-as de pé e conversando com elas, como se fossem soldados inimigos, as ameaçava, assumindo posturas de guerreiro. O garoto avançava com fúria contra as poderosas armaduras forjadas em titânio, usando de habilidades incomuns para os guerreiros da sua raça, e com grande poder as destroçava, deixando-as em pedaços, depois jogava os restos nas águas do riacho, que corria incessante pelos fundos do castelo de Mussafar.

— Vamcast?!

— Hã?! É você Andor...?

— Sim, vamos logo a mamãe está à sua procura e se não achar você na cama será castigado.

Vamcast atirou a lâmina ao solo e a sua expressão já se modificara. Agora exibia ar angelical e um rosto de um menino comportado:

— Então, vamos! — disse ele e seguiu o Irmão.



Acampamento de magias Pectrus

O início dos treinos

Os suaves raios solares invadiram as janelas e uma brisa um pouco mais forte anunciava que choveria naquela manhã. Andor foi o primeiro a acordar e calçou seus sapatos em couro, vestiu uma camiseta branca de mangas compridas, tecida em linho. Vestiu um jaleco de feltro, malha marrom e a calça em linho na cor azul - claro. Passou por Vamcast que estava adormecido e aparentemente gozando de bons sonhos. Caminhou e desceu as escadas.

— Acordou muito cedo, querido... — disse a rainha assim que o avistou.

— Perdi o sono.

— É igual ao pai, sempre ansioso! — Falou ela, que estava ali em meio ao grande salão real onde havia também uma estufa com grande variedade de plantas e flores. Zinza fazia questão de regá-las, era algo simples e prazeroso que a divertia.

— O papai já acordou?

— Saiu com Destructor. Acredito que estejam cavalgando.

— Ah, certo. Vou subir e acordar o Vamcast porque falta pouco para nossa viagem.

— Espere! — disse a rainha, caminhando até ele — Fastouros ainda está selando os cavalos. Antes de partirem desçam. Desejo acompanhá-los em uma refeição.

O garoto fez sinal de positivo e subiu as escadas. Zinza o observou e ainda não se acostumara com o barulho e tantas pessoas que tráfegavam por ali. Lembrava de seus dias junto ao pai... em sua infância os garotos eram livres e soltos. Divertir-se era um hábito saudável e permitido, ao contrário da criação imposta aos seus filhos que os obrigava a manter etiquetas e privações. Mussafar não permitiria que um filho seu brincasse no barro ou adentrasse a floresta, para ele era algo perigoso e improvável, para ela era algo verossímil e comum. Entretanto, a palavra de um senhor era lei, somente o rei poderia impor regras em sua casa, não aceitá-las era algo insensato e audacioso.

Zinza era filha de elfos do leste e conhecera Mussafar na ocasião de uma visita promovida pelo então “rei Marcarus Destrus” o pai de Mussafar que era peregrino e conquistador. Ainda jovens se apaixonaram e após a morte de Marcarus, Mussafar se tornou soberano. Com sua autoridade pediu a mão da elfa em casamento e uma união entre os reinos surgia de forma inédita e improvável, pois isso jamais ocorrera em tempos anteriores.

Mussafar governou de forma pacífica e contrariando os costumes de seus ancestrais. A paz entre os povos era lei e o norte sempre fora visto como o elo forte entre a monarquia. Nenhum rei se opusera à supremacia do norte e as histórias narradas sobre os eracictos eram dignas de aplausos e honrarias.

Andor subiu as escadas e quando chegou Vamcast estava acordado e polindo sua lâmina. O garoto deixara a bainha sobre a cama e com uma pedra deslizava vagarosamente amolando o corte, era tão afiada e cortante que refletia sua imagem. O garoto estava focado naquele trabalho, investia ali todo seu pensamento, todas as suas feições e ações estavam aplicadas ali, era algo tão simples e costumeiro, entretanto para ele era uma técnica obrigatória e que poderia ser aperfeiçoada.

— Vamcast...

— O que foi Andor? — disse ele e olhou-o sobre os ombros.

— Já está preparando suas coisas?

Ele se virou com a lâmina entre as mãos, aquilo causou medo e assustou Andor que deu um passo atrás.

— Está com medo? — perguntou e apalpou a bainha, guardou a espada.

— Não, apenas não gosto delas.

— Das espadas?

— É, isso me causa angústia e medo.

Vamcast puxou seus pertences que estavam na mala, passou por Andor e sussurrou:

— Você é muito esquisito!

Andor ficou ali pensativo, era um garoto ingênuo e dedicado ao irmão, mesmo que Vamcast fosse rude e ignorante não tentava afrontá-lo. Compreender e acobertar era algo habitual em seu conceito.

O salão destinado às refeições era enorme e todo iluminado. Nos cantos de paredes os archotes queimavam dia e noite, uma grande luminária recheada por velas queimava em meia altura, as vidraças coloridas e as figuras dos reis e ancestrais de Mussafar eram expostas em todas as paredes. Feições distintas, sombras do passado, lembranças e fábulas antigas, tudo ali retratado em estátuas e pinturas. Aquele era um passado extinto de glórias e conquistas, apreciado por Mussafar e seus súditos, porém mal visto por Zinza e muitos que ali residiam.

Na ponta da mesa estava assentado o rei Mussafar, seus filhos e esposa próximos a ele. Os criados serviam os pratos e um breve silêncio tomava conta do lugar. Aos homens velhos eram servidas cerveja e carnes de aves, aos garotos sopa e pães. Uma oração costumeira era lei e o rei dava início aos costumes religiosos. O nome mais venerado era de Homandir, o deus da justiça, e Zeuros, o deus da prudência e fartura.

— Comam! — Ordenou o rei. Assentados à mesa estavam Mussafar, Vamcast, Andor, Zinza, Fastouros e Destructor, “o braço direito” e conselheiro do rei.

Andor se alimentou apressadamente e foi o primeiro a terminar, Vamcast não estava apressado e manteve-se silencioso e comia devagar, era tão reservado que baixava a cabeça ao se alimentar e sequer olhava para os lados.

— Coma menino, nossas terras são fartas e não há necessidade de economizar alimentos! — Disse Mussafar em tom cheio de otimismo.

— Essas são as terras mais fartas de todos os reinos, meu rei é um homem abençoado! — Falou Destructor que estava aparentemente bêbado, era um homem bajulador e de caráter duvidoso. Possuía cabelos curtos e barba falha que lhe tomava todo o rosto, olhos negros e profundos. Era um homem de idade avançada e pele avermelhada com muitas rugas e marcas de cravos e espinhas, talvez tivesse cinquenta e cinco anos de idade. Trajava roupas largas e túnica longa. Estava sempre munido de um bastão. Já fora um ancião respeitado em tempos passados.

— Ele está impaciente para o seu primeiro dia nos treinos! — Falou o general Fastouros e não sorriu. Aliás, ele nunca sorria.

— De fato! — disse o rei — Ahhh... Essa foi a melhor época de minha vida! — Concluiu.

— Épocas passadas... — Destructor apontou seu dedo em direção aos quadros — Esse lugar já foi palco de muitas façanhas!

Mussafar lançou sobre ele um olhar frio e de reprovação.

— Deixe o passado no passado. Eu sou o presente e esse é um novo capítulo na história de Esteros!

— Perdoe-me, meu senhor, falei sem pensar! — E mostrou respeito.

Naquele momento houve silêncio, era certo que aquele rei não prezava a guerra e mudar o passado era para ele o seu propósito audacioso. Mussafar acreditava em uma frase que um dia escutara de um homem sábio, que após errar muito em sua vida morreu pelos seus desafetos, mas antes recitou: “Um homem quando está em paz, não deseja guerra com ninguém” e aquilo o confortava.

Quando a refeição chegou ao fim, Fastouros se levantou e deixou a mesa. Caminhou para fora e selando os cavalos se apoderou da carruagem. A viagem dos garotos estava muito próxima de começar.

Os garotos preparados recolheram seus pertences e saíram. Como era habitual, todos estavam ali fora e despediam-se dos príncipes.

Antes da viagem, Zinza correu e abraçou os seus garotos, e com muito carinho, despediu-se dizendo:

— Meus meninos, olhem para a mamãe. Quero que vocês se comportem. Desta vez a filha da camareira vai treinar com vocês, cuidem da garota.

— Sim! — Respondeu Andor.

— Certamente, mãe! — Completou Vamcast.

Os olhos de Zinza estavam levemente úmidos, ela tentava esconder a tristeza de ver os seus garotos partindo mais uma vez para longe de casa.

Vamcast balançou a cabeça em sinal positivo e ficou de pé na porta da carruagem, apenas aguardando o início da viagem. Já Andor ainda não conhecia a pequena elfa do norte, imaginava que seria uma garota gorda com muitas espinhas. A moça poderia surgir a qualquer momento. O menino beijou a face de sua mãe e caminhou até a porta da carruagem, enquanto aguardavam o surgimento de Angel.

De repente, a garota chegou caminhando em sua direção. Ao passar pela rainha, despediu-se da mãe dos garotos:

— Tia Zinza, até mais. Voltarei em breve, pode deixar que cuidarei dos meninos.

Angel era uma garota de rostinho angelical, seu nome se encaixava perfeitamente no seu perfil, os olhos amarelados e pele branca, seu rosto delicado

possuía sardinhas discretas nas bochechas, quando sorria exibia furinhos no queixo e era graciosa e de olhar direto. Cabelos loiros até a cintura, corpo magro e tinha a parte de trás do corpo, a parte mais saliente, empinada, bustos pequenos e escondidos. Era baixa, um metro e quarenta de altura. Estava vestida com um vestido branco de bordados nas pontas, calçava meias longas e botas amarradas.

Quando surgiu despertara a curiosidade de todos ali, principalmente do príncipe mais jovem.

— Nossa! — Sussurrou o caçula, totalmente enfeitiçado por Angel.

Sorrindo, a rainha ergueu a mão direita despedindo-se da garota e dos filhos. Andor estava paralisado, de boca aberta, apreciando a beleza da jovem Angel, uma menina tão linda e angelical que o enfeitiçara completamente. O menino voltou para a realidade somente depois de levar um tapa na nuca, desferido pelo irmão mais velho.

— Acorda, moleque! — Esbravejou Vamcast.

— Ela é linda! — Sussurrou Andor. — Em seguida adentrou a carruagem.

— Não tem idade para pensar em garotas! — Vamcast voltou a reprimi-lo.

— Eu nunca conheci uma garota... — Falou ele e continuou observando a garota pela janela da carruagem, até que ela desapareceu.

Infelizmente a alegria do garoto durou muito pouco, pois tiveram de viajar separados, afinal os treinos das garotas eram realizados com outros professores, não sendo permitido que se misturassem durante os treinamentos de esgrima e magia.

Ao iniciar a viagem, a felicidade no rosto de Andor era imensa. Ele viajava sorridente, sempre com a cabeça para fora da carruagem. Por todo o momento gritava feliz com os animais da floresta, animando-se até mesmo com a neve que caía suavemente sobre a linda grama.

Vamcast estava muito sério, não brincava, nem mesmo sorria. Apenas imaginava como seria o seu treino. Encostado em um canto com cara de emburrado, manteve os braços cruzados e os ombros erguidos até chegar ao seu destino.

— Chegamos! — Alegrou-se, Andor.

— É preciso tudo isso? — Perguntou-lhe Vamcast, muito mal humorado.

— Desculpa, é que estou muito feliz! — Respondeu Andor, um pouco aborrecido.

— Siga-me, e fique quieto. — Respondeu-lhe Vamcast, torcendo o nariz.

Enfim chegaram à academia de treinos Pectrus, cujo mestre era Panderios. As aulas já estavam para começar e Vamcast correu, sentando-se junto aos outros alunos. Andor o seguiu.

Aproximando-se do local, avistaram o professor, um senhor de aparentemente sessenta anos de idade, um homem pequeno, talvez um metro e setenta, que trajava uma enorme vestimenta branca feita das mais belas lãs de carneiros do norte de Naires. A sua enorme barba branquejada e seus longos cabelos grisalhos davam um tom à parte, entregando a sua vasta sabedoria e o conhecimento em magias brancas. Também trazia na mão direita um belo cajado, trabalhado de acordo com a personalidade do seu utilizador. Uma peça rara retirada de uma enorme oliveira, uma das mais queridas e veneradas árvores da floresta Sindar.

Quando os príncipes se aproximaram, o senhor Panderios já iniciava os trabalhos com os demais alunos. Aproximando-se devagar, cofiando a sua enorme barba branca e posicionando os óculos feitos de pequenos pedaços de bambu, o mago branco começou a dialogar com seus alunos:

— Bom dia a todos! Agora, ensinarei a vocês, meus alunos, o propósito básico das magias. Há dois tipos de magias predominantes em Esteros: a negra e a branca. A primeira é proibida em todo o mundo porque não traz benefício algum para a vida, e sim para a destruição. Por isso, não deve ser usada nem mesmo praticada, jamais. Existe um ditado que diz que “Os males procuram seus predestinados”. Muito bem, esqueçam esta primeira opção. O nosso principal objetivo nessa conversa é a magia branca, a verdadeira importância da vida e da paz...

Vamcast, cheio de dúvidas, interrompeu Panderios no meio da explicação. O menino sentia um grande desejo por poder; a sua frustração e profunda angústia por ser o segundo filho na vida de Mussafar o estimulava a se tornar um homem poderoso. Ser reconhecido em Esteros, poder atrair para si a atenção do pai.

O garoto, levantando-se rapidamente, ergueu as mãos para o alto:

— Professor?!

Vamcast, já de pé, abriu a palma da mão e, parado aguardava uma oportunidade para poder se pronunciar.

O professor pausou a explicação, e olhando para o jovem e aparentemente bravo, perguntou:

— Pode falar, meu rapaz, alguma dúvida?

— Sim, eu tenho uma. Nós poderemos aprender algum tipo de magia ofensiva?

Mesmo percebendo que o seu professor não gostara da interrupção, o garoto não demonstrou preocupações. Panderios, por sua vez, cofiando a sua enorme barba, fixou seu olhar sobre o garoto e então explicou minuciosamente não apenas para Vamcast mas de forma que serviria para todos os demais alunos presentes na academia:

— Vamcast, filho, aqui não ensinamos magias de ataque, isso não é permitido! Não devemos usar magia alguma sobre os seres vivos, vocês precisam apenas de cura e defesa contra acontecimentos inesperados, como uma pedra caindo de um penhasco sobre a sua carruagem. Você pode simplesmente explodi-la com uma magia destruidora de objetos sem vida, entende? Por outro lado, podem trazer benefício para o amigo que está ao seu lado, caso se machuque em treino, ou até mesmo em um momento de diversas atividades. Vocês também podem misturar curas de envenenamento, por exemplo e depois fundi-las com curas de vida, o que formará uma magia única para outras curas, até mesmo de insetos, cobras, de propriedades como veneno, fogo, gelo...

Vamcast, como se mostrava um menino prestativo, aguardou o fim das explicações de Panderios, para só então replicar. Entendendo tudo o que o mago dissera o garoto sussurrou desapontado:

— Obrigado, professor, entendi!

Nesse momento, o menino voltou a se sentar, cruzando as pernas e se aconchegando próximo ao irmão caçula, apenas observando... *Vamcast realmente entendera as explicações de Panderios, mas aceitá-las não parecia ser o seu real objetivo.*

Depois de várias explicações, o mago voltou a dialogar com os alunos, e em pouco tempo, incitou-os a treinar:

— Pois bem, agora vamos todos deixar de conversa. Vão todos lá para fora.

Um homem misterioso

Mais tarde, naquele dia de treino na academia Pectrus, onde Panderios era professor, aliás naquela época conhecido como um dos maiores treinadores de

magias de defesa e ataque, não seria um dia normal. Estavam treinando Vamcast e Andor com os demais alunos, mas naquele momento todos foram surpreendidos com a visita de Morteros Acretus.

Tratava-se de um homem poderoso, mas de aparência angelical, possuía heterocromia, um de seus olhos era azul - claro, o outro castanho esverdeado. Seus cabelos eram longos até a cintura na cor branco platinado. O corpo mediano, possuía um metro e oitenta de altura. Trazia nas costas uma bela e enorme espada, a qual continha a figura de um dragão negro com dentes enormes e aparência destruidora. Esse homem era um ser alado. Estranhamente, uma das asas era branca e a outra negra. Em seu braço esquerdo notava-se a tatuagem de um animal feroz que lembrava um tigre, também alado, e de olhos flamejantes. Sobre o seu escudo, uma frase gravada dizia “*O caçador*”. Esse homem era conhecido como um caça-talentos de jovens guerreiros com grande potencial. Ninguém sabia para onde levava os seus aprendizes, nem mesmo com que propósito. Mas, escondia um segredo que o protegia aonde quer que fosse. Ninguém podia barrá-lo em lugar algum. As suas ações eram aprovadas por todos os reis de Esteros. O verdadeiro segredo seria revelado apenas para o seu escolhido, um guerreiro que seria o mais forte do universo, capaz de controlar e dominar tanto o poder benigno quanto o poder maligno, alguém que poderia vencer qualquer inimigo que ameaçasse o equilíbrio entre o bem e o mal.

Ao entrar na academia, Morteros não falou com ninguém e seguiu olhando um a um os alunos de Panderios. Então, passou por Vamcast que em nada lhe chamou a atenção. Porém, no fim da fila avistou Andor, meio desligado da situação, mas com aparência de um poderoso guerreiro, até porque se parecia muito com o pai.

Frente a Andor, Morteros levou a sua mão esquerda ao queixo, firmou seus olhos nele, em seguida mumurou uma palavra:

— Interessante...

O homem olhou-o nos olhos bem de perto, levantou as mãos bem devagar, tocou-lhe a testa... fechou os olhos, meditou por alguns segundos, e em voz branda, finalmente ele falou no idioma dos deuses:

— O destino sorriu...

Um brilho pequeno similar a um selo surgiu na testa do menino, sumindo repentinamente. Morteros reabriu os olhos e sorriu, saindo devagar em direção a

Panderios, chamando-o a um canto. Com as mãos sobre os lábios, fez uma pergunta ao mago:

— Diga-me, Panderios quem é aquele rapaz?

Panderios, olhando novamente para os alunos, intrigado, perguntou:

— Qual rapaz? O último da fila?

Morteros, confirmou e perguntou-lhe novamente:

— Sim, ele! Quem é?

Panderios, olhando fixamente para o visitante, aproximou-se dos seus ouvidos e em seguida respondeu baixinho:

— Ele é o filho de Mussafar... não conhece?

Panderios, dando um passo em direção aos garotos, voltou-se para o anjo e acrescentou:

— Permita-me que eu lhe apresente aquele outro rapaz, ele é muito poderoso, é aquele, ali parado. Ele é Vamcast, o filho mais velho de Mussafar, acho que ele poderia interessar a você. O rapaz é sem igual, muito poderoso, assim que chegou aqui senti a sua aura, e a cada dia me parece mais poderoso. É aparentemente o mais forte da academia.

O anjo, olhando para o caçula da família Destrus, tocou a sua espada vagarosamente, deixando a mão descansar sobre a bainha, logo voltando a dialogar com Panderios:

— Espere! Hum... O menino é um dos filhos de Mussafar. Interessante! Ele lembra muito o rei, mas tudo bem, obrigado, já vou indo. Ah... Mas, lembre-se Panderios, um guerreiro poderoso pode ter até o dom de esconder a sua aura, mas um guerreiro maligno a mostra a todo o momento.

Morteros pronunciou essas palavras de costas para Panderios, sem olhar em seus olhos novamente, distanciando-se cada vez mais do homem. E, em direção à sua montaria, virou-se, olhou para o rapaz novamente como se tivesse visto algo grandioso sobre o menino, montou em seu cavalo e partiu sem olhar para trás.

Aquele dia se passava, mas Andor, sem nenhum pensamento de grandeza, sequer comentou sobre o selo que o homem lhe colocara na testa. Naquele dia realizaram muitos treinos de magias de fogo, para poder acender fogueiras e tochas e movimentar-se na escuridão.

As fábulas esterianas

Já no período da tarde, os pássaros tomavam os céus e os grilos ensaiavam os seus primeiros acordes. A floresta assumia aspecto cinzento e havia pernilongos zunindo nos ouvidos dos meninos. Naquele momento, monótono, Mondaros adentrou o dormitório e chamou todos os garotos para fora. Panderios contaria histórias antes que fossem dormir.

Sem perder tempo, os meninos correram para o lado de fora e Panderios os recebeu com mimos:

— Vamos! Acham que os deixaria dormir sem antes contar-lhes as velhas memórias de um velho mago? — Panderios usava vestes de dormir, uma calça larga de lã e uma longa blusa com mangas. Havia abandonado o chapéu de ponta e na cabeça estava usando uma touca que escondia-lhe as orelhas, e o seu enorme cachimbo estava sobre o seu assento, bem próximo à fogueira, que ainda não estava acesa.

— Sentem-se, vamos! Vamos! — Disse Panderios, enquanto sentou-se e tragou um pouco de fumaça.

Havia trinta garotos sobre os troncos que simulavam bancos, e Mondaros um jovem de dezessete anos, com muitas sardinhas no rosto e cabelos lisos na cor loiro-caramelo, até o pescoço, estava sempre preparado para servi-lo. Os outros empregados também estavam ali. No centro haviam troncos e gravetos preparados para uma grande fogueira.

— Estão todos aqui? Preparados para boas histórias? — Todos eles gritaram que sim, num coro de vozes. E o velho mago sentou-se na ponta e era agora o centro das atenções.

— Então vamos acender logo essa fogueira! — Panderios foi agraciado por Mondaros que lhe entregou seu cajado e depois voltou a se sentar. O velho ficou em pé novamente e deixou o cachimbo sobre o assento, e levou seu cajado próximo aos pés, tocando-o ao solo, encenou uma magia. — *Etre, kek!* — Uma bola vermelha de fogo surgiu e era do tamanho de um ovo de avestruz. Panderios se sentou e tomou novamente o cachimbo, agora sorria discretamente...

A pequena bolinha de energia mudou de cor e agora estava ainda mais vermelha, ficara “incandescente” e começou a se debater, parecia que nasceria a qualquer momento.

— Observem — Disse Panderios, e todos estavam de pé e não desgrudavam os olhos do ocorrido.

E do fogo, nasceu uma pequena ave e ela cresceu rapidamente e se tornou uma fênix. Todos os meninos ficaram maravilhados com o pássaro de fogo. Panderios sorriu e disse:

— Vá! E a ave subiu aos céus e voou maravilhosamente, deu um giro por cima dos aprendizes e dos outros que ali estavam e finalizou de ponta entre os troncos, dando início às chamas que arderam na enorme fogueira.

Clap, clap, clap, todos aplaudiram.

— Obrigado. — Disse ele.

— O que vai contar hoje, mestre? — Perguntou Mondaros.

— Vou contar uma velha história sobre Mancarus Destrus e sua batalha contra o temível orc Nalefis.

E os garotos aguardavam aquela história e sequer piscavam os olhos. Panderios tragou mais uma vez seu cachimbo e agora profundamente. Soprou uma grande quantidade de fumaça cinzenta aos ares. Em seguida desenhou sobre a fumaça um temível guerreiro tão poderoso quanto um titã e logo começou a narrar a sua história:

— O seu nome era Nalefis e era poderoso e temido em toda Naires. Era um orc de pele verde e olhos enormes, seus cabelos trançados da couraça da cabeça até a cintura, somente a trança lhe caia sobre o tronco, o resto da cabeça raspada. Sua narina avantajada e coberta por três piercings, suas orelhas avariadas e faltando pedaços. Vestia-se por uma armadura de ferro, destinada apenas aos bárbaros e assassinos, era na cor escura com proteções no peito e ombreiras pontiagudas. Possuía braceletes nos pulsos e eles também eram confeccionados com partes pontiagudas. Nalefis era um gigante de dois metros de músculos e envergadura de um troll. Tão poderoso que mataria um homem apenas com suas mãos. Naquele dia o gigante destruía todos os acampamentos ao norte, e queimava as moradias. As crianças perdiam seus pais e muitos eram escravizados. O nome do vilão já era conhecido em boa parte de Esteros. Aquela criatura podia ter causado muito sofrimento a inocentes e destruído grandes guerreiros, mas alguém como Mancarus Destrus ele não havia combatido. Não havia provado alguém como Mancarus. Não igual ao rei do norte, ele jamais imaginara que havia um homem com aquelas habilidades.

“As suas histórias e triunfos em guerras amedrontariam qualquer inimigo invasor, e o rei marchou rumo aos acampamentos, pois recebia a notícia de que o vilão tomava suas terras.

Quando chegou aos acampamentos, o inimigo ainda estava espalhando o seu terror, e o rei surgiu como um salvador galopando lado a lado com seus fiéis seguidores. Os orcs sentiram que alguém se aproximava e correram para avisar ao seu general. Nalefis se armou, na mão direita a sua espada gigantesca e de longa espessura, negra e coberta por uma energia translúcida. Na mão esquerda o maior escudo que se podia carregar.

Ao longe já se podia ouvir o tinir do metal e uma batalha já acontecia, mas não parecia causar medo em Nalefis.

Mancarus surgia ao longe. Lançou seus pés ao solo, era um homem de meia idade, cabelos castanhos e barba curta, estava vestido por armadura, por baixo a cota de malha cobria e protegia o peito, totalmente trançada por fios de ferro. Usava um elmo com orifícios sobre os olhos e narinas, tinha proteção no pescoço e nas articulações e coberturas para ombros, pernas e peito. Deixava um rastro de corpos em seu caminho. Os orcs de Nalefis sequer viam de onde partia o ataque, pois aquele rei parecia um “Deus da guerra”...”

Panderios pausou a conversa e tragou novamente seu fumo, desta vez demorou. Os meninos ficaram todos de pé.

O velho libertou a fumaça novamente e disse-lhes:

— Ora, sentem-se, deixe-me continuar... — e Panderios desenhou dois guerreiros, um com a figura de Nalefis e outro de Mancarus Destrus. — ...Aqueles homens se olharam de frente, se estudaram e começaram a caminhar em círculos. Mancarus tinha proteções em chapas de aço sobre a cota de malha e um capacete fechado, deixando nu apenas a ponta do queixo e nariz, sua espada brilhava quando exposta ao sol e era confeccionada por um aço de visível qualidade.

“Eles não se falaram, não se temiam, e o orc parecia um gigante próximo ao rei. Porém, a coragem e determinação daquele homem o tornara grande de igual capacidade. Com um grito que estremeceu o campo de guerra, marchou em direção a Nalefis. E todos os outros guerreiros esqueceram-se e pararam de lutar, se puseram a acompanhar aquele confronto épico. O rei partia furioso para o ataque e com um salto tocou a ponta da lâmina sobre o escudo adversário. Elevou o tronco à frente e bateu forte, desferiu uma sequência de golpes. Estava furioso e focado, destemido e aguerrido. Não importava o tamanho do inimigo ou sua força, ele

cairia frente ao rei. Aquela vitória caberia a um único homem, somente um deles escreveria essa proeza no livro dos heróis e Mancarus não se entregaria fácil, não desistiria. Enquanto houvesse vida em seu corpo ele lutaria.

Mancarus chutou sobre o escudo inimigo e desferiu um golpe de cima para baixo, a criatura não conseguira sequer contemplar seu rosto de fúria. O rei mantinha uma postura ereta e heroica. Continuava a surrar o inimigo, que rebatia seus ataques com o escudo e a cada investida sofrida caminhava para trás. O grande Nalefis continha o avanço do rei e seu vigor era comparado a de um leão enfurecido. Tamanha era a força usada pelo rei que gerava impactos poderosos sobre o braço esquerdo do inimigo que era a todo o momento atordoado sem intervalos.

Nalefis estava encurralado e perdendo o prestígio diante de seus guerreiros, os olhos deles denunciavam a surpresa em vê-lo tão acuado. Então, Nalefis surtou, lançou o corpo de Mancarus a dois metros apenas com a força de seus braços. Mancarus voou e caiu de joelhos, rapidamente se levantou e estava preparado para mais uma rodada.

— É o fim de seus terrores, gigante verde! — O rei elevou o braço direito à frente e seus olhos eram pequenos e envoltos pelo elmo, no entanto, eram como lanças e espetos que penetravam a face trêmula e surpresa do gigante, que tremeu perante o corajoso rei do norte, cujas histórias narradas o apresentavam como um leão faminto e raivosos... Histórias que de maneira alguma eram enganosas e agora comprovadas pelo gigante presunçoso.

— Não é o primeiro a desejar isso, rei do norte. Muitos já tentaram e caíram aos meus pés... e não será diferente com você!

Nalefis percebera que não se tratava de um homem comum logo que o contemplou pela primeira vez, entretanto era característica de um orc o sentimento de superioridade e apedutismo. Há muitos tipos de guerreiros em Naires, e apesar de serem ignorantes poucas pessoas e guerreiros são munidos de tamanha astúcia e audácia como um orc. Essas criaturas são verdadeiros assassinos impiedosos e usam a intimidação e seus músculos contra seus inimigos e na maioria das vezes é algo funcional e louvável. Nalefis percebera que aquele não era um homem comum e se realmente quisesse vencê-lo precisaria mais do que simples coragem e força...

— Logo quando o avistei tive a certeza de que é um homem individualista. Um simples agregador de glórias e histórias. Que tipo de rei abandonaria a sua família para lutar batalhas sozinho?? Por que arriscar sua vida por prêmios e glória? És um rei tolo, senhor do norte, deveria aproveitar seus últimos minutos com a sua família ao invés de morrer como um porco no campo de batalha.

Palavras ao vento, era apenas isso. Seria preciso muito mais que afrontas para estremecer a base de um rei duro e impenetrável. Nalefis errara em achar que sua provocação funcionaria contra aquele homem, focado e destemido.

— A verdadeira família é aquela unida pelo espírito e não pelo sangue... Não tente usar suas mentiras contra minhas verdades, isso não funcionará comigo, gigante verde... Os verdadeiros guerreiros usam somente a verdade, já os covardes lutam com a mentira.

Quando o rei partiu novamente para o ataque Nalefis lançou com toda a sua força o grande escudo para poder feri-lo, porém Mancarus se desviou e enquanto curvava o seu corpo, pôde ver a morte que o escudo trouxe a um de seus soldados que ficara no caminho que o escudo percorrera e teve a cabeça decepada pela arma do inimigo.

Nalefis veio de encontro ao rei e novamente o tinir de suas espadas tomava todo o campo de guerra, o barulho do aço se batendo lembrava as facas dos açougueiros quando tocam um amolador ou encontram um osso enrijecido. O rei lançou um ataque à meia altura e o gigante *telegrafou-o*, baixou até que os cotovelos tocassem os joelhos, e levantou sua espada junto ao corpo, que resvalou o queixo do rei. Mancarus aproveitou-se do erro adversário e bateu forte o cabo da espada sobre o queixo do orc e isso arrancou-lhe dois caninos e o sangue preto espirrou na face do rei.

Após feri-lo o rei comentou:

— A dádiva de uma vitória é ofertada a um único merecedor. Eu não sou apenas um homem lutando por glória, sou um no campo de batalha lutando por um povo!

Nalefis sorriu secamente, limpou o sangue e retirou um dente que ficara pendurado. “Isso é impossível e improvável” pensou ele e seus olhos denunciaram o seu desequilíbrio emocional. A verdade é que naquele momento o veneno se voltou contra a serpente.

O gigante lançou-se à sorte, com um gesto rápido trocou a espada da mão direita para esquerda confundindo o inimigo. Girou o corpo no sentido anti-horário e desferiu um golpe reverso, não feriu o rei com sua espada, mas com um soco direto na face que arrancou-lhe o capacete e feriu o supercílio direito, diminuindo a sua visão e causando um grande hematoma no seu rosto.

Mancarus estava ferido e o sangue respingava levemente em sua armadura, entretanto, aquilo era disfarçado por ele. Imaginou que era apenas respingos de chuva, ignorou a dor, aliás desde criança aprendera a ignorar e esquecer-la. O único

desconforto que sentia era a ânsia, pois sua espada implorava pelo sangue inimigo e ele próprio pela glória.

Rodearam-se novamente e seus olhos eram como agulhas buscando pelo orifício, suas espadas como espetos aguardando pela carne macia. E Nalefis tomou novamente atitude e tentou acertar um golpe no abdômen do rei que se defendeu e formou um guinche entre as espadas, o gigante aproveitou e grudou-o pela garganta e com sua mão direita o sufocou até que o rei perdeu a respiração. Mas antes que suas vistas se escurecessem, chutou a criatura em regiões estratégicas e o orc o soltou imediatamente.

O vilão urrou cheio de fúria e dor, mas não recuou e bateu forte sua perna direita sobre o solo, ele queria mais, estava cansado e ferido, porém estimulado a continuar. Enquanto Nalefis suspirava pela boca, o rei ainda era um leão indomável. O orc já sentia desconforto e cambaleava para trás. Escorregara duas vezes, quase indo ao chão.

Mancarus sentiu que causara danos em seu último golpe e outra vez subiu aos ares e lançou sua espada sobre o punho do inimigo, que sequer viu o golpe e desta vez foi ferido... e o ataque fez com que a espada do vilão caísse aos seus pés.

E, naquele momento alguns orcs olhavam seu general com olhos de agonia e descrença e começavam a se afastar, pareciam temer o pior. Mancarus sabia que o inimigo estava desarmado e mesmo assim fez o improvável, chutou a lâmina para mais próximo dele e deu-lhe mais uma chance de glória. Isso fez com que o vilão urrasse de fúria e não sentisse sequer a dor de sua ferida, lançou-se ao solo apalpando e procurando novamente a espada.

O vilão enrijeceu os músculos de seu peitoral e encurvando o corpo correu contra o rei, desferiu um golpe reto que mesmo defendido causou uma ferida profunda em seu ombro esquerdo. Mancarus sentiu a dor, mas a ignorou e continuou a lutar apenas com uma de suas mãos.

— Trucidei vários inimigos em minha vida, mas minha espada jamais provou o sangue da realeza. Quando o matar, rei do norte, comerei sua carne e beberei seu sangue doce, você é um banquete raro e único, e que faz valer a pena todo esse esforço! — Nalefis se afastou e lambeu a lâmina coberta pelo sangue do rei.

— Não é digno nem de morrer pela minha espada, quanto mais provar do meu sangue... Em um primeiro momento acreditei que havia encontrado um adversário digno e versátil, mas estou aborrecido, pois tu és fraco e putrefato. Não é digno de pisar esse solo, nem mesmo em viver neste mundo. Não quero que esse

dia seja lembrado como prêmio, pois não há glória em um inimigo tão desvalorizado.

Girando ao sentido contrário, o rei jogou seu corpo ao solo e cortou a perna esquerda do vilão. A perna foi desbeijada, com um corte profundo que estilhaçou o osso. O vilão urrou e procurou pelo inimigo curvando o corpo, mas estava endurecido pela ferida que não lhe permitia movimentar a perna. Rapidamente o rei apareceu sobre as costas da criatura e cortou-lhe de cima a baixo abrindo um corte profundo em sua espinha e nuca. Rapidamente rodopiou e ficou frente a ele, agora Mancarus soprava também pela boca e voltaram a se encarar em uma distância de dois metros. Estavam ofegantes e o sangue manchava todo o local.

Alguém cairia naquele dia e agora era questão de minutos para que seus corpos ficassem fracos, isso pela grande quantidade de sangue que perdiam e que pintava o solo esburacado. Foi quando o orc se lançou à própria sorte e investiu desesperadamente sobre Mancarus, e foram um, dois, três, e no quarto bater de espadas Nalefis perdeu o seu braço esquerdo, foi decepado majestosamente por Mancarus. Esse elevou seu corpo forçadamente à frente e manteve-se ainda na posição de ataque. Contemplando apenas o vilão urrar de dor e cair de joelhos com sua espada cravada ao solo.

Nalefis se levanta novamente e ao tentar reação, recebe um segundo golpe no abdômen e um terceiro nas costas. Agora estava acabado, ensanguentado e sem sua espada.

Todos aplaudiam e os inimigos começavam bater em retirada. Por outro lado, os soldados de Mancarus aguardavam o final daquele espetáculo regido por um maestro determinado e vitorioso. Até que o rei cravou seu aço no coração do inimigo, torceu sua espada e olhou em seus grandes olhos, profundamente, parecia dizer “*Vá para o inferno maldito e jamais volte a esse mundo!*”

...E Mancarus venceu a maior batalha de todos os tempos, libertando Naires das mãos do temível “*orc Nalefis*”.

Panderios finalizou a história cravando o bico do cachimbo sobre o desenho de Nalefis, simbolizando a sua morte. Novamente criou euforia nos seus alunos.

— Uma grande história professor! — Comentou Mondaros e sorriu.

— Espere até eu contar a próxima... — Disse o velho.

“...Muitos de vocês não sabem, mas houve um tempo em que homens lutavam contra deuses e a fúria de tantas desavenças destruiu mundos inteiros. O meu mestre e treinador, o mago Pompeu, que os deuses estejam com ele, porque ele morreu de velhice, me contou as melhores histórias que um menino poderia escutar. Bem, ele me disse que existe um local aqui em Esteros chamado de A Floresta dos Demônios, um lugar tenebroso onde as almas ainda caminham e os Asmectros vivem à espera de seu guiador.

Pompeu contou que todos os reis e ancestrais das coroas de Esteros se uniram, e eles lutaram para poder salvar esse mundo, pois o próprio Nazebur veio contra nós e trouxe com ele um grande exército de demônios. Ele iria dizimar o nosso povo.

Os melhores magos, feiticeiros, arqueiros, e paladinos estavam prontos para intervir e tinham em seu poder apenas espadas, arcos e suas habilidades em magias. E foram guiados pelo então desconhecido “Miguel”, um homem cuja reputação ainda era desconhecida.

Miguel liderou o exército dos homens e avançaram ferozmente pela floresta, desbravando o seu interior e procurando pelos invasores. E, lá estavam eles, eram “sobrenaturais”, apenas espectros imersos no solo. Em suas mãos o sabre escuro envolto em crueldade e sede por sangue, suas vestes eram mantos escuros e seus olhos como faróis na escuridão sem fim. O grande deus Nazebur, assumira a forma tenebrosa de um demônio de fogo com enormes asas, e seus cabelos eram longos e cobertos por tranças, que continham navalhas nas pontas. Ele estava munido de uma polearm, de cortes duplos nos dois lados; os seus caninos pontiagudos como espadas encurvadas causavam arrepios nos adversários. O deus da morte empunhou a polearm e fez frente ao seu exército. Esteve ali aguardando os inimigos e intimidava até mesmo o mais corajosos. Suas narinas sopravam uma fumaça cinzenta e interrupta, suas asas chacoalhavam lentamente. Manteve-se ereto e faminto frente ao exército moribundo.

Os homens tinham à sua frente, Miguel, já os demônios tinham Nazebur. Mas, como simples homens expulsariam os demônios de suas terras?

A batalha teve início, e o demônio lançou-se sobre os homens e estraçalhava os seus corpos, desferiu o primeiro golpe contra uma armadura mortal cortando até mesmo a cota em aço, destroçou suas costelas e partiu seu coração ao meio. O demônio transformou a polearm em um redemoinho, seguiu caminhando e decepando cabeças e membros dos mortais. As tripas e os membros eram lançados contra as hordas inimigas e muitos abandonavam seus postos e fugiam, sendo atravessados pelas espadas dos espectros. Nazebur era um titã da guerra, um

deus faminto e raivoso, delinquente e assassino. Por mais que os homens tentassem, não feriam as criaturas, pois as armas mortais não tocavam o inimigo de natureza espectral.

E quando não havia mais esperança e a derrota era certa, Miguel se lançou sobre eles e diferente dos demais homens, ele podia matá-los. Então Miguel munuiu-se de duas espadas e seguiu decepando as cabeças dos espectros. O que ninguém sabia, era que Miguel não era um simples homem, mas sim um dos trinta deuses do paraíso. Deus que escolheu viver entre os homens e não receber uma herança divina. E foi onde a coragem de Miguel acendeu a alma dos homens, e os magos juntaram os seus poderes e criaram um feitiço ao vento, que encantou as espadas dos homens com a luz da esperança. A partir daquele momento eles começaram a ferir os demônios.

Nazebur estava furioso e faminto pelas almas e não parava de matar. A cada alma consumida se tornava mais poderoso e envolto por crueldade e ódio. Era preciso somente ele para devastar aquele exército de homens.

E Nazebur matou o quanto pôde, até ficar frente a Miguel. Então, veio contra ele e estilhaçou a sua armadura, Miguel não era páreo e por onde é que olhasse só via morte e lamentações. Então, Miguel levou seu peito aos céus e gritou, chamava a atenção dos próprios deuses, implorava por ajuda, pois amava intensamente aquele povo.

Naquele momento, quando estava prestes a ser derrotado, os céus se abriram e surgiram três figuras. Os deuses ouviram suas lamentações e desceram para ajudá-lo. Zeuros, Temtaurus, Homandir, todos caíram sobre Nazebur e o acorrentaram como um cão. Todos aqueles espíritos foram aniquilados com apenas um gesto de mão desferido por Homandir, e antes que ele partisse levou suas mãos a Miguel e toucou-o, selando uma aliança de paz. E subiu levando o demônio acorrentado.

Miguel percebera que fora deixado para trás seis pedras e o corpo de um homem, que estava nu. Era um anjo de asas quebradas, uma negra e outra branca. Miguel o levou consigo e o chamou de Morteros. Aliou-se a ele e permaneceram como uma lenda. Vivem a procurar os melhores guerreiros, acreditando que se um dia Nazebur voltar a esse mundo, eles estarão preparados para vencê-lo e expulsá-lo novamente de Esteros.”

Panderios apalpou o seu cachimbo, levou aos lábios, mas já não tinha mais fumo. Levou sua mão direita à boca e bocejou de sono, estava exausto.

— Creio que por hoje já basta, meus meninos. Mas, não se preocupem porque ainda existem boas histórias na memória desse velho mago...

E todos eles soltaram um “ahhhh”... Queriam mais histórias e aquilo era um modo divertido e harmonioso de passar o tempo. Os garotos não gostaram, mas não adiantava, pois Panderios partiu e dispensou todos os meninos para que dormissem. E, aquele dia acabou mas as histórias ficariam na mente dos garotos que estavam exaustos.

O segundo dia de treinos de magias

Ao amanhecer de um novo dia, o mago Panderios chamou a todos os garotos muito cedo. Ainda eram cinco horas da manhã, mas Mondaros, o aprendiz principal, aproximou-se de surpresa e começou a cutucar os meninos com um pequeno pedaço de galho trazido da floresta.

— Vamos, bando de moleques preguiçosos... acordem!

— Hã? Que sono! — Resmungou um garoto protestando e esfregando os olhos.

— Durma na sua casa! Aqui existem regras e você deve seguir sem reclamar. — Completou Mondaros, cutucando-o novamente.

— Tá! tá bem! Já estou indo...

Mondaros é um jovem de aproximadamente dezessete anos, possuía muitas sardinhas no rosto e era apelidado de “gordo”, tinha o nariz esbugalhado e olhos grandes, sobrancelhas coladas e vestia um macacão preso por suspensório. Era tímido e avoado, falava pelos cotovelos e era um bajulador de Panderios e naquele momento encarregado de organizar o grupo de garotos de Pectrus.

— Todos vocês, acordem logo e deixem de preguiça! — Esbravejou o rapaz e estava impaciente.

Os meninos, ainda sonolentos, começavam a pular das suas camas. Rapidamente todos deixaram as camas, se vestiram e tomaram o café da manhã reforçado, e em seguida, apressadamente formaram um grupo do lado de fora da academia, todos parados, tremendo de frio. Fazendo caretas muito engraçadas. Panderios surgiu distante, vinha caminhando rumo aos seus alunos.

— Lá vem ele. — Sussurrou um menino a Andor, olhando-o por cima dos ombros.

— Ele vai usar magias? — Perguntou Andor, com brilhos nos olhos.

— Psiu! Cale-se! — Ordenou Mandaros, com olhos rígidos.

Parando diante dos garotos, Panderios tocou com a ponta dos dedos seus enormes óculos, pousou no solo seu grande cajado. Então, falou para todos:

— Bom dia, filhos! Hoje será um dia diferente, pois iremos aprender a manipular os quatro principais elementos da natureza, que são a água, a terra, o fogo e o vento. Para começar, irei manipular uma pequena bola de fogo, fazendo-a sobrevoar sobre todos, mas atenção, um de vocês deverá segurá-la e em seguida absorvê-la de modo que a energia desapareça completamente diante de si. Posso começar?

Nesse instante, Panderios, ainda imóvel, apenas aguardava a preparação dos seus alunos.

Todos os garotos, inquietos, gritaram que sim. Alguns permaneciam encolhidos de tanto frio, e o único que se mostrava realmente firme era Vamcast. Aguardando o seu professor manipular a magia de fogo.

— Pois bem, observem... — Panderios, levando a palma da mão em direção ao seu lado direito, começou a dizer algumas palavras na língua esteriana, *Zalis-zum*, enquanto de suas mãos começavam a surgir pequenos feixes de fogo e faíscas avermelhadas. O mago havia criado uma bola de fogo vermelha e incandescente diante dos seus alunos, que logo ficaram boquiabertos observando aquela fonte de energia. Todos os olhares estavam fixos na bola de fogo, tal qual uma chama viva.

— A manipulação é geralmente usada como estímulo de habilidades, aumenta os poderes de quem conseguir absorvê-la, porém é muito perigosa. Tomem cuidado! — Advertiu o mago, antes de libertá-la.

O mago levando uma mão à sua frente libertou a pequena bola de energia, do tamanho de uma melancia de porte pequeno. De repente, o vento começou a bater com força sobre a sua enorme vestimenta branca, e em seguida, fechando os olhos, Panderios começou a dizer mais algumas palavras aos seus alunos:

— Garotos, irei lançar a magia de fogo. Fiquem em fila. Quando a magia passar por vocês, quem estiver mais próximo tentará absorvê-la em ordem. Mas, cada um por vez!

Faíscas passavam sobre os olhos de Panderios, que continuava com a invocação. Ele libertou a pequena bola avermelhada, e a energia subiu a uma altura

média. O mago, levantando as mãos sobre ela, guiou-a ao primeiro garoto que ao tentar pegá-la queimou a mão e em seguida se jogou ao chão, gritando como uma menina assustada.

O segundo garoto a segurou com muita força, mantendo-se firme por alguns instantes, mas o fogo começou a aumentar e o jovem ficou com cara de assustado. Seus olhos ficaram arregalados, e o aprendiz totalmente apavorado, começou a correr e a energia o seguia, e o pequeno corria tão rápido que seus pés quase lhe tocavam as costas. Dando um grande pulo, caiu em um enorme recipiente de água fria, causando gargalhada entre todos, porém Panderios imediatamente ordenou que voltassem a prestar atenção nos treinos.

A bola de fogo voltou a se mover, passando por todos os garotos, mas nenhum deles conseguiu segurá-la. Quando chegou a vez de Andor, o menino se jogou sobre a energia, segurando-a com toda a sua vontade. E, concentrado começou a trazer a fonte contra o seu corpo. Todos começaram a observar o príncipe, que lutava firme para conseguir domar aquela magia poderosa. Uma energia que se mostrava inquieta sob a palma das suas mãos, quase que já totalmente dominada, a bola de fogo brilhava forte, lançando o garoto ao chão com muita força.

Todos os garotos tentaram ajudar o menino, mas rapidamente Vamcast se aproximou da magia, tocando-a e absorvendo-a devagar, fazendo-os esquecer o amigo no chão. Novamente boquiabertos, soltaram um “Hammm”, enquanto o príncipe absorvia a magia por completo, fazendo o professor vibrar.

Panderios, entregando o seu cajado para Mandaros, se aproximou do rapaz mostrando no seu semblante grande surpresa com a situação:

— Parabéns, meu jovem, você absorveu a magia com muita facilidade! Se continuar assim, poderá vir a ser o meu instrutor de magias particular! Continue se empenhando e logo se tornará um grande dominador de magias.

Vamcast, por sua vez, apenas balançou a cabeça concordando com ele, feliz pelas palavras de admiração do seu professor. Andor levantou-se meio desnorteadado, perguntou o que acontecera, então todos começam a dar gargalhadas do garoto, que estava todo sujo de poeira. Até sua boca estava coberta por um pó seco e escuro.

Panderios voltou a chamar a atenção de todos, pois agora iria ensinar a produzir ondas de vento. Uma magia de impacto usada geralmente para manipular objetos de um lado ao outro, algo intrigante que somente um guerreiro de aura poderosa poderia fazer com facilidade.

— Mandaros, por favor leve todos para dentro, seguiremos com os treinamentos.

— Certamente mestre! — Respondeu o aprendiz, organizando a fila de garotos.

Já dentro do salão, Panderios voltou a pedir atenção dos garotos:

— Prestem atenção meninos...

Nesse momento, o professor começou a movimentar uma caneca que estava sobre a enorme mesa de madeira à sua frente.

Parado em frente aos seus alunos, começou a se concentrar, fazendo as suas enormes sobrancelhas brancas se movimentarem em sincronismo com a feição do seu rosto. Conforme movimentava o objeto, seguiu explicando aos alunos como proceder:

— A caneca se move conforme os seus sentimentos, por isso vocês devem elevar a sua aura de dentro para fora, com muita concentração. O movimento é consequência dos sentimentos internos.

Panderios moveu o objeto sobre todos os garotos, que estavam paralisados com a maravilha da magia. Em poucos instantes o mago começou a mover a garrafa de chá quente e levá-la até a caneca, despejando vagorosamente a bebida. Logo, a entregou a Mandaros que suavemente se deliciava com um líquido açucarado e de sabor bastante agradável.

Clap, clap, clap, clap... Todos os garotos aplaudiam o professor de magias. Panderios agradecendo os aplausos, voltou-se para os seus alunos:

— Obrigado! Agora será a vez de vocês. Venham todos e coloquem-se à frente das canecas, pois quero que movam os objetos, um por vez.

Os meninos estavam posicionados diante da mesa, eram trinta no total, tentando movimentar as canecas usadas no café da manhã. O mago, do lado esquerdo da mesa, ordenava que o primeiro menino movimentasse a sua caneca.

— Você menino, pode começar...

— Vai ser fácil — Replicou o garoto, estalando os dedos e confiante que conseguiria.

O jovem fez uma careta muito engraçada, movendo a caneca tão devagar que ela dançava de um lado ao outro. Então, passou a fazer força, elevando-a a uma altura de trinta centímetros. Maravilhado, o pequeno abriu os olhos e sorriu,

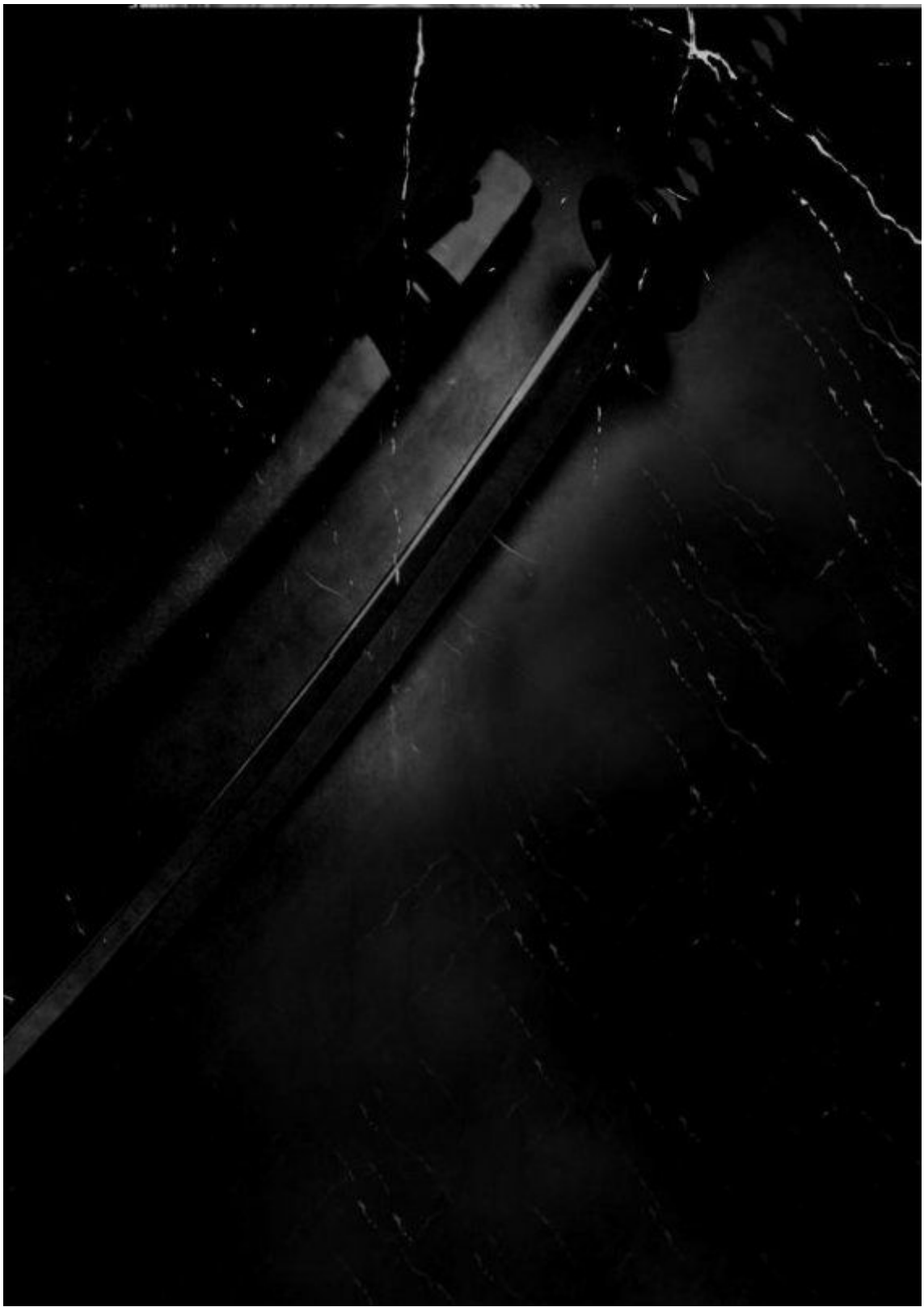
porém deixou a caneca cair sobre a mesa e se espatifar. Restaram somente cacos de argila prensada.

O garoto retornou à fila e Mondaros não perdeu a chance de tirar uma casquinha de seu fracasso:

— Parabéns seu lerdo! — desferiu - lhe um tapa na nuca — Volte para seu lugar e da próxima vez se concentre e pare de se mostrar.

E, Panderios ordenou para que continuassem com os treinos... Logo teve início um verdadeiro show de canecas quebrando-se e virando cacos jogados sobre a grande mesa. Os alunos promoveram uma enorme bagunça, alguns incluindo os príncipes até conseguiram movimentar as canecas por alguns minutos, mas sempre com o mesmo resultado: as canecas caindo e se espatifando.

Os garotos ficaram mais dois dias na academia de magias Pectrus, tendo o mago ensinado- lhes a manipular os demais elementos com muita destreza. Vamcast se sobressaía com louvor nos treinos, atraindo a admiração de todos. O mago, por sua vez, sentia um poder muito grande vindo do menino, algo tão intenso que ele mesmo temia o que dessa energia poderia nascer, caso o mal também a percebesse.



Acampamento Jiuty

Os treinos de esgrima com Tanantos na academia Jiuty

O tempo passado na academia de magia foi relativamente pequeno, pois no mesmo dia, ao cair da noite, os garotos partiram para treinar esgrima e técnicas com espadas com outro professor, o poderoso Tanantos.

Tanantos era um jovem de bom coração e muito habilidoso em diferentes armas, como espadas, adagas, facas etc. Naquela época, o professor de técnicas em lâminas, o senhor Tanantos Mordoc, era um dos maiores especialistas em espadas de pequeno e grande porte que Esteros conhecia.

Era um homem alto, de um metro e noventa, de corpo malhado e pele morena jambo. Com os seus longos cabelos negros e as suas sobrancelhas grossas e bem desenhadas, esse homem não sorria, denunciando a sua postura e concentração o tempo todo diante dos alunos. Um guerreiro espadachim que, apesar de ter um corpo forte de porte médio-grande, tinha a leveza de um tigre, por ter uma idade próxima aos trinta anos.

Igualmente a Panderios, estava sempre se surpreendendo com a grande habilidade de Vamcast, mas não gostava muito do estilo devastador do menino. Procurava sempre ensiná-lo a ter bons modos e controle com armas. Porém, Vamcast sempre foi muito poderoso, sendo o primeiro aluno capaz de cortar até mesmo o aço.

Seu mestre tinha muito orgulho do que via, afinal aquilo jamais fora visto em um rapaz tão jovem, ainda mais de origens brancas que geralmente dominavam melhor as habilidades de arco e flecha. Vamcast não deveria treinar esgrima, e depois de muito implorar a seu pai começara a treinar lâminas, e mesmo assim deveria manter os treinos de magia com Panderios.

Por ser mais velho do que Andor, Vamcast tinha mais tempo de treino, e seu irmão o considerava muito forte. Andor tinha muito orgulho das habilidades do irmão, apesar de Vamcast ser muito rude com ele. Mas, o garoto mais jovem, que havia chegado há pouco tempo à academia de esgrima, já estava se entrosando bastante com o grupo de amigos.

Vamcast demonstrava ser mais hábil a cada dia. Em treinos com os seus colegas, em que eram usadas armaduras especiais e uma espada sem corte, para que não houvesse acidentes, ele jamais havia perdido um combate sequer. Nem mesmo para os veteranos. Até esse momento, o pequeno elfo branco se mostrava um rapaz controlado com a sua fama, não se sentindo melhor do que os seus amigos e sem demonstrar qualquer desvio de caráter.

Quando chegaram à academia, Bardor o encarregado de cuidar dos garotos os recebeu imediatamente:

— Para quem ainda não me conhece, o meu nome é Bardor, sou o chefe aqui e se precisarem de ajuda ou de alguma coisa é só chamar. — Bardor era o escudeiro de Tanantos e o responsável por ajudar os meninos na escolha das armaduras e espadas. Era um garoto alto, de ombros largos e peito estufado, envergadura de um lutador de artes marciais, os braços definidos e as pernas musculosas, as batatas da perna avantajadas e o joelho estufado. Seu rosto era esbelto e suas sobrancelhas coladas, os lábios carnudos e os dentes da frente de coelho, os olhos grandes num preto ofuscante, a narina achatada em forma de bola na ponta. Vestia um saião de bárbaro, uma jaqueta com placas de bronze e um cinto grosso com variações e alongamentos nas pontas, portava um martelo pesado nas costas e um elmo de chifres.

O acampamento era todo cercado por pontaletes, aproximadamente um quilometro de terreno e haviam pequenas moradias bem no centro, todas as casinhas eram usadas pelos funcionários e eram construídas em barro e pedras, o telhado em triângulo e coberto por palhas de coqueiros e filetes de madeira.

No centro havia também um salão amplo, aproximadamente trezentos metros quadrados de construção, a porta corria presa a um trilho de madeira aberta, sempre ficando aberta. O salão na parte interior continha muitas prateleiras nos cantos e uma grande variedade de espadas e armaduras, escudos, adagas e capacetes. Havia bonecos de treinamentos em lugares estratégicos e também alvos para o treino dos arqueiros. A arquitetura toda trabalhada por enormes troncos de madeiras do chão ao teto, era um salão alto, sete metros de altura e os troncos que sustentavam a estrutura em encaixes pares e ímpar. O enorme telhado continha mais de vinte tesouras construídas em forma de arco, e uma terça enorme cruzava no topo de todas as tesouras. Os pequenos caibros sustentados pelas terças eram enfileirados e cobertos por palhas de arroz que eram muito resistentes às nevascas e ventanias, e trocadas a cada cinco anos. O piso interior trabalhado em enormes filetes de pedra áspera, cada lasca com quatro metros de comprimento e cinquenta centímetros de espessura. No meio, um tatame em forma arredondada esculpido à

mão e feito de palha de arroz prensada revestida com esteira de junco e faixa preta lateral. O tatame não tem a dureza do chão liso, por isso protege o lutador quando este cai durante uma luta; entretanto, ao mesmo tempo, não tem a maciez de um colchão, por isso pode magoar caso o praticante caia de forma insegura.

Ao entrarem na academia, Vamcast passou por Bardor e seguiu até as espadas de treinamentos, essas não possuíam corte e eram trabalhadas em madeira e cobre. O príncipe mais velho não precisava de nenhuma informação, pois era um veterano com três anos de treinamentos.

Andor escutava os ensinamentos de Bardor e ao seu lado mais de quinze garotos em sua maioria novatos.

— As espadas usadas por nós não possuem corte e o capacete é macio e fechado. Para vocês que estão começando eu sugiro os kimonos com proteções internas que protegem do contato direto nas articulações e órgãos, amenizam também os tombos. — Bardor seguia explicando e ao mesmo tempo entregando os equipamentos aos garotos.

No centro do tatame, Tanantos preparava os bonecos que podiam ser carregados e mudados de um lado ao outro. Era um homem imaculado e centralizado, amante das artes marciais e colecionador de lâminas, mesmo que habilidoso e condecorado jamais usara uma espada para matar ou tirar uma vida. Tanantos aprendera a arte de manuseio com o seu falecido pai, que era um homem inigualável e extremamente hábil na arte da esgrima. Seu pai ensinara que a arte da esgrima exigia disciplina física, mental e espiritual; para sua prática é necessário o equilíbrio entre corpo e mente, e também da força física e vigor. Os ensinamentos mais profundos da arte da lâmina possuem um teor filosófico bastante forte e conceituado entre mestres e anciãos.

Os treinos

Tanantos já estava preparado para mais um dia de treinos e chamou todos os seus alunos para o meio do tatame, pois começaria as atividades com fantoches, bonecos criados para os alunos iniciantes. Já no treinamento de luta a maior parte dos alunos utilizava equipamento de proteção composto por “bôgu”, e espadas de bambu. Outro equipamento que também utilizavam era a *katana*, confeccionada a partir de várias tiras de bambu cobertas por um revestimento de couro.

O professor de esgrima pediu atenção, e posicionando um espantalho feito de madeira, ele chamou Andor, em seguida lhe ordenou que começasse.

— Você aí, Andor! Por favor, aproxime-se.

— Sim, professor!

— Pegue a espada, mostre-me o que sabe fazer. — Ordenou o professor, concentrado no aluno.

O jovem ficou em posição de ataque, abriu as pernas e segurou a espada com as duas mãos. Uma vez imóvel, Andor aguardava outras ordens do professor.

— Espere! Disse o professor se aproximando, ajeitando a gola do seu uniforme de luta:

— A espada simboliza a força, coragem, ordem, regra e luta por aquilo que a razão dita e não pelo que a paixão deseja... Quando empunharem uma espada façam com alta determinação. Não se caracteriza uma espada pela sua guarda, mas pela sua lâmina, que em última análise determina seu uso.

— O maior princípio de um guerreiro é buscar uma morte com dignidade. Um guerreiro jamais deve se entregar e deve estar sempre preparado para a morte. Honrar seus antepassados é o princípio básico, jamais deve fugir de uma luta, mesmo que seja apenas um contra um exército. O guerreiro deve estar sempre ao lado da justiça e ter compaixão com seu inimigo e sempre ter gratidão ao seu senhor feudal. Um guerreiro é aquele que procura o seu próprio caminho, é uma pessoa que tem um objetivo e que, por meio deste, passa a ter consciência do seu dom e das suas limitações. Através dessa consciência, o guerreiro atinge a sua meta, combinada com a vontade de vencer suas fraquezas, temores e limitações.

— Cada um trilha seu próprio caminho, já que existem vários caminhos, como o mal e o bem. Cada pessoa pratica de acordo com a sua inclinação, por isso pode-se chamar de guerreiro, aquele que segue o seu caminho específico. A casta guerreira distingue-se das demais pela sua fidelidade e honra, a palavra do guerreiro vale mais do que tudo. O caminho do guerreiro é o caminho da pena e da espada. A etiqueta deve ser seguida, todos os dias da vida cotidiana, assim como a sinceridade e honestidade são as virtudes que avaliam suas vidas. Os guerreiros também precisavam ter autocontrole, desapego e austeridade para manter a sua honra. O caminho do guerreiro exige que a conduta de um homem seja correta em todos os sentidos, a preguiça e o medo são males que devem ser abominados. O guerreiro vive o presente sem se preocupar com o amanhã, de modo que quando contempla as pessoas, sente como se nunca mais fosse vê-las novamente e, portanto o seu dever e consideração às pessoas serão profundamente sinceros. O

verdadeiro guerreiro é aquele que aceita a morte, dessa maneira, ele não se meterá em discussões desnecessárias que venham a provocar um conflito maior, já que assim ele pode acabar sendo morto e isso resultaria na sua desonra ou afligiria a reputação e nome de sua família!

— Aprendam metade dessas regras e se tornarão verdadeiros guerreiros! — Disse Tanantos para todos que ali estavam. — Comece a treinar garoto! — completou se dirigindo a Andor.

— Certo! — Respondeu ele. Obedecendo ao professor, o menino começou a bater no fantoche, enquanto Tanantos, caminhando, ordenava aos outros que comessem os ataques. Eram mais de trinta meninos lutando com bonecos de madeira, e os gritos de “Rááá” eram escutados com grande frequência no local. Vamcast, como já era um aluno prodígio na academia de esgrimas Jiuty, continuava sentado apenas observando os novatos.

O professor caminhava de um lado ao outro com a leveza de seu corpo, era um homem extremamente poderoso, acostumado a conduzir uma lâmina com facilidade sem igual. Um guerreiro tão forte que, com os seus movimentos imperceptíveis, era capaz de rivalizar até mesmo com as leis da gravidade, conduzindo golpes incríveis e totalmente devastadores. Enquanto Tanantos seguia de um lado ao outro, os seus longos cabelos negros eram jogados por todas as direções com o poder do vento, que soprava incessantemente sobre o tatame arredondado. Uma peça esculpida à mão por artesãos e arquitetos do Sul de Esteros.

Tanantos estava descalço, movimentando-se como uma raposa veloz, e os seus movimentos incansáveis produziam certo descontrole em relação aos alunos inexperientes, que se desligavam de suas habilidades e sempre se perdiam apreciando a leveza do mestre.

O professor, focado nos novatos, voltou ao começo do tatame, acompanhando o andamento dos primeiros alunos, e próximo a Andor, firmou os olhos nele. Em seguida pedindo atenção aos treinos:

— Espere garoto, até agora sequer riscou o boneco! Dê-me licença e observe.

Nesse instante, Andor estava desanimado, pouco confiante em suas habilidades.

O poderoso homem firmou as mãos e retirou lentamente sua espada. Tratava-se de uma peça *passada de geração em geração*, sem nunca deixar a família. Seu pai a empunhou, o pai de seu pai também a empunhou, era uma

lendária lâmina que fora possuída por toda linhagem dos Mordocs. Quantas vidas consumira? Quantos membros dilacerara? Tanta beleza e periculosidade em algo tão simples e pequeno... Quando Tanantos a exibiu, notou-se que era uma espada sem gume, apenas uma pequena roldana separava o punho da lâmina. Sua empunhadura confeccionada em **couro de arraia** e **madeira dura**, a lâmina em aço de carbono possuía CEM dobras antes da forja. A espada fora **forjada manualmente** e usado como matéria prima o barro esteriano, o qual conferia-lhe uma cor escura e unicamente particular.

Tanantos meditou e esteve ali ereto por alguns segundos, até que girando o corpo, rapidamente desferiu um golpe destruidor, que partiu o fantoche ao meio e lançou pedaços imediatamente ao solo. Os meninos, estáticos, aplaudiram o professor, que agradeceu com uma reverência.

— Continue se empenhando garoto! — Disse ele e Andor ficou observando-o por alguns segundos de queixo caído e boca aberta. Aquilo era raro de se observar, um homem munido de tal talento era sublime e narrado somente em contos de fadas. Sim era “mágico!”. E a partir daquele momento o garoto mudou seu conceito sobre espadas e decidiu: *se tornaria um grande guerreiro*.

Os veteranos aguardavam sentados até o fim dos treinos, e quando finalmente os novatos sentaram, começaram a treinar. Agora já se podiam ver habilidades incontestáveis neste lugar. Um grande show promovido por Vamcast e os seus amigos guerreiros de Jiuty.

O vale dos grimos

Tanantos usava como estímulo para os seus alunos a diversão, assim os seus treinos não seriam tediosos, por isso naquele dia organizou uma pequena excursão à Floresta Sidan. Os veteranos guiavam o grupo e Bardor, um garoto destemido, muito grande e com o corpo definido, o rosto esbelto, com o queixo fino, sobrancelhas coladas e com vestes de um bárbaro, era o escoteiro chefe. Enquanto isso, Tanantos desbravava o matagal, que em alguns pontos ainda estava coberto por cipós e um mato longo.

No caminho a variedade de animais era imensa, e quando encontrava algum animal manso e bonito, todo o grupo se maravilhava e procurava tocá-lo e fazer-lhe carinho.

— Estamos perto do lugar, haverá montanhas e desfiladeiros de pedras, por isso quero que fiquem sempre juntos para não se perderem do grupo. — Esclareceu Tanantos, e continuou adentrando a mata.

Os raios solares começavam a infiltrarem-se pelos galhos e o desfiladeiro de rochas se formou na frente do grupo. Tanantos guardou o facão e guiou os garotos, enquanto Bardor ficou no fim da fila, seguindo-os à distância.

A alguns metros, em meio à uma clareira de pedras em forma de círculo, o grupo se deparou com um bando de grimos que são enormes pássaros que tinham metade do corpo de leão e asas que lembram as de um gavião. Apesar do tamanho eram criaturas mansas e não atacavam pessoas.

— Esperem. — Disse Tanantos.

E o grupo observava as criaturas que descansavam, e os grimos filhotes brincavam entre si, mordendo caudas e orelhas.

— São criaturas esplêndidas, professor. — Disse Bardor.

— Sim e servem para montaria, eles também são domesticados por alguns fazendeiros e servem como bons companheiros para caça.

— Temos um desses em casa, é muito amável e meu pai o utiliza como montaria para pequenos afazeres — disse um garoto ficando ao lado de Tanantos.

— Mas, nem todos servem para montar e podem ser perigosos — comentou Tanantos — felizmente para nós esses não vivem nesse local e são chamados de Dark Grimos, possuem pelagens escuras e os olhos muito vermelhos e a calda diferente desses, tem a ponta longa e fina, simula a de uma serpente.

— Gostaria de poder montá-los — disse Andor, e seus olhos brilhavam.

— Talvez mais tarde monte algum... Agora vamos! — E Tanantos voltou a caminhar e acamparam a trinta metros dali, próximos às árvores de oliveiras.

Os alunos passariam a noite acampados e Tanantos ensinaria aos seus alunos o alto controle e a paz interior, que só poderia ser encontrada em um lugar calmo. Não haveria lugar mais apropriado do que as montanhas.

Instalaram-se no local e praticaram a arte da meditação e o controle de espírito, estavam todos sentados com as mãos sobre as coxas e mantinham o silêncio ao comando de seu mestre, que estava mais à frente, concentrado.

Tanantos gostava de sentir o vento batendo em seus cabelos e era fascinado pela liberdade. Vestia kimono e seu sabre se mantinha cravado ao seu lado esquerdo. Com os pés sobre as coxas, produzia zunidos simulando uma canção “hum,hum,hum”. E ficaram ali por três horas e ao meio dia se alimentaram.

Quando finalmente acabaram os treinos eles almoçaram.

— Professor, quando vamos montar? — Perguntou Andor, sentado ao lado de Tanantos.

O professor percebeu que o menino era prestativo, possuía interesse em tudo e tinha muita vontade em provar coisas novas.

— O que acha de irmos agora?

— Sério? — Perguntou o menino.

— Vamos embora! — Disse, se levantou e caminharam em direção aos outros alunos.

— Partiremos à tarde, mas antes como prometido, vamos montar os grimos. Preparem cordas e os restos de comida que sobraram do almoço, pois, a melhor maneira de montar um grimo é quando se ganha a sua amizade.

Cada menino carregava um pedaço de corda e também uma pequena quantidade de comida, porém quando se aproximaram das criaturas, nenhum teve coragem de chegar mais perto. Ao menos antes de Tanantos provar que eram criaturas mansas.

— Não tenham medo, venham seus covardes! — Disse Bardor acompanhando o seu mestre e observando de uma distância segura.

Tanantos trazia em suas mãos um recipiente com alimento e após encher as mãos se aproximou das feras, os animais ficaram curiosos e alguns decolaram em um voo rasante. Um bando se manteve desconfiado, porém Tanantos continua caminhando e oferecendo alimento.

Após sentir no faro o odor da comida, um macho de pelagem cinzenta se aproximou e comeu nas mãos do professor, a fera media dois metros e meio de tamanho e era poderoso como um tigre adulto. A pata media trinta centímetros e suas asas chegavam a três metros. Após alimentá-lo, o professor apalpou seus pelos e levou o rosto contra a fera, tocando-o.

— Venham, medrosos! — Disse o professor e laçou o seu animal, logo o montando e ficando sobre suas costas.

Vamcast, se pôs à frente e seguiu Bardor, logo em seguida os animais se aproximaram deles e todos já faziam amizade e alimentavam as criaturas. Tanantos sorriu e desmontou do animal, trouxe-o até Bardor e o garoto voou com ele.

— Por que você não voou com ele professor? — Perguntou um aluno.

— Porque sou muito pesado para ele, prefiro os dragões! — E sorriu.

O menino retribuiu o sorriso e apesar de nunca ter visto um dragão, imaginou que o professor ficaria desconfortável nas costas do animal, pois Tanantos era um homem bem grande.

E todos estavam se divertindo, a cada minuto um novo bando de grimos chegava ao local. Eram mais de trinta animais para doze meninos.

Enquanto o grupo estava distraído, Vamcast percebeu uma movimentação estranha mais adiante, atrás de uma rocha. Algo se escondia atrás dela. O pequeno elfo era um garoto curioso e ao mesmo tempo corajoso, então caminhou e se distanciou dos demais meninos.

Aproximou-se do desconhecido que continuava anônimo se escondendo entre as rochas:

— Olá?! — Disse o menino, e caminhou mais alguns passos, observou a pata do animal. No entanto, percebeu que se tratava de um grimo.

— Não tenha medo — disse Vamcast e quando se aproximou e manteve contato com a fera se assustou, pois era um dark grimo enorme, e com presas ameaçadoras, a pele lisa e áspera, e olhos penetrantes e ele parecia faminto. Vamcast, estava em pânico, deixou o punhado de comida cair no solo e arregalou os olhos. O animal se aproximou dele, levou seus olhos junto aos do menino e gruía com a intenção de feri-lo.

Ao longe, Tanantos percebe que Vamcast se distanciou e pôde ver o menino diante a fera.

— Meus deuses! — Disse ele, e temeu sua morte. Porém, não daria tempo para salvá-lo e o seu pavor chamou atenção do restante do grupo.

— Olhem! — disse um garoto.

— Vai comê-lo! — Falou outro.

— Mas... o que aquele fedelho foi fazer saindo de perto do grupo? — Bardor estava irritado.

— Ele já era! — disse o menino falastrão.

Vamcast estava amedrontado, mas a criatura ao se aproximar não o atacou. Fixou seus olhos nos dele e o encarou profundamente. Tanantos se aproximava com sua lâmina em punho, mas se o animal quisesse matar o garoto, ele não conseguiria salvá-lo.

A fera ergueu sua pata direita e travou a mão de Vamcast no solo. O garoto torceu o rosto e aguardou o ataque... Mas, o grimo o lambeu, virou-se e voou, sumiu nos céus, desaparecendo em meio às nuvens no céu.

— Huf...huf... eu disse para que não se distanciasse do grupo, porque me desobedeceu?

— Desculpe professor, achei que fosse um animal ferido ou algo assim... Não fiz por mal.

— Correu muito risco, aquela criatura poderia tê-lo matado! — Disse Tanantos e estava furioso.

— Ele não me pareceu perigoso e quando pensei que fosse me devorar, ele lambeu o meu rosto e tocou o meu punho.

— Então, teve muita sorte moleque, ou talvez ele não apreciasse o sabor de sua carne. — Disse Bardor — e o professor deveria castigá-lo por ser teimoso e trazer risco ao grupo — completou, desejando que Vamcast fosse castigado.

O restante do grupo estava parado aguardando uma decisão de Tanantos, porém ele levou seu punho e guardou o sabre na bainha:

— Vamos! Levante-se daí e junte -se a nós, vamos embora porque já é muito tarde e vai anoitecer.

E depois do ocorrido, Tanantos estava preocupado e confuso, afinal aquela criatura era perigosa e era improvável não ter ocorrido um ataque numa situação

como aquela. Porém, ficou aliviado por não ter acontecido nada com o filho de Mussafar.

O esporte esteriano

Os campeonatos de arenas

Como não se vive só de treinos, também em Esteros existia diversão, e uma das mais populares era o jogo de concentração ou jogos de arenas.

Os jogos de arenas era o esporte preferido dos garotos de Esteros, praticados num local similar a um estádio antigo romano. Eram colocados todos os jogadores em lugares fechados, onde só acabava a partida quando um time conseguisse pôr o jogador de cura fora de ação, deixando os atacantes sem chances. Apesar de receber um nome forte como arena, o esporte tinha os seus artifícios para se tornar algo simples e não perigoso. Com um regulamento rigoroso, nunca houvera na história dos jogos um acidente que levasse à morte qualquer participante, sendo, com certeza, a paixão dos esterianos.

As regras eram as seguintes:

Não poderia ser usada magia sobre qualquer outro adversário; os participantes podiam contar somente com armaduras especialmente desenvolvidas para a arena. Essas armaduras eram confeccionadas em titânio, em seus interiores uma veste fina de fios de ferro, as articulações presas por fios de prata e envoltas por roldanas que se moviam em batalhas. Em meio ao peito uma engenhoca que absorvia magia de cura e que restaurava a saúde do utilizador. Eram criações dos eracictos e tinham a função de absorver danos, protegendo os participantes, assim como absorver magias de curas. Os jogos de arenas se passavam em pequenas quadras, rodeadas por placas de titânio, e o participante que era derrotado caía ao chão, ficando imediatamente imóvel. Os demais sobreviventes do grupo deveriam dar sequência ao combate, até que houvesse um time vencedor. Quando finalmente surgia um vencedor, automaticamente o teto se abria e o locutor anunciava o time campeão, começando assim as comemorações e os gritos de alegrias.

Enquanto um grupo formado por cinco participantes tentava tirar vinte mil pontos de vida dos adversários com as suas habilidades preferidas, seriam elas tanto com espadas, flechas, magias, adagas etc., o outro grupo devia curar e manter o participante vivo por dez minutos. Eram permitidos sete participantes no total, dois curadores e cinco guerreiros atacando com armas. Ninguém podia abandonar a arena de jeito algum, caso contrário o participante era eliminado imediatamente, e os seus parceiros tinham de seguir sozinhos no combate. Era muito divertido de se ver, tanto no modo infantil como no adulto. Às vezes as disputas eram tão competitivas que os participantes ficavam exaustos.

O regresso a Pectrus e os campeonatos de arenas

Depois de uma semana de treinos na academia de esgrima, os garotos voltaram a Pectrus para o último dia de magias. O mago passou o dia inteiro dando conselhos aos garotos e ensinando-os a ter bons modos e a respeitar as florestas e a vida animal de seu mundo.

Panderios não falava claramente aos garotos sobre o mal que existia neste mundo, já que havia sido instruído pelos reis a não falar nada sobre mortes e maldades, deixando assim os garotos como meninos ingênuos e despreocupados diante de uma possível ameaça contra a paz.

Decorrido uma semana de treinos, o fim do ano já se aproximava, e os campeonatos de arenas já estavam nas finais. O time de adultos da escola Pectrus faria uma partida eliminatória com um time do leste; eram dezesseis times de pequenas cidades e comunidades. Todos os territórios de Esteros participavam, e agora restavam apenas oito finalistas, que se enfrentavam até um campeão surgir.

Como a viagem era muito longa, seria preciso um transporte próprio, mas já havia tecnologia suficiente naquele mundo... já havia meio de transporte criado pelos eracictos. Eles eram os mais inteligentes e criativos, ótimos engenheiros que haviam criado muitas das últimas máquinas dos esterianos. Os jogos iriam começar em apenas duas horas, e preparando-se para assistir às finais, Panderios fretou um transporte, um balão gigante com uma hélice enorme atrás, que servia para impulsioná-lo. Na parte de baixo, uma carroceria amarrada, similar a uma carroça gigante, lembrava também uma concha gigante. A geringonça era movida à combustão e podia viajar rapidamente de um lugar ao outro com velocidade razoável. O grupo de alunos, incluindo Andor, estava muito feliz em poder ver os jogos de arenas, afinal o divertimento era certo.

Dirigindo-se para o ponto de partida, uma torre alta, de madeira, preparavam-se para a viagem. O mago, parado em frente a grande torre, ordenava aos meninos que subissem e se alinhassem:

— Aproximem-se, façam uma fila para entrar no transporte.

— Andor e Mandaros, vocês podem entrar na frente! — Ordenou o motorista.

Como sempre, uma grande farra era prometida dentro da embarcação...

— Olha que bichos estranhos! — Maravilhou-se, Andor, apontando rumo às criaturas terrestres, vistas de cima.

— São Mengros, e não são perigosos! — Respondeu Mondaros, se referindo às enormes criaturas, de pelos longos e muito parecidos com os dos ursos.

— São esplêndidos! — Completou o menino, vibrando com eles.

— E se olhar para a esquerda verá um pedaço da floresta dos demônios, o lugar mais perigoso e mortal que pode existir! — Disse Mondaros e fez ar de suspense.

— Eu já ouvi falar sobre ela — Disse um garoto e se aproximou deles, participando da conversa. — Meu pai falou que existem criaturas horríveis morando lá e que comem pessoas!

Mondaros sorriu discretamente.

— Seu pai... Sempre dizendo coisas bizarras. — Falou Mondaros e sorriu novamente, era sempre o mesmo menino que dava opiniões sobre tudo.

— Isso é assustador! — Falou Andor e firmou os olhos sobre a mata. Havia um começo de estrada e árvores secas, também marcas de queimadas. Podia-se ver uma placa pendurada em um tronco, que exibia uma frase em letras grandes: “MANTENHA DISTÂNCIA”.

— Aposto que entro e saio desse lugar sem nenhum problema! — Falou o garoto metido.

— Quer apostar quanto? — Inquiriu Mondaros.

— Dez moedas de ouro!

— Hum... Deixa quieto!

— Ficou com medo de perder? — Disse o menino.

— Não!

— Então porque correu?

— Em primeiro lugar, você não teria nem uma moeda. Em segundo, mortos não pagam dívidas...

O menino calou-se e elevou as costas ao assento, de fato era um pequeno covarde e contador de causos.

Andor também se calou e fez cara de sério. Focou seus olhos sobre o lugar... “Criaturas que comem pessoas! Nunca vou querer passar perto dali.” Pensou ele.

Após duas horas, enfim chegaram às arenas, onde todos ficaram maravilhados com a quantidade de crianças que ali estavam. Os assentos de madeiras de várias cores eram um verdadeiro espetáculo para os garotos de Pectrus. O local foi construído em formato redondo e a céu aberto, os bancos como os de um estádio de futebol, arredondados e interrompidos. O locutor tinha a sua própria cabine e usava um megafone artesanal para anunciar os participantes. O centro era ladrilhado por pequenos pedaços de pedras coloridas e lapidado em detalhes azulados, simulando um céu estrelado. Em meio ao campo de batalha, havia blocos enormes, pedras e troncos de árvores, que serviam para os participantes se esconderem e formarem estratégias de combate. Para cada grupo um portão específico por onde entravam e se preparavam para a batalha. Também era destinado a cada grupo um treinador que podia ficar em guaritas nos cantos, esses davam dicas e cantavam estratégias.

Sob as ordens de Panderios, todos se aconchegaram.

— Agora fiquem quietos e observem a partida, vai começar logo! — Falou o mago.

— Vamos vencer fácil! — Falou um menino sentado ao lado de Panderios.

— Já estamos na final? — Perguntou Andor.

— Claro que sim, seu bobão, nós viemos ver a final... — Disse Mondaros e olhou o garoto com um olhar seco e reprovativo. Afinal, aquele menino era muito avoado, ele escutou isso o dia todo e ainda faz uma pergunta como essa.

— Ele se faz de tonto! — Falou Vamcast entrando na conversa.

— Deixem o menino, é apenas uma criança. — Falou o mago defendendo-o.

O locutor anunciou a entrada dos participantes e agora todos estavam vidrados neles.

“Do lado direito temos os guerreiros de Pectrus, estão invictos a cinco partidas e se vencerem essa será o primeiro título da escola!”

“Do lado esquerdo temos o grupo de Hateneia, com dois títulos e invictos a vinte partidas. São os favoritos!”

— Isso acaba hoje! — Falou Vamcast e focou seus olhos sobre os adversários, era um torcedor nato. Vencer aquela partida era questão de honra e uma façanha inédita para aqueles garotos. Haviam treinado muito e se dedicaram o ano todo para aquele evento. A paixão de Vamcast se tornara dividida entre se tornar um grande guerreiro ou um atleta das arenas. Aquele esporte era tradicional e venerado entre os povos dali e ser um atleta era como se tornar um deus, pois todos e até mesmo os reis prestavam respeito a eles.

A partida começou...

— São os adultos de Pectrus! — Gritou Andor.

— Psiu!... Fique quieto! — Ordenou Panderios — Preste atenção na partida. — Completou.

Os guerreiros do norte adentraram o campo de batalha, quando o portão se fechou ficaram juntos e esperaram que seus adversários partissem para o ataque.

Jogar arena é um ato de estratégia e técnica apurada. Ser um jogador exigia treinos diários e disciplina tática. Cada jogador tem sua função essencial e uma responsabilidade indispensável para um grupo, por exemplo, um curador jamais deve se distanciar do atacante, o curador é o responsável pela saúde e plenitude do atacante, pois caso os inimigos foquem-no como o primeiro a ser derrotado, o curador deve restaurar a sua saúde até que os inimigos percam o foco e fiquem desgastados, assim enfraquecem o adversário e o derrotam usando aquele momento como oportuno para contra atacar.

Já o atacante, nunca deverá abandonar o curador ou deixá-lo exposto aos inimigos, pois se o curador cair primeiro, o atacante ficará sem a “cura” e perdera os seus pontos de vida com muita facilidade. A verdadeira essência da arena consiste em um grupo forte e determinado: *o importante é a união e estratégia*.

O grupo de Pectrus tinha como estratégias para aquela partida a resistência e a invisibilidade, entraram com dois curadores e dois atacantes. Então eles aguardaram os inimigos até que eles de tanto esperarem partiram para um ataque violento e desesperado.

Do lado de Hateneia havia um curador e três atacantes veteranos, aquele time tinha um ataque poderoso, entretanto uma defesa penetrável e imprudente. O grupo de Pectrus usou a estratégia da “invisibilidade”, pois os dois atacantes se puseram à frente e esconderam um dos curadores até que o deixaram atrás de uma

rocha. Caminhando à frente foram seus dois atacantes e apenas um curador, apenas um se revelou. O segundo curador ficou anônimo como “carta surpresa” e os inimigos deveriam descobrir se ele era um batedor ou outro homem de cura... No entanto, a estratégia de Pectrus era justamente essa: colocar dois atacantes e um único curador à frente, assim confundiria os três batedores inimigos que focariam tudo naquele curador e deixariam os dois batedores livres.

O grupo de Hateneia iniciou o ataque priorizando a força. Eles atacaram ferozmente um dos curadores adversário. Para medir o dano era implantado em todas as armaduras um medidor de impacto, era uma enghoca quadrada implantada bem próxima ao calcanhar direito, todo o dano recebido era descontado ali na enghoca que também possuía um aparelho parecido com um termômetro, o qual diminuía por porcentagem, conforme recebiam um equivalente a dez espadadas, era descontado automaticamente 10%.

Os jogadores de Hateneia quando observaram um curador solitário partiram para cima dele e começaram a surrá-lo com suas espadas. Era uma saraivada de espadas e o curador perdeu sua pontuação que caiu de 100% a 70% em poucos minutos.

O grupo de Pectrus se aproveitando atacaram o curador adversário e focaram nele. Um curador não poderia curar a si próprio e só receberia a cura de um segundo companheiro. Esse fora o erro do inimigo...

Quando as forças do curador de Pectrus desceu para 20% o outro que estava escondido se revelou e efetuou a cura, a cada magia era curado 10% e podiam usar um total de dez curas. Ele lançou cinco sequências elevando a vida em 53%.

Hateneia percebeu o erro e quando os atacantes prestaram atenção em seu curador ele possuía apenas 30% de sua energia. Os batedores de Pectrus continuaram sua estratégia e surraram o curador adversário sem intervalos. Já Hateneia ficou dividida e antes que bolasse uma nova estratégia, o curador travou. A sua armadura zerou e ele não podia mais se mover ou participar do combate.

— É isso aí! — Gritou Vamcast.

— Ganhamos, ganhamos... — Andor fez uma dança desengonçada.

— O que é isso? — Falou Mondaros e deu gargalhada.

— A dança da vitória! — Falou ele e riu mostrando os dentes.

— Que tosco! Está mais para a dança da macumba... Falou Vamcast e ficou sério.

— Ora! Deixem o garoto quieto e prestem atenção na partida! — Disse Panderios, irritado.

Após o curador do time inimigo “travar” a partida se tornou fácil e os dois atacantes derrubaram um a um, até ficarem com a vitória. O time de Pectrus venceu logo, e a comemoração no estádio foi intensa. A felicidade dos alunos era enorme, enquanto isso, balões coloridos eram lançados ao céu e a banda tocava canções variadas.

— Ganhamos! Eu sabia! — Andor abraçou Mondaros e os dois pularam de felicidade.

— Isso! — Vamcast comemorou solitariamente e saiu de fininho, indo em direção ao dirigível.

Os garotos de Pectrus, vibrantes com o espetáculo, consumiam bebidas açucaradas feitas pelos eracictos, que eram exímios criadores de doces e mantinham barracas bem na saída do enorme estádio de areias.

— Balas, doces, pipocas e pirulitos! — Gritava um vendedor, com as duas mãos cheias de doces.

Mais adiante, outro vendedor anunciava passeios em Tuco – Tuco, os grandes pássaros da floresta:

— Venham todos passear de Tuco – Tuco, criaturas belas e mansas! Aproximem-se, garotos!

Mais adiante, um vendedor anunciava montarias para nobres e entusiastas:

— Cavalos, ronsins, palafrens, cavalos de torneio... Os melhores que se podem encontrar, jumentos, potros. Tais como precisam condes e reis... Venham e escolham, temos os melhores de Naires.

Uma quantidade imensa de garotos faziam filas para comer e beber, uma farra gigantesca era promovida. Ao mesmo tempo em que risos e brincadeiras infantis atordoavam os professores, que tinham a dura missão de conduzi-los de volta às suas academias de treinamentos...

Mais um dia se passou, e, como tudo que é bom acaba rápido aquela já era a última semana de treinos. O regresso à academia Jiuty aconteceu naquele dia, e os dois príncipes voltariam para mais um dia com Tanantos e depois para casa, e assim passariam alguns meses com os pais. Todos os anos deixavam os pais para estudar e treinar, deixando-os impacientes pelo seu retorno.



Academia Jiuty

O primeiro assassinato

Vamcast e Andor já estavam se preparando para voltar para casa, já não viam a hora de regressar para a sua família... Só que, infelizmente, aquele dia guardava uma surpresa terrível, pois seria marcado como o dia do primeiro descontrole do pequeno elfo branco. O primeiro assassinato de um ser vivo por parte do menino estava chegando, quando Vamcast provaria o sangue de uma criatura inocente.

Os garotos já haviam terminado o último dia de treinamentos com Tanantos, e ao anoitecer o professor preparou uma grande festa de despedida. Precisando de madeira para que uma grande fogueira fosse preparada, chamou o seu aluno mais dedicado e pediu a ele que fosse à floresta, a fim de lhe trazer os melhores troncos para serem queimados:

— Vamcast, poderia vir aqui um pouquinho?

Vamcast estava em um grupinho animado, conversavam e trocavam impressões sobre os últimos dias ali e afinal aquele era um dia especial e todos os meninos se despediam e festejavam. Os treinos só ocorrerão novamente no ano seguinte.

— Olá, professor! Algum problema?

— Preciso que busque madeira na floresta, faremos uma grande fogueira e assim comemoraremos o fim dos treinos e a recém-chegada de Andor à família de guerreiros... E, claro... hoje todos estão liberados para brincadeiras e diversão.

Com a sua mente bastante abalada, imaginando que a festa seria para o irmão mais novo, Vamcast temia que o professor se afeiçoasse mais ao caçula. Mas, sabendo que o homem gostava de seres de bom coração, não demonstrava inveja alguma diante do professor de esgrima. Tanantos sempre repreendera maldades e desprezo para com seus amigos e alunos.

Sem questionar as ordens do professor, o garoto se aproximou muito rápido e lhe disse:

— Partirei agora mesmo, e voltarei logo.

Nesse momento, o menino estava desconfiado, a sua expressão era de desânimo. O professor, sorrindo para o garoto, sugeriu-lhe:

— Leve também o seu irmão, poderá ajudá-lo a trazer as madeiras.

O rapaz parando rapidamente olhou para trás, virando o corpo, discordando da sugestão do professor, declarou:

— Não é preciso, ele ainda é meio fraco, pode me atrapalhar. Deixe-o se divertir e descansar um pouco, pois a viagem foi cansativa até aqui. Já vou indo, voltarei em breve...

O professor deixou o menino partir:

— Pode ir, mas não demore, porque sem madeira não existe fogo.

— Voltarei logo...

Vamcast partiu adentrando a mata para buscar as madeiras, mas estava inconformado em ter que dividir a atenção de seu professor com seu irmão. Então cortou várias árvores rapidamente com a sua força esmagadora e com fúria, como se estivesse aborrecido com alguma coisa. Depois se valeu de uma magia de reunião de objetos. Apesar de o pequeno príncipe treinar magias brancas, tinha vontade mesmo era de conhecer a magia proibida, ou as magias negras.

Entretanto, jamais ouvira falar em um professor de magia negra, afinal era proibida. Após juntar todos os troncos, já estava preparado para partir, quando um animal de médio porte passou por ali, manso, parecido com um elefante, muito brincalhão e que parecia brincar com o garoto, mas sem querer derrubou todas as madeiras.

Começando a rodeá-lo, chamava a atenção de Vamcast, deixando o menino muito nervoso. Afinal, já estava estressado. O animal com vontade de brincar, nem imaginava o que havia feito, levando ao primeiro descontrole do pequeno elfo branco.

Escutando o barulho e olhando para trás, o garoto ficou inconformado em ver o que o animal acabara de fazer, e em berros gritou com a criatura:

— Hei? Que ódio! Cuidado... bicho idiota!

Totalmente nervoso e fora de si, Vamcast foi de encontro à criatura, sacou a sua espada tremendo de raiva, e não refletiu sobre as consequências do que poderia fazer ali. Desferiu um golpe certo no inocente animal, além de gritar:

— Olha só o que você fez... Agora vai pagar por isso!

Depois de matar, Vamcast caiu na realidade do que fizera ali. Olhando para trás e para todos os lados, ficou assustado com a situação:

— E agora? — Não dava mais para voltar atrás, Vamcast matara o animal... e ficou pensativo por alguns minutos... sem perceber que algo estranho acontecia.

Suas mãos começaram a formigar... ele as levou até o rosto... assustando-se:

— O que é isto em minha mão? O que pode ser isto? — Vamcast estava em pânico, e de dentro de seu ser emergiam preocupação e desespero.

Sua espada estava escura e quente, uma aura negra pairava sobre suas mãos e braços. Não aguentando o peso da arma, soltou-a ao chão, pois não aguentava tamanha energia maligna.

Chacoalhando os braços com muita força, Vamcast tentava se livrar da aura negra. Desesperado, começou a gritar:

— Saia daqui! Que coisa é esta, meus deuses?

Nesse meio tempo, um vulto cruzou a mata com uma velocidade inimaginável e atingiu Vamcast, que sentiu a cabeça girar, os olhos ficarem negros e um pequeno feixe amarelado se formar no centro do seu olhar. Ajoelhado no chão, a aura sumiu, enquanto ele assustado olhava para as suas mãos; a sua espada também voltara ao normal.

Vamcast estava em dúvida sobre o que poderia ser aquilo, afinal a espada empunhada fora dada por seu pai, desenhada e forjada por um grande ferreiro, especialista de armas exclusivas para a realeza. Portanto, deveria ter características do bem, não do mal.

Agora, sem imaginar do que se tratava, o jovem teria de esconder o que fizera. A morte do animal não poderia ser descoberta, então o menino fez uso de outra magia, que não deveria ser usada para aquele fim, a magia *fogos ardentes*, a qual era usada apenas para fazer fogueiras e tochas. O garoto manipulou um fogo enorme, lançando-o sobre o animal. Um fogo destruidor e incessante, que queimou a carne do animal rapidamente. Até mesmo os ossos viraram cinzas.

Assustado, Vamcast olhou para todos os lados e continuou recolhendo rapidamente as madeiras:

— Acho que ninguém vai perceber o que eu fiz. Ficarei calado, vou-me embora! — Logo foi embora.

Chegando ao acampamento, não percebeu que o fogo queimara parte da floresta. Não era um fogo comum, era um fogo destruidor que cessou em alguns minutos, mas foi o suficiente para destruir alguns arbustos e árvores daquele belo lugar.

Não muito perto dali, estava Panderios, o treinador de magias, o mago poderoso de origens brancas, mas inteiramente sábio e reconhecedor das magias negras. Por ser um homem de bom coração, amava a natureza, e aquele feito foi sentido por ele mesmo a uma distância de aproximadamente setenta quilômetros.

Também conhecido como Tirim, o defensor da natureza. Fumava um enorme cachimbo feito de ervas da floresta quando foi surpreendido por uma espantosa energia negativa. Assustado, levantou-se rapidamente de sua cadeira, deixando que o cachimbo caísse no chão. Pensativo apalpou sua enorme barba branca, em seguida perguntava-se:

— O que é isto? Que energia estranha será esta?

Panderios sentiu o poder de fogo usado, pois aquilo jamais havia acontecido ali naquela floresta; os animais morriam apenas para alimento de outros seres, ou até mesmo pela idade avançada, mas não por um sentimento tão arrasador de raiva e desprezo. Sentimentos tão horripilantes que chamaram a atenção do mago imediatamente. Meditando, ele sentiu a aura do filho mais velho do rei, em dúvidas, indagava a si mesmo em pensamento:

— Vamcast? Sim, esta aura é de Vamcast... Mas como pode ser? Eu já imaginava algo estranho no rapaz, mas não um mal assim tão grave; devo ir imediatamente alertar Mussafar para que este mal não cause nenhum desastre.

Nesse momento, os animais corriam de um lado ao outro, parecendo avisá-lo sobre o perigo. O garoto, sem imaginar que alguém sentira o seu descontrole, amanheceu junto aos seus amigos, festejando como se nada tivesse acontecido. No outro dia, os meninos partiram para se despedirem do seu professor de magias, afinal era o fim da temporada de treinos.

No outro dia, muito cedo, Fastouros estacionou a carruagem e os garotos já estavam ali aguardando por ele. Havia uma grande quantidade de alunos e a todo o momento se despendiam e partiam para suas casas.

Fastouros abandonou a carruagem e caminhou até os garotos, apalpou seus pertences e chamou os dois para irem para casa.

— Vamos embora, garotos?

— Obrigado Fastouros, já estou indo! — Disse Vamcast e se despediu dos amigos.

Andor esticou o pescoço e olhou por dentro da carruagem, procurava por Angel, aliás não se passou um dia sequer que não pensasse nela.

— Vamos Andor, precisamos nos despedir dos garotos! — falou Vamcast chamando a atenção do irmão.

— Hã? Vamos!

Após se despedirem adentraram a carruagem, Fastouros alertou que antes iriam passar em Pectrus e visitar o acampamento feminino, pois Angel os acompanharia no regresso.

— Deixe-nos em Pectrus? — Perguntou Vamcast, ele queria se despedir dos amigos.

— Deixo! Quando buscar a garota voltarei para pegá-los!

— Vai ficar aqui também, Andor?

— Vou com Fastouros!

Vamcast desceu, mas estranhou que Panderios não estivesse ali, e sim Mandaros, o aprendiz e ajudante do mago.

— Olá? O mestre não está?

— Ele saiu cedo, estava apressado, mas não me disse aonde iria...

— Hum... Estranho. Mas passei aqui só para me despedir mesmo.

Acabando de se despedir, adentrou a academia. Panderios, Tirim, depois de meditar muito sobre aquele fato, partira um dia antes para falar com Mussafar.

Fastouros estacionou a carruagem do outro lado, o acampamento feminino era todo cercado por uma grande muralha e um portão trabalhado em troncos e cordas. A única entrada era pela frente e diferente do masculino os professores eram do sexo feminino. As garotas treinavam preferencialmente magias e arco, poucas tinham interesse pela esgrima e artes marciais.

— Me espere aqui, vou buscá-la! — Falou o general e Andor ficou ali quietinho aguardando a garota.

Quando ela se aproximou ele elevou seus olhos na vidraça da carruagem e ajeitou as sobancelhas e o cabelo. Estava afoito e seu coração ficou em disparada. Angel surgiu e Fastouros a conduziu até a porta. Quando ela entrou o garoto firmou seus olhos sobre ela, seu rosto estava descorado e os lábios ficaram pálidos e trêmulos. Ele sorriu discretamente.

— Oi! Sou Angel! — disse ela e sentou ao seu lado, levou a mão direita e o cumprimentou.

— Hã? Oi! — Eu sou Andor e... — ele segurou as mãos da garota e não soltou, estava engasgado e vergonhoso.

— É um prazer conhecê-lo! Você está com algum problema?

— Eu? Não, não, há,há,há... é que estou ansioso para chegar em casa.

— Hum... — Ela puxou sua mão e sentou, ficando ereta — eu também...

— Você vai morar no castelo?

— Ainda não sei, minha mãe começou a trabalhar lá, mas não sei onde vamos morar.

— Entendi... Se precisar de um amigo já sabe onde encontrar.

Ela sorriu para ele e o encarou com um rostinho angelical e afetivo, ele era um garoto tímido e meio bobo, ela gostava desse tipo de menino e mesmo que tivesse pouca idade era bem mais experiente que Andor.

— Pode deixar, seremos grandes amigos!

Fastouros estava ali escutando o papo e sorriu discretamente, ele soube desde a primeira vista que aqueles garotos se afeiçoaram e não era bem amizade o que nascia ali. Parou em Pectrus e pegou Vamcast.

— Com licença! — Falou o elfo quando entrou na carruagem, não gostava muito de Angel e era orgulhoso e insensível com as garotas.

Angel o encarou de lado e juntou as sobrancelhas:

— Desculpa!

Vamcast não respondeu e ficou encostado próximo à janela, viajou o tempo todo ali calado e carrancudo, enquanto Andor e Angel conversavam e se tornavam grandes amigos.



O Norte

O maior erro de um pai

Tirim chegando ao castelo, pediu para ser levado ao rei. Nos portões estava um grande general, valoroso e amado por seu rei, um poderoso e condecorado comandante. Baixando o rosto em tom de respeito, o mago cumprimentou o homem:

— Nobre general, venho até aqui para falar com o rei, peço-lhe que me leve até Mussafar.

Conhecendo aquele homem, o general meio que sem jeito, fez algumas observações:

— Sim, Panderios, mas antes que o leve ao meu senhor preciso saber do que se trata, pois são ordens do rei. Se possível fale-me... Pedirei a um soldado que avise Mussafar sobre a sua visita.

Tirim tentou desviar a sua conversa, não querendo afirmar algo precocemente.

— Perdoe-me, general, mas trata - se de assunto familiar sobre o menino Vamcast, prefiro falar diretamente com o rei. — Panderios tentava ser o mais sutil possível, sem se exaltar, ou criar situações inusitadas.

Ao ouvir as palavras de Tirim, o general imaginou que o príncipe corria algum perigo, então sua expressão foi de preocupação:

— Vamcast? Está tudo bem com o príncipe?

Rapidamente Tirim começou a explicar o que estava acontecendo:

— Sim, está tudo bem, falarei apenas sobre o treinamento do rapaz.

O general, acreditando, deixou o homem prosseguir:

— Perdoe-me pelas perguntas... Soldado, leve imediatamente Panderios até o rei.

O soldado se aproximou e fez reverências ao mago, em seguida conduzindo-o:

— Siga-me, por favor.

Tirim, por sua vez, sorriu para o soldado, preparando-se para adentrar no castelo:

— Agradecido, soldado. Tenha um ótimo dia, general.

Já se aproximando, Panderios curvou-se perante ele.

— Tirim, grande amigo, seja bem-vindo aos meus aposentos. O que o traz aqui?

O mago, sabendo do bom-humor que o rei costuma apresentar, tentou ser breve:

— Meu nobre rei, agradeço a sua bondade, mas tenho algo a falar...

Mas ali, bem próximo a Mussafar, estava um homem da raça eracicto, com nome Destructor. Homem de confiança do rei, trabalhava para a família real desde a época do rei Mancarus Destrus e ficou ali bem próximo, calado, observando a conversa. Alimentava-se na mesa real. Porém, infelizmente ele não era merecedor daquela confiança que o rei e sua família depositavam nele, estranhamente se notava que essa figura mantinha certa inveja de Mussafar, e pior, cobiçava o poder e o trono do rei.

Tirim, percebendo a presença de outra pessoa, aproximou-se mais do rei, falando em tom mais baixo de voz:

— Meu senhor, preciso lhe falar sobre minha preocupação com Vamcast, poderíamos conversar em particular?

O rei, se mostrando inquieto, começou a falar em voz alta, confiando no homem que o acompanhava em sua refeição:

— Sobre Vamcast?! Pode falar aqui mesmo! Não tenho segredos em minha casa, conte-me o que está acontecendo... — Mussafar parecia estar bêbado.

Tirim aceitou a observação do rei e, coçando o braço esquerdo, mania de quem está envergonhado, começou a contar sobre o ocorrido:

— Meu rei, falarei aqui mesmo. Não está havendo nada com o menino, mas hoje algo muito estranho chamou a minha atenção e, honestamente me deixou muito preocupado.

O rei estranhando a preocupação de Panderios exaltou-se, e gesticulando com os braços, quis saber:

— O que ele fez? Diga-me, chamarei a atenção do rapaz, afinal deve respeitá-lo como um pai...

— Não é nada disso... Vamcast é um menino muito respeitador, mas ele usou um tipo estranho de magia, “*A MAGIA DE FOGO USADA PARA MATAR*”. Um animal inocente foi morto. O poder usado foi devastador. Senti uma aura maligna, que veio do menino, tenho certeza... Achei que isto deveria ser informado ao senhor.

O homem que ali estava mantinha um laço amigável com seres malignos, os magos orcs. Esses magos acreditavam na profecia de que um rei estaria para nascer em Esteros, um ser poderoso que tomaria todo o mundo e espalharia o seu terror, matando aqueles que não estivessem ao seu lado, liderando assim o exército de orcs rumo ao domínio do mundo. Apesar de ser praticamente impossível um ser maligno nascer de seres de bom coração, o homem se interessou pela conversa.

— Tirim, talvez seja um acidente, o rapaz é um prodígio, acredito realmente que não devemos nos preocupar. Vamcast será um grande rei e usará todo o seu conhecimento para o bem do nosso povo.

O mago sentiu que o rei não levava suas palavras a sério, então deu alguns passos para trás, curvando-se.

— Certamente, meu senhor, apenas como professor do menino devo mantê-lo alerta sobre o treinamento e o caráter de seu filho. Verdadeiramente creio que cumpri a minha missão! Com licença, meu senhor, agora devo partir. Tenho muitos afazeres, agradeço pela atenção.

Mussafar errara muito em não escutar Panderios. Mas o menino muito jovem, não demonstrava desvio algum em seu caráter. Entretanto, ao contrário do rei, aquele homem que ali estava prestara muita atenção... guardando todas aquelas palavras.

O rei, para não ficar mal diante do amigo, tentou se mostrar agradecido pela visita, então logo tratou de mudar a conversa:

— Agradeço por sua visita! Quando estiver com um tempo livre volte a me visitar, ficarei honrado em bebermos juntos.

O mago partiu, mas sem imaginar que a notícia que acabara de dar a Mussafar seria levada aos inimigos de todos os reis por aquele homem. Este,

imaginando que aquela notícia tinha fundamento, pensava ainda que poderia sair dali seu maior desejo, *o trono de Mussafar*.

Destructor, pensativo, imaginava também que seria impossível o mal nascer no filho do rei, no entanto a sua ganância pelo poder era enorme, então assim que teve uma chance foi falar com os sacerdotes malignos.

Destructor, o eracicto, era um homem de cabelos curtos e barba falha, que lhe tomava todo o rosto. Trajava roupas largas e túnica longa, usava como arma um bastão e já fora um mago respeitado em tempos anteriores. Quando viu brecha, galopou rapidamente até as cavernas do Sul, olhando a todo momento para os lados, aproximou-se e adentrou uma caverna escura. Após caminhar e cruzar uma dezena de corredores avistou uma caverna ampla e em forma oval, onde havia centenas de orcs e um fedor irritante.

— Procuro pelos anciões. — disse ao orc que guardava a entrada.

A criatura armada com uma lança, vestia uma armadura em aço e um elmo aberto. Tinha o corpo todo marcado por feridas e marcas de corte, e pele na cor branca pardo.

— Não é bem vindo aqui! — Disse o orc.

— Não há motivo para me expulsarem... Sempre fui fiel aos anciões.

O orc retirou sua lança que tocava o solo, apontou-a em direção a Destructor:

— O que quer com os anciões?

— Trago notícias sobre um jovem talentoso e possuidor de poderes sobrenaturais... Agradará os mestres, tenho certeza!

— Espere aqui!

A criatura se virou e trocou palavras com outro, eram sons estranhos e em línguas confusas e incompreensíveis. O eracicto ficou ali aguardando.

— Entre! — Falou o orc — Mostre respeito aos mestres e tome cuidado com sua vida...

Destructor caminhou e avistou um lugar tenebroso e coberto por restos de animais. Era um túnel em forma de retângulo, havia ali criaturas de todos os tamanhos e características, em sua maioria monstros fedorentos e com obesidade mórbida. Pisou numa água escura, havia sangue de animais misturado a ela... ali os

animais capturados eram decapitados e dilacerados. Mais adiante, havia um córrego de lava e orcs forjavam armas e armaduras. Havia três criaturas assentadas em tronos, eram orcs velhos e enverrugados, não possuíam mais seus caninos e eram leprosos. Os anciões eram venerados como deuses por súditos que ajoelhados, os rodeavam, prestavam reverências e adorações.

Destructor baixou seus olhos e caminhou lentamente, ajoelhando-se diante das criaturas horríveis que ocupavam os tronos, declarou:

— Mestres, trago notícias... ouvi algo sobre um rapaz. O mal está nascendo no próprio reino que um dia o repudiou. O garoto Vamcast, filho mais novo de Mussafar está desenvolvendo habilidades negras, pelo que eu entendi, poderes destruidores e assassinos. Ouvi as palavras de Panderios, o mago.

Uma criatura se levantou com dificuldade, caminhou em direção ao homem, olhou-o profundamente com seus olhos negros e sua face putrefata. Sua narina estava totalmente corroída, seus lábios trincados e com longas rachaduras, seu hálito fedorento e incômodo. E, apontando o dedo em sua direção, rebateu as palavras de Destuctor com tom de nervosismo:

— O quê? O filho do rei? Um elfo branco? Não pode ser! Como ele pode possuir um poder maligno? Zomba de mim?

O homem caminhou para trás, assustado, e olhando para o Xamã garantiu:

— Afirmo o que vi e ouvi, meu senhor! Irei eu mesmo verificar, pois o rapaz virá para o castelo passar as férias. O menino está sob treinamentos intensos, pelo que eu sei suas habilidades estão muito avançadas. Mas, realmente isso não é normal para um elfo branco! Manterei vocês informados sobre tudo o que acontecer.

A criatura, fixando o olhar sobre o homem, viu verdade nas suas palavras, mesmo sendo um homem de caráter duvidoso.

— Grrr, o meu tempo é precioso... No entanto, vejo em você maldade e interesse. Darei o que deseja se suas conclusões estiverem corretas, apenas alimente a maldade no coração do menino, que se realmente tiver tal “talento” ficaremos sabendo. Vá e faça valer o tempo que me fez desperdiçar.

— Sim, mestres!

O homem maligno, pronto para provar aos sacerdotes que a sua descoberta estava correta, partiu com a intenção de testar o garoto. Um aprendiz maligno que poderia destruir o equilíbrio entre o bem e o mal era tudo o que ele queria. Alguém

tão poderoso que poderia devastar completamente o planeta Esteros, e assim reconstruir o império do mal, conduzindo um grande exército rumo à vitória.

Retornando para o castelo, Destructor ficou aguardando a chegada do rapaz.

O Norte

O retorno dos príncipes

Ao contrário de Vamcast, Andor era despreocupado e disciplinado, passando despercebido por todos do reino, sendo visto apenas como um menino estudioso e ingênuo. O pequeno príncipe sempre fora um rapaz de coração puro, além de não possuir muita força física, até mesmo pela idade, era muito pouco habilidoso com espadas e magias, sua habilidade estava nos arcos e nas flechas.

O caçula, aos treze anos de idade, mais novo do que Vamcast, gostava muito de brincadeiras infantis. Não tinha o sonho de se tornar um homem com grande poder, apenas o de reinar em paz, assim como seu pai. Apesar de ser apenas um menino, Andor sentia algo muito forte por Angel, a bela menina descendente dos eracictos, de apenas doze anos que já era muito bonita e vistosa. Afinal, as moças amadureciam mais rápido do que os rapazes.

Desde aquele dia, na porta da carruagem, Angel também sentia um grande afeto pelo garoto, mas era jovem demais para pensar em relacionamentos e amores sérios. Então, os dois pré-adolescentes, tornando-se amigos no regresso para casa, preocupavam-se em conversar e fazer farra. O pequeno príncipe sempre ficava muito sem jeito perto da garota, pois não conseguia esconder seu sentimento por aquela linda moça de olhos azuis, cabelos loiros e pele clara, tão branca quanto as areias do mar.

A pequena elfa, que também treinava com os garotos, dominava o poder da cura, uma habilidade essencial à saúde dos companheiros. Tal magia podia ser usada em ferimentos não mortais, como aqueles causados por pequenos cortes e que não provocassem rupturas ao corpo nem comprometessem gravemente órgãos como coração, pulmão e intestinos. Além de perita no arco e flecha.

Em um belo dia ensolarado, os garotos passeavam pelos jardins do castelo. Era também feriado, e apesar de haverem chegado dois dias ainda não tiveram a chance de verem seus pais, pois Mussafar e Zinza haviam partido para visitar o rei Lótus, e voltariam em pouco tempo.

Vamcast era obcecado pelos treinos e estava sempre sozinho. Já o príncipe Andor após o retorno, arrumara uma companheira. Quando retornaram, Andor se ofereceu para mostrar o castelo à menina. Ela era curiosa e inteligente, quis saber tudo sobre ele e o castelo, afinal para os criados a vida de um príncipe era aventureira e glamorosa. Ele já não pensava assim...

O castelo era cercado por enormes muralhas e um pequeno vilarejo. Uma pequena cidadela era protegida pelos soldados e rodeada por lagos e mares. Ali moravam os criados e funcionários, também muitos povos eracictos. A tribo dos homens era a raça mais antiga da qual se tinha notícia, por isso, eram os mais inteligentes e engenhosos. O transporte mais comum entre os reis era a carruagem e os cavalos, entretanto os engenheiros davam seus primeiros passos na criação dos motores e engenhocas à combustão. Para um residente de Naires se aventurar aos mares era suicídio e blasfêmia contra os deuses. Jamais alguém retornou após desbravá-lo.

Andor e Angel caminhavam pela estrada ladrilhada por lascas de pedras, era um caminho magnífico e trabalhado nos mínimos detalhes, o gramado em verde-claro, podado e muito limpo. Havia uma variedade de árvores imensas fechando a estrada que dava acesso ao portão principal. O caminho terminava em um grande jardim, onde nasciam flores como Girassol, Gérbera, Gloriosa, Goivo, Íris, Frésia, Gardênia.

Angel quando pisou os jardins ficou maravilhada. Era uma visão esplêndida e única. Caminhou tocando-as, cheirou uma por vez e sorria a todo o momento.

— São maravilhosas! — Disse ela a Andor, ele a seguia e apreciava com a mesma intensidade. Aquele era o seu local favorito, caminhar por ali o acalmava e de fato era notório sua descendência élfica.

Baixando-se próximo aos jardins, olhando para trás, Andor chama a garota com voz entusiasmada:

— Angel venha aqui. Olhe para aquela linda flor, é tão bela... mas... mortal. Vê o inseto? Veja o que acontece em seguida.

O inseto pousou sobre a flor e, achando que fosse uma flor comum, ficou ali por alguns segundos. Mas, de repente a planta comeu o inseto rapidamente. Tratava-se de uma planta carnívora, disfarçada para comer sua presa.

Angel começou a olhar fixamente para o rapaz e para a planta, então sem entender o que estava acontecendo, gesticulou:

— Nossa! Coitadinha da mosca! Não entendi o que isso significa.

Andor cruzou os braços e sério respondeu:

— Significa que nascemos para um propósito, a planta come a mosca para sobreviver, essa é a sua missão de vida!

A moça, mesmo sem entender nada, comentou:

— Entendi... E para o que você nasceu, Andor? Qual é a sua missão?

O garoto, levantando a cabeça para o alto, certo do que iria dizer, respondeu:

— Eu nasci para ser um grande rei, assim como o meu pai. Mantereí a paz em Esteros! Eu vejo isso em meus sonhos.

A moça sorriu para o rapaz e, mostrando-se atenciosa, declarou:

— Que bom! Quando precisar de mim estarei ao seu lado, eu juro.

Após ouvir aquelas palavras, Andor ficou ainda mais feliz e, beijando o rosto da garota tornou a dizer:

— Jura? Você é a melhor amiga do mundo.

— E você o melhor! — Ela levou suas mãos às dele, e seus olhos brilharam.

Naquele momento a carruagem passou por eles, Mussafar retornara e junto Zinza e Destructor.

— Vamos embora! Seu pai chegou e te aguarda... Quem chegar por último será um orc!

Andor, correndo rumo ao castelo chegou junto a Vamcast que cavalgava próximo dali. Os dois irmãos estavam ansiosos e contentes por verem os seus pais. Logo na chegada Mussafar e Zinza deram-lhes as boas-vindas.

O rei após abandonar a carruagem caminhou próximo aos meninos, feliz, declarou:

— Sejam bem-vindos de volta, meus guerreiros poderosos. Eu e sua mãe estávamos ansiosos pela volta de vocês!

O caçula foi rapidamente abraçando o pai e com um pulo foi diretamente para o seu colo. Vamcast apenas cumprimentou o pai, indo direto para a mãe, com quem tinha mais afinidade.

Aproximando-se de Zinza, Vamcast a abraçou e beijou sua face, enquanto lhe fazia elogios:

— Mãe, a noite está tão linda quanto você! Como está a senhora, minha linda rainha?

A rainha, com um grande sorriso retribuiu o carinho beijando-lhe o rosto e dizendo-lhe algumas palavras cheias de carinho e felicidade:

— Estou muito bem, meu amor!

— Tenho tanto a contar... — disse ele, e estava feliz por estar ali ao lado da mãe. Apesar de gostar de treinos intensos, o rapaz estava satisfeito em ver a sua mãe novamente.

Só que ali perto estava Destructor, que regressara da viagem junto com Mussafar. Quando avistou Vamcast, ficou à espera de uma oportunidade para

aproximar-se do rapaz.

O jantar seria servido e Destructor e Mussafar estavam na mesa. Os criados serviam as bebidas e um enorme Javali assado destacava-se, era um petisco suculento e acompanhado por batatas e milho cozido.

Zinza e seus filhos participaram do jantar e após todos já terem se alimentado, Vamcast se levantou para lavar as mãos. Foi à deixa para que o Destructor caminhasse até ele, e como uma cobra traiçoeira puxasse assunto.

Chegando rapidamente e tropeçando no tapete real, o homem cumprimentou o rapaz:

— Meu príncipe preferido! Seja bem-vindo de volta a esta casa! Os seus treinos, como estão? — nesse momento, Destructor esboçou nervosismo e a sua alegria era duvidosa.

O menino estranhou a pergunta, pois aquele homem jamais havia se preocupado com ele, por isso perguntou desconfiado:

— Tudo bem, Destructor? Qual o seu interesse em meus treinos?

Escondendo o seu real interesse, o homem coçou a cabeça, em seguida respondeu:

— Não é nada demais, apenas tenho interesse em conferir as suas habilidades. Reconheço um grande guerreiro quando vejo um em minha frente. Poderia mostrar as suas habilidades para um velho curioso?

— Hum... — O menino deu um pequeno sorriso, mas convencido com o elogio, dispensou o sujeito — à tarde irei demonstrar ao meu pai o que aprendi com meus mestres.

— Lembre-se menino: quem dá a vida pelo seu sonho sai vencedor. — Destructor não podia ver a hora e balançou a cabeça, saindo rapidamente.

Vamcast ficou ali pensativo e aquelas simples palavras pronunciadas por Destructor teriam vários significados se levadas a sério, ele tinha seus sonhos e ambições, entretanto, não poderia compartilhá-los com ninguém.

Vamcast caminhou e subiu as escadas, deitou na cama de lençóis brancos e colocou seus pés na janela, ficara ali observando as estrelas. Soprava sobre seus cabelos uma brisa gélida, ele tinha um olhar triste e distante... O que havia lá fora? Aquele imenso espaço, aquele infinito de pontos brilhantes e incertezas... A verdade era que o mundo era pequeno demais para uma pessoa com um ego tão grande. Desde criança Vamcast nascera com a grandeza de seus antepassados, a sua

raça não diferia em nada o seu caráter, “UM ERACICTO É O QUE ELE QUERIA SER”, muitas vezes se sentia pequeno e fraco, olhava seu corpo, seus músculos, sua feição, tinha vergonha de si próprio, ele queria ser grande e poderoso. Em sua mentalidade, ele imaginava que de algum modo; o criador foi injusto com ele...

— Filho?

— Ah? Mãe?

— Por que está aí sozinho e tão triste? — Zinza se aproximou e se sentou na cama, tocou a cabeça de Vamcast e o aconchegou em seu colo, acariciava-o.

— Mãe...

— Sim, meu querido?

— O que são aquelas luzes no céu?

— Hum... — Ela olhou as estrelas e refletiu... — São homens... Aquelas luzes são nossos antepassados, e lá estão seu avô, seu tataravô e toda a nossa descendência. Estão nos vigiando, nos guiando e nos dando força. Todos os grandes guerreiros vão para lá, todos os grandes reis e rainhas tem um lugar especial naquele lugar!

— Eu irei para lá um dia, mamãe? — Vamcast firmou seus olhos no céu, “aquele era um lugar digno dos grandes homens”, era preciso merecê-lo.

— Claro que sim! Você será um grande líder e nosso povo irá amá-lo como merece!

— Um líder... — Ele olhou novamente para as estrelas — E Andor? ELE SERÁ O REI?

Zinza beijou a testa de Vamcast, levou seus dedos e tirou sua franja que caía sobre seu rosto.

— Você é especial e único, e será o maior rei que este mundo já viu...

Vamcast sorriu timidamente para ela, queria acreditar em suas palavras, sim ele queria... Contudo, era um elfo da floresta e aquela monarquia sempre teve um eracicto em seu trono, “não... ELE NÃO GOVERNARIA... era somente um elo fraco em meio a um reino de poder e glória”.

No salão imperial, Andor mostrava suas habilidades com espada para o pai, mas ao tentar dar um golpe de frente escorregou e caiu de bumbum no chão. Sem

vergonha alguma começou a rir, tal qual Mussafar. O menino ainda sentado no chão seguiu conversando com o rei:

— Desculpe-me, ainda estou aprendendo a usar espadas, mas o Vamcast... você precisa ver, ele já tem muita prática! O professor fica impressionado vendo-o treinar.

O rei sentou-se ao lado do garoto, para animá-lo a continuar a treinar:

— Tudo bem, meu filho, tenha calma que as suas habilidades logo aparecerão também. Você tem apenas que aprender a manejá-las melhor.

O menino, encostando-se nas pernas do pai, disse algumas palavras em tom de marra, mas também de carinho:

— Pai, um dia irei aprender, serei o melhor em espadas, assim como você. Mas, por enquanto prefiro magias...

— Um homem deve sempre usar a sua espada em auxílio aos mais fracos, o poder está aliado à justiça. Lembre-se sempre disso menino. — O rei levantou-se e segurando as mãos do garoto, prosseguiu:

—Agora, vamos deixar de conversa e descansar, não estou conseguindo aguentar o peso da minha pança.

O jovem habilidoso

No outro dia houve mais treinamento. Vamcast surpreendeu a todos, pois a sua habilidade com espada era mesmo incrível. Mussafar esbanjava orgulho e fazia várias homenagens ao primogênito.

Já Destructor esperou todos irem embora para poder se aproximar. Já no final da tarde tocando-lhe as costas, começou a fazer elogios:

— Parabéns garoto, formidável! Eu estava ali vendo tudo e imaginando como ficou tão poderoso...

Vamcast, sentou-se em uma pedra, no meio de um campo de muita grama, enquanto Destructor continuou a falar. E, não vendo ninguém por perto, aproximou-se mais do rapaz e começa a tentá-lo:

— Vamcast desejo conhecer as suas habilidades mais secretas. Sei que o seu poder vai muito além do que mostrou a todos aqui hoje. Tenho certeza de que

as suas habilidades são inimagináveis para a maioria dos homens que aqui estavam a apreciá-las. Poderia mostrar-me sua aura?

O menino, olhando surpreso para o homem, respondeu resabiado:

— Não devo usar habilidades proibidas, sei que serei rejeitado por todos. Apenas satisfaça-se com o que pôde ver. Já vou indo agora.

— Espere! — Pessoas especiais sempre são rejeitadas...

— Não há nada de especial em mim...

Gesticulando com firmeza, o homem seguiu atrás do garoto, enquanto continuava:

— Eles querem tirar de você, o seu poder! Não deve aceitar essas regras. Todos temem seu poder ou, talvez invejem você. Diga-me, o que seria de um pássaro sem as suas asas? Mostre-me o que pode fazer, pois quero ajudá-lo.

— Não quero o mal para a minha vida, não quero ver a tristeza de meus pais... Já vou indo.

Destructor levantou sua voz:

— Você acha que seu pai vai te amar? Você é diferente: é um elfo e nunca irá assentar-se ao trono! Posso ajudar, conheço pessoas que valorizam seu talento, você poderá se tornar o maior rei que este mundo já testemunhou!

O rapaz, escutando aquelas palavras parou, aquilo soou familiar. Destructor usara as mesmas palavras de sua mãe... sem aguentar esconder o seu verdadeiro poder, cogitou que Destructor poderia ajudá-lo. Então, escutou mais um pouco o que o indivíduo dizia, aos poucos se mostrando interessado na conversa.

— Quem pode me ajudar?

— Pessoas diferentes, assim como você... Eu conheço algumas e posso apresentá-las a você, precisa apenas confiar em mim.

— São pessoas más?

Destructor ficou pensativo por um instante, depois firmou seus olhos no garoto e em voz firme respondeu:

— Entre o bem e o mal não há nada! Escolha um dos lados, garoto, pois o “MEIO TERMO” será sempre rejeitado!

Vamcast caminhou e olhando para o solo chutou uma pedra desgarrada, caminhou em círculos, estava pensativo... Na sequência levou suas mãos sobre a

bainha e estava impaciente para mostrar algo. Encostado sobre uma rocha continuou a argumentar com o homem:

— Eu não sei se devo. Quero, mas tenho dúvidas se devo realmente, tenho medo do que pode acontecer.

O homem, sentindo que o garoto estava se entregando à conversa, fez promessas a ele:

— Mostre-me o seu poder, rapaz, posso te ajudar. Até mesmo ensinar-lhe coisas novas. Conheço habilidades poderosas e proibidas que somente um ser extremamente poderoso pode manipular.

O menino, dando ouvidos a Destructor passou a caminhar em círculos, tremia e desejava retirar sua espada.

— Destructor, você me parece muito velho para ter algum poder... Mas, tudo bem — ele riu — Mostre-me as suas habilidades secretas, se me surpreender lhe mostro algo realmente surpreendente que aprendi sozinho e muito recentemente.

O elfo branco tinha muito poder, mas não imaginava que aquele ser à sua frente conhecia o poder maligno da magia negra. O poder destruidor de tirar vidas. Aquela figura traiçoeira escondia o seu caráter.

Então, o eracicto parou em frente ao rapaz e seguiu reunindo uma energia interna. De repente, olhou para Vamcast com seus olhos negros e das suas mãos emergiram uma aura translúcida e poderosa, como acontecera com o garoto no dia em que matou o animal. Com a mão sobre seu cajado, Destructor proferiu algumas palavras ao garoto:

— Vamcast! Olhe pra mim e sinta o poder. Está vendo esta pedra enorme em sua frente? Observe... Actaranus! — Invocou uma magia.

O homem sacou o bastão. Notava-se uma fúria imensa em seus olhos. Momentaneamente, começou a subir sobre seu corpo uma energia cinza que o envolveu completamente, a fonte surgia dos pés e se concentrava em todo o corpo, o sujeito, preparando-se para atacar, gritou alto. Foi lançado um ataque poderoso que fez espatifar a pedra, algo similar a uma grande explosão.

Dando um pequeno pulo para trás, o garoto assustado, perguntou-lhe o que fora aquilo:

— Mas, como? Como fez isso?

O homem sorriu com um pequeno sorriso de canto de boca, então disse algumas palavras atraindo a atenção do príncipe:

— Isso não foi nada comparado ao que você poderá fazer se me deixar treiná-lo. Mas, é claro que terá de aceitar o aprendizado de magias negras, será preciso matar. Se não aceitar minha proposta, jamais conhecerá o poder que está em seu corpo. Quando compreender este poder será capaz de dominar o mundo se assim o quiser.

— Que tipo de magia usou? — Vamcast estava confuso e impaciente.

— Magia negra, um poder temido e evitado, mas que não conhece limites...

“Magia negra era por isso que não ensinavam, esse poder de destruição é magnífico”, pensou o elfo.

— Posso mostrar algo parecido...? Eu treino escondido há algum tempo, conheço alguns truques também.

— Já manipulou magia negra? — Destructor ficou curioso e ansioso ao mesmo tempo, pois seria conveniente e a prova de que o mal nascera naquela família, além do mais se ele possuísse alguma habilidade: iniciá-lo seria algo simples e rápido.

Vamcast, interessou-se pela proposta de Destructor e logo mostrou ao homem que já conhecia aquelas técnicas negras usadas sobre a rocha.

Com uma grande fúria, começou a focar maldades em seu pensamento. A uma velocidade sem igual o seu corpo foi sendo rodeado por elementos de fogo e pedaços de rochas em chamas.

O rapaz passou a manipular um fogo destruidor que subiu sobre seu corpo, passeava lentamente sobre ombro e costas. Focou sobre uma árvore linda e enorme que ali estava e seguidamente lançou o feitiço. A energia não a queimou nem a destruiu, mas repentinamente foi descendo pelos galhos até chegar à raiz. A árvore bem devagar foi secando, perdendo a vida, até ser transformada em pó e ser levada pelo vento.

Vamcast, então sorriu com ar de maldade, e Destructor vendo aquilo ficou maravilhado, pois jamais havia visto uma magia destruidora assim. Ou seja, o jovem príncipe dominava magias capazes de ceifar a vida de outras espécies. Depois dessa demonstração o sujeito não deixaria que o menino escapasse jamais, faria o que fosse necessário para contaminar sua alma.

Porém, mesmo com um pouco de dúvida e olhando para os lados, o garoto aceitou a proposta do homem:

— Aceitarei a sua proposta. Mas meu pai não poderá saber de nada, deve me prometer.

O homem, pensando em como havia sido fácil convencer o garoto, respondeu com firmeza:

— Ótimo! Ele jamais saberá. Somente quando estiver preparado você mesmo mostrará ao mundo seu poder!

O príncipe, após aceitar a proposta de Destructor, despediu-se e voltou ao castelo. Depois de mostrar suas habilidades a seu pai, o garoto estava muito feliz, pois pela primeira vez pôde sentir a admiração do rei. Isso fez seu coração se acalmar naquele dia.



A angústia de Vamcast

Dois dias após regressar de viagem, Vamcast acordou animado e foi até Mussafar pedir para cavalgar e conversar um pouco, afinal ainda não mostrara tudo o que aprendera e tinha tanto a falar para seu pai...

Mussafar naquele momento estava acompanhado por Destructor, jogavam xadrez e trocavam palavras confusas, não usavam línguas ocultas ou idiomas secretos, mas falavam a língua dos embriagados.

— Xeque-mate! — Gritou Destructor.

— Por Homandir! É um homem de muita sorte, Destructor!

— O senhor que é um rei generoso por me deixar vencer! Mate Pastor é uma jogada muito simples meu senhor: 1. P4R P4R 2. B4B C3BD 3. D5T C3B? 4. DxP7BR++

— Na próxima não darei outra chance! — O rei levou a mão direita e tocou o canecão, e tomou um gole demorado de cerveja.

Vamcast pedindo licença se aproximou:

— Pai, eu estava pensando se poderia cavalgar comigo. — Disse o garoto e foi direto, abordando Mussafar que estava de costas para ele e ocupado em uma jogada.

Esse menino era muito reservado e guardava a sua angústia no coração, nunca se abrindo com ninguém sobre seus problemas. Porém, infelizmente, quando o garoto resolveu conversar com o pai não recebeu a atenção que tanto queria e precisava.

— Filho, agora não será possível. Marquei com Destructor uma bebedeira, outro dia iremos...

Desapontado, o garoto saiu devagar, olhando para o chão enquanto falava baixinho:

— Outro dia, então. Tudo bem...

Aceitando o desprezo como sempre, Vamcast se dirigiu até a cozinha. Pegou uma fruta e, quando voltou viu Andor brincando com seu pai. Mussafar parou uma jogada e levou o filho ao colo, estava ali rindo com ele e mostrando as peças do xadrez.

Aproveitando esse momento, Destructor se levantou fingindo ir ao banheiro, passou por Vamcast e olhando para o rapaz começou a segui-lo. Como uma cobra se rastejando, o homem aproximou-se rapidamente. Colocando a mão sobre os lábios e dizendo baixinho em seus ouvidos:

— Ele é o preferido?

O pequeno elfo virou-se, correu para fora, pegou um cavalo e selou-o. Partiu sozinho rumo à mata. Tristonho, o menino deixava cair uma lágrima, irritado e triste resmungou baixinho:

— Para mim ele nunca dá atenção, mas com o Andor fica dando risadas, há... há...há... Que ódio! Eu sou uma droga, sou um bastardo inútil! — fechou os punhos e socou forte a cabeça.

Após cavalgar a certa distância, o rapaz parou perto do lago e com raiva, desceu de seu cavalo, desferindo golpes de espada com força nas plantas, fazendo-lhes cortes e destruindo-as.

De repente, foi surpreendido por uma moça de nome Marília, que se aproximou.

A menina olhando para o príncipe, levantou as mãos para o alto e, em seguida gritou com ele:

— Garoto! Por que está tão nervoso? Você está machucando a árvore.

Vamcast, se virou assustado, e percebendo que era uma garota, respondeu irritado:

— Quem é você? Vá embora, não lhe interessa!

A menina arregalou os olhos diante da falta de educação do garoto. Então respondeu a ele com uma voz baixa, sem querer afrontá-lo:

— Além de maluco é grosso. Qual o seu nome?

— Por que lhe interessa o meu nome?

Relevando a ignorância do menino, a moça respondeu, agora com voz leve:

— Meu nome é Marília, eu queria saber por que está tão nervoso, Vamcast?

Intrigado, o menino quis saber:

— Como sabe o meu nome?

— Quem não sabe o nome do príncipe? Outra coisa, suas roupas são da realeza, o seu cavalo também é da realeza.

Com um pequeno sorriso de maldade o jovem declarou:

— O que quer comigo? Estamos a sós aqui, já pensou se eu quisesse machucá-la?

Mostrando-se calma, a garota respondeu muito rapidamente:

— Não estamos sozinhos, a minha mãe e o meu pai são pescadores. Estão ali no barranco do riacho. E não tenho medo de você, sei me defender!

Sorrindo, o menino, já esquecido do ocorrido com o seu pai, se interessou pela conversa:

— Ha...ha...ha... Você é engraçada, mas não quero machucá-la, é uma garota!

— O que tem a ver? Só porque sou uma garota não sei me defender?

— Não quis dizer isso... — E voltou a sorrir.

Vendo a descontração do rapaz, a moça disse algumas palavras cheias de mimos:

— Você sorriu! Que bom! Fica muito bonito sorrindo.

Meio sem graça e envergonhado, o garoto desculpou-se:

— Hã? Obrigado, prazer em conhecê-la, Marília. Desculpe a minha arrogância, mas estou nervoso com alguém.

A moça, tentando entender, aproximou-se:

— Nossa! Realmente você está muito nervoso com essa pessoa. Converse comigo, posso ajudá-lo.

— Se conhecesse a família Destrus também estaria nervosa.

— Os Destrus? Sim conheço. O rei Mussafar e a rainha Zinza são os melhores governantes que essas terras poderiam ter. E outra coisa, seus pais são muito venerados por todos e suas histórias conhecidas no mundo todo!

— Histórias — resmungou o garoto — Sim e são histórias verdadeiras. Na verdade todos que narram essas histórias querem que achemos que são apenas fábulas, mas na verdade são fatos verdadeiros que ocorreram aqui. Mas, somos manipulados a esquecer e viver de passado.

— Hum, você fala como um príncipe, e é inteligente... Mas não acho que guerras sejam coisas boas que precisem retornar. — Respondeu a garota que tinha olhos azulados e lindos cabelos longos e avermelhados, rosto cheio e rosado, bochechas fofas com furinhos e um belo sorriso. Usava duas tranças de cada lado da cabeça. Vestia uma túnica que ia do pescoço aos tornozelos, por baixo usava uma camisa de linho de decote baixo e mangas curtas. A túnica era fechada com broches e fitas, na cintura um cinto de couro. Não desgrudava os olhos de Vamcast.

O menino, envergonhado e voltando a ficar reservado, afastou-se, tentando se despedir:

— Deixa assim, desculpa por minhas palavras sem sentido. Outro dia a gente conversa. Já vou indo, agora tenho que almoçar, amanhã eu voltarei... Você vai estar aqui?

— Sim, vou estar! Não tem problema eu gostei de conversar com você... A gente fica por uma semana aqui e depois vamos para casa. Pegamos alimentos toda semana para estocar.

Envergonhado, o menino montou em seu cavalo e, já sentado sobre a sela, disse:

— Tudo bem, adeus moça! Até amanhã, então.

Vamcast, foi embora já não vendo a hora de voltar a conversar com a moça que fora muito atenciosa com ele, além de ser muito bonita e corajosa. Naquele dia o menino escondeu que conhecera alguém, não comentando nada.

Ainda naquela noite, houve uma grande festa no castelo. Era aniversário de Andor e todos estavam reunidos para beber e comer. A festa estava repleta de nobres convidados, os mais ricos do norte de Esteros estavam ali. No interior do castelo a música promovia danças e risadas. Do lado de fora os nobres disputavam torneios medievais. Estes torneios eram espécies de jogos competitivos em que cavaleiros armados se enfrentavam entre si. Montados em cavalos, usando armaduras, lanças e escudos, estes cavaleiros lutavam para demonstrar suas habilidades como guerreiros. Mussafar era o regente e comandava as disputas.

Embora tivessem uma vida muito desgastante e sofrida, os camponeses também conseguiam arrumar tempo para a diversão e participavam do festão, não tinham a mesma igualdade de um nobre e podiam ficar somente do lado de fora. A dança e a música eram as principais formas de lazer entre os camponeses e as crianças brincavam de lutas e imitavam os cavaleiros que admiravam, com armas de brinquedos feitas de madeira.

Vamcast não gostava de festas, então ficava ali sem vontade. Pois tinha que cumprimentar um por um os amigos de Mussafar. Aqueles ricos para ele eram entediantes demais.

— Esse é o seu filho, o Vamcast? — Perguntou um dos convidados, fingindo dar-lhe atenção.

— Sim, viu como cresceu? — Respondeu Mussafar.

O homem o olhou dos pés à cabeça. Vamcast torceu o nariz, sabia que o homem fez o comentário por nada, apenas para jogar conversa fora.

O convidado retirou um copo de bebida das mãos do criado, esqueceu-se do menino e continuou a desfrutar a festa. Mussafar se aproximou, quando o homem se distanciou, disse-lhe:

— Tente ao menos parecer educado! — Partiu atrás do convidado.

— Não preciso ser falso se não quero! — Sussurrou Vamcast, em voz baixa...

Vamcast sabia que naquele lugar e com aquela gente, a falsidade e o interesse valiam mais do que a consideração. Aqueles ricos estavam ali somente pela bebida e comida, nenhum deles merecia o seu apego e consideração, ele os odiava com todo o seu coração. Em Naires, as festas nos castelos eram formas de demonstrar a riqueza e o poder do soberano. Quanto mais requintada fosse, mais se afirmaria o poderio de quem a produzia.

De volta, ao riacho

No outro dia, o menino acordou muito tarde. Mesmo cansado da noite que passara, rapidamente se vestiu e calçou os sapatos. Correu, montou em seu cavalo, mas quando chegou ao riacho a moça já havia partido.

Era o último dia de pesca e como havia sido farta, a família partira antes, levando a garota. O rapaz triste, quando se preparava para ir embora avistou um bilhete na árvore que machucara um dia antes. Desceu, pegou o bilhete e leu vagorosamente o que estava escrito:

Vamcast, meus pais tiveram que partir mais cedo, pois a pesca foi farta e a carne deve ser conservada. Adorei te conhecer, você é muito lindo. Espero que volte para poder me ver. Eu estarei aqui novamente em breve, beijos.

Com carinho: Marília Juniary.

O rapaz sorriu e voltou para o castelo, pois tinha prometido treinar com Destructor. Só não imaginava o que aquele homem tramava para ele.



O Leste

O fim da inocência

Em meio à floresta, Vamcast se mantinha ao lado de Destructor, caçavam animais e promoviam matanças. O uso de magias negras era frenético.

— Corre Destructor, avistei um cervo! — Disse o menino, seguindo o animal.

— Mate-o, use magia negra! — Ordenou o homem.

— Arectatrus! — Vamcast lançou a magia negra em forma de um vulto. O vulto lançado ao vento tomou forma e transformou-se em um espectro de longa túnica e cor escura. A criatura possuiu o animal, que se debateu no chão, o seu corpo foi consumido por vermes e podridão.

— Perfeito! — exclamou Destructor — É assim que deve fazer. — Completou.

— Vamos cavalgar? Quero apresentar-lhe alguns conhecidos. — Disse Destructor e montou o seu animal, sendo seguido por Vamcast.

Cavalgaram em meio à floresta, e depois seguiram alguns caminhos desconhecidos e passaram por cavernas e montanhas.

— É muito longe? — Perguntou o garoto.

— Não muito. — Disse o homem.

— Não conhecia esse lugar, onde estamos? — perguntou desconfiado.

— Estamos no leste, nas províncias dos anões. Esteros não é tão pequeno quanto pensa garoto. Existe um mundo grandioso a descobrir.

— É fabuloso! — Disse o menino.

Destructor parou próximo a um desfiladeiro de pedras. Caminhou por um pequeno corredor formado por rochas, sendo seguido pelo garoto. Depois de alguns passos observaram acampamentos e barracas enfileiradas. Havia fumaça e

fogueiras em vários locais, restos de comidas e animais abatidos jogados ao solo. Um cheiro ruim pairava no local.

— Grrr... Quem está aí? — perguntou uma voz rouca, que veio de uma das barracas.

— Sou eu, Destructor!

— Espere, estou saindo. — disse a voz.

A figura estremeceu a barraca de couro quando se levantou, caminhava para o lado de fora e ouvia-se grúidos e barulhos de metal se batendo. Quando revelou sua aparência grotesca e horrível, assustou Vamcast que arregalou os olhos e se escondeu atrás das costas de Destructor. Era um orc gordo e grande, um metro e oitenta. Sua pele levemente esverdeada, olhos enormes e esbugalhados, vestia calção de couro e camiseta cavada, um cinto de bronze circulava ao redor da pança e uma maça de pontas encurvadas pendurada na cintura. Tinha enormes caninos e o corpo coberto por músculos e escoriações.

— O que pretende vindo aqui? Quem é essa criatura que o segue? — perguntou o monstro.

— Saudações, meu general! Trouxe o menino a mando dos anciões. Pediram a mim para que os visitasse, para que partilhassem conosco as suas habilidades em guerra. O garoto que me segue demonstra interesse pela batalha, sonha com o poder e admira a sua espécie.

Naquele momento surgiram dos interiores das cavernas dezenas de criaturas, eram orcs de todas as idades e tamanhos. Todos vestidos em trapos e munidos de armas na cintura e costas. Juntaram-se à conversa e eram curiosos, rodeavam Vamcast e seu mentor. Assustavam-no com seus olhos aterrorizantes e pareciam famintos.

— É um elfo? — disse o general orc — Elfos não são bem-vindos aqui. Nós comemos elfos! — disse ele e puxou da cintura uma enorme maça dourada, confeccionada em bronze e com a ponta levemente dobrada.

— Esperem! — disse Destructor — se encostarem suas mãos no garoto, você general, pagará um preço alto. Pois como eu disse, ele é alvo dos anciões. O menino demonstra poderes sobrenaturais incontestáveis, é visto por eles como sucessor de Nalefis.

— Sucessor de Nalefis? Uhhhh...ha...ha...! Este bebê angelical não passa de um garotinho indefeso, é uma iguaria para o nosso paladar. — Disse o general.

Foi quando um orc jovem se aproximou, era menos poderoso do que o general, um metro e setenta, a pele esverdeada num tom forte, camiseta rasgada e um trapo enrolado da cintura até as pernas, um machado pendurado nas costas por uma cinta velha de couraça de lobo, era um jovem orc, mas mesmo assim, fisicamente muito maior do que Vamcast:

— Essa criaturinha está amedrontada... cheira bem, enche a minha boca de água. — disse ele e empurrava Vamcast para longe de Destructor. Batia as mãos em seu peito até tirá-lo de perto do eracicto.

Vamcast tinha olhos firmes, estava emburrado e o medo de outrora começava a desaparecer:

— Tire suas mãos nojentas de mim. — disse e endureceu o corpo. Levou sua mão direita à bainha e desembainhou sua espada.

— Está me ameaçando? — disse o orc entre berros e zombarias, chamando a atenção de todos que gargalhavam — essa criaturinha está me ameaçando?

O orc partiu em direção ao garoto, lançou seu machado de pontas duplas em direção a ele e desferiu um golpe de cima para baixo, com muita força. O garoto desviou-se para o lado esquerdo, deixou seu pé esquerdo como alavanca e desferiu uma rasteira na criatura, que caiu pesadamente ao solo. Raspando a face sobre o solo e ferindo-o, fazendo com que o sangue escorresse discretamente na face.

— Interessante... — Disse o general. E todas as demais criaturas se puseram a acompanhar com mais atenção aquela batalha.

— Seu elfo imundo, vai pagar caro por isso... — disse a criatura e se levantou novamente, estava com um sorriso macabro sobre a face e agora começava a rodeá-lo.

Vamcast se manteve em silêncio, estava focado no combate e esqueceu-se de todos a seu redor. Agora só tinha a criatura na mira, estava nervoso e pronto para matá-lo.

— Estou sentindo o sabor agradável de sua carne, seus ossos macios, seu sangue doce. Como esperei por esse banquete... — disse o monstro, e partiu para cima do elfo, lançou um ataque violento sobre ele e desta vez segurou a machadinha com as duas mãos. Lançava o peso do corpo e batia cada vez mais forte. Vamcast defendia e caminhava para trás, as faíscas saltavam das armas e os gritos das demais criaturas formavam um cântico de berros e gruídos assombrosos.

— Então, esse é o sucessor de Nalefis? Oh, grande rei, desculpe-me por minha arrogância em não reconhecê-lo, poupe a minha vida poderoso rei dos orcs. — Dizia a criatura rodeando o garoto, estava zombando dele, desequilibrava o seu lado emocional. Parecia não querer apenas matá-lo, mas sim humilhá-lo.

Vamcast não respondia nada, estava sério e focado nos movimentos da criatura, caminhava em passos curtos e parecia esperar o momento certo para feri-lo. Foi quando o orc lançou-se contra ele novamente, desferiu um golpe reto, na altura de seu rosto. Vamcast aproveitou o momento e rodopiou ao solo, lançou o seu corpo à frente e cravou sua lâmina no peito da criatura, o sangue espirrou como um esguicho e a lâmina varou nas costas. O orc lançou um gruído de dor, lançou sua arma ao solo e apalpou o ferimento, mas o pequeno elfo não concedeu a ele nenhuma chance. Lançou seu braço à frente e decepou-lhe a cabeça num golpe vigoroso, que estilhaçou os ossos e promoveu uma chuva de sangue. A cabeça rolou ao chão e mesmo morto ficara com olhos arregalados e boca aberta.

— Intrigante! — Disse o general, e caminhou em direção ao garoto — qual é o seu nome, garoto? — Perguntou.

— Vamcast! — Disse ele — O impiedoso! — Completou.

— Vamcast, o impiedoso... — murmurou em voz baixa — Aplaudam Vamcast, o impiedoso!!! — Gritou em voz alta e chamou a atenção de todos os demais animais no local.

E ali, o pequeno elfo foi aceito, demonstrou a todos a sua capacidade, o seu desejo por sangue. Naquele dia acompanhou as batalhas travadas pelas criaturas, participou de uma caça em conjunto, assistiu dilacerarem a carne dos animais. Fartou-se ao lado deles e participou das batalhas que travaram próximo às fogueiras. Foi quando Vamcast teve certeza de que nascera para se tornar um grande guerreiro. Tinha gosto pelas batalhas, anseio por vitória. Enfim, dava ali o seu primeiro passo para se tornar um animal, um assassino impiedoso e faminto. Esse era apenas o começo de uma era obscura que estaria por vir...

Acabou-se aquele dia, e os dias seguintes foram marcados por treinamentos intensos e matanças de animais e plantas inofensivas. O menino, seduzido por tanto poder, esqueceu a promessa que fizera à Marília, não indo mais ao riacho. Sendo treinado por Destructor estava cada dia mais forte, já destruindo vidas sem piedade.

O homem maligno escolhia sempre treinos maldosos que ceifava vidas de alguma espécie de animal e plantas inofensivas. Seu esforço para corromper o coração do garoto estava dando certo, afinal o menino estava cada dia mais

rebelde. O rapaz outrora humilde e prestativo estava agora arrogante e autoconfiante, em excesso.

A cada dia que se passava as suas habilidades aumentavam mais e mais. O garoto mentia para seus pais que estava aprendendo magias de curas, que estava fazendo trabalho de jardinagens com Destructor, que por sua vez o encobria.

O segundo encontro com Marília

Vamcast, mesmo com a mente bastante abalada por tantos acontecimentos inesperados, ainda se lembrava de Marília. A bela moça mexera com o coração do menino, que enquanto esperava por Destructor resolveu ir ao riacho encontrá-la.

Vamcast partiu, o eracicto chegou e não viu o menino, então imaginou que havia algo entre ele e o rapaz. O que estivesse desviando sua atenção deveria ser combatido de um jeito ou de outro.

O príncipe, quando chegou ao riacho, ficou feliz por de longe avistar a moça que já estava com saudades. Afinal, já havia decorrido quase uma semana, e quando o menino se aproximou Marília o recebeu com um sorriso grandioso e uma felicidade sem igual.

Com os olhos brilhando de felicidade e a voz trêmula, cumprimentou o rapaz:

— Oi. Até que enfim veio me ver, hein moço?

Sendo abordado rapidamente, o rapaz levou as mãos à cabeça e, sem graça, disse:

— Olá, eu estava querendo vir, mas estava... estava...

Cortando o clima de timidez, a moça aproximou-se mais do rapaz, puxando-o pelas mãos e logo o chamando para conhecer a sua família:

— Não, tudo bem... Não precisa se explicar. Venha aqui, irei apresentar-te à minha mãe e ao meu pai.

Pegando a mão do rapaz, levou-o até o riacho e, chamando sua mãe disse entusiasmada:

— Venha conhecer o meu amigo, é o príncipe.

A mulher de imediato reconheceu o garoto: Fez reverência e disse:

— Nossa! Como vai alteza? Tudo bem? Marido venha cá, a Marília conheceu o filho do rei, venha ver, corre...

O senhor o tratou com atenção e respeito, afinal ele era o príncipe, fez reverência, cumprimentou-o e ofereceu-lhe algo para beber:

— Tudo bem, rapaz? Prazer em conhecê-lo, seja bem-vindo. Quer tomar uma água ou um chá?

Vamcast envergonhado balançou a cabeça dizendo que não queria, e mostrando-se atencioso, respondeu:

— O prazer é meu. Mas não, obrigado! Deixe o chá para outro dia...

Marília, segurando a mão do menino e pretendendo levá-lo para a árvore do antigo encontro:

— Mãe vou mostrar uma coisa para o Vamcast, já volto.

— Pode ir, mas volte logo, vamos embora mais cedo hoje.

A moça levou Vamcast até a árvore e tapando-lhe os olhos beijou seus lábios levemente.

Ele assustado abriu os olhos, ela continuava com sua boca na dele, seus olhos estavam fechados e demonstrava prazer e afeto. O garoto estremeceu dos pés à cabeça, ficou mole e deixou que ela o conduzisse.

— O que foi? — Perguntou ela, pois ele estava a encarando com ar de assustado e ainda estava trêmulo.

— Nada... Eu...

— Você viu? — perguntou ela.

— O que? Falou ele, sem entender a que ela se referia.

— O que fiz para você! — ela apontou para a árvore e tinha um coração e dentro o nome de Marília e Vamcast.

— Hã, ficou muito legal e...

— Você está com vergonha?

— Não! Tô nada... É que...

Ela pegou sua mão direita, depois a esquerda, levou próximo ao rosto, e olhando para ele fixamente, disse:

— Vamcast, seja o que for que o esteja preocupando e fazendo chorar, não fique nervoso, eu tenho certeza de que toda a sua família o ama.

Com um ar sério, o jovem agradeceu:

— Obrigado pelas suas palavras. Estou melhor agora. Na verdade o que me deixa triste são meus pais, eles exigem muito de mim, já com o meu irmão nada! Tratam-no como um bebê, deixando-o fazer de tudo e isso me deixa irritado!

Ela riu discretamente.

— Um irmão caçula! Mas, tudo bem, tenho certeza que eles fazem isso para o seu bem, pois te amam.

O menino, ainda envergonhado com a situação agradeceu as palavras de consolo recebidas:

— É, pode ser... Obrigado de novo por ter paciência comigo! Vamos passear a cavalo?

A garota, mesmo um pouco amedrontada aceitou:

— Certo... Tenho medo, mas confio em você.

Ele montou e puxou-a pela mão, após se sentar no animal ela o abraçou forte e levou seu rosto por cima dos ombros dele.

— Vamos! — Ele bateu as esporas no animal e cavalgaram.

— Uhu...! — Ela deixou que o vento tocasse seus cabelos, fechou os olhos e sentiu o cheiro das rosas.

— Está gostando?

— É muito bom!!! — ela falava gritando.

— Você nunca cavalgou antes?

— Não!!! — Tenho medo... — Gritou ela e estava cheia de adrenalina.

— Nossa! Nem parece. — Disse ele, mentindo. E ela o segurava firme e se entregava ao momento, estava feliz e realmente se divertindo.

Vamcast parou perto de um pequeno riacho onde as cachoeiras se derramam ao mar. O lugar era lindo e o arco - íris de várias cores cortava de um lado ao outro.

— É tão lindo e misterioso. — Disse ela.

— Também acho... — Aquelas cores são muito bonitas e parecem que foram pintadas à mão, como pode existir algo assim?

— O arco-íris? — ela sorriu para ele — eu estava falando do mar, é lindo e misterioso, fico imaginando... O que terá lá no final?

— O mar? — ele ficou pensativo — Se tiver um fim deve levar a outro mundo.

— Outro mundo? Talvez um lugar secreto e misterioso?! — Falou ela e ficou maravilhada.

Ele olhou para ela discretamente, não é que essa garota era parecida com ele? Vamcast nunca se interessara por uma garota, para ele eram chatas e misteriosas demais, mas aquela menina era diferente: era inteligente, direta, centrada e não pensava antes de fazer algo. Realmente, ele estava gostando dela.

Marília se aproximou mais a ele e tocou suas mãos vagarosamente, ele deixou que ela o tocasse.

— Um dia quero conhecer outro mundo, dizem que jamais alguém retornou dos mares... Não acredito que não voltaram porque morreram. Acho que gostaram tanto de lá que resolveram morar naquele lugar.

— Hum, — ele ficou olhando para o infinito — Minha mãe disse que existem outros mundos, onde toda a nossa família está nos esperando. Eu acredito nisso!

— Você é tão... Especial! — disse ela o encarando.

Vamcast sorriu sem olhar para ela, o vento soprava seus cabelos e sua face angelical causava sensações de amor na garota, sua adrenalina subia e seus olhos ficaram pequenos, ele era tão bonito e misterioso. *“Teus olhos têm uma cor e uma expressão tão divina, tão misteriosa e triste”*, pensou ela e permaneceu olhando-o.

Os dois passearam a tarde toda, trocando carinhos e elogios. Mas, enquanto Vamcast se divertia, o homem maligno o observava. Destructor seguiu as pegadas do cavalo, e quando o avistou com a moça ficou nervoso. Tratando imediatamente de pensar como faria para tirá-la da vida de Vamcast:

— Eu sabia que havia algo errado! Uma garota poderá pôr tudo a perder, vou ter que tomar uma providência.

Vamcast esteve ali por três horas, perdeu o horário do almoço e a noção do tempo. O tempo todo foi seguido por Destructor, que prestou atenção onde estavam

e os vigiou, se mantinha escondido entre os arbustos. Ele os vigiou e aguardou que o príncipe partisse. Quando Vamcast foi embora, o eracicto pensou e se decidiu: tomaria uma providência. Iria pôr fim naquele romance.

Tirando atenção do homem, o eracicto se aproximou:

— Olá, pescador, como foi sua pesca hoje?

O humilde homem respondeu com algumas palavras desatentas:

— Foi muito boa! Hoje os deuses me abençoaram.

— Que bom! Mas aquelas são sua esposa e filha?

Retirando um peixe da rede, o homem comentou com felicidade:

— Sim, são as minhas maiores riquezas.

Enquanto Destructor puxava conversa com o pai da moça, a mãe distraída preparava a refeição. Mas, Marília percebeu a situação e a achou estranha, pois aquele homem não parecia boa pessoa. Então, focou a vista sobre ele, à espreita atrás de uma árvore.

Destructor, dizendo que já ia partir virou-se de costas e, de repente sacou a sua espada e atacou o pobre pescador, atravessando-lhe o coração. Matando-o instantaneamente. A moça se assustou e tentou correr, mas o eracicto, percebendo, correu até a menina, quando sua mãe saía da cabana a matou também, abrindo-lhe um corte no abdômen.

— Por que? — Perguntou ela, chorando, e sendo encurralada pelo homem.

— Você não deveria ter atravessado o meu caminho.

— Não fiz nada! — Disse ela e continuou caminhando para trás.

— A matarei antes que faça!

Sem saída, Marília correu até ao barranco próximo ao rio, foi seguida pelo homem disposto a matá-la, e quando chegou ao precipício, sem saída, pulou. O eracicto já estava preparado para feri-la, mas Marília, arrastada pela correnteza sumiu rio abaixo, sendo levada em direção ao mar. Destructor imaginando que a moça morrera, guardou sua espada e foi embora.

A notícia da morte dos pescadores chegou a todas as cidades do norte de Esteros. Também aos ouvidos de Vamcast, que ficou furioso com a suposta morte, mas nada podia fazer, pois não sabia o que houve e quem fora o responsável. Destructor mostrando-se preocupado acalmou o rapaz, dizendo-lhe que sossegasse e pensasse nos treinos para assim se vingar.

O Leste

Batalha à meia noite

Numa noite escura, quando as estrelas não brilhavam nos céus, Destructor esperou que todos adormecessem. Caminhou apressadamente e subiu as escadas, entrou no quarto dos meninos sem fazer barulho. Parou próximo a Vamcast e baixinho, sussurrou:

— Vamcast... Está acordado...?!

— Hã? — O menino estava adormecido.

— Sou eu, Destructor...

— O que foi?

— Venha comigo, meus amigos aguardam por nós.

Vamcast acordou meio confuso, calçou as botas e vestiu uma camisa de malha e longas mangas. Caminhou até uma velha cômoda e retirou a espada, puxou um retalho de seda e amarrou os cabelos.

— Vamos! — Disse, após despertar.

Desceram as escadas em silêncio, foram pelos esgotos e muniram-se de uma pequena embarcação. Desceram o riacho, logo na primeira margem havia dois cavalos selados, que na manhã daquele dia foram deixados ali por Destructor.

Quando montaram os cavalos, o garoto perguntou:

— Aonde vamos?

— Visitaremos os nossos amigos, os orcs. Essa noite participaremos de uma batalha e lutaremos ao lado de nossos amigos.

— Uma batalha de verdade? — Perguntou o garoto, interessado na aventura.

— Isso! Uma batalha contra inimigos de verdade!

Cruzaram pelos mesmos desfiladeiros e fizeram o mesmo caminho, mas no final, entretanto, entraram numa caverna estreita e iluminada timidamente por pequenos archotes. Caminharam cerca de duzentos metros e fizeram caminhos alternativos, seguindo pela direita e esquerda. Ao longe, avistaram uma grande fogueira e um cerrado de árvores mistas, era um lugar envolto por escuridão, e somente a luz da fogueira cedia-lhes pouca visibilidade.

— Está diferente... Disse Vamcast.

— Desta vez entramos em outra caverna... Orcs são especialistas em criar passagens secretas e portais para outras localidades.

A fogueira queimava em brasa ardente, havia ao redor oito orcs, um deles era o grande general de caninos avantajados. Trajava uma armadura forjada em ferro e brasa, no peitoral uma proteção que lhe definia os músculos até o abdômen, nas pernas proteções para coxa e panturrilhas, tinha também proteções nos ombros e punhos. O capacete de bárbaro era fechado na parte do crânio e com proteções no pescoço e orelhas, deixando apenas os olhos esbugalhados e a narina avantajada à mostra. As criaturas estavam armadas por lanças e escudos, todos vestidos para a guerra, e além de lanças carregavam espada nas bainhas.

— Demorou muito, eracicto! — falou o general.

— Precisei esperar que dormissem. — respondeu Destructor.

— Aproximem-se... — disse o orc.

Vamcast não estava se sentindo à vontade ali, era um menino malicioso e que via maldade em tudo, em todos, não importava o que Destructor dizia, para ele aquelas pessoas eram ruins e traiçoeiras, só o respeitariam se tivessem medo dele.

A lei do mais forte não era apenas uma teoria para um príncipe acostumado a viver com narrativas de conquistas e glórias.

— Estamos preparados para segui-los em combate! — Falou o eracicto.

— Fique calado! — respondeu o orc.

Naquele momento um orc surgiu do interior de uma caverna, se aproximou do general e cochichou algo em seus ouvidos.

O general usou um idioma confuso e em voz alta incitou as criaturas, que em berros levantaram suas lanças.

— O que está acontecendo? — perguntou Destructor e estava inquieto.

— Afaste-se! — bateu as mãos no peito do eracicto e o lançou para trás — Serei eu contra ele! — e apontou em direção a Vamcast.

— Não! Ele não lutará, ainda não está preparado... Viemos aqui invadir uma aldeia e saquear casas. Ele não lutará! Os anciões não permitiram isso.

— A ordem veio dos anciões, se ele não lutar, você lutará no lugar dele.

Destructor caminhou para trás e ficou ao lado de Vamcast. O general se aproximou e muniu-se de uma espada longa e enferrujada. A lâmina continha um corte grosso e sua ponta era quadrada e curva, simulando uma foice.

— Saque sua espada, ou morra desarmado!

Vamcast caminhou à frente e irritado, murmurou:

— Eu lutarei!

O orc se aproximou do garoto, sorriu com ar de malícia e disse-lhe:

— Me dê sua espada!

— Por que quer minha espada?

— Lute com uma arma de verdade, um guerreiro não luta com espeto.

Vamcast desembainhou a espada e entregou na mão da criatura. Era pequena e pouco afiada. A lâmina ficara pequena na mão do orc, então ele forçou seus músculos contra uma árvore seca e de poucas folhagens, lançou a espada, que ficou cravada no tronco.

O orc firmou seu punho à frente e deixou a lâmina próxima ao couro cabeludo do garoto.

— Medo da morte eu suponho que não tem... Será um desperdício sacrificar tamanho talento, entretanto só existe lugar para um único general nesse exército...

O orc forçou a espada e cortou a fita que prendia os cabelos de Vamcast, nesse momento, outra criatura lançou uma espada e um escudo próximo a ele.

— Vamcast se abaixou e apalpou o enorme escudo e a longa espada, no entanto, mal conseguia empunhá-la, e nem mesmo caminhar era uma tarefa fácil.

— Basta! — Destructor tomou a frente. — Eu mesmo lutarei.

— Velho imbecil, se morrer ele também morrerá, eu mesmo o matarei.

Destructor caminhou até o garoto, abaixou e em voz baixa comentou:

— Se eu cair... fuja... Corra e faça o mesmo caminho de volta. — virou-se e forçou o calcanhar contra o solo, elevou o bastão à frente e se preparou para o combate.

Os orcs urravam e levantaram suas lanças ao alto. Vamcast lançou aquela lâmina ao solo e caminhou até a árvore, fez muita força e conseguiu retirar a sua pequena espada. Ficou ali, próximo às demais criaturas. Esteve pensativo, não estava amedrontado, pelo contrário, tinha a maldade nos olhos. Fugir estava fora de questão, matar era a melhor saída e se morresse ali, morreria lutando.

A criatura elevou o escudo à frente e manteve-se em posição de defesa, lançou a espada na mão direita, deixou que tocasse o solo, timidamente. Caminhava em direções aleatórias, era um estrategista e pretendia confundir o inimigo, mas antes de iniciar o combate, declarou:

— Nunca gostei de ti, para mim é apenas um covarde e oportunista! Provarei aos mestres que sou digno de respeito e que posso comandar esse povo em combate... Ninguém tomará o meu posto!

De fato, Destructor estava intimidado com as palavras da criatura. Seus olhos e sua postura denunciavam o seu pavor, ele contemplava os inimigos e a todo momento parecia querer fugir, estava ali apenas como um moribundo sem opções, pois mesmo sendo um covarde sabia que se Vamcast morresse ali e se retornasse sem o filho de Mussafar, seu castigo seria ainda mais funesto.

O orc estufou o peitoral e partiu em direção a Destructor, lançou um ataque rodado que resvalou seu ombro direito. Destructor desviou o bastante para que se safasse daquele ataque que poderia ter arrancado seu braço facilmente. O orc curvando o corpo, ao seu lado esquerdo, desferiu dois ataques retos e o eracicto

elevou o bastão na altura de seu rosto, defendeu com as duas mãos e usou a arma como receptor de impacto.

Destructor aproveitou o momento e contra atacou, ferindo o joelho esquerdo do orc com a ponta do bastão, em seguida elevou o tronco à frente e golpeou o queixo do inimigo, o impacto lançou a criatura para trás e o capacete ao solo.

Naquele momento, Vamcast vibrou e moveu os olhos como se tivesse participando do combate.

— Tu és uma cobra escorregadia! — o orc limpou o sangue que escorria do canto de sua boca.

Destructor continuou firme e de olhos focados no inimigo.

O orc soltou a lâmina ao solo e fez posição de combate.

— Não preciso de espada, o matarei com meus próprios punhos.

O general pisou quatro passos à frente, e parou próximo ao eracicto, elevou os punhos próximos ao queixo e fez posição de luta. Destructor segurou firme o bastão. O orc desferiu um soco reto com a mão direita, um cruzado com a esquerda. Destructor saltou para trás e voltou a mirar o queixo da criatura, entretanto desta vez o orc *telegrafou* o ataque e apalpou o bastão, o arrancou de suas mãos.

— Sem armas! — disse a criatura e lançou o bastão longe de si.

— Não há necessidade de batalharmos... Não somos inimigos!

— Um orc não tem aliados... Cada um desses orcs presentes aqui é uma ameaça a mim, matarei quem for preciso para manter o meu posto.

O general lançou o corpo à frente e golpeou Destructor, elevou seu punho direito pesadamente e acertou-lhe um soco na face que quebrou-lhe o nariz. Aproveitando-se da situação, pois o eracicto estava tonto, a criatura apalpou a cabeça de Destructor com as duas mãos e usando a própria cabeça desferiu-lhe um golpe, uma cabeçada violenta, o impacto foi intenso, algo pior que uma tijolada. Destructor ficou totalmente atordoado. Por último, o general agarrou-o pela garganta e baixou seu corpo, ficando curvo, com as duas mãos apertou-lhe a garganta. Estrangulava-o lentamente, enquanto olhava dentro de seus olhos e mantinha um sorriso macabro na face.

— Não passa de um verme! É frouxo e desprezível, não merece o respeito dos mestres...

Naquele momento, Vamcast estava inquieto, seus olhos ficaram trêmulos e sua boca seca. Seu instinto ordenava para que tomasse uma decisão, não poderia fugir, não... Ele não fugiria...

Vamcast retirou sua pequena espada e correu... Correu o mais rápido que pôde. Quando estava a um metro de distância, forçou seus calcanhares e ganhou impulso, dobrou os joelhos e lançou seu corpo aos ares, saltou sobre as costas do orc e ainda no alto, firmou as duas mãos no punho da espada, cravou-a sobre a espinha da criatura com muita força. O orc exalou um gruído agudo, libertou Destructor, mas antes que conseguisse raciocinar, Vamcast deslizou a lâmina lentamente de cima para baixo, rasgou um corte profundo e destroçou a espinha da criatura, o sangue jorrou e os ossos foram estilhaçados, teve as vértebras dilaceradas e a medula espinhal partida ao meio.

Quando Vamcast tocou o solo novamente, seu rosto estava coberto por sangue, seus cabelos embaraçados e nas pontas os respingos deslizavam sobre todo o couro cabeludo, com sua aparência de fúria exibia olhos rígidos e a face dura e tenebrosa. A carcaça do inimigo estava sobre seus pés, aberta em duas bandas, e coberta por sangue e pele remoída.

Destructor continuava sentado e observou todo o ocorrido.

Os demais orcs se mantiveram estáticos, com seus olhos arregalados e confusos. Até que um deles gritou:

— Matem-nos!!!

As criaturas partiram para poder matá-los, Destructor estava muito ferido e levantando-se caminhou, se escondeu sob a guarda de Vamcast. Quando o elfo se preparou para lutar, olhos como chamas emergiam em meio ao escuro. Eram centenas deles...

— Espere...! — disse uma voz rouca e abafada.

Todos pararam e uma figura se formou, caminhava lentamente em direção ao elfo.

— Matou nosso general... — Disse a criatura.

O menino franzino ficou mudo, não tinha nenhuma resposta e não sabia quem mais precisaria matar, entretanto ele mataria quem fosse. Não haveria alternativa, não temia por sua vida.

— Na lei dos orcs... Quem mata um general em um combate territorial, tem o privilégio de reclamar seu posto. Torne-se nosso general ou torne-se nosso inimigo... Só existem duas opções. — A criatura elevou a mão direita e fez sinal, mostrando-lhe um gesto e dois dedos abertos, como um V.

Destructor ficou surpreso, tudo era um teste, uma batalha por supremacia e sobrevivência do mais forte. Vamcast passara com louvor pelo teste e mostrou sua fúria e reação em combate. Ele matara o orc mais poderoso depois de Nalefis, enfim Destructor provara que tinha razão quanto a sua escolha.

— Ele aceita, Vamcast será o general. — Disse Destructor tomando a frente.

— Você não fala por ele... — explicou a criatura, apontando-lhe o dedo indicador sobre a face.

Vamcast ficou aéreo, pensativo. “E agora? O que faria?”

— Eu aceito... — disse ele e contemplou todo o lugar, o escuro encobria as folhagens das árvores, a fogueira queimava em escassez. O vento soprava em ruídos e assobios sinistros, os corvos crocitavam como se cantassem uma canção macabra saída de um filme de terror. Todos estavam ali o observando, todos esperam por aquela resposta.

— Todavia, preciso voltar à minha casa, deverão aguardar o meu retorno... — completou, secamente.

— Darei dez dias, caso não retorne, seu posto será ofertado a outro e não mais terá uma segunda oportunidade...

Vamcast guardou a lâmina na bainha, caminhou até Destructor e o ajudou a caminhar. Não proferiu uma única palavra, já provara sua capacidade, agora tinha uma escolha a fazer...

Quando retornaram, o sol estava nascendo e um novo dia surgia. O movimento frente ao castelo começara e aldeões e soldados preparavam seus afazeres. Destructor estava ferido e sendo carregado. Já Vamcast estava preocupado e confuso.

— Os guardas estão alertas e entrar pelo portão da frente não é uma boa opção. — Disse o eracicto sendo carregado.

— Faremos o mesmo caminho, pelo rio?

— Não poderei ajudá-lo a remar, estou todo dolorido.

— Darei um jeito.

Caminharam até a embarcação, Vamcast colocou Destructor no barco e apoderou-se dos remos. Então o menino remou até conseguir alcançar os esgotos. Retirou-se da embarcação e baixando, apalpou os ombros do eracicto. Subiu com ele até as escadas, escondiam-se até que passaram pelos criados. Quando haviam subido metade das escadarias que levavam aos quartos, Destructor se soltou do menino e deixou seu corpo cair escada abaixo.

O homem rolou e soltou um grito agudo e alarmoso, acordando o rei e sua rainha.

— Por que fez isso? — Vamcast se aproximou e tentou ajudá-lo.

— O que está acontecendo? — Mussafar surgiu na escadaria e estava confuso. — O que fez com ele, seu moleque?!

— Espere! — disse Destructor — ele não fez nada, escorreguei e cai... Vamcast está me ajudando.

Vamcast olhou para Destructor e para Mussafar, naquele momento todos os criados, a rainha e Andor estavam ali. O pequeno elfo não respondeu nada e fechou a cara. Subiu as escadas e se trancou no quarto.

Destructor fizera aquilo pra disfarçar seus ferimentos, de fato, era uma cobra traiçoeira e escorregadia...



O Norte

O teste final

Decorridos três dias, Vamcast estava enfurecido e emburrado. Aquele fardo ofertado a ele era algo pesado e era difícil a decisão. Ele queria se tornar um general, aquela era a chance com a qual sempre sonhou. A dura decisão o atormentava. Deixar aquele castelo para ele seria algo fácil se não fosse por sua mãe, somente ela o segurava ali, o resto para ele não tinha valor algum, somando-se a isso seu irmão se distanciara desde que se uniu a Angel, seu pai nunca lhe deu atenção, e Destructor esteve distante naqueles dias em que se encontrava ferido.

Naquele dia, Vamcast ficou nervoso com a mãe porque não achava sua espada. Zinza havia guardado a espada porque estava irritada, já que o rapaz nem comia direito. Só pensava em treinar. A rainha também agia erradamente evitando aborrecer-se com o primogênito.

Irritado e inquieto, o garoto empurrou a cadeira com os pés, enquanto demonstrava impaciência:

— Não devem mexer em minhas coisas, odeio isso!

Tentando não se irritar com o garoto, a rainha conversava com ele demonstrando carinho:

— Filho, você não se alimenta direito, deve comer senão pode ficar doente.

— Não! Não estou com vontade, devolva-me logo minha espada!

Isso logo chamou a atenção do rei que estava caminhando pelos cômodos do castelo.

— Respeite sua mãe, seu moleque! Vá logo para a mesa, antes que o faça ir à força.

Mussafar mostrava rigidez com o rapaz, por isso Vamcast foi imediatamente se alimentar, e apesar de estar ainda muito impaciente não queria dar satisfação a ninguém. Obedecendo a seu pai, alimentou-se e deitou sobre a cadeira. Esperava Destructor, que ao sair lhe prometera uma surpresa.

A primeira invocação

Destructor vendo uma chance, foi visitar novamente os orcs anciões. Chegando lá contou que o menino já matava sem piedade e que já estava preparado para um poder ainda maior. Era preciso um xeque – mate e deveriam convencê-lo de uma vez por todas.

O orc, aceitando a observação de Destructor entrou devagar na caverna e voltou com um objeto nas mãos. Uma pedra poderosa similar a um olho gigante, chamado olho do demônio. Essa pedra era usada para invocar três criaturas malignas que tinham a habilidade de estripar os seus inimigos com lâminas afiadíssimas.

Os seres eram similares a mortos-vivos, usavam trapos e se movimentavam com velocidade sobre-humana, mas se o homem que os invocasse não tivesse realmente um poder supremo e um coração maligno, seria estripado e morto imediatamente à invocação.

Aproximando-se de Destructor, a criatura de aparência putrefata disse-lhe algumas palavras:

— Você deverá entregar esta pedra ao seu aprendiz. Mas já aviso, caso não consiga o controle dos guardiões será morto sem piedade. Se estiver perto, também morrerá.

— Creio nas habilidades do rapaz, ele conseguirá dominá-los...

— Para o seu bem, espero que esteja certo.

Aparentando medo, Destructor aceitou a pedra e a guardou em uma espécie de saco. Pretendia entregá-la a Vamcast. Ele tinha certeza de que Vamcast era muito poderoso e que essa era a chance de provar a maldade e a força do rapaz. Teria que arriscar a vida junto a do seu discípulo do mal, para só assim ter seus planos concretizados.

— Obrigado, mestres! — Destructor jogou a sua capa para o seu lado esquerdo, virou o corpo e caminhou até a saída.

— Espere! — Advertiu o Xamã — Ouça meu conselho, não fique próximo quando os monstros surgirem. — Completou.

Destructor partiu e não escutou as últimas palavras da criatura.

Ao retornar, foi rapidamente falar com o garoto, chamando-o para fora.

— Zinza, deixa-o me acompanhar? Preciso que ele me ajude nos jardins.

— Leve-o com você, Destructor, dê também conselhos a ele porque esse menino ultimamente anda muito rebelde.

— Certamente, senhora! Vamos, Vamcast. — Respondeu.

No caminho, seguiu contando que lhe trouxera algo.

— Tenho um presente para você, Vamcast. Trata-se da pedra das invocações. Essa pedra tem um poder enorme e é conhecida também como a pedra dos guardiões, seres extremamente poderosos que lutarão ao comando de quem os libertar. Tenho certeza que será você! Depois que adquirir este poder, ninguém poderá mais desafiá-lo. Quem quer que seja fará o que você mandar e será o seu escravo. Aceite este presente, meu aprendiz.

— Como podemos usar a pedra? — Perguntou o garoto, estava debruçado sobre ela.

— Devemos seguir os procedimentos, a invocação acontece a partir do momento em que você soletrar a frase escrita nas laterais da pedra.

— Posso ler agora? — Era uma pedra redonda na parte superior e achatada dos lados, com vários escritos na língua dos anjos e lia-se: “*O pacto*”, no idioma esteriano lia-se: “*As amarras se destravarão e sangue derramarás*”.

— Não agora, precisamos achar um lugar mais reservado... — Disse Destructor, e deixou o objeto nas mãos do rapaz.

O rapaz aceitou a pedra, em seguida caminhou para o celeiro do castelo, para assim preparar a invocação dos guardiões. Já com a pedra nas mãos, Vamcast, confiante, não poderia mais esperar:

— Este poder será meu, Destructor! Irei mostrar a meu pai a minha força, serei mais poderoso do que ele um dia... *até o grande rei Mussafar se curvará perante mim!*

O local era um estábulo construído em madeira e pedras, usado para criação de cavalos e outros animais domésticos. No lugar havia bebedouros para os cavalos e celas penduradas nas paredes, capim seco forrado no chão e no telhado. Os currais internos abrigavam um a dois cavalos, todos os currais eram cercados por tábuas. O lugar era escuro e tinha cheiro de estrume e muitos mosquitos. Uma mesa de madeira, em formato redondo, ficava no centro, estava forrada por ferraduras e pregos.

Preparando a invocação, a pedra foi colocada sobre a mesa. Destructor disse ao garoto que chamasse os guardiões com as seguintes palavras, ditas no idioma esteriano: “*As amarras se destravarão e sangue derramarás*”.

O menino o fez, e o ambiente ficou escuro e sombrio, eles começaram a brotar da terra. A pedra, por sua vez, foi em direção ao chão e explodiu, formando-se então um desenho similar a uma cruz com sangue, fogo e raios. Uma aura negra envolvia as três criaturas sombrias.

Os monstros foram invocados, emergiam lentamente e suas cabeças eram cobertas por faixas e ataduras, seus olhos avermelhados como chamas, expostos por pequenos orifícios entre as ataduras, o nariz e boca continuavam cobertos e não tinham respiração. Os corpos eram todos cobertos por uma manta negra em trapos, eram criaturas altas, dois metros de altura, eram magras e seus corpos leves como o vento, não tocavam o chão ao caminhar e pareciam flutuar. Ao serem invocadas, as criaturas abriram os olhos ao mesmo tempo e, olhando para os lados, viram Destructor. Aqueles olhos avermelhados e aterrorizantes assustaram o eracicto. O homem tentou correr, mas o chão estremeceu, enquanto Vamcast tentou segurar-se para não cair. Os monstros, vendo o medo dominar aquele homem, deram gritos horripilantes e foram de encontro a ele, para matá-lo.

Com gestos rápidos, os monstros sacaram as suas espadas, e como vultos negros, movimentaram-se rapidamente. Quando estavam a um passo de matar Destructor, o menino gritou alto e com voz firme:

— Venham a mim. Deixem-no, fui eu quem chamou vocês.

Os monstros, interrompidos por aquele grito, olharam para trás, e se voltaram para Vamcast com suas espadas. Foram com velocidade sobrenatural contra o elfo. O rapaz, apesar de estar apavorado gritou novamente:

— Parem! Eu sou o seu manipulador!

O elfo estava com sua espada em punho, envolto em uma aura sombria. Seus olhos estavam enormes e muito arregalados, suas veias do pescoço estufadas e seus cabelos sendo jogados para o alto. Suas roupas flutuavam e seu punho esquerdo fechado, como se estivesse furioso. Os monstros, já perto do rapaz, abaixaram-se devagar, baixaram suas armas e guardaram-nas. Em seguida, respeitosamente se ajoelharam diante do jovem.

Um dos monstros pegou a mão de Vamcast, colocando em um de seus dedos um anel. Aquele seria um símbolo da aliança entre os guardiões e o rapaz, de modo que nunca mais poderiam se separar, a menos que o elfo fosse aniquilado.

— Eu os dominei, Destructor! — Disse o elfo e sorria, enquanto as criaturas permaneciam ajoelhadas aos seus pés.

— Fantástico! Eu sabia que seria capaz... — Destructor, desabafando, ergueu a sua cabeça para o alto, começando a dar risadas. Sabia que finalmente descobrira o verdadeiro senhor do mal. Um homem poderoso que destruiria tudo que cruzasse o seu caminho, com certeza conseguiria realizar o seu desejo doentio: tomar o trono de Mussafar.

Vamcast, confiante viu aquela como uma oportunidade para tornar-se dono de si mesmo. O poder que adquirira era enorme e com certeza pensava em usá-lo não para o bem, mas sim para o mal. O garoto comemorou o feito e testou a força mortal dos monstros naquele dia matando muitos animais da floresta.

O príncipe, a partir desse momento já não tinha mais medo de matar. Nervoso, foi embora se despedindo de Destructor e lhe pedindo para não ser seguido. Chegando ao castelo chamou seu pai, que estava conversando com Zinza.

Com a cabeça baixa e os olhos rígidos de ódio, o garoto chamou a atenção do pai e do irmão:

— Mussafar, você e o seu filho preferido... podem me dar atenção por um minuto?

Sem imaginar o mal que seu filho trouxera para casa, o rei respondeu:

— Fale filho, estou aqui.

O garoto, com um sorriso demoníaco e os olhos baixos, olhos de tom escuro e amarelado, aproximou-se dizendo frases ameaçadoras:

— Olhe pra mim, velho, e diga-me se meus poderes estão além do que os seus olhos podem ver.

Rapidamente o menino invocou os guardiões, e os três monstros poderosos saíram sedentos por sangue. Mussafar, vendo aquilo se assustou, mas logo sacou a sua espada. Andor, também sacando a sua, não entendia o que acontecia ali.

Os monstros, nesse instante partiram para matá-los, mas o elfo gritou rapidamente, dando ordem aos seus escravos:

— Voltem! Não podem matar ninguém a não ser que eu ordene.

Mussafar, mais assustado, sem entender o que acontecia ali, começou a falar para o filho:

— O que é isso? Que mal é esse que você trouxe para minha casa? Deixe essas coisas irem embora, você não deve brincar com o mal. Vamcast, ordeno que os expulse de minha casa ou será deserdado imediatamente.

Os soldados reais que ali estavam vieram todos para proteger o rei. Fastouros, o grande general sacou sua espada, preparando-se para proteger o rei com a própria vida se fosse necessário. O garoto sem querer ferir ninguém, naquele momento, recolheu os três guardiões malignos, enquanto dirigia palavras de desprezo a seus familiares:

— Irei embora deste lugar, e não servirei a você, meu pai. Não sou o seu escravo e o meu poder está além do que este seu mundo pode imaginar. Diga para seus escravos que não me sigam senão matarei a todos. Agora serei dono de todo o mundo! Não aceitarei ordens de ninguém e brevemente toda Esteros se curvará perante mim.

Mussafar, sem entender a atitude de Vamcast, tentou parar o rapaz, mas foi arremessado para trás com uma magia de ventos. Zinza tentou conversar, mas o garoto retrucou mostrando não se preocupar com mais ninguém, somente com ele mesmo.

— Vou-me embora deste lugar. Andor é o seu favorito, então fiquem com ele. Não tenho mais pai, na minha vida eu mesmo mando. O meu destino eu mesmo farei. Não ficarei sentado neste trono mandando funcionários limpar o chão e colher frutos de árvores. Quero usar o que estou aprendendo, quero batalhar e matar. Quero usar a minha espada, afinal espadas são feitas para matar.

— Mas, filho o que está acontecendo? — Murmurou Zinza com os olhos lacrimejados e desesperada.

— Eu mudei mãe, não tente me impedir.

— Por favor, vamos conversar, me diga o que está acontecendo?

— Eu não sou mais bonzinho, mãe, fiz coisas horríveis...

Zinza o abraçou, Vamcast a empurrou e partiu. Não lhe deu mais atenção, partiu sem lhe dar qualquer satisfação.

Saiu Vamcast, e junto com ele Destructor. Sua mãe caiu logo em prantos, e Mussafar sem acreditar no que acontecia, sentou-se em seu trono. Em seguida baixando a cabeça e chorando, o rei golpeou com raiva a espada ao chão. Seu medo era que um dia precisasse usar sua força contra o próprio sangue. Até que se lembrou da advertência de Panderios...

Só que já era tarde. Mussafar pagava por seu erro de não ter escutado o mago. O general, vendo a angústia do seu rei, pediu para seguir e tentar trazer o príncipe de volta, mas foi impedido. O rei temia a morte de seu amigo e grande general, então pediu calma, garantindo que tudo daria certo.

Com a cabeça baixa, o rei também ordenou que ninguém o seguisse:

— Deixem-no ir embora, ele voltará mesmo que me odeie. Sentirá falta da mãe e do irmão.

Vamcast seguiu rumo ao Leste. Destructor selou um cavalo e os dois partiram em direção ao domínio dos orcs. Os magos e xamãs já estavam à espera do grande rei do mal, pois ainda precisavam testar o menino. Que logo se tornaria o maior ser maligno de todos os tempos.

O Leste

O teste final

Quando cavalgavam, Vamcast estava enfurecido, calado, triste e desolado. Destructor estava feliz e realizado, entretanto tentava disfarçar o seu prazer.

— Está tudo bem com você, meu príncipe?

— Eu pareço bem? — Disse ele, totalmente estressado.

— Se quiser voltar ou conversar...

— Cale a boca, Destructor! Cale essa boca e apenas cavalgue...

Vamcast esteve à frente a todo o momento, a partir do instante em que saiu de sua casa parecia mudado, estava intolerante e nervoso, impaciente e rancoroso. De fato, Destructor estava feliz pelo ocorrido, finalmente conseguiu pôr em prática

os seus planos mirabolantes. Para o eracicto aquela era uma conquista, o retorno do mal era apenas o começo, aquele era o seu passe para a glória. Enfim, o próximo passo era a conquista do norte e o reino de Mussafar. Sim, aquele era seu maior desejo...

Após cavalgarem pela floresta, chegaram às cavernas, na divisão do leste ao sul. O lugar era uma entrada estreita, camuflada por arvoredos e plantas trepadeiras. Ao contrário da entrada estreita, a caverna em seu interior é bem ampla, e com um corredor inicial com aproximadamente uns trinta metros escavado na rocha. Os ruídos que às vezes se ouvia, eram provocados por alguns morcegos que viviam na caverna, além de gotas que vertem das infiltrações das paredes. Logo após passar pela entrada, o ambiente se tornava completamente escuro. A escuridão total e o som de gotas tornam o lugar assustador e repulsivo. O ar de abandono e esquecimento é estratégico para afastar curiosos. O interior da caverna é recheado de centopeias e baratas, ao caminhar alguns metros o visitante se depara com dezenas de túneis, todos levam para lugares estratégicos e becos sem saída.

Destructor prendeu sua montaria e caminhou para o interior da caverna, Vamcast o seguiu. Havia ali exatamente vinte e quatro túneis que se cruzavam e seguiam para lugares estratégicos, armadilhas, passagens para acampamentos militares, campos de treinamentos, cemitérios e aposentos especiais destinados aos anciões e generais.

— Localização sul, entrada norte 18° 34' 24.00... — Destructor estava munido por um mapa, que continha coordenadas, longitude e localização. Era escrito numa língua estranha e rabiscada. Procurava uma entrada, uma única que o levaria aos líderes.

— O que procura? Perguntou o elfo.

— Uma localização... — O eracicto exibiu o mapa, ali havia desenhos de cavernas e túneis, entradas e saídas, armadilhas mortais e esconderijos secretos estavam todos ali, um mapa ofertado a ele pelos anciões.

— O túnel dezoito, cinco curvas à direita, três à esquerda e seguiremos duzentos metros à frente. Vamos meu príncipe!

Destructor e Vamcast fizeram o caminho, era um lugar escuro, coberto por ossos e restos mortais de animais e inimigos abatidos, as centopeias grandiosas cruzavam as paredes, ratos e escorpiões transitavam de um lugar ao outro, um fedor de podridão e mofo se estendia por todo o caminho, pingos irritantes de água

insistiam em cair a todo segundo, mosquitos sanguessugas picavam a pele fina e succulenta de Vamcast, ele batia forte, estava irritado e impaciente.

Após fazerem todo o trajeto, ao longe avistaram uma luz leve que brilhava timidamente.

— Olá?! — gritou o eracicto. — Olá...?

— Quem está aí? — Respondeu uma voz rouca e distante.

— Sou eu, Destructor...

Passos e rastejos foram ouvidos, algo se aproximava, era algo grande e rosnava assustadoramente.

— O que foi isso? — Vamcast se armou.

— Espere, são os orcs...

Um animal enorme emergiu do escuro, era um lobo de pelagem cinzenta, olhos enormes e vermelhos, dentes expostos e garras afiadas, facilmente atingia dois metros de comprimento. Do seu lombo desceu um enorme orc de pele verde e músculos avantajados, também era um velho guerreiro de barba branca e armadura de combate.

— O mestre aguarda vocês ... — O orc caminhou à frente, Destructor e Vamcast o seguiram, o lobo foi atrás, rosnava e fungava, seguia os visitantes e era uma criatura pouco amigável e estava faminto. Aquele soldado não trocou nenhuma palavra com os visitantes, orcs eram criaturas pouco amistosas e cruéis, contra inimigos mais fracos se mostravam soberanos e intimidadores.

Os orcs de pele verde são uma das raças mais prolíficas de Esteros. São criaturas selvagens, uma raça brutal e estúpida, não possuindo nenhuma sensibilidade ou empatia pelas outras raças. Acredita-se que os orcs são mutações de experiências falhas. Quando estavam na gênese de sua espécie, os elfos nascidos com deformações físicas se refugiaram nas cavernas do sul, rejeitados por sua aparência horripilante se mantiveram ocultos, unidos se tornaram canibais. Aqueles anciões capturavam visitantes perdidos e comiam suas carnes, as mulheres eram usadas para a satisfação sexual e os velhos porcos promoviam pecados carnavais e atos inescrupulosos, então eram geradas criaturas deformadas e ali surgiam novas raças, “orcs” descendentes de elfos, eracictos e anões. A raça mais destacada são os orcs de pele verde, entretanto existiam também os de pele branca e os amarelos. Alguns orcs podiam atingir alturas de dois metros e meio, outros chegavam a um metro e vinte centímetros.

As criaturas nasciam aos montes como cães se proliferando, e quando o seu número se tornou maior que qualquer outra espécie, subjugaram os donos de Esteros. Nalefis o maior orc que pisou este mundo foi eleito “rei” pelos anciões, então os demais orcs foram forçados a entrar em guerra por supremacia e poder. Embora poucos tenham conhecimento da sua história, os orcs cultivavam uma nobre sociedade “nazebista”, pois os anciões e xamãs veneravam o Deus do inferno, “*Nazebur*”.

Munidos pela ganância e poder saqueavam e matavam, Esteros se tornaria um mundo coberto pela escuridão e ódio e a magia negra cobriria aquele mundo com trevas e carnificina. Entretanto, a supremacia orc se dissolveu logo na primeira derrota. Os eracictos sempre foram a maior e mais organizada monarquia do planeta, unidos e liderados pelo Rei Mancarus Destrus, destruíram Nalefis e deram um basta nos exércitos dos gigantes verdes. Mas escondidos em cavernas e liderados pelos três anciões “Arned”, “Raos”, e “Mithos” os clãs sobreviveram sob a promessa de uma nova supremacia, os orcs recuperaram suas forças e honra. Agora, estão prontos para lutar por uma conquista, e também pelo direito de sobreviver em seu mundo.

Guiados pelo soldado, Vamcast e Destructor caminharam pelo túnel, no final adentraram um salão amplo com pequenas aberturas no teto. O lugar possuía

sustentação nos cantos, erguido por toras e troncos de árvores. Enormes pedras formavam pilastras e andares superiores, pontes cruzavam de um lado ao outro. No lugar havia criadouros de porcos para alimento e animais usados para montarias. Fogueiras e forjas se destacavam em todos os cantos. Várias armaduras, capacetes, lanças e espadas eram fincadas em todos os lugares, orcs eram guerreiros natos e prontos para a batalha.

No lugar mais alto, havia três tronos elevados por uma escadaria, assentado no centro estava “Mithos” o ancião mais velho e líder, talvez tivesse cento e vinte anos. No canto esquerdo “Arned”, um jovem e recente nomeado ancião, talvez setenta anos. O braço direito “Raos” assentava o terceiro trono, não era menos velho que Arned, ou mais velho que seu líder, no entanto, tinha noventa e nove anos de idade e estava cansado e putrefato, assim como Mithos.

Na parte baixa, próximo à escadaria havia uma estátua gigantesca com mais de dois metros e meio de altura, era Nalefis que fora eternizado ali, em sua mão direita uma enorme espada coberta por uma energia translúcida e escura, na esquerda um enorme escudo de guerra. No momento em que pisaram o lugar surgiram hordas de orcs, surgiam aos montes e eram centenas deles, todos curiosos diante dos visitantes.

Raos o terceiro ancião levantou-se de seu trono, após cinquenta anos ele caminharia novamente. Aquela era a primeira vez que caminhava após meio século, esteve ali assentado e sendo alimentado pelos escravos, seus desejos eram saciados e suas necessidades diárias como urinar e defecar eram assistidas, coletadas e limpas pelos escravos e criados. O velho se levantou forçadamente, mas estava curvo e endurecido. Soldados se aproximaram e ajudaram-no a descer as escadarias.

O velho ancião desceu lentamente e quando se aproximou e percebeu a aparência franzina e angelical de Vamcast, o ser maligno imediatamente o reprimiu, dizendo:

— Quem é este ser angelical que o segue, Destructor? Seria esse menino de pele branca e cabelos claros que nos apresentou como sucessor de Nalefis? Ele me parece mais uma garota franzina!

O príncipe, muito ofendido, se aproximou do ancião.

— Coisa horrenda, precisarei matar-te para provar minha força?

O velho libertou os soldados que o seguravam e de corpo ereto, pronunciou:

— Mostre algo, rapaz!

O garoto, amolado, ergueu o mago pela garganta com muita força e lançou-o contra os porcos que ali ficavam. Os seus olhos já estavam negros e sua expressão de raiva e fúria foi sentida pelos outros anciões presentes, e o elfo elevou seu punho direito à frente, o anel em seu indicador brilhou e se tornou reluzente. As criaturas foram invocadas e os três demônios guardiões emergiram do solo, estavam armados e desta vez não atacaram, aguardavam as ordens de seu manipulador.

— Blasfêmia! — gritou um soldado — Matem-no! — completou...

— Espere!!! — berrou Mithos — Não toquem no mestre...

O velho levou suas mãos sobre os assentos do trono, era enorme e confeccionado em argila preta, em cada lado, cabeças esqueléticas, no topo do acento espetos e escritas antigas. Na parede o desenho de uma figura infernal gigantesca, Nazebur estava ali armado por duas polearms e tinha tranças nos cabelos e nas pontas navalhas, que percorriam todo o paredão e tocavam o solo. O velho ancião forçou seu corpo apodrecido, seus joelhos não se moviam e ele se lançou ao solo, se arrastou próximo ao primeiro degrau, logo após recebeu ajuda dos criados que o puseram de pé.

— Não há necessidade de matar ninguém. — disse o velho ancião.

Vamcast guardou sua espada e seus demônios, curvou-se perante a figura, que permanece ante o primeiro degrau.

— Aproxime-se, Vamcast. — disse o velho ancião. — Já o aguardávamos...

O elfo subiu as escadas e foi seguido por Destructor. Quando se aproximou o velho tocou seus ombros e movimentou seus lábios lentamente, enquanto profetizou:

— Não deverá se prostrar perante mais ninguém. Aquele é o seu trono — apontou para o trono do centro — guardei-o por sessenta anos... E, o assento da direita será ofertado ao seu mais fiel servo, o da esquerda, será destinado ao seu conselheiro.

O ancião tocou o braço direito do elfo e o ergueu aos céus.

— Fiéis servidores do lendário Nalefis, alegrem-se, pois o sucessor foi encontrado e está entre nós. O mal voltará a reinar sobre Esteros. Um novo rei será coroado, saúdem Vamcast, o rei dos orcs!

Um silêncio tomou conta do lugar, entretanto um a um os orcs se ajoelharam perante o elfo, e em línguas confusas eles gruíam e pronunciavam palavras de respeito.

— *Mestre, eu prometo lealdade!*

— *Mestre, seja bem-vindo!*

— *Mestre, o servirei até meu último dia!*

— *Mestre, a minha espada o protegerá!*

— *Mestre, a minha espada está a seu dispor!*

— *Mestre, minha espada é sua espada!*

— *Mestre!*

Após as saudações o terceiro ancião se levantou e caminhou até o novo rei, a segunda criatura se prostrou perante ele, e quando os três velhos se ajoelharam, Mithos se pronunciou:

— Meu senhor, um ancião vive à procura de seu rei, estive aqui desde o reinado de Nalefis, meu pai ocupou esse trono e o pai de meu pai também... É tradição de um ancião se juntar aos seus ancestrais quando terminar a sua missão. Estou velho, putrefato e cansado. Peço que deixe eu me juntar aos meus ancestrais. Desejo morrer ao lado de meu pai...

Vamcast se aproximou do velho:

— Está livre de seus serviços... — o velho ancião reverenciou o elfo e foi levado pelos criados para os túneis, ali encontraria seus ancestrais e descansaria em uma tumba, após morrer em uma pedra de sacrifício, e depois disso os ossos ressecados seriam empilhados e mantidos pelos séculos.

— E você, o que deseja? — Vamcast apontou rumo a Raos.

— Mestre, desejo me juntar ao meu irmão, Mithos...

— E você? — Perguntou a Arned.

— Desejo servi-lo, mestre! — respondeu ele.

Vamcast virou seu corpo rumo aos três tronos.

— Arned, você se sentará ao meu lado esquerdo, de hoje em diante será o meu conselheiro e encarregado de ensinar-me os costumes de seu povo. Destructor, você se sentará a meu lado direito e sendo o meu braço direito terá poder sobre todos os criados e demais povos, prestará respeito e obediência somente a mim...

Então Destructor estampou um sorriso macabro sobre sua face, caminhou e se sentou no trono direito. Arned sentou-se no esquerdo. O príncipe caminhou e se colocou frente ao maior trono, não o ocupou de imediato, ergueu as mãos aos céus; sua espada brilhava forte, e luzes negras e trovoadas saíam do aço. O poder emitido pelos grúidos e comemoração estremeciam todas as cavernas. Os orcs gritavam fazendo barulhos ensurdecedores, festejando o mal que estava por vir.

E finalmente, Vamcast sentou-se no trono, elevou e descansou seus punhos sobre os braços do trono e relaxou, firmou seus olhos sobre as suas legiões e teve a certeza de que se tornara o que sempre quis ser...

O norte

Já no castelo... Mussafar tentava fazer algo para mudar o ambiente. O rei estava com um mal-estar terrível, até que erguendo sua espada, chamou Andor:

— Filho pegue a sua espada e jure a mim que jamais deixará o mal dominar sua vida!

O menino, com os olhos cheios de lágrimas obedeceu ao pai e lhe respondeu:

— Pai, amo você e também a mamãe. Apesar de não entender nada do que está acontecendo aqui, juro por minha alma que nunca aceitarei qualquer mal em minha vida, pois morrerei pelo nosso reino.

— Ele faria dezesseis anos nesse mês. — disse Zinza e chorou nos ombros de Mussafar.

O rei elevou suas mãos até a nuca da elfa, beijou sua face e sussurrou em seus ouvidos:

— Ele voltará por você...



O Leste

Os primeiros passos de Vamcast

Vamcast, nos primeiros dias estava nervoso. Ainda se lembrava do que acontecera em sua casa, lembrava de sua mãe e irmão. Num momento de fúria, levantou-se do trono em que estava sentado e matou vários orcs que ali permaneciam. Andando de um lado a outro e furioso, gritava palavrões, ameaçando matar todos de Esteros.

O ancião, pedindo atenção ao novo rei, ajoelha-se diante do rapaz. Pede misericórdia por suas vidas:

— Meu rei, por que usa a sua energia para matar seus servos? Diga, o que poderemos fazer para deixá-lo satisfeito?

Vamcast desceu as escadas e elevou sua mão direita à frente, manipulou um fogo escuro e o lançou sobre a estátua de Nalefis, espatifou-a. Então, baixando o corpo empunhou a espada antiga dada a ele por seu pai e, colocando-a sobre uma pedra enorme que ali estava, pediu que os orcs lhe trouxessem a antiga espada maligna de Nalefis. Em seguida, desferindo um tremendo golpe, espatifou a sua espada real.

Sentando-se no trono, novamente, o príncipe do mal colocou as mãos no assento, enquanto murmurava em voz alta:

— De hoje em diante, esquecerei tudo o que trago do rei que um dia me rejeitou como filho. Agora eu mando no mundo inteiro, e quem se colocar em meu caminho será morto. Espalharei o terror por toda a Esteros, não pouparei ninguém!

O primeiro massacre

Passaram-se dois dias, Vamcast mostrou a sua capacidade de liderança entre os orcs e dominou a sua montaria, um dark grimo, habitante do interior das

cavernas... esses animais eram alimentados pelos próprios orcs.

Vamcast, observando os bichos, dirigiu-se a eles. Os monstros começaram a voar e eles próprios estavam espantados, mas o poderoso elfo continuou em direção ao maior deles, aparentemente o chefe do bando.

— Não há o que temer. — Disse e tocou a face da criatura.

— Tome cuidado, mestre! — disse Destructor seguindo-o.

O elfo tocou a criatura, que era grande e poderosa, um dark grimo com um bafo poderoso e quente, o monstro urrava com a presença do adolescente maligno... Vamcast, por sua vez, apenas levantou a mão e continuou caminhando até o animal feroz. Tocando sua pelagem áspera e de cor escura, o animal rosnava de raiva e vontade de matá-lo. Pulando para todos os lados e urrando com força estremecedora, era encarado pelo elfo maligno que não mostrava medo algum.

— Tome cuidado, mestre...! — Destructor voltou a alertá-lo.

O elfo não dava atenção ao eracicto.

— De hoje em diante, seremos um só! — Seguiu com uma abordagem rápida, o animal se acalmou com a aproximação de Vamcast, que lhe fez carinho na testa, e em seguida montou rapidamente em sua corcova.

Agarrando-se nos seus pelos negros, fê-lo andar até a saída da caverna e iniciou um voo rasante.

— Magnífico mestre! — Destructor se mostrou maravilhado.

Regressando, o elfo levou-o até seus aposentos, alimentando-o e deixando o animal em uma cela, agora tinha seu meio de transporte e poderia montá-lo sempre que quisesse e precisasse. Poderia usá-lo principalmente em combate.

Invasão à cidadela

Os respingos e goteiras eram uma agonia para as orelhas de Vamcast, o cheiro de estrume e o fedor das criaturas irritavam-no e o elfo não se sentia confortável ali naquelas cavernas, mesmo sendo tradição entre as criaturas ele não pretendia ficar ali... naquele lugar.

— Estou cansado! — Vamcast esmurrou o assento — Destructor! Reúna o exército, marcharemos para fora das cavernas e iniciaremos um domínio local.

Raos vivera anos sob o costume ancião, jamais testemunhou uma marcha para batalha, jamais um daqueles orcs abandonou as cavernas ou fora visto nas mediações. Para ele, aquilo era loucura. A verdade é que tinha medo do que encontraria lá fora, em sua maioria os orcs queriam aquilo, ansiavam por batalhas e conquistas, entretanto ainda existem aqueles que temem a luz do sol e a realidade fora das cavernas. Aquela ordem dada pelo elfo chamou a sua atenção:

— Meu senhor, perdoe a minha arrogância, mas nossos exércitos jamais marcharam para fora das cavernas, creio que nossos guerreiros não estão preparados para uma guerra.

Vamcast abandonou o trono e caminhou até a ponta da escada.

— Hoje será o dia da independência, nenhum orc precisará se esconder em cavernas e buracos... É um costume ancestral se esconder? Então de hoje em diante esse será um costume extinto... Armem-se, empunhem suas armaduras e espadas, hoje tomaremos o que é nosso por direito!

E, naquele dia, Vamcast ordenou a todos os orcs que se armassem, pois havia perto dali uma pequena cidade protegida por bravos guerreiros. O novo rei do terror pretendia matar todos os seus habitantes, erguendo ali a sua fortaleza do mal.

Uma grande marcha havia se iniciado, fileiras enormes de soldados caminhavam um ao lado do outro. Vamcast organizara soldados de solo e cavalaria. Eram usados tigres, cavalos e grimos, espadas e escudos. O exército de solo caminhava à frente e muniam-se de lanças e escudos. Seus cavalos além de selados possuíam armaduras na cabeça e proteções nas patas e chapas de aço no peito, logo atrás os batedores montavam tigres de olhos vermelhos e de selas pretas, os tigres eram equipados com roldanas de espinho sobre o pescoço, suas garras revestidas por lâminas de aço e eram manejados por uma rédea fina e uma focinheira de pontas perfurantes e longas, os batedores empunhavam arpões e lanças, poucos optaram pelas espadas. Na terceira fileira cem orcs armados com bestas marchavam a pé.

Vamcast montava sua fera e o grimo não levantou voo, caminhava como um tigre. O elfo era um maestro perante as fileiras. Em um total de mil assassinos marcharam e colocaram-se frente a um vilarejo, entre a divisão oeste e sul, localizado muito próximo aos domínios de Miromars.

— Em formação! — Gritou o elfo. As criaturas estavam sedentas por sangue e glória, seus rostos e suas expressões de fúria entregavam o desejo pela primeira conquista. Cada um daqueles animais tinha feições e ações distintas, fungavam e expeliam ar quente pelas narinas e boca, tinham olhares penetrantes e movimentações de inquietude. O ar seco e o vento contínuo e cortante assobiavam nos ouvidos das criaturas, a poeira deixada para trás era comparada a de um estouro de búfalos selvagens. Enfim, chegara o momento tão esperado, aquilo era uma profecia que tomava forma, uma fábula que se tornava realidade...

Destructor se aproximou e tomou frente ao exército, o eracicto montava um tigre e vestia-se com armadura de guerra, havia acrescentado placas de aço no peitoral e uma pequena ombreira fina para proteção dos ombros, usava bacinete em um elmo simples, aberto na frente que permitia enxergar durante a batalha. Abandonara o bastão e munia-se de uma espada e escudo presos às costas.

— Esse é o local... Destructor, posicione os soldados em formação de ataque! — ordenou o elfo.

— Sim, senhor! — Destructor montou seu animal e cavalgou frente às fileiras, abandonou o animal e se colocou de pé. O ataque seria imediato. — Mantenham a formação, ao sinal de Vamcast iniciem a invasão! — Ordenou Destructor, frente às tropas.

O elfo por sua vez, decolou e voou por cima do vilarejo. O local era povoado por aldeões e mercadores, contudo muitas pessoas transitavam, trabalhando, indo para a lavoura, ou simplesmente transportando mercadorias. Crianças e mulheres pareciam ter acabado de acordar, bocejando suavemente nas janelas e rentes às portas. Aquele era um lugar calmo, as pessoas lentamente acordavam com o sol, muitos já arrumavam suas tendas, outros varriam suas varandas e calçadas. Um palácio branco estava no centro, ao redor casas e comércios. As torres de vigilância estavam abandonadas, a muralha de dez metros na maioria de sua extensão possuía rachaduras e aberturas pelas quais passariam um inimigo facilmente. A igreja de vinte metros de altura possuía um sino gigantesco construído em bronze com aproximadamente quatro toneladas. Os acampamentos para soldados e cavaleiros pareciam desérticos e como não havia guerra há quase um século, batalhas se transformaram em lendas e contos.

Vamcast deu um rasante e observou toda a extensão, quando retornava para suas tropas um aldeão o avistou nos céus:

— Pelos deuses! O que é aquela coisa?

Num momento todos tinham visto o vulto sobrevoando o lugar e de boca em boca o alerta foi se espalhando.

— Viu aquilo? — disse um camponês puxando seu burrico.

— Era um dragão?

Naquele instante um cavaleiro entrou pelo portão e em berros alarmou os moradores e a pequena academia militar.

— Invasores!!! Centenas de criaturas monstruosas cercaram o vilarejo, armem-se, escondam-se, salvem suas vidas!

O sacristão, um velho de setenta anos, com alta obesidade mórbida e cabelos vermelhos, até a nuca, correu e subiu as escadarias da torre, enquanto gritava chamando a atenção bateu o sino e alarmou os moradores. Os gritos de desespero ecoaram pelas ruelas e corredores, muitos se escondiam nos interiores de suas casas e nos porões, outros tentavam fugir mas esbarravam nas tropas de Vamcast.

Não eram muitos, entretanto alguns homens corajosos correram em direção às guarnições militares e um a um muniam-se de suas espadas, pouco afiadas, também empunharam escudos de ferro e bronze. Cavaleiros sem armaduras muniam-se de lanças e arcos. Trabalhadores corajosos erguiam pás e rastelos, mesmo não estando aptos para uma guerra, os eracictos eram um povo corajoso e determinado e não desistiriam facilmente de sua cidadela.

Aos poucos o exército de Vamcast marchava rumo ao pequeno vilarejo, Destructor se manteve à frente e conduzia a marcha. Vamcast pousara numa montanha e de longe observava a mobilização inimiga, que para ele era fraca e desorganizada. De fato, não havia ali nem ao menos cem homens.

O exército orc caminhava e seus passos rápidos iam diminuindo enquanto percebiam a movimentação no interior das muralhas. Destructor estava logo à frente. O céu clareava cada vez mais, as nuvens passeavam acima de seus olhos e até mesmo os animais iam sumindo. O vento da manhã tomava o rosto de Vamcast que continuava distante, de espada em punho e acompanhando a invasão.

Os soldados eracictos eram comandados por um homem alto de um metro e oitenta, cabelos negros encaracolados e aparência juvenil, estava vestido por baixo uma manta longa até os pés, tecida em conta de malha, a armadura que cobria-lhe o peito e costas, braços, coxas e tornozelos era de ferro cromo, não possuía capacete, munia-se de uma espada katana e possuía postura de espadachim, talvez um aluno

de Tanantos, ou um soldado dedicado aos ensinamentos ancestrais. Mas mesmo que houvessem ali duas dezenas de soldados, em sua grande maioria, eram homens comuns, fazendeiros, comerciantes, carpinteiros e religiosos.

Os orcs, já posicionados diante do povoado, esperavam a ordem do rei maligno. Sem mostrar piedade alguma, Vamcast enfim ordenou o massacre. Bem na entrada haviam dez guardas vigiando, e a luta começou sangrenta.

Um orc partia em desespero para o combate, um aldeão se lançou contra o primeiro que ousou ultrapassar os portões e fincou as cinco pontas do rastelo na testa da criatura, o sangue espirrou contra a face dos demais e eles rugiram como leões, lançaram-se sobre os inimigos e suas espadas cortavam membros e cabeças. Destructor empunhou sua espada e partiu o crânio de um aldeão ao meio, atravessou a lâmina no coração de outro e munindo-se de uma lança abandonada ao solo, lançou-a no coração de um cavaleiro que cavalgava em sua direção, este sendo atravessado de um lado ao outro cuspiu sangue preto pela sua boca, e já sem vida, capotou contra seu próprio povo.

Múltiplos guerreiros eracictos que ali estavam foram trucidados. Os orcs ao ultrapassarem os portões morriam sendo alvejados pelas flechas dos arqueiros, escondidos nas torres da sacristia.

— Abram espaço! — gritou um soldado eracicto que estava montado em um cavalo de pelos cinzentos. Ele trazia em suas mãos uma lança de ponta fina, atravessava o coração das criaturas e lutava sempre à longa distância.

Guerreiros com espadas e escudos continham ataques por terra e os orcs não conseguiam entrar pelo portão, por isso a ocupação da pequena cidadela estava sendo mais difícil do que o previsto. O elfo já estava muito nervoso e também impaciente, e saltou, montou o seu enorme monstro alado, partindo rumo aos inimigos.

Vamcast sobrevoou as hordas inimigas e descendo ao solo esticou o corpo, prendeu os dois pés na rédea do grimo, apalpou uma lança no solo, decolou novamente e o monstro mal pousou sobre a torre e Vamcast atirou a lança no peito do arqueiro que despencou do alto da sacristia. Entrou em batalha, saltando da montaria caiu de espada em punho e fincou-a na garganta do arqueiro que tentava mirá-lo. Correu sem intervalos e saltando as pilastras cortava os corpos dos arqueiros ao meio, saltava e desviava-se das setas, enquanto seguia decepando cabeças e membros, como um verdadeiro assassino.

Quando dilacerou os arqueiros, o elfo lançou uma sequência de golpes sobre o cabo de aço e libertou o sino de quatro toneladas, fez força e rolou-o de

cima para baixo, a peça desceu esmagando os soldados e defensores da cidadela. Esmagava corpos e abria passagem, e só parou quando se chocou contra a muralha que desabou e abriu uma brecha maior, facilitando a invasão das criaturas.

— Matem todos! — Gritou o elfo e saltou da torre, caindo de encontro ao lombo de sua montaria, que voou dando um rasante para cima e para baixo, até que o deixou no solo.

Ao tocar o solo, Vamcast era um leão indomável e após dilacerar tantos oponentes estava coberto pelo sangue inimigo. Em um manejar de espada, partiu o crânio de um soldado em sua frente, decepou o braço esquerdo do próximo oponente, finalizou com sua lâmina cravada no coração do terceiro inimigo, e depois estampou um sorriso macabro em sua face, elevou seu punho direito à frente e o anel das invocações brilhou forte em seu dedo indicador, invocou os três guardiões, *“aniquilem a todos”*, disse ele, e as criaturas surgiram sobre o solo árido daquele campo de guerra, nasceram envoltas por um vulto negro e estavam com suas espadas em punho e sedentas pelo sangue mortal de seus oponentes.

As três criaturas após serem invocadas se lançaram contra os mortais, uma, duas, três espadas foram fincadas no coração de um camponês armado por um machado de lenhador. O cavaleiro com a lança percebeu a presença dos demônios e de longa distância fincou a ponta de bronze na testa de um demônio, o bicho ficou pendurado e o peso de seu corpo fez o cavaleiro perder a lança que permaneceu na cabeça da criatura. — Deus do céu! O que é isso? — Gritou o cavaleiro e a criatura elevou a mão direita para a lança e retirou-a da testa. O cavaleiro tentou fugir desesperado, mas os três demônios o seguiram e em sincronismo, em velocidade sobrenatural, cortaram as patas de seu cavalo. O cavaleiro tomou um tombo devastador e feriu-se nos ombros e costas, recebendo no corpo escoriações e um sangramento que manchou todo o solo. Quando o cavaleiro se arrastou, agonizando, as criaturas se aproximaram e fincaram suas espadas nele, peneiraram o seu corpo com dezenas de perfurações, um rio de sangue correu e manchou todo o terreno árido.

Ao longe o elfo avistou o líder, o cavaleiro era habilidoso e num golpe rodado abriu um corte profundo no peito de um orc, encurvou a coluna e virando-se a seu lado direito atravessou o abdômen de mais um inimigo, girou sua espada à frente e com dois giros decepou duas cabeças; finalizou com a espada no coração de um orc caído ao solo.

— Eis um inimigo que vale a pena! — disse o elfo e correu em sua direção. Rodeou o inimigo e chamou sua atenção:

— Qual o seu nome, soldado?

— Soldado! Eu me chamo... Soldado!!!

— Um guerreiro não demonstra compaixão e não se envolve com o inimigo, esse é um princípio básico de um espadachim... Vejo que recebeu treinamentos avançados, entretanto não me lembro e não reconheço o seu rosto entre os alunos de Jiuty.

— Jiuty? Jamais frequentei academias. Meus treinos foram realizados com um espadachim de verdade... meu pai, mestre Arniid. Desde pequeno fui treinado por meu pai, o célebre herói de oeste, nas artes da espada, e com ele aprendi controle e dedicação, e ainda desenvolvi minha força e agilidade. Meu pai foi o melhor professor e o melhor guerreiro que pisou neste mundo, a lâmina da sua espada fora banhada em sangue e glória, algo raro em tempos presentes!

— Honrar o seu mestre, um segundo princípio básico. Mas não há um maior guerreiro, seu pai não matou a mim e nem a meu mestre, subestimar o seu adversário é um erro.

O guerreiro caminhava em círculos, observava a postura de Vamcast e sua fisionomia: — Orcs lutando à luz do dia? Um elfo liderando um exército de assassinos sanguinários? — o guerreiro lançou o escudo contra o solo e se livrou de sua armadura, diminuindo o peso e ficando mais leve — Quem és tu para mencionar as regras de um guerreiro? Não vejo honra e ética em sua pessoa.

— Um guerreiro luta pelo que acredita, luta por aquilo que defende. Eu luto pela conquista, pela glória e pelo domínio deste mundo... Não cabe a você julgar a minha crença.

— Não há glória em matar crianças e pessoas indefesas, vá embora e leve contigo os seus cães, poupe esse povo, talvez isso me convença sobre seu caráter e crença.

Vamcast partiu para o ataque e antes que golpeasse o inimigo, berrou em voz alta:

— A glória é fugaz, mas a obscuridade dura para sempreee!!!!!!

Suas espadas se bateram como o aço na forja. O guerreiro elevou a lâmina próxima ao rosto do elfo e desafiou a gravidade quando a manejou de um lado ao outro, por quatro vezes sem perder velocidade. Um ataque desferido do chão à altura da cabeça resvalou na testa do elfo e cortou-lhe um pedaço da franja. Vamcast usou uma força muito maior e desferiu um ataque de cima para baixo com muita força e o espadachim lançou os ombros para a esquerda e se desviou, o elfo saiu atordoado até que caiu de joelhos próximo aos pés de Destructor. O eracicto

ao ajudá-lo se levantar olhou ao redor e contemplou todos os soldados observando. Os soldados se perderam no combate e todos estavam focados naquele acontecimento, pareciam se lembrar de uma fábula antiga, “UM REI DOS ORCS CONTRA UM ERACICTO”, aquela era uma batalha que despertava emoções e receio, as lembranças eram inevitáveis e quando o eracicto levantou o corpo de Vamcast, disse-lhe:

— Tenha cuidado, mestre!

Vamcast empunhou sua espada cheio de fúria, empurrou o peito de Destructor com a mão esquerda. E sussurrando comentou:

— Ele não é Mancarus, eu não sou Nalefis!

Sem proferir mais nenhuma palavra Vamcast entrou no combate, o guerreiro olhou ao redor e suspirou fundo, suas baixas eram consideráveis e se tivesse vinte homens de pé era muito, corpos jogados sobre o solo, sobre as calçadas e nas ruas... uma carnificina acontecera ali, ele mesmo sabia que se matasse o vilão à sua frente, seria um homem morto, logo em seguida.

Vamcast elevou a espada em um golpe reto e tentou acertar a barriga do guerreiro, a lâmina resvalou na cota de malha e Vamcast trouxe sua espada de volta num giro desesperado que cortou o rosto do homem. O espadachim sentiu a dor fina da lâmina afiada e levou seu braço até o ferimento. Tentava evitar o sangue nos olhos que dificultava a sua visão.

Vamcast sorriu secamente e continuou inclinando o corpo para o lado direito, deixou o corpo corcunda e procurava golpear o lado direito do inimigo que estava praticamente cego por conta da ferida. O guerreiro lançou o corpo e contorceu os músculos das costas, desferiu um golpe interno, errou, tentou um reverso e um giro rodado, errou novamente.

O elfo ciente de que causara um dano significativo no inimigo desviou e ainda mantendo o corpo encurvado, golpeou sobre as costas do espadachim, a espada estilhaçou a parte de trás da vestimenta e abriu a cota de malha, um golpe poderoso que cortou a coluna do sujeito e desbeijou um enorme pedaço de carne e pele. O guerreiro soltou um som agudo, tremendo incontrolavelmente, o sangue continuava jorrando das costelas devastadas.

Os espectadores resmungaram em confiança e alívio, e muitos já comemoravam a vitória.

O elfo se lançou contra o homem e arrancou-lhe o punho direito, a sua lâmina caiu junto à mão decepada, o guerreiro urrou e focou os olhos na ferida, os

ossos estraçalhados e as veias esguichavam sangue. O elfo chutou-lhe o peito e o guerreiro caiu de costas no chão, deixou os braços abertos e não reagiu mais, enfim desejou a morte. Vamcast caminhou até ele e tocou a ponta da espada em seu peito.

— Está acabado! — falou o elfo.

— Espere! — falou o guerreiro com os olhos tímidos, o sangue jorrava sobre os lábios.

— Não peça piedade, honre a sua morte! — falou o elfo convicto que o homem temesse por sua vida.

— Piedade? Desejo saber apenas o nome de meu matador, para que quando tocar os céus reclame meu sangue perante os deuses, pois tive a minha vida ceifada por um homem amaldiçoado e que não merecia tamanha honraria.

Vamcast forçou a espada e empurrou contra o coração do homem, o sangue espirrou e depois ele começou a estremecer, o sangue continuou saindo... e ele morreu ali sem ao menos saber o nome de seu matador...

— Vamcast... Destrus! — falou em voz alta após silenciá-lo.

— Urra! — Gritou Destructor e levantou a espada aos céus.

Vamcast retirou a lâmina do corpo e caminhou frente aos seus soldados:

— Livrem-se dos corpos, levem os prisioneiros para as masmorras, tomem as casas e destruam a igreja, enfim concluimos o nosso objetivo. — Murmurou Vamcast, com sua espada em punho...

O Norte

Mussafar ainda aguarda o retorno de Vamcast

Depois de vinte dias, o rei Mussafar desolado com os últimos acontecimentos mandou Andor para treinamentos, impedindo o menino de acompanhar o mal que o irmão promovia em Esteros.

— Fastouros, leve Andor até os acampamentos, entregue-o a Tanantos, deixe-o aos cuidados dele. Temo que o perigo se aproxime. — Ordenou Mussafar frente ao seu general.

— Meu senhor, partirei agora mesmo, não se preocupe com o príncipe, cuidarei de sua segurança.

— Pai, eu não quero ir, deixe-me ajudá-lo! — Disse-lhe Andor, com os olhos lacrimejados e com a cabeça sobre o colo de Mussafar.

— Filho, é preciso — Mussafar tocou sua face com as palmas de suas mãos — sabe que o amo demais, e não posso arriscar perder outro filho querido, então peço que se empenhe e aprenda tudo o que for ensinado. Esse trono e esse povo dependem de mim e de você. — Tocou-lhe o peito, com a ponta do dedo.

Andor o abraçou, chorou e recebeu outro abraço de sua mãe. Caminhou até Fastouros que lhe tocou os ombros:

— Vamos meu príncipe, é chegada a hora.

Mussafar mandou vários mensageiros para falar com Vamcast, a fim de pedir que ele voltasse para casa, mas todos haviam sido mortos. O sofrimento de Zinza aumentava a cada dia. O rei já não mandava mais exércitos porque tinha medo de que seu filho morresse em combate. Enquanto isso, o jovem continuava matando e espalhando o terror entre os povos.”

Fedors x Salazar

Voltando à árvore de poucas folhagens...

Fedors dá uma pausa no diálogo, leva suas mãos esqueléticas ao bolso, retira um punhado de fumo e despedaçando-o reabastece o cachimbo. Vagarosamente, leva-o aos lábios e traga profundamente...

Salazar escutara por várias horas a narrativa de Fedors, até o momento em que comentou tudo o que compartilhou:

— Um triste destino foi reservado para este menino. Um pai um tanto desatento, e ausente também. Parece-me que isso era algo anunciado.

Fedors libertou uma grande quantidade de fumaça pelo ar, prendeu o polegar e o dedo indicador no cachimbo. Manteve-se pensativo por alguns segundos, até que se pronunciou:

— Sim, era esperado. Também, eminente o poder que aquele garoto possuía. O mais lamentável, é que o pai estava preocupado com o que os outros pensavam. Era arrogante perante o problema e estava cego. Perdeu o controle da situação e se esqueceu dos valores familiares. Toda e qualquer pessoa necessita do amor e compreensão, deseja que alguém o ame e admire. Mesmo com todos os defeitos que essa pessoa possa ter sempre há a possibilidade do perdão... — Fedors

parecia confuso, falava palavras atropeladas, referia-se ao garoto, mas ao mesmo tempo à outra pessoa — a família é a célula da sociedade, o lugar onde se desenvolve a estrutura psíquica, onde a criança forma a sua identidade e desenvolve o seu emocional. Um pai determina funções, papéis e a hierarquia entre seus filhos, mas *aquele* pai errava a todo o momento. — Pausou a conversa e voltou a tragar o cachimbo.

Salazar aproveitou a pausa e participou das questões impostas por aquele ser:

— É certo que esse pai errou com o seu menino... Porém, existiam pessoas ruins ao redor dessa família. Os ensinamentos me parecem incorretos, não é possível encontrar verdade em um lar com tantas mentiras.

Fedors escutou o que o companheiro disse, e completou suas palavras com o mesmo pensamento:

— O maior inimigo da verdade não é a mentira deliberada, planejada, desonesta, mas sim o mito persistente, intolerante e irreal. O mal sempre existiu, sempre esteve ali. Os inimigos estavam por todos os lados, esquecidos, porém mais vivos que nunca. Por que não utilizar aquele talento antes do inimigo? Por que não lapidá-lo? Talvez porque já fosse muito tarde para isso... — Por fim Fedors criou questões e as respondeu por si próprio, e Salazar esteve ali calado, apenas aguardando o restante da história.

—Desculpa essa minha recaída — disse Fedors — Continuarei a narrar a minha história.

“Passaram-se dois anos, e a fúria de Vamcast crescia a cada ano. Os seus mortos já somavam centenas, os menores acampamentos eram os alvos prediletos, pois o elfo parecia estar começando dos pequenos para só depois destruir os maiores inimigos. O pai continuava sólido, consumido pela incompreensão e temor. Nunca se prontificou a buscar o seu filho, o coração ainda estava endurecido, rancoroso. Ele aguardava o retorno do filho pródigo, porém ele nunca voltaria.



O Oeste

Andor o príncipe de Naires

Passaram-se dois anos, Andor já não era um garoto e seu modo de olhar o mundo havia mudado. O príncipe, juntamente com Angel, Bardor, e Mondaros, realizava pequenas peregrinações aos arredores de Pectrus. Em uma daquelas rondas, encontraram um bando de inimigos. Os orcs escoltavam prisioneiros rumo às cavernas do sul. Andor havia desenvolvido um corpo forte e atlético, seus cabelos estavam longos e vestia uma calça de couro e camiseta cavada, sua espada estava presa às costas e uma pequena adaga ficava à mostra na cintura.

— Veja o bando é pequeno, são apenas seis orcs, acham que é possível enfrentá-los? — Perguntou Andor que escondia-se em uma pequena montanha coberta por vegetação e estava bem camuflado. Ao seu lado estavam os três amigos: Mondaros, Bardor e Angel.

— Acho que sim, talvez se os distrairmos podemos armar algum tipo de emboscada! — Cochichou Angel que estava com um arco sobre as costas e várias pontas de flechas. Seus cabelos longos passavam da cintura e emitia um odor leve, odor de flores de campo. A moça havia herdado belas curvas em seu corpo, a região lombar era arredondada e empinada, e tinha coxas grossas, abdômen rígido e desenhado pelos músculos, seus bustos firmes e seios pontudos, seus olhos exibiam um azul claro e vestia um vestido branco colado ao corpo, com detalhes cor de rosa nas bordas e mangas.

— Mas como faremos tal loucura? — Perguntou Mondaros. — Esse continuava gordo e falava pelos cotovelos, vestia um macacão largo e de suspensórios, munia-se de uma espada de porte médio, um escudo de madeira arredondado. Seus cabelos espadanados como se nunca penteasse, e tinha sardinhas e muitas espinhas no rosto.

— Podemos usar o Mondaros como isca, o que acham? — Disse Bardor — e como sempre o garoto era destemido e exibia um corpo adolescente, másculo, o rosto era esbelto e suas sobrancelhas coladas, seus cabelos na cor caramelo escovados para trás e um queixo rubro largo. Vestia um saião de bárbaro e portava um martelo pesado nas costas. Um verdadeiro adolescente problemático.

— Eu não, tá louco?

— Vai sim, ou tá com medinho? — Disse Bardor, enfezando o amigo.

— Ei, vocês dois, parem de ser crianças! — reprimiu Angel e estava séria — Mondaros você é o mais talentoso do grupo e um bom ator, pode confiar em mim porque ninguém vai tocar em um fio de cabelo seu! Estarei mirando no primeiro que se aproximar de você!

Mondaros gostava de Angel e seu coração disparava quando ela dirigia-lhe qualquer palavra. Então, ele aceitou o pedido, isso para não ficar como um covarde diante dela:

— Eu irei por você, porque me pediu! Não por esse idiota do Bardor.

— Vai que estarei logo atrás de você — disse Andor e empunhava sua espada.

Mondaros correu e seguiu os orcs à distância, até que desceu o morro e caminhou rumo aos inimigos. Ao caminhar produziu barulhos na vegetação seca e isso chamou atenção dos inimigos.

— Escutou isso? — Perguntou uma das criaturas.

— Escutei, tomem cuidado! — Todos se armaram.

— Fugam, fugam! Hã?! — Mondaros saiu correndo em meio aos arbustos e se jogou ao chão e fingia um choro aguçado.

— Grrr... de onde veio este garoto? — Perguntou o orc, e estava com uma maça pontiaguda nas mãos.

— Tem alguma coisa me seguindo! É um bicho grande e perigoso, me ajudem!

O moleque era tão engraçado que os orcs se distraíram e começaram a torcer o nariz, logo um deles disse:

— Moleque besta! Deve ter visto um mengro. Talvez o bicho tenha se assustado mais do que ele próprio.

— Pegue esse idiota e levem-no, está bem gordinho e dará um bom banquete. — Disse o líder dos orcs. Um deles pegou Mondaros pela perna e começou a arrastá-lo, foi aí que Angel entrou no combate e lançou uma flecha bem na nuca do orc. Matando-o rapidamente.

— Emboscada! — Gritou o general orc.

Quando um deles tentou ferir Mondaros, que ainda estava no chão, Andor atravessou sua espada sobre a coluna do inimigo, matando-o rapidamente. Bardor acertou o terceiro.

Angel voltou a acertar outra flecha nas costas de um inimigo e ele tentou fugir, porém Mondaros deu-lhe uma rasteira e cravou sua adaga no coração da criatura.

Depois que Andor derrubou o quinto inimigo, sobrou apenas o maior, que era o líder.

Andor se aproximou dele:

— Como você é feio e cheira mal! Liberte os prisioneiros criatura maldita!

— Grrr... quem é você? Saiba que somos guerreiros de Vamcast e esses são seus prisioneiros... Ele vai procurar por vocês, e todos irão pagar caro por isso!

— Talvez ele procure se deixarmos você partir e avisá-lo sobre isso, pena que não vamos deixá-lo vivo... — Disse o príncipe e sorria discretamente.

— Grrr... maldito! — O orc jogou-se sobre Andor para poder feri-lo, mas Angel lançou mais um tiro perfeito e matou a criatura que caiu sobre os pés do príncipe.

— Belo tiro, senhora! — Disse Andor, rindo com sarcasmo.

— Humm, senhora é sua mãe, engraçadinho... — Passou por ele e lançou seus cabelos fazendo charme.

— Libertem os prisioneiros — disse Mondaros. Estava de peito estufado, e pose de quem fez tudo sozinho.

— Parabéns, você se saiu bem meu camarada. — Disse-lhe Andor e tocou-lhe o ombro direito, logo em seguida libertou os prisioneiros.

— Chama isso de bom? Ele gritou mais fino do que a Angel quando vê uma barata... Ha...ha...ha... — Essas palavras são ditas por Bardor, que não perdia uma oportunidade de tirar uma casquinha do amigo.

— Palhaço! — Resmungou Mondaros e seguiu os amigos.



O Oeste

A segunda pedra espiritual

O vilão reunia todas as armas necessárias em seu reino do mal. Em um desses dias de triunfo, Vamcast invadiu uma cidade dominada por discípulos do bem, os quais guardavam ali uma criatura. Um monstro gigante que poderia ser invocado em batalhas, assim como os três guardiões que conquistara no passado.

O elfo organizou um exército de cem orcs e marchou até a floresta surround, pois ouvira uma lenda de que ali guardavam uma criatura poderosa e devoradora de homens, o animal poderia ser manipulado a mando de um único homem e mataria por ele. Os boatos élficos eram conhecidos entre orcs e velhos anciões, e o vilão não deixaria de conferir a sua veracidade.

Entre os desfiladeiros do sul e o mar negro, eles marcharam... A floresta élfica não possuía fama por hostilidade ou ataques surpresa, era um lugar calmo, habitado por elfos e seres místicos da floresta.

— Deixem os cavalos... Daqui para frente iremos a pé! — Disse Destructor se referindo à pequena estrada próxima ao desfiladeiro.

— Armas e escudos em punho, andem em fila reta... Estejam preparados! — Vamcast caminhou à frente deles, munia-se de sua lâmina negra e de uma armadura tecida por cota de malha fina, que percorria-lhe todo o corpo e havia chapas de aço no peito, costas, panturrilhas, braços e ombros. Os cabelos soltos e sendo manipulados pela ventania, seus olhos firmes e feição robusta, era um verdadeiro líder, um general destemido e focado.

O desfiladeiro possuía dois metros de largura e quarenta de altura, as pedras desgarradas rolavam lentamente ladeira abaixo. O caminho era formado por rochas pontiagudas e uma terra vermelha, encoberta por cascalho fino e barro endurecido, a queda seria mortal caso um homem despencasse ali, havia centenas de lascas de rochas, uma correnteza chocava-se contra o paredão de beira mar, ondas e redemoinhos se formavam na água, uma névoa fina chamuscava o lugar.

Cem orcs seguiram os passos do rei do terror, uma fila imensa de criaturas monstruosas partia em direção à floresta, o destino era uma câmara secreta

protegida por druidas e feiticeiros, não se sabe ao certo quantos homens guardavam-na, nem quais os perigos a serem encontrados, entretanto, a recompensa valeria todo esforço. A aquisição de mais uma pedra espiritual era o suficiente para atrair as hordas de Vamcast.

Quando pisaram a floresta ouviram-se gritos e sussurros. As folhas das árvores cintilavam, e esquilos fujões corriam pelos troncos e se alarmavam, pareciam denunciar um perigo eminente que se aproximava. O frio deixava o capim cinzento e endurecido. Barulhos remotos pareciam soar por perto, não há rastros, não existe desbravamento, entretanto existe sinais de vida e presenças misteriosas.

Vamcast empunhou a lâmina, mas não usou para matar, cortava troncos e galhos, abria passagem e um caminho que comportasse suas tropas. Diante dos desbravadores só se via as hastes das árvores de formatos incontáveis, retos ou tortos, sinuosos, açaçapados, espessos ou finos, escorregadiços ou ásperos. Muitos ramos, sendo que todos eram verdes, ou cheios de musgo ou lodo.

Os orcs abriam passagem por entre as árvores desviando os perigos sinuosos e embaraçados espalhados pelo solo. Não existia vegetação rasa. O chão delineava uma elevação e conforme prosseguiram, tinham a impressão que as árvores iam ficando mais elevadas, mais obscuras e a floresta mais sombria. Em meio à floresta não escutaram mais barulhos ou ruídos, um silêncio de aflição e agonia os rodeavam, exceto por um aleatório pingar de gotas, pendendo das folhas imóveis. Ao caminharem a impressão foi ficando cada vez mais intensa, até que sem se darem conta, estavam olhando depressa para o alto, ou para trás por sobre os ombros, como se pressentissem um golpe de espada inesperado.

— Estamos perdidos! — Murmurou Destructor, olhando para os céus, onde não se via sol nem nuvens, era escuro e coberto por galhos e respingos de pequenas folhas, como uma chuva, como se estivessem vivas, como que se as árvores os expulsassem dali.

— Estão se movendo? — Perguntou um orc.

— O quê? — Indagou o outro, medroso e assombrado.

— São os espíritos da floresta! — Falou um terceiro, com olhos arregalados.

— Besteira! — Gritou Vamcast — Não há nada aqui! — com um golpe certo furou o tronco da árvore e torceu a espada, machucando-a, escorreu um líquido fino e esverdeado.

— Ela sangrou? — Inquiriu Destructor.

— É apenas uma seiva, um grude. — Falou o elfo.

Num instante, um cipó grosso surgiu rastejando pelo solo e enrolou-se nas pernas de Vamcast, o arrastou bruscamente pelo solo e chacoalhava o seu corpo contra os troncos.

— Por Nalefis! Estão vivas! — Gritou um orc, assombrado.

— Salvem suas vidas! — gritou o outro e começaram a fugir em direções aleatórias.

— Voltem seus covardes, ajudem o mestre! — Gritou Destructor. Logo após raízes prenderam seus braços e pernas, separadamente, e começaram a puxar seus membros em todas as direções, pareciam querer quebrá-lo ao meio.

Vamcast sendo arrastado apalpou firme o punho da espada, com um golpe cortou o cipó que prendia seus pés, golpeou outros dois que tentaram prendê-lo. Após se livrar, correu e saltou em direção a Destructor, com três golpes libertou o homem.

— Fuja mestre! — Gritou o eracicto e tentaram correr.

— Espere! — Disse um orc de aparência idosa que não fugiu, era um druida — Só as árvores velhas têm vida, só atacam a distância de três metros, afastem-se delas, não podem atacar os elfos e orcs, entretanto matariam o eracicto — apontou para Destructor.

— Fui atacado! — Afirmou Vamcast

— Não, você foi retirado do campo de batalha, essa é uma floresta élfica, as árvores não matariam um elfo, apenas retiram-no do campo de guerra. O alvo era o eracicto.

Destructor ficou confuso e irritado:

— Por que não matariam um orc?

— Orcs tem descendências élficas! — Pausou a conversa — Uma velha lenda, duvidosa, mas verdadeira! — falou o velho orc.

— Voltem seus covardes! — completou chamando atenção dos fujões.

— O que faremos mestre? — Indagou o eracicto.

— Eu não sei! — Vamcast estava confuso, perdido e irritado. Tinha um velho mapa na cintura, mas eram línguas estranhas e irreconhecíveis.

— Dê-me o mapa — disse o velho orc — Você, caminhe no centro, o protegeremos — falou se referindo a Destructor.

O velho druida leu o mapa, vagorosamente:

— Caminharemos em direção ao norte, o sol aparecerá nas copas das árvores, seremos guiados pela luz...

— Ouviram o homem? Marchem! — Ordenou Vamcast.

Enquanto caminhavam, a floresta ia se tornando mais clara e os raios solares surgiam entre as árvores, inesperadamente deparam-se com uma clareira, e se viram numa vasta área circular com apenas alguns mistos de árvores finas e bambus. Avistava-se o céu, claro e azul, o que os maravilhou, pois sob a cobertura da floresta não conseguiram ver o dia amanhecer, nem as brumas desmancharem-se. Na margem da clareira, todas as folhas eram mais espessas e verdes, bloqueando o local como uma muralha resistente. Não havia árvores ali, apenas um matagal cerrado e muitas plantas altas e coloridas. De fato, aquele era um ambiente melancólico, mas que comparado à espessa floresta tinha a aparência de um jardim formoso e fascinante aos olhos dos desbravadores.

Com isso eles estavam animados e cheios de expectativa. Do outro lado da clareira, existia uma lacuna na muralha de árvores, e além dela um caminho bem desenhado. Via-se que a passagem penetrava na floresta e que em algumas partes era aberta e clara, ainda que uma vez e outra as árvores chegassem a envolver a trilha com a sombra de seus ramos sombrios. Prosseguiram por ali, subindo ligeiramente, mas muito mais aliviados, tinham a impressão que a floresta estava mais amena, e que finalmente iriam atravessá-la sem grandes contratempos.

— Espere mestre! — Disse Destructor e parou seu corpo, ficando ereto — Olhe, é o templo!

Vamcast caminhou lentamente e o vento soprou sobre seus longos cabelos chamuscados pelo sol e a poeira das batalhas, que desgrenharam o seu visual. Enfim, contemplou o alvo, mas era estranho, o lugar estava desértico e sem hostilidade, mesmo que aquele lugar fosse pacífico deveria haver pessoas o protegendo.

— Está quieto demais! — murmurou o elfo.

— É um lugar inexplorado e amedrontador, talvez não haja necessidade em guardá-lo. Os elfos o abandonaram. — falou o velho druida.

Firmando o olhar, Vamcast se aproximou do templo, que estava voltado para o oriente; isto indicava que os adoradores entravam pela parte oriental. Entrando, pelo lado oriental, os adoradores adentravam primeiro no vestíbulo, que ocupava toda a largura do templo, isto é, cerca de nove metros com uma profundidade de dez metros. Propriamente o santuário tinha cinquenta metros de comprimento, por vinte de largura, e treze de altura. Havia quatro câmaras que serviam para armazenagem dos objetos sagrados, também havia lugar de dormir, para uso dos sacerdotes que estavam de serviço no templo. Era a entrada nessas câmaras por uma porta, onde também havia uma escada de caracol que ia ter aos compartimentos superiores. As janelas do próprio templo, que deviam estar acima do telhado das câmaras, eram de grades, não podendo ser abertas. Os objetos mais proeminentes no vestíbulo eram oito grandes pilares. O vestíbulo terminava no lugar secreto por meio de portas de dois batentes. Estas portas eram feitas de madeira, sendo os seus gonzos de ouro, postos em umbrais de madeira de oliveira. Tinham a embelezá-las diversas figuras esculpidas de elfos sagrados e de cabelos longos, e por cima botões de flor e grinaldas. Dentro do santuário todos os móveis eram de ouro, sendo os exteriores feitos de cobre. As paredes encobertas por pedras preciosas, e o teto era coberto por lascas de ouro. Tudo isto deveria reluzir com grande brilho à luz natural. A entrada estava vedada por um véu de estofado azul, púrpura, carmesim e linho fino e bordado, neles se viam figuras reais. Entre os castiçais estava o altar do incenso, feito de madeira de cedro e coberto de ouro, e colocados à direita e à esquerda estavam oito caixões e dentro deles múmias élficas, deixadas ali por ancestrais e xamãs.

Vamcast não encontrara resistência, então entrou sozinho. Caminhou à frente e tocou o véu de linho, adentrou a porta principal, caminhou e no fim do vestíbulo avistou uma arca, sobre ela, do lado esquerdo e direito a figura de dois reis elfos, eram estátuas e estavam posicionadas como se selassem a tampa, cada uma delas tinha a altura de quatro metros.

O elfo caminhou até a câmara que guardava a segunda pedra espiritual, tocou um mecanismo fino como um cedro, houve um barulho e as estátuas se moveram, abriu-se a arca. No interior um artefato que emitia um forte brilho. Enfim, Vamcast se aproximara da tão desejada aquisição. Porém, ao tentar pegá-la, foi surpreendido por alguém às suas costas. Um xamã guardião, que se preparando para uma invocação de magia e encarando o elfo, gritou-lhe:

— Como ousa profanar um local sagrado? Saia imediatamente daqui ou então irei matá-lo!

Retirando vagarosamente a sua mão do local, Vamcast sorriu com ar de maldade, e virando-se para o homem sacou a sua espada da bainha:

— Hum... Por acaso pensa em me atacar pelas costas, guardião?

— Quem és tu? Por que se veste como um homem de guerra? — Estava confuso e encabulado.

— Sou o rei de Esteros! — Murmurou o elfo em tom de superioridade.

— Um mestiço...! Se não sair deste lugar, imediatamente, terei que matá-lo!

— Não sabe com que está falando, moribundo? Era você quem deveria ter saído daqui, agora irá morrer porque não me tratou com o respeito merecido.

O mago, sem dizer qualquer palavra, lançou ao solo um feitiço escuro e translúcido, três serpentes como najas surgiram e rastejaram em direção ao elfo.

— Elas possuem um veneno tão poderoso que com apenas uma gota mataria dez homens, vá embora e não o ferirão.

Vamcast sorriu com ar de malícia:

— Possuo a fúria de dez gigantes, você e sua magia medíocre serão enterradas nessa tumba.

Vamcast firmou seus calcanhares sobre o solo, forçou seus músculos à frente e deixou que a espada riscasse o ouro do chão, com um salto e usando três golpes decepou as cabeças das serpentes, continuou em direção ao indivíduo até que golpeou seu abdômen, dilacerou seus músculos, as tripas e o estômago caíram ao solo, o sangue jorrou e uma poça se formou ao redor do corpo dilacerado. O indivíduo com um gemido enorme ajoelhou-se no chão, então, rapidamente foi golpeado nas costas e caiu quase sem vida. Vamcast, não satisfeito, atravessou a espada no corpo do homem que com outro grande gemido, já vendo a morte em seus olhos, levantou a mão em direção à pedra das invocações. Vamcast lançou a perna direita sobre as costas do xamã, elevou sua espada aos ares e cravou a espada nas costelas do cadáver, em seguida o humilhou:

— A morte lhe cai muito bem moribundo! Aprecio esse silêncio...

Vendo que o seu oponente já havia sido abatido, o elfo caminhou até a pedra celestial e, ao confiscá-la levou-a para fora do lugar.

Do lado de fora os orcs o aguardavam, quando ele surgiu todos estavam curiosos e focados sobre ele.

— Mestre, obteve êxito? — Perguntou Destructor, bajulador.

Vamcast elevou a mão direita à frente e ao abri-la, exibiu a pedra que era pequena, vinte centímetros por ambos os lados. Tinha um brilho amarelo – ouro, intenso, pequenas inscrições a rodeava, possuía formato redondo.

— Invoque-a, mestre! — Murmurou o eracicto.

Com mais uma pedra nas mãos, o elfo pronunciou as seguintes palavras:

— *Da terra brotarás e contigo a morte trarás!*

Um vento forte soprou, barulhos de asas ecoaram aos ouvidos de todos os presentes no lugar, era como milhares de morcegos, mas em conjunto, em único som. A mata e as árvores estremeceram e dos céus surgiu uma criatura enorme, com asas que mediam dez metros como as de um dragão. As garras afiadas como as de um grande tigre e patas ásperas, cobertas por escamas douradas. As presas como as de uma serpente naja, oito pequenos chifres sobre a cabeça, a corcunda era áspera até o rabo, liso e pontiagudo, na ponta da cauda havia uma bola de espinhos simulando uma maçã. Seus olhos eram avermelhados e profundos, as narinas esburacadas e cabeludas nos interiores, e ele media vinte metros de largura e dez de altura. O monstro caminhou até o elfo, estava enraivado e exibia dentes expostos, prontos para devorar qualquer inimigo que ameaçasse seu dominador.

Vamcast, abrindo a palma da mão caminhou até a criatura.

Já em frente ao enorme monstro, parou... baixando a cabeça e indo em direção ao animal, foi encarado por um olhar profundo. Mas, Vamcast sem medo algum tocou-lhe a testa. Desta vez não houve dificuldade alguma em dominar um ser maligno, afinal o príncipe já tinha um poder enorme e a sua aura já estava quase totalmente dominada pelo mal. Um anel caiu da boca do animal... expelido da boca da criatura, então Vamcast o colocou no outro dedo. Essa era a segunda aliança do príncipe com o mal e o seu poder estava ainda mais absoluto...

Academia de magias Pectrus

As parábolas de Panderios

Quando Vamcast se rebelou a ponto de se tornar um assassino, Panderios, o mago, sentiu a dor de Mussafar. Então lembrou-se daquele dia em que tentou alertá-lo sobre a ousadia do pequeno príncipe. Se o rei o tivesse escutado...

O mago meditou e se lamentou por vários dias... Num final de tarde, quando o sol já se punha sobre a floresta dos demônios, Panderios selou sua montaria. Tratava-se de um enorme pássaro tuco-tuco, com aparência e tamanho de uma avestruz africana. O velho mago partiria em direção ao reinado de Miromars, na intenção de alertá-lo sobre Vamcast. Também planejava requisitar soldados e treiná-los a fim de obter aliados na busca pela liberdade de seu mundo.

Ele precisava se colocar em defesa de seu mundo, os povos não tinham a quem recorrer. Tirim poderia se tornar uma das únicas esperanças daquele povo.

O mago preparou mantimentos e uma bolsa de água, equipou –se com todos os apetrechos necessários para sustentá-lo em sua viagem. Cavalgou por dois dias exaustivos em busca de ajuda. Até que parou frente ao castelo de Miromars. Atravessou os jardins e caminhou em direção aos soldados que guardavam a entrada principal. Sendo recebido imediatamente, pediu para ser levado ao rei:

— Peço licença, requisito a atenção de Miromars... Imediatamente!

Um soldado se aproximou, reverenciou o mago, em seguida respondeu:

— Qual seria o assunto?

— A eminência do mal contra o nosso povo...

— Aguardávamos manifestações contra a tirania de Vamcast, por acaso, seria esse o motivo de sua visita?

— O assunto é realmente este. A minha visita é a respeito das providências a serem tomadas. — Disse o mago, seriamente.

— Siga-me, o levarei imediatamente ao meu rei. — respondeu o soldado, aceitando as palavras de Panderios.

Panderios atravessou os corredores. Observou ao seu redor e contemplou as famílias. Havia crianças, idosos, mulheres e alguns soldados, todos com fisionomia de preocupações e aflições. Após atravessar os corredores, adentrou a grande porta que separava o salão de festas da sala do trono. Contemplou as paredes onde haviam quadros pintados à mão e ali estavam todos os reis. No canto esquerdo, uma enorme estátua esculpida em bronze, Miromars estava ereto e seu punho direito se mantinha à frente, um pombo branco pousava sobre seu dedo indicador e aquela imagem simbolizava a paz entre as nações. Caminhou mais adiante e testemunhou mais oito estátuas, essas eram figuras de reis bárbaros, todos munidos de lanças e espadas, em suas fisionomias demonstravam coragem e fúria. Pisou o tapete vermelho de bordas brancas, e caminhou lentamente em direção ao rei.

Aproximou-se do trono... até que Miromars o recebeu imediatamente:

— Panderios! Seja bem-vindo, nobre amigo. Aguardávamos a sua presença.

— Meu rei... Suponho que já saiba o motivo da minha visita — se curvou — então serei breve...

— Suspeito, mas quero me assegurar de que se trate realmente de uma reação às monstruosidades que se espalham por todos os lados ... — Disse o rei e abandonou o trono. Caminhou lentamente diante do mago. Esteve frente a ele e aguardando as suas palavras.

— Busco por soldados, meu rei. Treiná-los-ei e os ensinarei o propósito básico da magia. O mal é maior do que podemos imaginar.

— Temo por nosso mundo, meu velho amigo... — Murmurou o rei e parecia realmente temeroso.

— Não estamos lidando apenas com mortais, existe algo muito maior se levantando contra nós. O sobrenatural se espalha sobre o nosso mundo... Temo pela vida de todos. Esse motivo traz-me até sua presença, majestade.

— O que sugere que façamos? Tenho conhecimento do que enfrentaremos.

— Devemos suprir os nossos exércitos. Vamcast se tornou um assassino, e pretende nos atacar muito em breve.

O rei se manteve melancólico por algum instante. Até que firmou seus olhos diretamente no mago, e se pronunciou:

— Velho companheiro, leve quantos homens forem necessários. O meu reinado e a minha família sempre estarão ao seu dispor.

Panderios tocou seu cajado ao solo, sua feição mudou e franziu toda a testa.

— Majestade, vejo em ti a sabedoria que faltou em Mussafar. Organizarei um exército e aguardarei os aliados de Morteros. Sinto que em breve ele virá a mim...

Miromars caminhou até o trono, mas não se sentou.

— Mussafar errou... Colocou-nos em perigo por sua falha, entretanto, esse erro jamais manchará a sua honra. Esse é apenas o início... A coragem e os méritos que o coroaram como um corajoso e destemido rei serão honrados por todos os séculos.

Panderios tocou seu cajado ao solo. Voltou a ser curvar.

— Miromars, agradeço pela sua atenção. Partirei agora mesmo, levarei comigo uma centena de seus soldados... Aguardarei sua presença para que se junte a nós no campo de batalha.

Miromars voltou a assentar-se no trono.

— É justo que eu adote essa guerra como minha, entretanto, deixarei claro que não a desejo. Não me tome como um covarde, velho amigo, todavia não anseio pelo combate. — Nesse momento um menino correu e se lançou sobre o colo do rei, ele continuou a explicar:

— Aguardarei até que não haja mais esperanças. Peço que compreenda as objeções de um rei pacífico e oprimido. Temo por minha linhagem. — Ele acariciou o menino, o seu filho, beijou sua nuca e completou: — Leve o que precisar, e que os deuses estejam ao seu lado.

Panderios reverenciou novamente o rei, não proferiu a ele nenhuma palavra e seguiu em direção aos portões. Escolheu a dedo os melhores soldados e levou-os consigo.

O mago reunia nesse momento um exército. Pequeno, porém poderoso.



O Oeste

As criaturas vindas do continente Íris são afugentadas por Vamcast

O terror em Naires estava chamando a atenção de toda a Esteros. Os acampamentos do oeste guardavam nesse momento grandes guerreiros, chamados de trinontes, uma espécie de homens-feras.

Os grandes guerreiros naquele dia estavam se preparando para uma viagem a Íris, o continente desconhecido ao Sul de Esteros, que também era a sua terra natal. Os trinontes, por serem criaturas isoladas não compartilhavam os seus desbravamentos com os demais habitantes de Naires. Vistos como invasores vindos de outros planetas, as criaturas viajavam entre os continentes de seu mundo explorando aleatoriamente os continentes Íris, Naires e Saladyr. Mas, naquela ocasião, seriam expulsos de Naires, pois Vamcast marchara até o local com intuito de matá-los.

Havia vinte poderosos guerreiros trinontes à beira-mar, munidos de uma enorme invenção até agora desconhecida em Naires, um gigante que poderia flutuar nas águas e que era batizado como Navio. O grande navio era construído em madeira, pregos, e ferro, além de outros materiais essenciais como o piche e o tecido de couro para as velas. A enorme embarcação possuía cor azulada e velas marrons, uma cabeça de serpente ficara na ponta da proa, já na popa um rabo fino e encurvado para cima. Era a figura de um animal aquático esculpido na própria madeira e possuía dentes afiados e feição assombrosa. Nesse momento as criaturas ferozes se preparavam para voltar à Íris. Enormes troncos de oliveiras eram carregados ao interior do grande navio, criaturas entravam e saíam da embarcação, arrancavam árvores e coletavam ouro, cobre, e minério de bronze.

Vamcast eclodiu sobre os montes do sul e esteve acompanhado por algumas centenas de orcs, entre eles: besteiros, guerreiros, arqueiros e cavaleiros montados. Escondidos entre as montanhas estiveram observando os invasores. As criaturas se diferenciavam em listras e cores nas pelagens, entretanto no tamanho e porte físico possuíam aparências idênticas, tinham pelagens curtas e feição de leões e tigres, caninos enormes e acentuados na boca, garras afiadas e olhos pequenos e levemente fechados. Eram criaturas altas, entre um metro e oitenta a dois metros de

altura, envergaduras curvas na corcunda e músculos avantajados em todo o corpo. Comunicavam-se por grúidos e uivos. Notava-se que havia ali um general e líder, era o maior, mais forte, e não trabalhava em serviços pesados, apenas comandava os operários.

— O que são aquelas coisas? — Indagou o elfo, escondido atrás das rochas, onde tinha boa visibilidade.

— Deuses! São deuses vindos de outros planetas, meu senhor! — Disse Destructor e tinha olhos trêmulos e aterrorizados.

— Deuses ladrões! — Falou um orc — Roubam nosso ouro e nossas árvores! — Completou.

— Não acho que sejam deuses, são apenas ladrões e precisam respeitar as nossas terras. — disse outro soldado e desejava desafiá-los.

— Se matássemos esses deuses poderíamos obter mais respeito e não haveria ninguém com audácia suficiente para lutar contra um orc! — falou outro.

— Esperem, fiquem quietos! — Disse o elfo.

Vamcast elevou seus olhos sobre as criaturas e esteve meditativo, de certa forma seus soldados tinham razão, se matassem aquelas criaturas poderiam usar aquele feito como intimidação, enfrentar deuses era algo arriscado, entretanto o risco para eles era como uma torta de maçã quente na janela de uma velhinha, valeria a pena roubá-la e saciar-se dela.

— Mantenham a posição. Ao meu comando desçam os montes e cerquem-nos... Veremos se esses deuses podem sangrar...

Vamcast montou o grimo e foi à frente deles, solitário, desceu as montanhas e parou a uma distância em que as criaturas podiam observá-lo.

As criaturas percebendo aquela figura que imóvel os observava, pararam seus afazeres. Eram em média vinte monstros, mas não se armaram ou pretendiam atacá-lo, apenas dialogavam entre eles, pareciam confusos.

— Besteiros, avancem! — Ordenou o elfo, e orcs munidos de bestas e várias setas começaram a se revelar sobre as rochas, e eles desceram os montes e se mantiveram logo à frente de seu general, a uma distância segura em que pudessem ferir os inimigos sem perderem integrantes de seus exércitos.

Naquele momento, o general dos trinontes, um guerreiro robusto e de pelagens amareladas e aparência de um leão apalpou sua lâmina e ergueu aos céus, parecia dizer: “Todos em formação, estamos sendo alvejados!”.

— Besteiros, ataquem! — Ordenou o elfo.

Dezenas de setas foram lançadas aos ares e era uma chuva negra que encobria os céus, os trinontes recuaram e se puseram próximos à rampa do navio, outros se lançavam ao solo e se escondiam por detrás dos troncos.

As setas caíram como uma chuva mortal, cravavam nos troncos e no solo, entretanto nenhum trinonte foi ferido ou morto, pois o pouco que recuaram os salvaram da morte.

— Cavaleiros... Avancem! — cinquenta orcs montados em cavalos partiam contra os trinontes, podiam ouvir os cascos dos animais tocarem o solo, uma poeira seca se formava. Desceram em bando, todos orcs armados por lanças e vestidos por armaduras pesadas de cota de malha e escudos de ferro em formatos arredondados.

— *Ug-Uh-Rrar!* — Gritou um trinonte. Ele dizia: “O que faremos senhor?”

O general retirou a espada e urrou:

— *Ur-Arr-Gar!* — “Vamos lutar!” — *Argar-Ur-Arrg-Oar-Rarar-Barg!* — “Dominem os cavalos, mas não matem os nativos!”

Os trinontes mantiveram suas espadas embainhadas, presas sob cintas que rodeavam as costas, e inclinando os corpos sobre o solo... como felinos, abandonaram suas versões eretas, agora galopavam como leopardos e foram em direção aos orcs. Quando se aproximaram, saltaram aos ares e ao tocarem o solo voltaram a ficar eretos. Lançaram-se sobre as hordas inimigas, não feriram os orcs, mas sim os cavalos, cortavam as patas e dilaceravam suas juntas. Orcs tombavam ao solo, capotavam e se feriam, e quando estavam feridos e desarmados os trinontes se punham sobre eles e apontavam suas espadas sobre as faces inimigas, rugiam e faziam-nos entregarem suas armas. Nenhum orc padeceu sob a espada de um trinonte e aqueles que ficaram paraplégicos ou feridos, só ficaram assim pelo tombo, não pelo golpe de espada.

— Por Homandir! Eu disse que são deuses! — Gritou Destructor e tremeu dos pés à cabeça, era um covarde arredio e lutava confiante em seus aliados, se pressentisse a derrota pensava em fugir como um cão. De fato, era um fanfarrão arisco, um medroso bajulador.

— Guerreiros, besteiros, arqueiros, avancem! — Vamcast ordenou o ataque e montou o mengro, partiu em fúria e se manteve à frente. Se os inimigos fossem deuses tiraria a prova, não importava quão poderosos fossem, não importa a sua

morte ou a de quem quer que fosse, só o que importa é a batalha e a glória, afinal ele estava ali para isso, veio por esse motivo...

Vendo Vamcast cheio de coragem, os orcs se olharam, urraram como cães ferozes e partiram atrás de seu general, foram em busca da glória que vieram buscar, não importava o tamanho ou as habilidades dos inimigos, iriam arrancar-lhes as tripas, as vértebras, e colecionariam seus crânios...

Centenas de orcs desciam o grande monte, eram como formigas. E eram centenas contra apenas vinte criaturas.

— *Ar-Ugh-Igruar?* O que faremos, senhor? — Disse um trinonte com arma em punho.

— *Rar-Ugrh-Grr!* — Não fujam, apenas se agrupem...

Quando Vamcast estava próximo de feri-los, o general trinonte elevou o peito aos céus e urrou firme, exibiu suas presas e rugiu como um leão feroz, logo após baixou-se e reverenciou o vilão e todas as demais criaturas se limitaram a fazer o mesmo, deixaram que suas espadas caíssem de suas mãos, pareciam evitar um combate, pareciam aceitar um tipo de reprovação por estarem invadindo terras alheias, prestavam respeito aos nativos daquele lugar. Contudo, todos foram rapidamente abordados e cercados de todos os lados, acuados por Vamcast e sua horda de orcs. O elfo, sem perder tempo, se aproximou enquanto os visitantes não imaginavam quem poderia ser aquele homem.

As criaturas conversavam entre si, já Vamcast retirando a sua espada da bainha, se aproximou para ameaçá-los:

— O que fazem em meu planeta, criaturas? Por acaso procuram a morte?

Zulios, que era o general e também o capitão do navio, não entendeu as palavras de Vamcast, pois falam a língua dos trinontes. Comunicando-se com as demais criaturas e parado frente ao elfo aproximou-se como um gato acuado, esteve ereto, porém em posição de inferioridade. Próximo a Vamcast e sem esboçar reação, com voz que lembrava um rugido, tentou argumentar com o rei maligno:

— *Urrr-Arr-Arrg-Urga-Urar-Aru-Rarir...* Viemos em paz, não existe necessidade de guerra, voltaremos para o mar, se nos permitir. — curvou a coluna e olhou nos olhos de Vamcast, de muito perto, era um monstro de hálito seco e fedido, barbatanas avantajadas e falhas, olhos esverdeados nas córneas e com uma bola negra no centro. Suas presas pontiagudas e avantajadas, orelhas peludas e voltadas para cima, narina escura e esburacada. Mas mesmo que aquela criatura tivesse feição perturbadora e agressiva não demonstrava desejo por batalha ou

mortes. Entregava-se ali agindo com diplomacia, aparentava desejar apenas partir para seu monstro sobre as águas.

O elfo, sem entender qualquer palavra olhou pelos ombros e contemplou ao longe o grande navio, era uma visão intimidadora e gigantesca, um monstro marinho que não se movia, talvez esperasse a hora certa para entrar em combate, talvez aquelas criaturas sejam espertas demais e tramem algum tipo de estratégia de combate... Mas, imaginando que aquilo fosse uma ameaça, o elfo sacou rapidamente a sua espada e com apenas um golpe atravessou o coração da criatura. Os orcs, então iniciaram outra batalha, e os trinontes uma vez acuados começaram a fugir para o grande navio azulado.

Os besteiros sedentos pela batalha muniram-se de suas setas e armaram as bestas, lançavam projéteis contra os inimigos. Setas cravavam-se nas costas das criaturas, mas elas continuavam a fugir, o sangue espirrava e manchava o solo...

O capitão assim que pisou o interior da embarcação ergueu a âncora rapidamente, enquanto um grupo seguia lutando na entrada da rampa do navio. Vamcast, mesmo percebendo que as criaturas tentavam fugir, não lutava, apenas ficava parado em frente ao corpo caído próximo a seus pés... Observando a fisionomia poderosa da criatura morta sobre o solo.

Rapidamente o navio seguia para o mar de águas inquietas, sumindo no horizonte. Os orcs com medo de água, não perseguiam as criaturas, deixando-as partir. Destructor neste meio tempo aproximou-se de Vamcast. Muito próximo ao elfo, contemplava a enorme criatura no chão, e em voz trêmula, proferiu algumas palavras:

— Essa criatura é um deus? Não devíamos ter matado deuses meu senhor! Agora, creio que seremos amaldiçoados.

O elfo movimentou lentamente os lábios, e com um sorriso de canto de boca, gritou erguendo a sua arma para o alto. Enquanto chamava a atenção dos orcs com palavras de comemoração:

— Um deus? Se for um deus, então morreu nas mãos do poderoso Vamcast! Que os deuses me temam de hoje em diante, pois os matarei assim que necessário!

Com urros e berros, os orcs se exaltaram, afinal o elfo poderoso agora desafiava até mesmo a fúria dos deuses.



O Norte

O sofrimento de Mussafar

E, com o príncipe rebelado promovendo tantos massacres, as notícias de vários mortos e feridos chegavam todos os dias ao reino de Mussafar.

O sofrimento do rei aumentava a olhos vistos, e as cobranças a ele eram enormes. Afinal, todos pediam a morte do príncipe para pôr fim àquela situação e assim acabar com o mal.

Zinza não era mais a mesma, nem mesmo o rei Mussafar exibia o seu gracioso sorriso, como de costume:

— Marido, sinto-me triste por vê-lo tão abatido. Ainda acredito que nosso menino voltará para casa e seremos uma família feliz novamente.

Mussafar estava cabisbaixo e deitou seu rosto nos ombros da rainha, em voz baixa se pronunciou:

— Creio que o sorriso não me cai bem, não tenho mais motivo para sorrir.

— A culpa não é sua, nós dois erramos quando ignoramos a má companhia que apodrecia o coração de nosso menino...

— Destructor! Eu nunca desconfiei de nada sobre ele... Mas, Panderios tentou me avisar sobre algo. Eu o ignorei. Sinto-me tão culpado por isso...

— Teremos outra chance de nos redirmos com o nosso menino. Vamos aguardar por mais um inverno, se ele não voltar iremos de encontro a ele. — Disse a rainha e beijou a testa de Mussafar.

O rei caminhou até seu trono, sentou-se e deixou a coroa sobre o assento de braço:

— Ah, como eu desejo esse momento... Sinto tanto a falta de meu filho...

Passaram-se dois longos anos no total. Andor, também estava muito mais forte, pois depois dos acontecimentos precisou treinar, tornando-se perito em espadas e magias. A idade atual de Vamcast era de dezessete anos de idade, sua aparência tenebrosa. Andor com dezesseis anos desenvolveu longos cabelos negros e tinha olhos castanho-escuros, com pequenos fiozinhos de barba desenhando-lhe o rosto do maxilar à costeleta.

O mal em Vamcast crescia a cada dia, o encontro entre a família real era inevitável. O mal dominara o elfo branco de tal maneira que nem mais sabia quem era sua verdadeira família. Andor, por sua vez lutava frente aos exércitos do rei, contra orcs que caminhavam por toda Esteros. Não era mais um menino ingênuo, sabia matar e lutar por seu povo, principalmente pelo pai. Só tentava evitar encontros com Vamcast, pois temia ter de matar ou morrer diante de seu irmão mais velho, a quem amava muito. Angel, a filha dos criados se tornara ótima guerreira, lutava batalhas ao lado do caçula da família Marrac. A sua principal especialidade era arco e flecha.

Se os povos se aliassem ou tivessem levado a sério a ameaça de um lobo faminto, teriam sido capazes de trabalhar juntos, os reis unidos teriam força duas vezes maior do que as de Vamcast. Seria uma ótima oportunidade para salvar o mundo, ou pelo menos para parar o lobo na sua toca. Entretanto, o que se via era uma desunião sem tamanho, os homens se tornaram individualistas. Talvez fosse tudo culpa de Mussafar e seu governo estúpido, ou talvez todos os outros desejassem que a coisa piorasse, e que o norte caísse em declínio, que se afogasse em seu próprio sangue. O norte fora responsável pelo silêncio e espera, Mussafar era seco e inabalável, estava sofrendo, mas não buscava soluções ou assumia sua culpa, fora visto como um rei gélido, incapaz, tenebroso, estúpido, e cego...

O sul continuava apodrecido e evadido, aparentemente dominado por um rei frouxo e pouco precavido, a verdadeira família é um todo, devem se unir e juntos lutarem pela liberdade, pelo povo e pela sobrevivência dos mais fracos. Miromars se ocultava como um camaleão, era mudo como um *mímico* e obsoleto como uma múmia, caiu na falta de hábito, lhe faltava aplicação...

O leste esteve como sempre fora antes, pacífico, mudo e poético, elfos tolos, mas amáveis, enquanto cultivavam sua paz e prosperidade eram saqueados e mortos sem piedade. Lótus não tem culpa, pois aprendeu assim, a paz esteve aliada a sua linhagem desde o início dos tempos, a guerra sempre fora evitada e vista como uma praga consumidora de homens. Talvez seja hora de mudar, evoluir, novos elfos impiedosos e guerreiros devem surgir; isso é preciso, é inevitável...

O oeste, sempre fora reino de um rei imaculado e audacioso; em seu anonimato Carius é pouco sociável em meio à monarquia e domínios territoriais, mas bobo jamais foi. A eminência do mal assombrava toda Naires e o oeste preparava seus soldados, o alarmar de um confronto percorria o pequeno povoado e, se uma guerra é o que Vamcast procura, Carius estará disposto a aceitar o desafio...

Academia Jiuty

As Parábolas de Tanantos

Após o ocorrido na família Destrus, Tanantos, o treinador de esgrimas, lamentou-se pelo ocorrido. Sofreu em ver seu aluno mais dedicado transformando-se em um assassino. Tanantos pressentia um grande futuro em Vamcast.

Lamentáveis foram àqueles dias em que foram anunciadas as primeiras mortes nas proximidades de seu acampamento. Jamais a vida dos naireanos fora ameaçada desse modo. Vamcast tornou-se um homem impiedoso, feria e matava quem atravessasse o seu caminho. Tanantos, por seu turno, percorria as redondezas de seu acampamento, auxiliando e oferecendo conforto às pessoas necessitadas.

Nas redondezas do acampamento Jiuty, os orcs de Vamcast há dois dias aprisionavam os homens e feriam seus familiares. Uma espiã a mando de Tanantos cavalgava naquelas redondezas, a fim de evitar o domínio dos orcs nos acampamentos de seus compatriotas. A mulher salta de sua montaria, caminha e debruça seu corpo sobre uma pedra, onde podia observar todas as redondezas. Usando um binóculo de fabricação artesanal, observa os inimigos. Após contemplar a conquista adversária, parte em direção a Jiuty na intenção de avisar Tanantos sobre o ocorrido.

A mulher de cabelos negros e olhos castanhos, acomodada sobre o lombo de um lagarto cinzento e vestindo um sobretudo de couro, adentrou o acampamento. O réptil caminha em grande velocidade, cruzando por todos os soldados que guardam o local. Após adentrar os aposentos de Tanantos, abandona a criatura e se aproxima.

Se prostrando perante ele, em poucas palavras avisa-o sobre o ocorrido:

— Mestre?! Presenciei devastações muito próximas a nós, uma aldeia ao leste acaba de ser invadida. O fogo se propaga sobre as casas e se alastra por todos os acampamentos...

Tanantos estava de costas e pensativo, ficara horas ali, meditativo, próximo à fogueira que queimava incessantemente mantendo o local em temperatura aconchegante. Lançando mais um tronco na grande lareira, sem se virar, responde às informações da guerreira:

— Agradeço pela sua dedicação. Alerte os demais guerreiros sobre o ocorrido, me aguardem do lado de fora. Juntar-me-ei a vocês em poucos minutos.

E Tanantos tomou sua armadura e vestiu-se completamente, apoderou-se de suas ombreiras, calçou suas botas e vestiu suas luvas. Por último, fixou os protetores de braço e panturrilhas, até ficar frente a sua espada. A lâmina poderosa era de longa espessura, na cor barro cromo, forjada em puro aço e essências do próprio barro esteriano, com detalhes em bronze nos gumes e ouro no punho. Ele a apalpou e elevou até uma altura mediana. Tocou seu corte levemente, era extremamente afiada e esplendidamente linda. Elevou a espada até a bainha e estava pronto para a batalha.

Caminhando lentamente até o estaleiro, montou o seu cavalo de pelos cinzentos e crina longa, bateu as rédeas e cavalgou até o grupo. Havia trinta soldados aguardando junto com a guerreira que o alertou sobre a invasão nas proximidades.

— Vamos, estou preparado! — Advertiu o espadachim.

— Siga-me, mestre. Mostrarei o caminho!

A guerreira cavalgou à frente, conduzindo o grupo rumo aos invasores. Tanantos mantinha em seus olhos uma seriedade inabalável, uma postura de superioridade e parecia pronto para confrontar os inimigos.

Cavalgaram a uma distância em que permitia-lhes boa visibilidade. Tanantos contemplou o fogo que consumia todo o local. O vilarejo aparentava estar desértico. Entretanto, o grupo avançou adentrando as vielas e a morte estava por todos os lados, homens estavam dilacerados sem braços e pernas, cabeças decepadas e tripas jogadas para todos os lados, um cheiro de fezes e sangue pisado pairava no lugar. Nos céus os corvos e urubus rodeavam o acampamento, filetes de madeiras com cabeças espetadas formavam uma espécie de cerca, e esta deixava a entrada principal fechada e com aparência de uma cidade fantasma.

Tanantos ainda cavalgando, cuspiu no chão, sentiu a cabeça girar e seu estômago embrulhou, sentiu um gosto podre na saliva, como fosse vomitar, mas seus olhos eram tristes e desolados, seu coração palpitava a uma velocidade notável, sentiu um frio na coluna ao ver um cadáver dilacerado em seu caminho: “*Orcs malditos e assassinos!*”— murmurava para si mesmo.

Ao longe, observam a última estrada de terra.

— Vejam, são os invasores! — Murmurou a guerreira.

Tanantos contemplou duas dezenas de orcs assassinos. Eles aprisionavam os homens e prendiam seus pés e braços, eram arrastados por enormes correntes. Arrebatavam-nos como escravos.

— Bastardos! — Protestou o espadachim.

— São uns covardes... — Disse a guerreira e muniu-se de seu arco. Lançou um projétil que varou a cabeça do inimigo, o sangue espirrou aos céus em câmera lenta, uma chuva de miolos e sangue alarmou as demais criaturas.

Tanantos saltou de sua montaria, lançou-se pesadamente ao solo árido e empoeirado. Retirou o sabre cromo da bainha, o sol refletiu sobre sua espada. Seus cabelos negros foram arremessados pelo vento, deixando à mostra sua expressão de fúria.

Os inimigos perceberam e vieram contra ele. Uma batalha se travou, o espadachim manipulou sua lâmina à frente e cravou-a no coração do primeiro inimigo, torcendo a lâmina em um movimento louco estilhaçou seus músculos do peitoral, o primeiro que ousou enfrentá-lo caiu a seus pés como um porco abatido.

Saltou levemente aos céus e lançou o corpo majestosamente à frente, desferiu sua espada de cima para baixo e partiu a clavícula do segundo inimigo, dilacerando o seu braço direito e estilhaçando ossos e pele, a criatura lançou um gemido agudo e pedaços de seu corpo caíram ao solo. O espadachim caminhou três passos à frente e lançou um golpe rodado, decepando a cabeça do terceiro oponente, lançando uma chuva de sangue aos ares, o corpo sem vida ficou de pé por alguns instantes até que sucumbiu sem vida.

— Quem é ele? — Perguntou uma criatura e elevou seu calcanhar à frente, pretendia abandonar a batalha. A guerreira lançou seu corpo pesadamente à frente e libertou outro projétil. A flecha cravou-se sobre a nuca do inimigo, lançou-o ao solo como se fosse um boneco de borracha sem juntas, caiu raspando a face no

terrão, só parando a dois metros de distância, o sangue jorrou e deixou um rastro de onde caiu até o lugar onde o cadáver parou.

Tanantos atirou-se contra uma dezena de inimigos, entretanto mantinha sua lâmina no interior da bainha. Naquele momento, sua mão direita empunhava a espada, somente a metade ficou à mostra. Ele estava cercado, totalmente rodeado por uma dezena de inimigos, porém, ele não os temia. Mantinha um olhar frio e distante e ao mesmo tempo penetrante. Era tão vazio, tão *frio*, tão fora do lugar, e extremamente centrado.

— Vamos ajudá-lo! — Disse a guerreira e todos vieram para poder defendê-lo.

Tanantos lançou-se contra o primeiro bastardo e arrancou-lhe uma perna. Desviou-se de um ataque sobre suas costas e rodopiou, decepando as pernas de três inimigos desatentos, os outros pularam e se livraram do ataque. O espadachim se colocou de pé, e ainda restavam seis inimigos.

Seus companheiros se aproximaram, contudo o espadachim fez sinal com a cabeça que “NÃO”, ninguém deveria entrar naquela batalha. Aqueles bastardos eram seus, ele ansiava pela glória, e aquela era a primeira vez que empunhava uma lâmina de corte. Tanantos passara anos treinando alunos e os ensinando a não matar, instruía-os apenas a se defender. Usar uma espada era um hábito aventureiro e casual, mas ele próprio ansiava pelo combate.

Enfim, chegou o momento em que as crianças seriam separadas dos homens...

Outro inimigo lançou-se contra o espadachim, Tanantos desviou seu corpo a seu lado direito, a espada inimiga feriu seu rosto discretamente, mas antes que uma gota de seu sangue tocasse o solo, ele lançou seu punho à frente e atravessou o abdômen da criatura, e usou tamanha fúria que os pés do inimigo abandonaram o solo e pendurou-se no punho do espadachim. Ele lançou o cadáver contra seus pés e partiu contra os demais.

Girou seu corpo em sentido contrário, partiu o crânio de mais um moribundo bem na altura da testa, miolos derretidos voaram como gelatina. Lançou seus cabelos aos céus e agarrou o punho de sua espada, agora com as duas mãos, num manejar de espada partiu o quadril da sétima criatura ao meio lançando tripas e fezes sobre o solo. Girou seu corpo ao seu lado direito e baixou-se, decepando os dois joelhos da oitava criatura que tentava acertar-lhe um golpe na cabeça.

Restavam dois deles, e Tanantos num manejar de espadas enfiou sua lâmina na garganta do penúltimo que esteve paralisado com a carnificina, havia se tornado um telespectador: antes um lobo feroz e agora uma ovelha a caminho do matadouro, Tanantos o matou sem nenhuma piedade, assim como fizeram com seu povo. Por fim, parou frente ao último inimigo.

— Bárbaros, malditos, covardes! Não são tão perigosos contra alguém preparado para lutar?!

O inimigo contemplou seu lado direito e esquerdo, não havia mais ninguém vivo só ele e o espadachim. A criatura parou no tempo, esteve paralisado e de olhos trêmulos, fedia à urina, não se movia, de fato, um verdadeiro covarde. Então abandonou sua espada ao solo e caiu de joelhos, baixou a cabeça e fechou os olhos. Estava entregue à morte...

Tanantos elevou sua espada com as duas mãos num movimento poderoso, lançou seus braços com força aos céus, e de cima para baixo, cravou a lâmina na nuca do orc. Penetrou o crânio da criatura de trás para frente e a espada saiu pela boca. Baba, sangue, e miolos desceram suavemente pelo aço. A criatura se debateu e morreu agonizando. Após matar a todos, retirou sua espada do cadáver e levou o aço até a bainha. Silenciou sua espada, que ainda mantinha-se manchada pelo sangue inimigo.

— Enterrem os corpos, ajudem os homens que ainda se mantêm com vida! Retornaremos à Jiuty imediatamente!

E todos os outros companheiros ficaram pasmos com as habilidades daquele homem. De fato, Tanantos era um guerreiro veemente, firme e seguro.

“Os inimigos se aproximavam mais e mais, não parecia haver limites para a tirania de Vamcast. Porém, Tanantos era sábio e sentia que alguém estava por vir. Um herói surgiria, a esperança jamais deveria sucumbir...”



O Sul

Estava frio, o inverno se aproximava...

Andor, sendo seguido por Mondaros e Angel cavalga próximo aos desfiladeiros, entre a divisão Oeste – Sul de Naires. Ao longe, observa o mar negro de águas escuras, pássaros aquáticos voavam em sincronismo como num show acrobático, pequenos mergulhões capturavam peixes desatentos, ao longe se via o céu azulado, as nuvens de bordas escuras, aquela era uma beleza natural divina e apreciável. O chão coberto por pedriscos e cascalhos pretos, a terra úmida exalava cheiro agradável, um gramado tímido e falho crescia nos cantos das rochas, as árvores mistas de oliveira enfeitavam o cerrado de mato comprido, na cor verde – claro. Tudo era lindo! Tudo intocado pelo homem!

Continuaram cavalgando até que encontram uma estrada de terra árida.

Naquela tarde, o grupo rondava as mediações com a missão de procurar invasores e alertar Panderios caso existisse a eminência de um ataque. Andor caminhava lentamente, montado em seu cavalo de pelos cinzentos e crina marrom. Estava vestido com um blusão de pele de urso pardo, por cima uma longa capa de couro de lobo. Calçava botas longas, e vestia calça larga tecida em cota de malha fina. Era aquecido por uma touca de pele de urso que cobria os cabelos e orelhas. — *“Está muito frio!”* — pensou o príncipe. Levou suas mãos aos lábios, soprou um bafo quente. Estava sério, de peito erguido e pose de cavaleiro. Curvava frequentemente o seu rosto a seu lado direito, em direção a Angel.

A bela donzela montava um alazão branco, um cavalo marchador de beleza esplêndida. O animal de crina longa e calda fina foi cuidadosamente selado para ela. O arco de Angel estava preso ao seu lado direito por uma cinta em couro abotoada, uma grande quantidade de flechas do lado esquerdo em um recipiente de couro marrom. Angel estava vestida com um macacão branco, uma blusa curta e um cachecol elegante. Os cabelos livres ao ar, sendo banhados pela neve e chacoalhados pelo vento. Sorria para Andor graciosamente, ele por sua vez estava perdido em seu olhar, apaixonado, parecia viajar para outros mundos. Era tão lindo aquele afeto, tão admirável aquele amor. Como um sentimento tão puro poderia sobreviver a tantos desastres?

O amor sobrevive às tempestades de solidão. Estabelece relações mágicas com o passado. Encontra no presente a razão maior para viver. Faz do entardecer um momento de inspiração. Constrói a paz, traz esperanças e encanta. Transforma as manhãs e tudo fica mais gracioso. Ele nos guia e a satisfação renasce a cada instante.

O futuro chega com a quietude, conforta e acalma. Uma brisa leve se confunde com tons de paixão. Viajo em um som romântico, que embala o coração. Desperta um novo dia. Traz sentido à vida. Reaquece o coração.

— Ei! Acorda! — Disse Mondaros — Escutei alguma coisa...

— Hã? O que houve? — Disse Andor acordando do transe romântico em que se encontrava.

— Eu também ouvi algo! — Disse Angel e puxou as rédeas do animal.

Mondaros desceu de seu animal, puxou as rédeas e chamou o grupo — vamos nos esconder, não sabemos o que vem em nossa direção.

Estavam próximos à estrada, então desceram de seus cavalos e esconderam-se nas rochas. Ficaram ali observando pelas frestas, um exército de cinquenta homens se aproximava.

— Psiu! — Angel assobiou para o príncipe — São orcs... — Sussurrou baixinho.

— Iremos atacar? — Perguntou Mondaros.

— Espere... — Disse o príncipe.

— Acho melhor não. — Sussurrou a donzela.

Foi quando os primeiros soldados começaram a cruzar frente a eles. Continuavam escondidos em silêncio. Acharam melhor não atacar, pois os inimigos eram muitos, no entanto, Angel estava com o arco em mãos e se fosse descoberta, usaria suas habilidades.

— Vamcast...? — Sussurrou Andor em voz baixa. É ele... O meu irmão! — completou e quis se levantar e caminhar até ele, pensou em chamar a sua atenção.

— Tá maluco? — Disse ela, segurando o seu braço.

— Mas é ele, o meu irmão...

— Não é o momento, não agora. Por favor, não faça isso! — Disse ela, próxima a ele, seus olhos grudados aos dele. Teve medo, temeu o pior, previa que algo ruim pudesse acontecer.

— Me deixe. — Falou o príncipe em voz alterada, tentou se livrar dela.

Um orc escutou um barulho estranho, parou sua montaria e olhou ao redor. Não chamou a atenção dos demais, por enquanto, mas começou a caminhar mais lentamente.

Angel sentiu que ele ficou alerta, então puxou o rosto de Andor contra si e beijou-o loucamente. Tocou seus lábios contra os dele, apalpou sua nuca, fazendo a touca cair e seus cabelos se assanharem. Ela prolongou o beijo até que os orcs desaparecessem. Após beijá-lo, lentamente libertou-o e ficou com as bochechas rosadas, estava envergonhada.

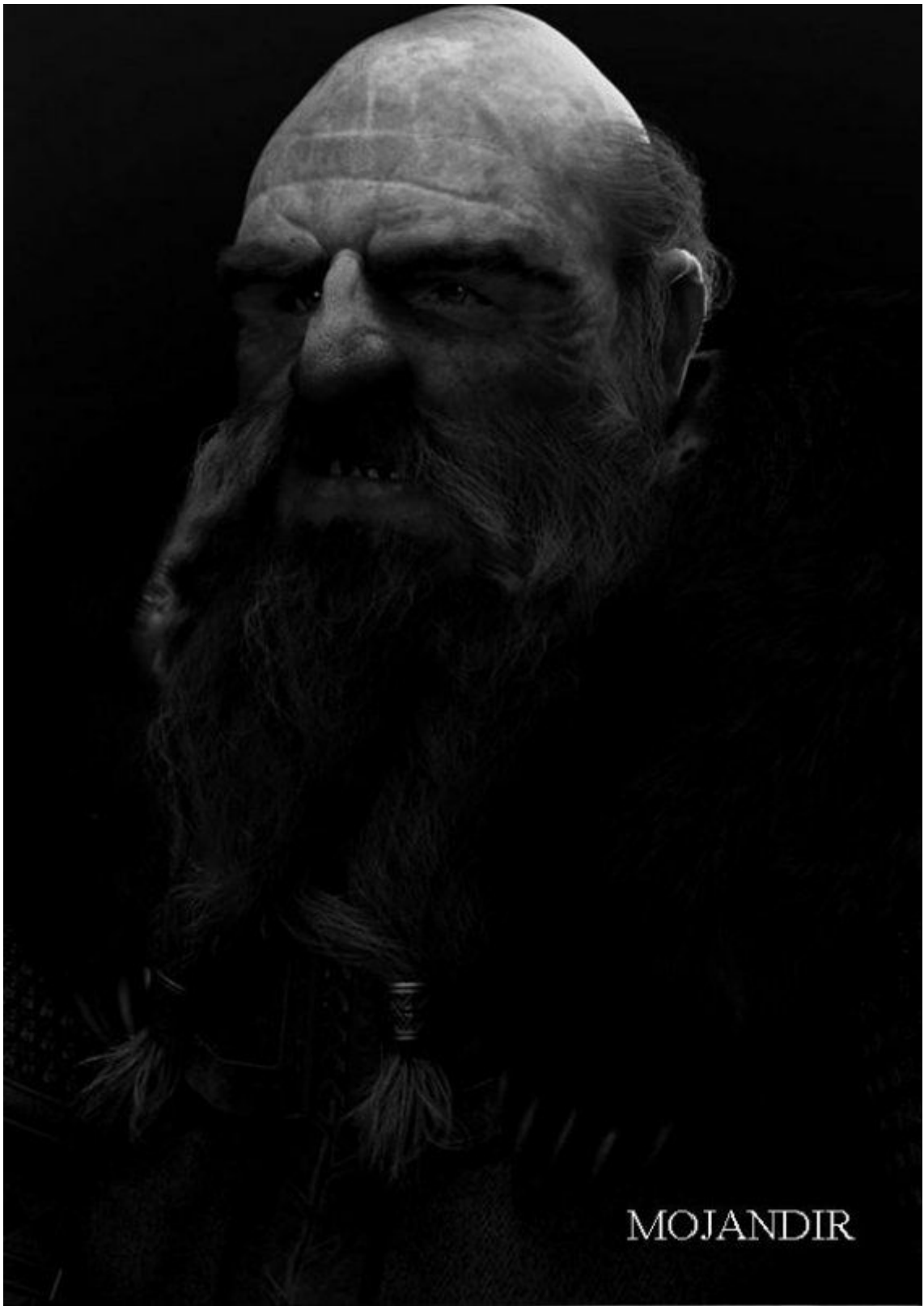
— Minha nossa! — Disse Mondaros — Quase engoliu a boca do rapaz... — concluiu, ironicamente.

Andor sorriu, ficou encarando-a e sentiu o doce sabor da paixão.

— Deixa de ser palhaço, Mondaros! — disse ela e se levantou. — Vamos embora eles já se foram.

Eles arrearam os seus cavalos e partiram. Andor não comentou nada sobre o acontecido, mas ficou pensativo... Era o seu irmão e estava ali próximo a ele, podia abraçá-lo, poderia dizer a ele o quanto sente sua falta... Por outro lado, talvez Angel tivesse razão, talvez ele não o escutasse naquele momento.

Já Angel esteve aliviada, pressentia que Vamcast estava mudado. Aquela aparição a assustou, não era o mesmo menino que conheceu anteriormente, aquele homem que cruzou em sua frente era tenebroso e amedrontador. Sim, ela fizera o que era certo, não deixou o seu amor se aproximar dele... fez o que podia... fez o que era correto.



O Sul

Os anões se unem a Vamcast

A fama e maldade do príncipe maligno era conhecida em boa parte de Esteros. Devido a elas, um ser de coração ruim se interessou e procurou pelo

acampamento do rei do terror. Era o anão de nome Mojandir. Era um homem pequeno, um metro e quarenta de altura, olhos firmes e cabelos curtos de fios finos. Era jovem, trinta anos talvez, queixo largo, feição traiçoeira e não sorria, sua cabeça era larga e o nariz achatado, era curvo e corcunda. Um tanto interesseiro e de caráter duvidoso. Mojandir chegou aos portões do acampamento montado em uma espécie de pássaro gigante, um grimo de pelagem cinzenta.

Os grimos eram pássaros de estatura média, com longas penas cinzentas e garras gigantes, muito parecidos com águias ou gaviões. Para um anão esse animal servia facilmente como um meio de transporte rápido e eficiente.

Os orcs, vendo a chegada do pequeno homenzinho sacaram as suas armas. Encarando o viajante indesejado receberam-no com afrontas:

— Quem é você? Afaste-se ou morrerá.

O pequeno homem, com medo, tentava se entender com as criaturas:

— Calma! Eu sou Mojandir, do reino dos anões. Vim falar com Vamcast.

Um soldado o encarava e colocando-lhe o dedo no rosto, disse-lhe:

— Não o deixaremos prosseguir! Volte ou vai morrer...

Quando o orc se preparava para atacar, o anão gritou amedrontado:

— Não, espere! Trago a notícia de uma arma muito poderosa que pode ajudar seu rei a dominar o mundo.

Isso chamou a atenção de Destructor.

— Não o matem! Deixem-me falar com ele... — Virando-se para o desconhecido, disse: — Quem é você? Que arma é esta? Espero que diga a verdade, senão deixarei que morra.

O pequeno suspirou fundo e respondeu rapidamente:

— Uma pedra das invocações. Eu fiquei sabendo que o seu mestre usa uma dessas pedras, e conheço todas as pedras celestiais e os seus poderes. Também sei o verdadeiro fundamento do bem e do mal, igualmente o da vida. Tenho uma proposta a fazer para o seu rei.

Destructor, espantado com as palavras do anão o chamou para conversarem em particular:

— Espere. Fique calado e me siga. Deixem-no passar, saiam da frente!

Mojandir foi levado até o rei e apresentado. Destructor se aproximou do trono fazendo reverência ao vilão e logo após apresentou o anão a ele:

— Meu senhor, trago-lhe este homem que vem das províncias dos anões e traz uma boa notícia para o senhor.

Não acostumado a receber visitas, o elfo ficou em dúvidas, então perguntou:

— O que queres de mim? Quem é este homem?

O anão, mostrando conhecer a fama do príncipe das trevas, curvou-se diante dele. Em seguida proferiu algumas palavras, em tom de respeito:

— Vamcast, é um prazer poder conhecê-lo! Bem, deixe eu me apresentar, sou Mojandir, o melhor amigo e conselheiro do rei Zombacar, o grande líder dos anões. Venho até aqui para prestar os meus serviços a você. Grande rei, nós anões, somos neutros em sua batalha e estamos à disposição, mas é claro que precisaremos de uma pequena doação por parte do senhor, mestre!

Não gostando das últimas palavras do anão, o elfo respondeu com ameaças:

— Doação? Irei dar-te uma chance de sair da minha frente, antes que separe todas as partes do seu corpo. Volte para o lugar de onde veio e diga ao seu rei que Esteros pertence a mim! Se tiver amor à vida, que venha ajoelhar-se diante do rei do mundo. Que peça piedade por sua vida e quem sabe lhe darei.

O anão percebendo o anel nas mãos do elfo, apontou-o, mostrando que já o conhecia:

— Meu senhor, creio que possamos nos dar muito bem. Posso encontrar anéis como o que traz em sua mão. Nosso exército é enorme, creio que ajudaria contra a força do norte, que logo vai querer vir contra o senhor. Tenho certeza que, se presentear o meu rei ele fará o que você ordenar.

Olhando para o anel na sua mão, o elfo passou a imaginar como aquele pequeno homem poderia conhecê-lo.

— O anel que uso? O que sabe sobre a invocação? Se quiser matar você e o seu rei, o farei hoje mesmo!

O anão com a voz firme, respondeu:

— Os anéis que carrega vêm de deuses guerreiros antigos. Eram seis no total e foram usados em grandes batalhas contra os demônios do submundo. Nosso mundo já sofreu muitos males, e o seu reinado é apenas um deles. Os tais anéis foram destinados aos habitantes de Esteros para que fossem usados como benefícios dos reis antigos. Se um rei maligno possui um anel de propriedade legião, ele pode ser de boa conduta ou má. Por exemplo, o anel que usa pode ser de

três anjos brancos com poderes angelicais, que seriam usados para matar demônios. Mas, como você o dominou, são demônios malignos que matam quem você ordenar. Entende?

O elfo começou a se interessar pelas explicações do anão:

— Entendo! Gostei de você, é inteligente e ambicioso. A sua aura é invejosa e maligna. Diga-me, o que posso fazer para ter a admiração do seu rei?

O anão, gostando do elogio recebido, levou as mãos para trás, então continuou andando de um lado ao outro, enquanto seguiu dialogando com Vamcast:

— Eu agradeço o seu elogio mestre. É bem simples! O meu rei ama riqueza, joias, ouro, diamantes, rubis... Dê a ele o quanto puder e ele te dará o que desejar. Meu mestre guarda uma das pedras celestiais, que pode ser uma arma destrutiva e mortal. Quem usá-la terá o domínio desta guerra. Meu mestre pode até dar a pedra a você, mas deve primeiro agradar-lhe. Tenho certeza que a terá sem precisar de guerras e mortes.

Interessado na proposta de aumentar os seus exércitos, o elfo se levantou do trono e começou a dar ordens:

— Destructor! Pegue tudo o que puder e leve para nosso amigo anão. Espalhe para todos que o rei Vamcast é piedoso, dará uma chance a quem o servir e se ajoelhar diante dele, esse obterá o perdão e não morrerá.

Naquele dia, foram levadas quatro carroças cheias de joias e tesouros. O rei anão ficou maravilhado pelo presente que ganhou, logo brindando a aliança com o mal.

Porém, ali perto havia um anão de bom coração, um guerreiro chamado Anaquel. O anão não aceitava aquela situação e inconformado disse ao rei que não gostara da oferta gorda dada a ele pelos seres de mau coração.

Totalmente fora de si, o rei ameaçou banir o pequeno de seu reino. Angustiado, Anaquel tomou uma decisão sábia, mas perigosa: esperou a noite cair e roubou a pedra celestial que daria a invocação da poderosa arma desconhecida. O anão partiu para muito longe, escondendo-se em cavernas ao sul de Esteros. Ele aguardava um sinal, pois sabia que o bem venceria a maldade, e estava preparado para combatê-lo, nem que isso lhe custasse a própria vida.

Sabendo que a pedra fora roubada por Anaquel, o rei dos anões pediu silêncio absoluto para todos, afinal se Vamcast descobrisse o sumiço não mais faria suas doações generosas.

O Norte

A carta de Mussafar

Apesar de Vamcast matar muitos e dominar uma boa parte de Esteros, os orcs e Destructor pediam a ele o reino de Mussafar. Eles queriam também a destruição de toda a Esteros. Todos diziam que agora não existia mais família, e só os mais fortes sobreviveriam. O mal não precisava de alianças e sentimentos bons, matar agora era o verdadeiro propósito de todos os povos, que agora eram chamados de “A legião do mal” ou “A sociedade dos orcs”.

Com tudo isso, o príncipe negro foi ficando muito nervoso e sabendo da morte dos seus orcs e soldados tomou uma decisão. Vamcast mandou a seu pai uma carta, na qual mandava que ele abandonasse o castelo, se fosse embora e o trono deixado para trás, pouparia a vida de todos os que ali viviam. Mussafar, nervoso, não aceitou a ordem e junto com Andor mandou a seu filho um bilhete com a seguinte mensagem:

Eu, Mussafar Destrus quero o meu filho Vamcast aqui comigo, de volta. O seu trono verdadeiro está aqui, o seu legado, filho, é o bem. O meu castelo nunca será dominado por um ser maligno, pois este reinado preza a paz e a prosperidade.

Vamcast, eu e sua mãe Zinza o amamos muito, por favor, volte para nós. Depois que você partiu, nossa vida perdeu o sentido. Se ainda existe um pequeno pedaço do seu coração que possa amar, use-o por sua mãe, pois ela o ama muito e chora desde o dia de sua partida. Aguardo uma resposta.

Mussafar Destrus

Ao receber tal carta, o rei do mal ficou furioso por seu pai não aceitar sua proposta, então jogou o papel no chão, com raiva. Ele também a queimou com uma magia de fogo, com todo o ódio de seu coração. Rapidamente ordenando que seu exército preparasse todas as armas, forjassem novas armaduras, machados e espadas fossem amolados. Um grande exército do mal estava sendo reformulado.

— Destructor! Se for sangue o que sempre desejou, hoje me decidi: o sangue jorrará por toda Naires! Haverá clamor por misericórdia do norte ao oeste, e nenhum reino terá paz, até que o último esteja ajoelhado aos meus pés...

— O senhor sabe qual é o meu desejo, mestre, o reino do norte sempre foi a minha ambição. Só estarei satisfeito quando obtiver tal dádiva...

— Então, tens a minha promessa de que o seu desejo será realizado.

— Mas... E a sua família?

— A partir de hoje, nunca mencione a palavra “família”, pois nenhum homem, criança, ou mulher que se envolve em minha história merecerá tal posição e bastará um erro, para que minha espada prove estas palavras!

— O meu coração se enche de alegria por sua promessa, mestre! Irei agora mesmo preparar os seus exércitos! — E partiu Destructor, feliz com o que ouvira de Vamcast e convencido de que aquela promessa seria cumprida.

O Reino dos Mengros

Nesse meio tempo, Vamcast ouviu falar de uma floresta a oeste que abrigava criaturas enormes e ameaçadoras. Quando ainda era criança também ouvira essa história... Era sobre um vale que continha criaturas gigantes chamadas mengros, que uma vez ferozes e assustadores, poderiam ajudá-lo em combate.

Vamcast e Mojandir, uma vez prontos e acompanhados por trinta anões e vinte orcs, partiram para a floresta chamada Sidan. Adentrando num caminho de matas abertas, o grupo desbrava as mediações, montavam cavalos e traziam rédeas e cordas presas nos lombos dos animais. Cavalgaram até chegar num ponto de mata fechada. Esperando poder encontrar algumas criaturas para poderem usá-las em batalhas, os anões forjaram dez rédeas semelhantes às usadas em cavalos, pois se ouvia falar que era possível montar mengros.

— Daqui para frente iremos a pé. — disse Vamcast — Tragam as rédeas e as cordas. — completou.

— Florestas me causam arrepios, disse Mojandir antes de adentrar a mata.

— Este é um lugar pacífico, buscamos madeiras e alimentos aqui há anos e nunca tivemos qualquer problema. — Disse um anão vestido por cota de malha e de elmo aberto na parte frontal.

— Quantos mengros foram retirados da floresta? — Perguntou Mojandir.

O anão passou por ele e retirou o machado, preparado para abrir caminho, comentou:

— Nenhum ainda...

Vamcast esteve calado e seguindo a trilha. A floresta Sidan não era tão fechada em comparação à Surround, entretanto o chão era mais traiçoeiro e cheio de surpresas. Esbarrar em serpentes e camundongos não era nenhuma surpresa, a variedade de animais silvestre era imensa, pássaros amarelados e carneiros pousavam nas árvores secas e maiores. A vegetação estava falha nessa parte de Naires, as árvores perdiam suas folhagens e muitas das criaturas maiores hibernavam. O inverno naireano se aproximava e os nevoeiros surgiriam em poucas semanas, o mato apresentava aspecto endurecido, havia pouca presença do sol, soprava uma brisa gélida e o aroma do outono se esvaía lentamente.

O príncipe planejava ataques nos reinos oeste e norte, levar monstros poderia ser uma ótima estratégia, pois o povo em sua maioria era temeroso, criaturas e lendas apavoravam entusiastas a se tornarem soldados. Vamcast era visto como ameaça e sabia disto. Para obter uma vitória sem riscos usaria a tática do ataque surpresa. Soldados burros e destreinados, era assim que Vamcast via seus

compatriotas, afinal ele vivera ali e sabia que o pai possuía apenas fama, sendo que na verdade não era ninguém, jamais ferira um inimigo, um bêbado frouxo e bajulado. Ao contrário dos orcs que possuíam crueldade e fúria, e agora experiência de dois anos.

Cortando o mato, eis que viram um bando de vinte mengros que ali estavam a se alimentar. Mengros mediam de três a quatro metros, possuíam pelagens em todo o corpo, focinhos enormes e avantajados, orelhas grandes e pontudas, possuíam garras afiadas e caminhavam nas quatro patas, mas às vezes ficavam eretos. Apesar de os monstros terem em média três metros e garras assombrosas, eram vegetarianos e não matavam para comer. Mas, com sua grande força podiam estripar um homem em segundos, lembravam ursos com os seus caninos enormes e afiados, já suas garras lembravam as de tamanduás.

— São grandes! — disse Mojandir.

— Como iremos capturá-los, mestre? — Perguntou um anão que arrastava uma rédea.

— Dê as redes aos orcs. — Falou o elfo que trouxe nesta empreitada vinte orcs e que eram todas criaturas fortes e com muitos músculos. — As redes devem ser lançadas, os orcs prenderão os animais e os anões deverão selar e montar.

O vilão, à espreita convocou dez orcs com redes enormes, que se colocando em pontos estratégicos conseguiram imobilizar os monstros com a ajuda de outros dez anões. Enquanto os orcs seguravam as criaturas, os anões tentavam amarrá-las, mas eram jogados a metros de distância. Foi com muita dificuldade que selaram dez mengros e colocaram rédeas neles.

A estratégia era cercá-los por ambos os lados e lançar as redes, eram bichos desajeitados e confusos, quando dominados não demonstravam agressividade o que facilitava a captura. Um anão selou o primeiro deles e montou, segurou-se, bateu as esporas no lombo do bicho, que soltou um feroz rosnado, dominando o grande animal completamente. O anão o fez seguir em frente.

— São perfeitos, mestre! — Afirmou o anão, sorrindo para Vamcast.

O elfo se aproximou, ordenou para que todos os outros fossem levados:

— Selem todos, levem-nos para o acampamento!

As criaturas foram montadas pelos anões, todos seguiram em frente, sendo capturados pelo vilão.

Anões ficavam muito confortáveis nas costas dos mengros, pois eram pequenos e ficavam quase na corcunda dos bichos. Em pouco tempo o grupo

conseguiu dominar dez deles, embora outros tivessem conseguido escapar. O intuito de Vamcast era montar um exército de impacto, que faria frente nas batalhas, dizimando oponentes com escudos e armaduras pesadas, destruindo muros e assustando soldados de frente.



A Batalha de Fastouros

O príncipe, de fato, pretendia matar todos da cidade em que ele havia nascido. Estava irreconhecível. A guerra próxima de começar, então para acalmar a situação, o rei Mussafar fez o que não queria, chamou o seu grande general e pediu a ele que partisse para tentar trazer o seu filho de volta.

A intenção era implorar que seu filho tivesse um pouco de compaixão por sua família, mas, seria preciso contar com uma média de mil soldados, para que na última das hipóteses, não acontecesse nada a ninguém. O general veio caminhando rapidamente em meio aos soldados, e aproximando-se do rei curvou-se, em seguida dirigiu-lhe as seguintes palavras:

— Meu senhor, irei até ele e o trarei de volta, acalme-se e aguarde a minha volta.

O príncipe caçula, que estava ao lado do rei se ofereceu para ajudar:

— Pai, irei com Fastouros, eu posso ajudar.

Tentando evitar um confronto na família, o rei olhou para o jovem e respondeu:

— Não! Você ficará comigo, meu filho. Seu irmão virá por seu coração. Eu não posso aguentar ver o meu sangue derramar-se na própria família.

O general, aceitando as ordens do rei, curvou-se novamente, logo dizendo ao príncipe:

— Eu partirei imediatamente, meu rei. Príncipe Andor fique e proteja o seu pai de todo mal, voltarei logo. Tem a minha palavra.

O rei, com os olhos cheios de lágrimas, aproximou-se do general, por quem tinha tanta admiração, e tocando-lhe no rosto limpou os olhos. Enquanto se despedia:

— Vá, meu grande irmão! Sabes que já é para mim como um familiar... Peço que se cuide e retorne para que bebamos à sua vitória contra o povo que seduz o meu querido filho...

Após se despedir do rei, partiu Fastouros com mil homens armados e prontos para qualquer coisa que encontrassem em seus caminhos. A missão era trazer Vamcast, o que não seria fácil... Rumo ao sul de Esteros o general encontrou resistência: havia orcs em uma pequena cidade. Os moradores estavam sendo escravizados, e muitos deles já haviam morrido.

O general trajava uma armadura presa por placas de ferro no peitoral e costas, havia proteções nas coxas e panturrilhas, uma vestimenta tecida em cota de malha percorria-lhe todo o corpo e protegia articulações e juntas. Munia-se de um elmo de bronze, aberto na parte frontal, exibia olhos centrados e firmes, olhos castanhos escuros como o mel. A ponta do queixo ficara à mostra como visto nos soldados romanos. Fastouros media dois metros de altura e sua habilidade no combate homem a homem era lendária.

Ao longe a fumaça e os urubus entregavam a posição inimiga, *“orcs tolos, cheios de orgulho e audácia, acham mesmo que dominam esse mundo? Se esqueceram dos homens corajosos e lendários? Pagarão por sua insolência”*. — Pensou o general e cavalgava à frente, rápido, focado, decidido...

O general avistou o acampamento, orcs se embebedavam e cantavam canções de guerra, ali havia um domínio territorial. Homens estavam amarrados em troncos, eram usados como alvo e seus corpos cheios de perfurações e flechas cravadas no peito e costas. Um churrasco humano era praticado no lugar, cheiro de carne queimada, fedor de tripas extraídas e ventres abertos, cabeças e pés lançados em todos os lugares, o canibalismo frenético exibia churrasco de corpos presos em filetes de madeiras, eram como frangos e javalis rodando na brasa.

Libertando seu animal, Fastouros entrou pelo portão frontal, ordenou o combate.

— Matem a todos! — alarmou o general.

— Inimigos nos portões! — gritou um orc de pele verde, vestido por trapos em couro.

Dez cavaleiros de Fastouros entraram pelo portão, munidos de lanças e arcos. Orcs besteiros abandonaram as fogueiras e começaram a lançar setas nos cavaleiros. Um cavaleiro cravou sua lança no coração de um orc, sentiu o choque enquanto firmava o braço contra o cabo da lança. A alta patilha de sua sela o segurou no lugar enquanto a arma cravava-se fundo. A lança penetrou a pele e músculos, penetrou o tecido macio e perfurou o coração. Havia sangue na sela, e o cavaleiro soltou a lança, desembainhando a espada e pulando no chão.

Um soldado corajoso entrou em batalha, retirou a lâmina para trás, acertando um golpe vigoroso na testa do orc covarde e traiçoeiro, acertou o escudo do inimigo à sua frente e faíscas reluziram como fogos de artifício. Um cavalo estava relinchando de dor com uma seta atravessada no pescoço. Um homem a pé cambaleava com sangue espirrando de um talho em seu bacinete. Os relinchos dos cavalos e os gritos dos homens produziam sons agonizantes, o fedor de sangue dos soldados mortos naquele campo lembrava um açougue. Barulho de flechas saltando das cordas, mortes e terror, tudo voltara, a guerra retornara...

Fastouros em um golpe de espada mutilou dois corpos a sua frente, cravou sua espada no coração de um orc que perfurou a cota de malha e dilacerou o seu órgão musculoso. Quando elevou os olhos viu a catraca de uma besta sendo retesada, correu em direção ao besteiro, ouviu o estalo da besta sendo disparada, mas a seta passou longe. Não a viu, mas soube que haveria outras. O orc começou a correr e armava a besta, foi quando um inimigo tentou acertá-lo na cabeça com uma maça cheia de pontas, Fastouros estava focado no fugitivo e o barulho das espadas se chocando em escudos o deixara levemente surdo. A maça vinha em direção ao seu crânio, mas antes que levasse o golpe, um cavaleiro atravessou a lança na nuca do orc. E nesse instante algo branco passou relampejando pelo canto de sua visão... uma seta quase o matou. — Porco fujão! — gritou o general e baixando o corpo fez força e arrancou a metade de uma lança de um cadáver, elevou com força, jogou contra o besteiro, a lança ganhou os céus e subiu forte, começou a cair e cravou-se no peito do orc, que gemeu alto e arregalou os olhos, morreu se debatendo.

Um orc fugitivo cruzava o caminho do general, sua face era como uma máscara coberta por sangue e pele dilacerada, então Fastouros lançou a espada contra a criatura num golpe potente e majestoso que partiu o seu corpo em dois.

Os orcs que estavam em pequeno número foram alvejados. Os que sobravam corriam em direções aleatórias, e eram seguidos pelos soldados, que lançavam suas flechas e os caçavam. Mataram até o último inimigo.

— Criaturas covardes! Maltratam os fracos e desarmados, mas não demonstram coragem contra alguém preparado para lutar. — Após o general pronunciar tais palavras, os soldados de Fastouros que estavam próximos a ele, se exaltaram e a coragem tomava o coração de todos.

— Urra! Gritou um soldado montado em um cavalo marchador.

— Fugiram como cães! — disse outro soldado jovem que escutara narrativas de antigas batalhas, agora provara a dádiva de um combate, o seu primeiro, mas com vitória fácil.

O general virou-se em direção as suas tropas e viu que perdera poucos homens. No campo, além das tripas dos aldeões espalhadas estavam dezenas de cadáveres verdes, cabeças cortadas e criaturas perfuradas com lanças nas costas e espadas no peito. Havia armas para todos os lados, escudos amassados e setas quebradas, poucos arcos, mas os que estavam inteiros eram coletados pelos soldados reais.

Fastouros sorriu sozinho e sentiu o gosto da vitória, elevou sua espada aos céus e encorajou os seus seguidores:

— Esta foi apenas a primeira vitória obtida por nós, mas saibam que inimigos mais poderosos virão. O nome de Fastouros e seus corajosos guerreiros fará parte da história de Esteros. Seremos lembrados pelos séculos. Estou honrado por lutar ao lado de cada um de vocês!

Os aplausos tomaram todo o campo de batalha e o general foi agraciado pela coragem e determinação apresentada pela sua legião. Fastouros, enfrentando os seus primeiros inimigos, arduamente conseguiu a vitória, libertando o povo daquele lugar em uma batalha sangüinária. Logo após, alimentou-se e dormiu por ali. O general era extremamente habilidoso com lâminas, o que apavorou vários orcs, que fugiram como cães assustados. A notícia foi rapidamente levada até o príncipe maligno, que explodiu de raiva e tratou de se preparar para o contra-ataque, o que seria uma batalha sem precedentes.



O Norte

Os reis de Naires pedem respostas a Mussafar

Com as notícias de guerra e mortes intermináveis, os povos do norte, os elfos, os eracictos, os chefes de tribos e os dominadores de dragões, juntamente com os guerreiros anônimos, todos começaram a se preparar para o pior, ao mesmo tempo em que pediam respostas a Mussafar. Os demais reinos já ameaçavam uma guerra contra o mal, que na verdade era o seu próprio filho. Mas, o rei temia a morte do seu *menino* e tentou conter os ânimos até que não houvesse mais esperanças.

Nesse momento, no castelo real ao norte de Naires, alguns mensageiros foram enviados para falar com Mussafar. Caminhando rapidamente em meio ao grande corredor que dava no trono, um homem vestido com linho e seda, coberto por uma grande capa branca se aproximou... Ajoelhando-se diante do rei, o desconhecido disse algumas palavras em tom de admiração:

— Mussafar, ó grande rei dos reis, dono de grande poder e admirado em todo o mundo... Humildemente venho pedir que intervenha e repudie os terrores de seu filho, pois trago notícias dos reis do sul, do leste e do oeste. Eles dizem que teremos de nos juntar e lutar contra Vamcast caso as mortes não cessem.

Já aguardando manifestações, o rei se levantou. Caminhando até o homem argumentou com ele em voz firme:

— Mensageiro, diga aos seus superiores que não posso derramar o meu sangue, então enviei mil dos meus melhores soldados junto com meu amigo fiel e excelente general Fastouros para que trouxesse o meu filho de volta. Peço apenas uma semana para que tudo retorne a ser como era antes.

O homem curvando-se, voltou a dizer:

— Que assim seja, lhe será concedido uma semana. Caso contrário, creio que os meus senhores irão intervir contra o mal. Peço desculpas por toda a minha arrogância, mas sou apenas um servo...

E o rei respondeu com a voz trêmula e angustiante:

— Diga aos meus amigos que uma aliança está selada entre nós. Quero apenas uma semana, assim que o meu filho retornar a mim beberemos e brindaremos a vitória sobre o mal.

O mensageiro despediu-se de Mussafar, acreditando que tudo estava resolvido. Voltou para seus mestres com a notícia dada pelo rei, e brindaram, pois todos temiam guerras contra o rei do norte, afinal sua fama e histórias eram capazes de fazer tremer qualquer habitante de Esteros.



Uma batalha lamentável

Dias difíceis

A guerra estava perto de começar e Vamcast pretendia realizar um massacre. Ele tinha planos de fazer uma varredura em toda Esteros, e só seriam poupados aqueles que o reconhecessem como o rei do mundo. A cada dia o elfo e sua sede de matança ficavam maiores. A busca por um guerreiro que poderia acabar com a fúria do vilão seguia a todo vapor, já que todos aqueles que tentavam lutar contra o rei do mal eram trucidados e jogados como comida aos orcs e aos animais de estimação.

Andor, junto a seu pai temia enfrentar o irmão, pois conhecia sua força. Somando sua força maligna, seria de fato, perigoso, tal confronto. Já o general Fastouros se aproximava cada vez mais do príncipe, que por sua vez se via ameaçado. Afinal, Fastouros matara muitos de seus orcs. Ele já libertara três cidades dominadas e, de certa forma, o general ameaçava o reinado maléfico.

Vamcast, por sua vez, tinha o seu exército preparado. Assim como suas montarias seladas e as armas preparadas; alguns anões também já estavam ao seu lado. O grande objetivo era dizimar os exércitos do norte e não poupar ninguém. Ao contrário do que Mussafar pensava, o envio de Fastouros deixou seu filho mais enfurecido.

Ao mesmo tempo em que Fastouros marchava ao seu encontro, Vamcast também conduzia seus soldados em direção ao inimigo, concentrava orcs nas florestas e desfiladeiros, também tomara um monte ao oeste e marchavam rumo às tropas do norte.

Vamcast

— É chegado o grande momento, em poucas horas o sangue jorrará sobre as terras do norte! — Disse Vamcast, próximo à fogueira que queimava

incessantemente. O elfo estava preparado para a batalha, por baixo da capa marrom que usava tinha um gibão longo de couro sem mangas, coberto com cota de malha. Usava um bacinete sem viseira e não tinha qualquer proteção além disso, não usava escudo. Uma espada pendia no lado esquerdo do quadril, e na mão direita havia uma lança encurtada. Era uma lança pesada, como a que um homem carregaria num torneio. A ponta da lança era forjada em titânio, muito bem afiada, cujo cabo pousava no chão.

— Esperei por isso a minha vida toda! — Disse Destructor e olhou ao redor, o exército do príncipe maligno estava espalhado em pontos estratégicos, alguns indo para o sul por estradas que passavam por florestas aparentemente intermináveis, e ao redor de todo o exército havia pequenos grupos de cavaleiros com trombetas, alarmes e tambores. Havia uma leve mancha cinza no céu a oeste, não era um exército e sim a fumaça dos restos das fogueiras que haviam acendido no acampamento da noite anterior.

— Meu machado anseia pelo sangue inimigo! — Disse Mojandir, o anão misterioso que acompanhava Vamcast em sua primeira batalha, estava vestido por uma armadura pesada de placas de aço, caminhava lentamente e estava aparentemente pesado, portava um machado grande nas costas, usava um elmo largo, quase que totalmente fechado na frontal, era uma figura um tanto engraçada e desajeitada.

Naquele momento Vamcast sabia da presença de Fastouros e seus exércitos, estava preparado para marchar, tinha homens espalhados nos quatro cantos do norte ao oeste, era estrategista e caso o inimigo tentasse uma fuga ele marcharia pelos quatro cantos e os venceria pelo cansaço e desorganização.

Fastouros

— Nada de fogueiras — ordenara Fastouros. Eles podiam ver a claridade das fogueiras dos soldados de Vamcast e dos archotes no morro, e uma claridade mais forte estendendo-se ao redor do horizonte na direção oeste, que marcava o local onde o exército estava passando a noite, mas Fastouros não permitiu fogueiras em seu acampamento, por isso os homens tremiam na fria escuridão do outono. Nuvens abafavam a lua mas havia frestas através das quais surgiam estrelas brilhantes, pássaros noturnos e corvos barulhentos pousavam nas árvores. Uma coruja piou, e o general se arrepiou dos pés à cabeça.

— Nos atacarão em breve! — disse o general.

— Existe movimentação de tochas e barulhos de intimidação. — disse um soldado se referindo às batidas dos tambores.

— Sim, orcs são criaturas traiçoeiras e intimidadoras, não saberemos qual é o tamanho do exército inimigo.

— Não seria sensato enviar um mensageiro?

— Não é uma má ideia — disse o general.

— Um mensageiro poderá espiar soldados e guarnições.

— Existe necessidade, mas se depender de mim não haverá uma batalha. — Disse o general e mandou que chamassem um soldado para que levasse uma mensagem ao vilão.

O homem obedeceu e se virou para o outro lado, arreou um cavalo e cavalgou para o norte. Entrou numa paisagem emaranhada de florestas, vinhedos, cercas vivas e morros, e em algum ponto daquele emaranhado havia um exército espalhado, mas ninguém tinha certeza de onde estava ou de seu tamanho. Certamente estava perto, ele sabia disso porque a fumaça das fogueiras que usavam era densa no horizonte, mas o general havia pedido que ele tentasse descobrir exatamente onde os inimigos estavam acampados e quantos eram, por isso desceu a encosta, agora cavalgou em silêncio. Havia uma trilha de carroças à esquerda. Diminuiu a velocidade. O acampamento estava apenas a quinhentos metros de distância, as tendas agrupadas em volta de um povoado, mas o que o interessou mais foi a visão de anões indo para o oeste, não estavam em ordem de batalha, na verdade não estavam em qualquer ordem que ele pudesse identificar, mas inegavelmente iam para o oeste.

— Com licença! Sou um mensageiro e marchei até aqui por algumas horas com uma mensagem para Vamcast, a mando do meu general Fastouros.

Um orc armado com uma lança, aproximou-se do soldado:

— Grrr... Quem é você? Não o deixaremos entrar em nosso acampamento, volte de onde veio ou então morrerá.

O soldado, baixando a cabeça em sinal de respeito, tentou esclarecer com algumas palavras:

— Não vim lutar nem mesmo espiar nada, apenas trago uma mensagem de paz do meu general para Vamcast...

Vendo que o soldado estava amedrontado, o orc começou a se exaltar, gritando em voz alta:

— Não existe paz entre orcs e eracictos, diga isto ao seu general!

Vamcast ao escutar, aproximou-se, então gritou com o homem em voz estrondosa:

— Volte de onde veio e diga para o seu general que hoje mesmo, antes que o sol se ponha arrancarei a cabeça dele e a darei para as aves dos céus!

O soldado recuou e foi até seu cavalo. Montou, certo de que nenhum inimigo estava ao alcance da visão ou da audição. Mas de duas coisas tinha certeza, o inimigo estava se preparando para atacar e o ataque viria do oeste.

O cavaleiro, assustado, cavalgou em direção ao seu exército e em direção a Fastouros. Já sem fôlego relatou a ele o ocorrido:

— Meu senhor, estive com Vamcast. Ele me disse que não aceitará a sua proposta de paz, ameaçou dizendo que o matará antes do dia amanhecer.

Mudando a expressão do seu rosto, o general entendeu o que as palavras do soldado significavam, e mostrando-se confiante, disse:

— Não há problemas. Alegrem-se homens, pois já fizemos a nossa parte. A minha lâmina jamais temerá a afronta do mal. Se essa for a última palavra do príncipe, que assim seja, levarei o rapaz para o meu rei mesmo que sem as suas pernas.

O cavaleiro, mesmo concordando, alertou o seu general da chegada dos exércitos:

— Que assim seja, meu senhor. Os guerreiros de Vamcast estão a apenas duas horas de nós e planejam nos atacar pelo oeste e antes do cair da noite cairão sobre nós.

O general balançou a cabeça em sinal de que havia entendido e retirando a sua espada a ergueu. Em voz alta disse para todos os seus soldados:

— A minha vida foi dedicada a servir ao meu rei e ajudar os mais fracos e, se eu morrer aqui hoje, então morrerei com honra!

Vamcast

— Destructor inicie a marcha!

— Sim, mestre! — Destructor reverenciou o príncipe e montou um cavalo de pelagem negra, o eracicto vestia armadura leve com placas de aço nas costas e peitoral, vestia um gibão por cima, amarrado na gola tinha uma capa de couro marrom que se movia com o vento. Portava uma espada na cintura e um machado de dois cortes nas costas.

Cavalos, mengros e tigres eram montados por orcs e anões, o príncipe e Destructor caminhavam na linha de frente. Os orcs rugiam e emitiam barulhos ensurdecedores, batiam em seus escudos e cantavam canções de guerra. Diminuíam o passo conforme se aproximavam do campo de guerra. Os tambores vinham logo atrás, os tocadores produzindo um barulho gigantesco, de estourar os ouvidos, armaduras tilintavam e lanças se chocavam contra o solo. Orcs estavam encharcados de suor, que escorria pelos corpos sujos e fedidos. Suor que ardia nos olhos, armaduras que incomodavam os calos, mas eles ignoravam a dor e cansaço, forçaram a longa caminhada desde o topo chapado do morro até o cerrado de mato curto, onde Fastouros dispusera suas tropas.

E antes do cair da noite, o príncipe do mal marchou e se posicionou em formação de ataque. Eram três mil orcs e quinhentos anões, armados e sedentos por sangue.

Vamcast marchou e enfileirou os seus exércitos. Os anões faziam frente e estavam armados com machados e lanças, também haviam anões montados em mengros e a presença das criaturas assustava os soldados de Fastouros. Os orcs estavam na segunda fileira, armados com maças pontiagudas, lanças, arcos, clavas, escudos e capacetes.

Fastouros

Ao longe era possível observar a poeira e um enorme exército, Vamcast surgia sobre o grande monte e trazia suas fileiras de assassinos, era uma manada de monstros e criaturas pavorosas que amedrontavam os homens de Fastouros. Notavam que aquelas criaturas pareciam selvagens e estranhos, como guerreiros saídos de um pesadelo. Muitos eram robustos e todos tinham rostos endurecidos pelo tempo e cheios de cicatrizes de guerra. Eram soldados de verdade, não seguidores de algum grande senhor que passava metade do tempo discutindo em recintos de castelos, mas sim criaturas que carregavam as armas sobre a neve,

contra o vento e sob o sol, que montavam cavalos com cicatrizes de batalhas e levavam escudos sovados. Criaturas que matariam por qualquer preço.

Mesmo que seus homens fossem inexperientes e muitos ainda novatos e entusiastas, Fastouros estava preparado. Naquele momento o general veio à frente e mantinha postura ereta e heroica, enfileirou os seus soldados, mas não ordenaria um ataque, pois o seu interesse era pacificar o príncipe. A sua missão era entregar-lhe uma mensagem de paz, lutar era em última circunstância.

— Mantenham escudos e lanças em mãos, mas nenhum homem marchará contra o inimigo a menos que eu ordene!

Fastouros estava acompanhado por três cavaleiros, e se mantinha à frente, estava separado apenas por cem metros das tropas de Vamcast, ao longe podia visualizar o príncipe.

O Confronto

Após observar de longe o inimigo, o príncipe veio mais à frente, sobre um tigre que tinha asas que lembrava as de um morcego. Os orcs famintos rosnavam de fome e vontade de matar. As criaturas eram como canibais, que só se alimentavam de outros seres vivos. Os anões ansiavam pelo combate e suas feições entregavam o desejo de matar, pareciam querer provar sua capacidade ainda oculta. O desejo pela guerra, por provar que as histórias de seus ancestrais eram verídicas, aquilo os movia. Era um desejo insaciável pela glória, e isso alimentava aquela guerra.

O príncipe, por sua vez estava horrível. Os seus cabelos antes platinados agora eram negros, os seus olhos fundos e enrugados, sua aparência horripilante. Nada parecido com aquele rapaz belo que fora um dia.

Vamcast também estava sedento por sangue, então se aproximou em meio ao campo de guerra. Gritou com desprezo e zombaria enquanto encarava de longe o general:

— Fastouros! Ha...ha...ha... Olha só o corajoso general que venceu tantas batalhas para seu rei! O rei que não poderá fazer o mesmo por ele, nem seu corpo poderá enterrar. Posso lhe dar uma chance de morrer sem ver o massacre que faremos com seus honrados soldados! Venha até mim e enfrente-me.

Enfim, o general percebeu que os seus mil homens não seriam páreo para três mil orcs assassinos e sem medo da morte e que não tinham nada a perder, ao contrário dos homens de Fastouros, que tinham família em suas casas. Mas, também lutariam por sua honra e, principalmente por seu general.

Selando o seu cavalo branco, o general cavalgou lentamente até Vamcast. Libertou a sela e antes de um diálogo, elevou seus olhos timidamente em direção ao seu exército, percebeu que ninguém o seguiu. Seus homens estavam no mesmo lugar, nas mesmas posições e com os mesmos olhos apavorados.

Tentando argumentar com o ser maligno, se aproximou e não se armou:

— Meu senhor, eu o vi nascer e crescer como um menino esforçado e dedicado a seus pais. O amor que vejo em sua família por você jamais vi igual na minha vida. Hoje, vim diante de você não para matá-lo, mas sim para levá-lo a seu pai.

Menosprezando o seu adversário, o príncipe maligno disse ameaçadoramente:

— Não conheço você como um aliado e não tenho respeito pela sua vida, desconheço quem você diz ser meu pai. O amor que você diz não me interessa mais, só sinto desprezo por todos! Quero que me mostre a sua força, porque esta será a sua última batalha no mundo dos vivos!

Vamcast fincou a lança sobre o solo e desembainhou a espada, a lâmina comprida raspou na bainha e soou um barulho agudo de aço riscado.

— Retire sua espada, ou morra desarmado em frente a seu exército.

— Não quero lutar, desejo apenas alguns minutos de sua atenção...

— Terá quantos minutos desejar, contanto que permaneça vivo em minha frente.

Vamcast não empunhara escudo e rodeava o general com sua espada em punho. Fastouros com o seu escudo em punho tentava acompanhar o movimento do inimigo.

O general respondeu:

— Vamcast, prometi ao seu pai que o levaria para casa, por bem ou por mal você irá comigo. Se eu falho em minha missão, então realmente prefiro não voltar com vida.

O príncipe continuou a rodeá-lo, observando o seu modo de defesa, e rapidamente desferiu um golpe poderoso, mas que foi contido por Fastouros. Este,

girando o corpo contra-atacou também, com a defesa de Vamcast. As espadas se batiam com uma força tremenda, o que gerava até faíscas do aço incandescente.

— Não há outro modo, somente um sairá com vida. Só me levará se for morto...

— Por que e tudo isso? Não há fundamento para essa guerra, não existe um inimigo para matar.

— Me sinto bem fazendo aquilo que me convém, não tente me disciplinar, não sou mais uma criança...

— Isso não é certo, não existe glória nesse povo que o segue, são traiçoeiros e assassinos e não o respeitam... Deixe-os e seja você mesmo, busque suas próprias ambições e expectativas.

— Eu não estou neste mundo para viver de acordo com as expectativas de ninguém, assim você não está para viver de acordo com as minhas. Sou feliz com o que sou. Caminho com as minhas próprias pernas e dominarei esse mundo porque quero, porque posso fazê-lo!

— Não tome das pessoas o pouco que ainda possuem...

— Apenas conquistarei de volta o que me roubaram!

Vamcas lançou um golpe reto e o general desviou para seu lado esquerdo o suficiente para se livrar do ataque. O vilão saltou à frente e bateu a espada sobre o escudo adversário três vezes com muita força, Fastouros olhava por cima do elmo o suficiente para telegrafar os golpes, mas não contra atacava, apenas desviava-se e evitava ser ferido.

Vamcast o perseguia e tentava acertá-lo com a espada, errou mais três ataques e por último desferiu um coice no escudo, Fastouros aproveitou a falha e acertou um chute forte na perna de apoio do príncipe, o lançou ao solo. Havia um silêncio de ambos os lados e a batalha prosseguia com Fastouros se defendendo e Vamcast tentando vencê-lo.

— A sua defesa é considerável, mas não possui nenhum mérito de ataque...
— disse o elfo e se levantando caminhou até a lança.

Fastouros esteve mudo, apenas movimentava os olhos pelas frestas do elmo, mantinha o escudo à frente e deixou que Vamcast retirasse a lança.

O elfo retirou a lança e a manteve na mão direita, na esquerda empunhou a espada.

— É uma pena não ter um homem com a sua capacidade ao meu lado, será um desperdício ter que matá-lo. — Vamcast caminhou e outra vez esteve frente ao general que se mantinha calado e focado.

Vamcast manejou a espada num golpe reto e fez com que o general baixasse o escudo, com a mão direita forçou a lança, que acertou o general na base do elmo que rachou e atordoou o seu crânio. Fastouros caiu sentado, e rolando o corpo em sentido horário levantou assustado. Olhou fixamente para Vamcast. O seu coração estava em disparada, e a angústia em seu coração crescia junto com o desejo pelo arrependimento do seu adversário.

— É uma batalha sem sentido, sem propósito. Venha comigo, vamos para casa meu príncipe. — Disse o general, desejando que aquela batalha não se prolongasse.

— Há!!!... Por um momento achei que ficara mudo, mas até mesmo um leão ruge quando tocado por uma vara de ponta fina. Estou me perguntando... Essas são as habilidades do grande general? Até agora brinquei com você, mas não é do meu feitio manter minha vítima viva por muito tempo, prepare-se para a sua morte!

O general assumiu novamente posição de defesa, e Vamcast desferiu sobre o seu escudo um golpe de espada, extremamente poderoso que o fez partir -se em dois. O general, mais assustado, tentou defender-se com a sua espada, que com um segundo golpe também partiu -se ao meio. Agora, Fastouros desarmado e sem escudo começou a andar para trás.

— Não tenho desejo por essa batalha, não quero o seu sangue manchando a minha alma. Por isso meu príncipe, entrego a minha vida em suas mãos... — Disse o general e não tentou se armar novamente, sequer se moveu para apalpar sua espada, que estava próxima a seus pés. Olhou ao redor e pode ver os orcs correrem contra seus soldados, e o seu coração palpitava a uma velocidade notável aos ouvidos de todos que ali estavam. Um filme preto e branco se passava nos olhos do valoroso general de tantas batalhas vitoriosas, e agora a sua única certeza era a morte e logo em seguida, a de todos os seus soldados.

— Morte à morte! Guerra à guerra! Vida à vida! Ódio ao ódio. Esse será apenas o começo de uma era obscura, que a sua morte se torne o início... — Profetizou o elfo, e seus olhos estavam focados no inimigo. Naquele momento, se tornaria criminoso contra seu próprio povo, contra sua própria família...

O general desarmado e sem defesa, tornara-se alvo fácil. Vamcast, rapidamente com um salto enorme jogou o seu corpo à frente e com muita força

atravessou o peito do homem com a lança que perfurou a chapa de ferro e feriu seu coração. Logo após puxou com força para fora, fazendo o sangue do adversário espirrar com força, manchando todo o lugar. Praticamente já sem vida, Fastouros foi caindo devagar, ajoelhou-se e vagorosamente olhou para o céu. O homem parecia apreciar pela última vez a beleza de Esteros. Olhou para os lados, e em fração de segundos contemplou a fúria da batalha que estava ao seu lado. Não somente a fúria, mas o terror, e para alguns, o júbilo. Essas criaturas estavam famintas para lutar e partiram para o ataque, eram confiantes e violentamente bons no que faziam. Muitos elétricos e excitados, como se estivessem bêbados, e isso os deixara presunçosos, e as flechas vinham da esquerda e da direita, acertando escudos e amassando-se em armaduras. Às vezes elas encontravam um ponto fraco, mas o ataque continuava ao redor dos homens caídos, e, estando tão perto agora, os soldados de Fastouros começaram a correr, gritando e logo caíram sobre os orcs.

— Fastouros caiu, ataquem! — Gritou um soldado e logo após morreu com uma flecha no peito.

Os soldados partiram com escudos e lanças, e a primeira corrida era a mais importante. Nesse momento as lanças encurtadas podiam derrubar o inimigo, quando os machados, as marretas e as maçãs teriam o ímpeto extra da carga, e por isso os homens gritavam a plenos pulmões enquanto atacavam, giravam, estocavam e cortavam onde podiam com suas armas.

Os homens foram forçados para trás pela ferocidade do ataque e pelo peso das centenas de orcs que os espremiavam para a fuga, mas mesmo recuando não se entregavam. Lâminas se chocavam em escudos. Machados e maçãs golpeavam crânios e membros. Aço com peso de chumbo esmagava elmos, despedaçava crânios, fazia sangue e miolos jorrarem através do metal partido. Homens caíam, e ao cair formavam obstáculos, fazendo com que outros homens tropeçassem neles. Homens tentavam se levantar e eram atordoados por golpes, mas os soldados ainda estavam sendo impelidos para trás, mas agora lentamente. O impacto inicial deixara homens mortos, feridos, sangrando e gemendo, mas a linha não havia se rompido. Os soldados, montados em cavalos logo atrás dos homens de armas no chão, gritavam para eles permanecerem em formação cerrada. Manter a linha. Homens golpeavam com machados, gritavam palavrões, estocavam com lanças, giravam maçãs. Os escudos lascavam, mas a linha se mantinha...

Até que não houve mais esperanças e recuaram sob a pressão, morreram como leões, como heróis a serem lembrados pelos séculos, lutaram o quanto puderam até que um a um perdiam suas vidas.

— Peça piedade pela sua vida, quem sabe a concederei... — Afrontou-lhe Vamcast, com sua espada próxima ao pescoço do inimigo, pronto para ceifar a sua vida.

Fastouros voltou a encará-lo e seus olhos estavam tristes e desolados, mas mesmo triste, sorrindo, dirigiu-lhe suas últimas palavras:

— Não é índole de um nobre pedir misericórdia por sua vida, nem mesmo diante da morte. Mas, peço-lhe que desista de seus planos malignos e volte para o seu pai...

— Este mesmo destino, será aplicado a quem você diz ser o meu pai!

O elfo, por sua vez desferiu o golpe de misericórdia que lhe arrancou a cabeça. Esse foi o fim do nobre general. Os soldados ainda com vida ficaram paralisados, não acreditando no que viam ali. Enquanto os orcs, se enchendo de coragem partiam matando um a um os soldados do rei. Um anão estava tão cheio de coragem que arrancando a cabeça do inimigo e montado em um mengro a exibiu como um troféu. Enfim, todos os soldados do rei foram mortos ali, restando apenas aquele que levava a mensagem de paz para Vamcast.

O elfo maligno, vendo um único homem com vida aproximou-se, pegou-o pelo pescoço com muita força e colocando-o numa árvore, disse-lhe o seguinte:

— A sua sorte é tremenda, homem! Irei deixar-te viver. Mas, quero que leve uma mensagem minha a seu rei e lhe diga que estou chegando para matá-lo. Os orcs matarão todos os seus criados, os seus filhos e as suas esposas. Também todos os moradores daquele lugar. Vá e não olhe pra trás...

O cavaleiro correu em pânico, montou o seu cavalo e partiu com um medo enorme do que viu acontecer ali. Foi horrível, todos que ali estavam foram mortos sem piedade alguma. O cavaleiro, chegando aos portões do castelo, entrou ainda aterrorizado. Aos prantos e sem fôlego, murmurou:

— Levem-me ao rei, levem-me rapidamente ao rei! Por favor, todos estão mortos!... Todos nós vamos morrer...

Mussafar, vendo o pavor do homem, veio rapidamente falar com ele:

— Cadê o meu filho? Onde ele está? Onde está Fastouros? Diga-me, por favor, homem.

Agarrando as roupas do rei, o homem começou a gritar em prantos:

— Vamcast matou a todos, meu senhor! Ele é um demônio, não é mais seu filho. Ele matará até mesmo o senhor, meu rei. O Vamcast que conhecemos já não existe mais! Vi um ser maligno e assassino. Devemos fugir rapidamente, ele está vindo em nossa direção e chegará rapidamente. Salve-nos, meu rei, eu te imploro!

O rei caiu em prantos e chorou ali, como uma criança que perdeu os seus pais. Então, em ato solidário chamou a todos:

— Meu povo a quem tanto amo, vocês estão livres dos seus serviços. Peguem as suas famílias e partam para as aldeias do norte! Lá vocês irão encontrar um novo lar, pois ali existem aliados do nosso reino. Levem o quanto for preciso de alimentos e vestimentas. Ficarei aqui para esperar o meu filho! Farei uma grande festa, colocarei a mesa e também a sua cadeira, e quando ele chegar não achará hostilidade alguma. Mesmo assim se algo me acontecer, lembrem-se de lutar com todas as suas forças. O mal não deve jamais dominar o nosso mundo.

Logo após, o rei foi até sua família e abraçou o filho e a esposa, que também não quiseram partir. Queriam e ficaram ali com ele. Alguns soldados e moradores não partiram também, pois amavam muito o rei e o acompanhariam até mesmo na morte.



ANAQUEL

A terceira pedra espiritual

As parábolas de Anaquel

Enquanto isso, ali perto os orcs haviam localizado o anão, o pequeno e corajoso homem com nome Anaquel, que fugira com a pedra das invocações. Cercado por todos os lados viu-se acuado, mas teve uma ideia, a única que podia salvá-lo naquele momento: fez a invocação da arma celestial como única alternativa de sobrevivência. A pedra podia transformar-se em uma arma poderosa, que dependendo do seu manipulador, podia ter formas de espada, arco, adaga, ou machado. Mas, na mão do pequeno transformou-se em um martelo gigante, branco e poderoso. O pequeno, usando-o em combate desferiu golpes esmagadores, matou a todos e livrou-se da morte. Percebendo também um anel em sua mão, agora ele tinha dominado o poder da arma celestial, o que era muito cobiçado por Vamcast. O anão, fugindo, escondeu-se novamente a alguns quilômetros dali. Ele aguardava aliados para unir-se a eles e lutar contra o mal, pois sabia que logo alguém se levantaria contra Vamcast.

Aliás, depois que Vamcast foi totalmente dominado pelo mal, os guardiões de Esteros, juntamente com os reis e os mais fortes treinadores de magia e esgrima, incluindo Panderios, Tanantos e vários outros, se ofereceram para formar um grande exército. Um grupo de guerreiros que tinha como meta destruir o príncipe e todos os orcs, pois a notícia do massacre de Fastouros já havia percorrido todos os cantos e o prazo de uma semana já se havia passado. E agora, o príncipe estava muito perto do rei Mussafar e os orcs já amolavam as suas armas que ainda continham o sangue dos soldados mortos.

A terra prometida

O confronto entre os Destrus

O elfo sentado em uma pedra amolava a sua grande espada negra e dava de comer aos seus monstros com a carne dos inimigos que acabara de abater. Ele prometera a Destructor o reino de seu pai, e o homem ambicioso, não continha a felicidade de se tornar rei. Um rei maligno e destrutivo como sempre quisera ser.

Sentado numa grande rocha, o rei do mal chamou o eracicto e contou a ele os seus planos:

— Destructor, você vê toda esta terra? Será sua hoje mesmo! Darei a você tudo o que vê, e você dominará este reino ao seu modo. Quero que escravize e mate todos os que atravessarem o nosso caminho.

O homem abriu um enorme sorriso e os seus olhos brilhavam de tanta maldade, então se mostrando agradecido respondeu a Vamcast:

— Sim, mestre, espero por este momento há cinquenta anos. Levarei o terror a todos que estiverem em nosso caminho, e o mal reinará em toda Esteros.



O Norte

No castelo, o rei, sem acreditar no tamanho do mal no coração de seu filho, preparou a sua melhor roupa e poliu a sua coroa. Sua mulher também estava linda. Já Andor era o único que manteve a sua armadura.

O menino, agora já era um homem com malícia. Andor estava infeliz, afinal Angel partira com a sua mãe e seu pai. Havia chorado tanto por perder a sua amada... A mesa estava farta e naquela noite nenhum soldado estava de guarda. As tropas de Vamcast, enquanto isso marchavam rumo à entrada do castelo. O elfo, ao avistar a casa de seu pai, veio abrindo espaço entre os orcs e notando que não havia exército pediu para que somente Destructor o acompanhasse. Nenhum soldado orc precisaria entrar por enquanto, pois seria rápida a tomada do castelo. A aura do ser já estava tão negra que as plantas secavam por onde o monstruoso príncipe passava.

O príncipe herdara uma aparência horrível, e quando chegou à primeira entrada, onde havia algumas pessoas que o conheciam causou alvoroço. O elfo que quando garoto, era belo, agora estava apavorante. Todos estavam paralisados com aquela mudança drástica e medonha. Um dos homens tentou argumentar algo com o príncipe, mas este apenas levantou a mão e lhe lançou uma magia negra, fazendo o homem agonizar no chão até a morte.

Todos, espantados, correram para fora do castelo, mas foram cercados por quase três mil orcs demoníacos. Quando o príncipe entrou no castelo, estava Andor com sua mãe Zinza. Mussafar também estava ao lado de seu filho e percebendo a aproximação do outro, tentou esconder sua surpresa com o seu aspecto assombroso.

Mussafar cumprimentou-o dizendo:

— Meu filho! Há quanto tempo o aguardo! Meu querido, sua mãe, seu irmão e eu estamos felizes com a sua presença. Senta-se conosco?

Vamcast seguiu caminhando como um invasor no castelo de seu pai, realmente parecendo não conhecer mais a sua família. Andor, por sua vez, conhecendo a maldade que se apoderara do irmão, já levava a mão à bainha da espada, enquanto permanecia sentado à mesa.

Zinza, feliz por ver seu filho novamente se levantou e caminhou até ele. Queria vê-lo mais de perto... chorava muito. O príncipe, por sua vez olhava ao seu redor com desprezo. Quando se aproximou a rainha começou a falar com ele com grande felicidade e emoção:

— Filho, meu amor, você voltou para mim, venha, dê-me um abraço.

Vamcast afastou-se da mulher, e ele mostrava não a conhecer mais.

— Quem é você? Não conheço você mulher, e não conheço o seu filho!

Tentando abraçá-lo, a elfa limpava os olhos que estavam vermelhos de tanto chorar, e insistiu:

— Sou eu... meu filho! Por favor, não faça isso comigo... Eu te amo!

— Não me toque! — empurrou-a.

— Por favor, dê-me um abraço... — insistiu ela.

— Afaste-se de mim...

— Te amo tanto...

Vamcast levantou a mão em direção a Zinza e preparou-se para lançar-lhe um feitiço. Andor, atento, levantou-se da mesa rapidamente, desembainhou a espada, mas ficou esperando. Deixando só a metade da espada do lado de fora da bainha. O príncipe do mal, também atento à reação, começou a ficar com os olhos vermelhos. Irritado, lançou um feitiço:

— Não sou o seu filho e avisei a todos para deixarem este lugar. Agora, lançarei sobre você um feitiço terrível, que não a fará morrer, mas a tornará feia e odiada como uma bruxa. Vagará na escuridão até ser caçada como demônio. Esse será o seu castigo, e a sua redenção será o meu sangue, pois terá de me matar e só assim o feitiço poderá ser quebrado!

— *Alacretus nama!*

A elfa envelheceu rapidamente, e a sua pele enverrugou-se. Tornando-se pavorosa. De repente, soltou um grito alto e agudo e logo sumiu, em meio a uma fumaça com cheiro de enxofre.

Andor, vendo aquilo sacou a sua espada e levantando-se...

— Não! Por que fez isto? Seu monstro!

Correndo até seu irmão, o rapaz estava tremendo, sem crer no que estava acontecendo ali:

— Por que fez isto, Vamcast? Ela era a sua mãe!

Porém, Vamcast jogou o irmão para longe, com a sua aura negra e poderosa. O príncipe negro agora se aproximou de Mussafar e com uma velocidade sobre-humana, pegou-o pelo pescoço. Olhou bem em seus olhos e com uma fúria imensa o lançou sobre a mesa onde estavam as bebidas e as comidas, destruindo tudo completamente.

Mussafar, tonto e desnortado, levantou-se e sem sacar a sua espada sussurrou para o primogênito:

— Vamcast, por que me odeia tanto? Você está sendo usado pelo mau, filho! Expulse-o do seu corpo. Somos a sua família e o amamos!

Indo rapidamente em direção a seu pai, o elfo o pegou pelo pescoço outra vez e encarando-o com muita fúria, cumpriu a promessa que um dia fizera de que ele ainda se ajoelharia a seus pés:

— Não há nada em meu corpo e não sou a sua família. Dispensando esse seu amor. Morra e leve-o para o seu túmulo... — Forçando Mussafar a se ajoelhar, desembainhou sua lâmina e a colocou no rumo do coração do rei... Atravessou lentamente a espada no coração de Mussafar. O sangue espirrava enquanto o aço penetrava lentamente, espuma saía da boca de seu pai, sangue minava lentamente e ele chorava lágrimas de sangue, se debatia e morria ali nas mãos de Vamcast. O elfo continuava encarando-o, como se fosse um inimigo antigo de guerra.

Mussafar começou a fechar os olhos muito devagar, e da sua boca expelia sangue, o maxilar se movimentou pela última vez. Já quase sem vida, chorava enquanto dizia algumas palavras a seu filho:

— Eu te amo, meu filho!

O elfo tornou a cravar a espada, dessa vez com mais força e torceu o cabo, cutucou duas vezes até que Mussafar morreu em seus braços... Depois pegando-o com uma mão, lançou-o pela janela. Mussafar foi arremessado com tamanha cólera que caiu no lago, afundando completamente e sendo engolido pela água.

Andor tentou levantar-se vendo aquilo, mas estava totalmente fora de si, “aéreo”, como se o tempo estivesse parado ao seu redor. Levantando devagar, forçando a espada no chão como se fosse uma muleta, finalmente conseguiu ficar em pé, mas como protesto, apenas gemeu:

— Não... Pa-Pa-Paaaaaiiiiiiii!!!

Já de pé, pegou a sua espada no chão e correu em direção a Vamcast e com toda a sua força começou uma luta impressionante. As chamas de suas espadas estavam em todas as direções. O caçula estava enfurecido, e Vamcast sendo golpeado saltou para trás, tentando se livrar do inimigo, lançou uma magia em Andor. Mas este se defendeu dela com outra magia, similar a um escudo branco sobre o seu corpo.

O príncipe caçula armou-se em modo de defesa, e o vilão olhando para ele disse mostrando-se surpreso:

— Aprendeu a lutar bem, hein, predileto? Mas onde está agora o seu pai? Não sabe? Não se preocupe, pois irá se juntar a ele agora mesmo.

Ainda parecendo não acreditar no que acontecera ali, o garoto disse:

— Maldito... Ele também era seu pai! Por que você mata quem te ama? Não o perdoarei, é um demônio e o seu lugar é no inferno!

Andando de um lado a outro, com a sua espada riscando o chão e lançando faíscas por todas as direções, o elfo maligno zombava do irmão:

— Ha...ha...ha... Acha mesmo que consegue matar um deus? Não chore pelos seus queridos, já disse que se juntará a eles hoje mesmo!

Limpando os seus olhos lacrimejados, o menino olhou para o seu irmão novamente, e ciente de que tudo era real respondeu a ele com firmeza:

— Não profane o nome dos deuses em vão, imundo! Agora tenho certeza de que não é o meu irmão! Vamcast jamais mataria os seus pais. Acabarei com essa tormenta...

Andor preparou-se para atacar, e concentrando uma grande força desferiu uma sequência de golpes sobre o irmão, desceu sua espada empunhando com as duas mãos num ataque louco, cruzou a espada ao lado direito e ao reverso, instantaneamente, uma aura branca envolveu sua espada e ele continuou batendo como um louco. Vamcast tentou se defender, mas a arma foi arremessada para cima, soltando-se de sua mão, outro ataque cortou o rosto do príncipe negro da boca até a testa, um segundo manejar resvalou próximo a sua face e arrancou sua orelha direita, Vamcast sentiu arder e virou-se, ficando de costas. Por último, Andor elevou os músculos dos braços e num ataque de baixo para cima feriu as costas do irmão, uma ferida profunda que estilhaçou a cota de malha e cortou suas costelas. O sangue espirrou e manchou a parede do castelo. Vamcast andou um pouco para trás e passou a mão sobre o ferimento na orelha, da qual saía uma grande quantidade de sangue e criara uma máscara vermelha em sua face.

— Verme maldito... O matarei sem piedade. Usarei toda a minha força, partirei o seu corpo ao meio!

Recuando, o elfo invocou os três demônios guardiões, que se lançaram de encontro ao irmão. Vamcast aproveitando a chance, correu e pegou a sua espada. Andor lutava contra os monstros bravamente, até conseguir cortar a cabeça de um deles. O elfo vendo um deles ao chão, chamou os outros dois e disse:

— Sentirá agora o meu poder. Acha mesmo que matou o monstro aí no chão? Para matá-lo, terá de matar a mim, irmão. Pois ele é imortal.

O monstro ergueu o corpo e pegou a própria cabeça do solo, colocou-a novamente no lugar. As carnes foram se fundindo, e a cabeça se restaurou. O monstro voltou, então ficou em sua frente, em modo de ataque. Rapidamente Vamcast ordenou a investida e na sequência, fundiu a sua força à dos demais monstros. A espada de Vamcast também se uniu às espadas das criaturas, formando um ataque quádruplo. Andor tentou se defender, mas as espadas, com tanta potência, conseguiram derrubá-lo.

O último ataque espatifou a lâmina de Andor e sua armadura de bronze virou sucata, destroçou a cota de malha que protegia seu peito, lançando o seu corpo alguns centímetros para trás, mas não evitou o dano que mutilou seus músculos abdominais e desbeijou uma ferida espantosa em seu corpo, causando-lhe um corte profundo e negro no peito. O jovem príncipe ainda voou uns cinco metros de distância, caindo de costas e deixando um longo rastro de sangue no chão, ficando praticamente sem vida. O elfo negro recolheu os seus guardiões e a sua espada. Andor ainda respirava.

— Por ter me ferido, você morrerá devagar e com muito sofrimento. O ataque que recebeu tem propriedades demoníacas, em algumas horas o seu coração se tornará podre como carniça.

O príncipe maligno caminhou até o trono e pegou a coroa do rei que se encontrava ali. Chamando Destructor, que se manteve escondido atrás da parede, entregou a coroa a ele:

— Pegue a coroa, agora você será o rei! A minha promessa foi cumprida. Esse será o seu reino de agora em diante. Prove-me a sua capacidade.

Caminhando devagar e se curvando diante do príncipe maligno, o homem agradeceu enquanto segurava a coroa nas mãos:

— Obrigado, mestre. Este será o começo de um reinado de terror. O meu reino nunca conhecerá a misericórdia... Matarei a todos que atravessarem os nossos

caminhos.

Vamcast virou-se para ir embora. Um criado, nesse tempo, correu até Andor, levantando-o em seguida e fugindo com ele até os esgotos do castelo. Mas Destructor observando tudo, sacou a sua espada e chamou o príncipe do mal, que apenas lhe disse:

— Deixe-o, não precisa se preocupar. Ele morrerá com o veneno em seu corpo. O homem que o tocou também, pois será infectado. Deixe que fujam, nada mais poderá ser feito para salvá-lo!

O criado, arrastando o príncipe até um pequeno barco, desceu rio abaixo. Andor ainda tinha vida. Em uma certa distância as ondas poderosas jogavam o barco para todos os lados. O rapaz sangrava muito, já estava quase morto. O homem, desesperado, tentava reanimá-lo. Mas, ele não mostrava melhoras. Após descer a correnteza, o barco parou em um barranco.

O homem, quase sem esperanças, arrastou o rapaz para dentro da mata. Já próximo de uma pequena comunidade, seguiu arrastando-o ao interior. Até que um desconhecido, vindo em sua direção, se apresentou. O homem olhou para Andor e novamente para o criado. Este, sem entender, tentou continuar a sua caminhada.

O homem era Morteros, o caça-talentos de Pectrus. Sorrindo para o criado, declarou-lhe:

— Eu posso ajudá-lo, apenas acalme-se e me deixe pegá-lo.

O homem abaixou-se e pegou Andor no colo e virando-se, caminhou com ele em direção à mata. O criado ainda estranhando, retrucou:

— Aonde você vai com o rapaz? Espere, ele está muito doente!

Virando o rosto para trás, o anjo agradece ao homem com uma voz calma e suave:

— Obrigado, por ter salvado a vida deste rapaz, bom homem. Ele está em boas mãos agora, vá e diga a todos que estiverem em seu caminho que Andor não aguentou os ferimentos e morreu.

O criado, irritado com a ordem dada, afrontou o anjo:

— Não irei! Devolva-me o rapaz! Quem é você pra mandar em mim? Não me faça matá-lo.

Morteros simplesmente virou o rosto e olhou para o homem. De repente suas asas se abriram, rasgando a túnica que ele vestia, subiram ao alto. Seus olhos brilharam forte como fogo ardente e, em voz estrondosa rivalizou o indivíduo:

— Vá, homem! Ou pode matar um imortal?

Vendo aquilo, o homem correu e sumiu rapidamente. O susto fora tão grande que nem mesmo olhou para trás. Andor foi levado e agora não se sabia o que aquele homem pretendia fazer. Como poderia salvar a vida do príncipe? O rapaz estava praticamente morto, mas algo deveria ser feito. Se alguém poderia ajudá-lo, esse alguém era Morteros. Afinal, tratava-se de um homem com poderes sobrenaturais, talvez um deus...

A única esperança do mundo de Esteros estava naquele jovem desfalecido e parecia acabaria ali. Agora, Vamcast tinha à frente um caminho sem obstáculos para fazer o que bem entendesse...”

Fim

Epílogo

A lua ecoava no horizonte, e os urros dos lobos famintos pareciam próximos dali. A árvore de poucas folhagens ainda servia de abrigo aos dois recentes amigos, que seguiam em uma conversa amigável... Após contar tudo ao viajante, Fedors fez uma pausa, e Salazar aproveitou para relaxar.

Levantando os braços para o alto e bocejando de sono, Salazar comentou a narrativa de Fedors:

— Realmente uma história interessante, entretanto ainda não sei qual o sentido de tudo o que acaba de me contar.

Fedors retirou o pano suado do pescoço e esfregou-o na testa, da qual escorria um suor escuro e de forte odor. Voltando a enrolar o pano no pescoço, a criatura olhou novamente para o viajante.

— Antes de começar a contar a minha história, disse a você que era longa e de difícil compreensão... Para alguém que tem todo o tempo do mundo, você me parece muito impaciente.

Salazar lembrou-se que dissera que tinha muito tempo para escutar a criatura que estava em sua frente, então retirando um pedaço de lençol da sua bagagem, forrou o chão. Aconchegando-se sobre a grama muito bem cuidada, esticou as pernas, virou o rosto e, olhando novamente para Fedors declarou:

— Perdoe-me por minha impaciência, como disse antes tenho todo o tempo do mundo para escutá-lo.

A criatura retirou de um bolso um grande cachimbo e do outro um fumo negro e de cheiro agradável. Despedaçando-o, encheu o enorme cachimbo dourado, uma bela peça esculpida e com pedras de diamantes e safiras de várias cores. Então, começou a fumar vagarosamente.

— Então, entendeu o moral dessa história? — Disse Fedors tragando fumaça.

— Hum... O pai errou por não cuidar do menino? O pai era um homem ignorante e negligente? Os pais poderosos dão mais valor ao dinheiro que aos seus filhos?

— É muito simples: guerras não devem ser evitadas, e a verdade, somente a verdade, deve fazer parte da família! Não devemos moldar os filhos de acordo com os nossos sentimentos; devemos tê-los e amá-los do modo como nos foram trazidos pelos deuses. — Falou Fedors, convicto.

— Suas palavras são sábias e sua história pode ter muitos significados e moral, talvez faça parte de tudo o que me contou?

— Claro que faço, não contaria uma história que não tivesse um sentido.

— Me conte... Onde está nesta história? Tu és o próprio Vamcast, não é?

— Não...

— Andor?

— Também não...

— É claro que não... Tá na cara que é...

— Espere! — Disse Fedors — Deixe-me continuar.

Retirando o cachimbo de seus lábios, a criatura o colocou num galho de árvore seco muito próximo a ele. E, olhando novamente para o viajante, comentou, ironicamente:

— Tudo bem. Posso notar que você está muito interessado na minha história. Sua curiosidade será saciada mais adiante, pois está muito próximo de eu me apresentar em minha própria história...



NAZEBUR

A Mitologia Esteriana

Há uma lenda muito poderosa sobre o surgimento dos deuses. Ela é diariamente contada em todos os mundos existentes e galáxias com vida pelo universo a fora. Uma lenda tão convincente que é conhecida como a criação dos deuses, que chega também muito próxima de ser a verdadeira criação da vida.

A vida é a herança dada pelo Criador aos seus escolhidos, homens que deveriam ter como suas metas principais cultivá-la e mantê-la em perfeita harmonia e paz. Os povos que tiveram uma segunda chance ganharam como legado o direito de viver. Um direito que também deveria ser semeado com o único propósito de ser a maior criação do Supremo.

A lenda mais convincente

No começo do Universo, antes mesmo de Nazebur e seus irmãos deuses dominarem esses planetas, foram criados os deuses imortais conhecidos como Os Místicos Anderdrais, compostos de várias raças de diferentes aparências e habitantes de um paraíso chamado Paramount.

Paramount era um planeta gigantesco que cobria todo o vasto universo e continha os elementos principais da vida: terra, água, ar e fogo.

Este lugar era lindo. A paz reinava entre todas as espécies e ninguém podia morrer. O demônio da morte não existia onde a vida era para sempre. O Criador de tudo isso não se apresentava como Criador, era somente uma criatura doce e bela chamada de Supremo.

O Ser Supremo andava entre nós como um Deus doce e sincero, que se mostrava paciente e prestativo, colocando-se com amor e fidelidade. O amor do Criador pela sua criação era tamanho que não se abria brecha para que mal algum se manifestasse no paraíso. Esse amor era retribuído por todos. Maldades, mortes, inferno, destruições, sentimentos carnavais e imundos não existiam.

O paraíso foi habitado durante milhares de anos por seres imortais, e esse tempo foi melhor do que o dia mais feliz de nossas vidas. Não é possível comparar um dia feliz nosso com um único minuto vivido no paraíso.

O lugar permaneceu intacto por séculos. O Criador, querendo agradar à sua criação, sempre buscava melhorias para seus filhos, mas pensando em criar algo realmente perfeito, ele começou a nomear criaturas para poder ajudá-lo em sua administração. Uma grande seleção foi iniciada, então o Criador reenumerou os seus mais próximos seguidores, dando-lhes asas para que pudessem chegar mais rápido

às criaturas necessitadas. Ajudando-as com palavras de conforto, mantendo todas em um equilíbrio perfeito com o bem, evitava que o mal jamais brotasse na vida de nenhum dos habitantes do paraíso.

Os seguidores tornaram-se criaturas de aparência chamativa, tendo como principais características belezas avantajadas como os olhos azul-claros como o céu, os cabelos loiros como a luz do sol, a pele limpa e clara como a areia do mar. Todos também haviam recebido novos nomes que os diferenciavam dos demais viventes do Paramount, agora eram chamados de Anjos.

Esses doze anjos tinham um lugar privilegiado ao lado do Criador, mas apenas dois tinham um grande destaque e o seguiam de perto. Soriom e Soriam eram gêmeos, criaturas belas de pele branca e olhos azuis que tinham uma missão importante no paraíso, pois guardavam as chaves dos sete pecados capitais:

Avareza

Ira

Preguiça

Luxúria

Orgulho

Gula

Inveja

A paz na vida dos imortais só seria completa se esses pecados continuassem trancados com as sete chaves do milênio, pois formavam o lado mau da história da vida. Se, um dia alguém abrisse um desses baús sagrados, o pecado identificado por trazer seu mal afetaria os povos. A partir de então, viriam as outras pragas como assassinatos, roubos, traições, doenças etc.

Os dois anjos, Soriom e Soriam, se mantinham firmes, cuidando dos baús sagrados com extrema dedicação a esse propósito. O Criador, por sua vez, sempre os visitava, deixando claro que jamais os baús poderiam ser abertos, pois eram prioridades máximas e era preciso evitar que qualquer um se aproximasse de seu conteúdo. Os anjos, apesar de não possuírem a maldade nem outro sentimento imundo diante de seu Criador, começaram a imaginar o que poderia estar escondido dentro dessas arcas.

Com uma imensa simplicidade, olhavam os baús com um tom de amor e uma vontade de libertar o imenso fardo que carregavam em seu interior. Como o lado mal pode influenciar tudo o que tem vida no mundo em geral, às vezes ele é o começo de um bem, muito mal anunciado. Esse mal transparente pode ter um nome específico: ingenuidade.

Certo dia, os anjos, a fim de conhecerem o conteúdo dos baús resolveram entre si espiar o que havia dentro deles. Então, escolheram o sétimo, o “orgulho”. Vagarosamente Soriom abriu somente uma parte da arca, tão pequena que seria similar à espessura de uma agulha de costura.

Primeiro Soriom espiou e nada viu, pois os baús aparentemente estavam vazios. Em seu interior parecia não haver nada, somente o vazio, e Soriom ao espiar seguidamente também teve certeza de que não havia mesmo nada ali. Só que o orgulho foi aberto, bastou uma pequena brecha no baú para que a inveja viesse na sequência, e depois desse dia os anjos começaram a invejar a supremacia do Criador junto às suas criaturas.

Com o passar dos dias os dois irmãos planejaram uma rebelião contra o seu Criador: muito calmamente, mostraram o conteúdo dos baús para os outros dez anjos supremos que também se contaminaram. Totalmente dominados por tantas imundices, agora iriam tomar o paraíso. Os anjos tramaram um plano terrível: expulsar o Deus soberano de seu trono.

No céu, o vento se agitou, da sua agitação surgiam poderosos redemoinhos que tomaram os céus, era fúria pela traição... soprou com força, invadindo e tocando como gelo, quase imperceptível, as almas traidoras. Eles não souberam jamais quem os tocara... mas sentiram.

E, o Supremo Criador conhecia os sintomas do sétimo pecado e percebeu que o equilíbrio fora abalado. Mas ao tentar argumentar com seus anjos, houve uma grande rebelião no paraíso. Em ato de rebeldia, luxúria, vaidade, raiva e todas as outras pragas, os anjos carregaram as arcas até as chaves milenares, e usando todas elas conseguiram abri-las por completo, contaminando a todos com esses males. Depois desse dia, Lucyer, o sexto anjo, que agora era demoníaco, forjou doze pedras espirituais que passaram por um ritual macabro, um culto chamado “o cântico dos anjos”. Inicialmente, as pedras seriam usadas em uma pré-rebelião contra o Criador, capazes de dar poderes aos anjos, misturando a magia negra com a branca e os transformando em espécies de demônios poderosos.

Alguns dos possuidores das pedras obtiveram asas negras e outros ainda mantinham uma de suas asas brancas. E, foi então que surgiram os primeiros demônios do paraíso.

Totalmente contaminadas por promessas inalcançáveis, as pessoas daquele lugar começaram a reclamar com o Criador, reivindicando melhorias no paraíso, questionando as suas palavras, e brigando entre si tomavam as riquezas uns dos outros, extorquindo e matando. Muitos obtiveram habilidades demoníacas e começaram a ser chamados de demônios.

O Criador agora só tinha uma saída: destruir tudo o que criara. Contudo, amando de tal maneira a sua Criação, teve uma última ideia.

Nesse paraíso existia um grupo de povos isolados, que serviam somente para agradar aos imortais e servi-los em seus propósitos e vontades. Esses seres podiam se reproduzir, deles nascendo pequenas criaturas chamadas “crianças”, que eram belas e puras. Mesmo com os sete baús abertos, o mal parecia não afetá-las, pois permaneciam amorosas.

O Criador concedendo uma última chance para a vida, reuniu trinta dessas pequenas criaturas e deu a elas o dom da imortalidade, com poderes sem igual. Ele as chamou de deuses. Esses pequenos ficaram guardados em pequenas bolas de energias, e com eles pequenas sementes que deveriam ser semeadas brevemente. Uma vez plantadas, brotariam e vidas surgiriam e seriam o seu legado dali para frente.

Os pequenos deuses foram protegidos com o propósito de começarem novas vidas, em mundos que seriam criados brevemente, pois o Criador destruiria todo o chamado paraíso.

Com o seu coração apertado e angustiado, subiu em uma grande montanha, lá da parte mais alta do Paramount podia observar todos que ali estavam. Faziam farra, andavam pelados, mostrando seus corpos, praticando orgias sexuais e gestos obscenos, mentindo uns para os outros e se digladiando. O mal agora já dominava este mundo completamente.

O Supremo, em um ato de desespero, chorou por todos os seus filhos que agora eram rebeldes e ameaçavam o começo de uma rebelião incontrollável. Em última circunstância lançou uma poderosa energia sobre o paraíso, similar ao big bang, explodindo tudo e formando um grande universo.

Os fragmentos do paraíso foram lançados a distâncias gigantescas, e os fragmentos formaram grandes sistemas, gravitacionalmente ligados, com estrelas, um meio interestelar de gás e poeira, as galáxias e os cordilhetes. Esses pedaços arremessados, juntamente com as suas propriedades vivas, transformaram-se em hospedeiros de minúsculas criaturas chamadas planetas, tomando formas diversas. Nessas áreas nasceram sementes de plantas, misturando-se com água e fazendo

nascer pequenas vidas e jardins enormes. Um novo habitat foi desenvolvido, capaz de abrigar novas vidas inteligentes, semeadas ali.

Todos os habitantes do paraíso foram mortos com a grande explosão. Somente os trinta deuses se salvaram, também arremetidos para os grandes planetas de todas as galáxias. Mas, liberados aleatoriamente de suas cápsulas tomaram os seus bens concebidos. Eles começaram então a semear os planetas, fazendo que surgissem vidas: “as vidas inteligentes” foram chamadas de homens e mulheres, que diferentemente dos deuses não eram imortais. Os mortais tinham o dom de se procriar, além da missão de povoar todos os planetas com as suas raças. Depois de viver intensamente suas vidas, iriam morrer, voltavam para outros planetas, obtendo a dádiva de viverem felizes para sempre, sem nunca se entediar com a sua existência.

Com o passar dos anos, os povos cresceram, formando-se homens e mulheres adultos. Só que uma coisa não estava perfeita entre eles: haviam herdado todos os desejos e pecados dos deuses. Só eram puros na infância, ou seja quando crescessem desenvolveriam os sete pecados capitais. Mas, os homens também tinham um presente especial, que podia diferenciá-los dos demais: a humildade. Os deuses deviam apenas cuidar para que eles nunca soubessem dos tais pecados, assim não desenvolveriam as características maldosas dos seus ancestrais.

Depois da grande explosão, as pedras espirituais foram usadas com outro propósito, pois Lucyfer, em um segundo culto, aprisionara os anjos rebelados dentro delas, em seguida as lançara ao espaço. Alguns foram usados pelos deuses, que se tornaram homens ambiciosos, outros ainda vagueiam sem rumo pelo espaço, mas seis foram lançados aos planetas e seguem sem memória.

Tudo correu bem por milhares de anos, até o dia de Nazebur. Todos nós sabemos o que aconteceu com os planetas e os povos...

Os cinco continentes Esterianos:

Naires, Iris, Norion, Saladyr, Fintesis.

São cinco raças que predominam neste planeta, dentre elas:

Os Eracictos. Eles são os seres mais inteligentes do planeta, ganhando destaque nas criações mais benéficas na evolução das espécies, tanto nos avanços

tecnológicos quanto nas administrativas.

Os Elfos. Eles são seres mágicos que preferem um mundo particular, fechados a visitantes desconhecidos. Não sendo povo de discórdia preservam o seu caráter, vivendo em um lugar isolado e unicamente particular.

Os Orcs. Eles são o povo da verdadeiro discórdia. São criaturas sanguinárias e hostis, a maioria é canibal e come a carne de todas as espécies viventes neste mundo. Os orcs vivem sob lendas antigas, julgam-se como sendo os mais poderosos, sonhando que um dia poderão conquistar todos os continentes, assim consequentemente se tornarão a única espécie predominante do planeta.

Os Anões. Eles são seres neutros em Esteros, viventes em meio ao continente Naires, se mantêm anônimos nos governos e nos demais avanços das monarquias do planeta. Vistos como homens gananciosos, preferem não dividir suas riquezas com os demais habitantes de seu mundo.

Os Mortrestes. Eles são guerreiros poderosos e misteriosos, não se sabe muita coisa sobre esse povo, procuram viver em lugares isolados e de difícil acesso. São quase uma lenda... Muitos dizem que são seres vindos de outros planetas, pois as suas habilidades são totalmente desconhecidas, alguns até dizem que são poderosos como deuses imortais.

AGRADECIMENTOS E PENSAMENTOS

Ainda sobre a mitologia esteriana, ao criá-la eu quis passar uma teoria pessoal sobre a vida. Em minha opinião os seres inteligentes são filhos da terra, devemos cuidar de nosso planeta e protegê-lo de nossa própria ganância e males que possam vir a destruí-lo. Acredito que fomos plantados aqui por sementes que foram semeadas por um deus responsável, um que nos testa a cada momento, nos quer bem e nos guia nos momentos difíceis da vida. A separação do joio e trigo: isso é real para mim. Os mortais vivem nesse mundo a provar suas bondades e

maldades. Que tipo de pessoas somos? Primeiro provaremos ao criador o nosso merecimento e a partir daí teremos a nossa glória, ou castigo...

A prova de que somos filhos da terra está em todos os lugares e até mesmo em nós! Já pararam para pensar que todo tipo de remédio é extraído da terra? E todo medicamento usado em nosso corpo serve para eliminar dores específicas ou para curar ferimentos diversificados, mas algumas propriedades extraídas são mortais, outras milagrosas, mas todas saem da terra. O corpo humano contém traços de quase todos minerais terrestres, incluindo enxofre, potássio, zinco, cobre, ferro, alumínio, molibdênio, cromo, platina, boro, silício, selênio, flúor, cloro, iodo, manganês, cobalto, lítio, estrôncio, chumbo, vanádio, arsênico, bromo e mais.

Não sou nenhum ateu, mas nunca acreditei em religião, para mim existe um Deus e ele é um ser eminente de poder e razão. Tudo é muito perfeito para ser por acaso. Somos seres poderosos e decisivos aqui na terra, mas somos frágeis em espírito. O mal existe assim como o bem. Em meu livro Sobreviventes falei um pouco sobre essa minha teoria inclusive narro um apocalipse baseado na visão de João Batista, o profeta. Acredito em duas etnias espirituais disputando almas mortais e domínios do Universo. De que lado estaremos nessa batalha só dependerá de nós mesmos. A mitologia esteriana mostra um pouco da minha ideia, uma traição no paraíso celeste deu início a uma guerra espiritual e os mortais ganharam uma chance para se tornarem parte disto. Um demônio querendo destruir tudo e um deus querendo provar que a vida é o maior trunfo do Universo. Talvez eu esteja totalmente louco escrevendo isso, mas ainda assim creio que exista algo especial na humanidade e que nós somos os responsáveis pelo triunfo do deus soberano e somente os merecedores poderão estar ao seu lado no juízo final.

Essa história começa com a narração de uma série de fatos, por um único homem. O leitor será levado a terras distantes, batalhas épicas, conquistas e glórias, fracassos e perdas, mas por fim na medida em que se aprofundarem na leitura encontrarão sentido e lógica em tudo que Fedors narrou. Os livros de Esteros não têm data para um desfecho, não há planejamento para um final, creio que um dia estarei escrevendo sobre as batalhas entre os deuses e anjos mitológicos, em minha opinião de autor esse livro tem potencial e se tornará uma grande obra um dia.

Esteros foi publicado pela primeira vez em 2011 e desde então escutei muitas coisas, opiniões e críticas, boas e ruins. A palavra plágio é uma das piores para um autor, sei que essa obra não é a mais original do mundo, mas quero ver um leitor me apontar um único escritor de fantasia que em vinte anos tenha criado uma obra 100% original. Na fantasia não é mais possível criar algo inédito, bichos de

todas as formas e tamanhos já foram criados e utilizados, tanto nos games quanto na literatura, então... caros... repensem sobre isso.

Por fim, agradeço a todos que leram meu livro, sei que ainda há muito que melhorar, mas quero que saibam que farei o possível para continuar escrevendo esse livro. Nós, os autores brasileiros não ganhamos dinheiro escrevendo e muitas vezes somos nossos próprios investidores e entusiastas, mas mesmo assim, estou disposto a continuar criando minhas histórias. Como autor, sonho com o reconhecimento, mas também acredito que para tudo existe seu tempo. Aos leitores que gostaram dessa história peço apenas que continuem acompanhando os próximos capítulos, que me cedam um pequeno espaço em suas estantes.

Obrigado! Tenham dias felizes e juízo na cabeça!

Aldemir Alves da Silva.

Primeiro capítulo de O início da esperança

As crônicas de Fedors - O Início da Esperança

1.

O sol forte põe-se rumo ao norte de Naires, um calor insuportável castiga o lugar. A árvore de poucas folhagens é agora invadida por dezenas de —Yagons — criaturas naturais da floresta Sindar.

Animais de pelos baixos, com caldas longas e finas. As pequenas criaturas pulam de galho em galho, enquanto promovem uma grande festa com o fim de mais um dia.

Fedors e Salazar ainda estão no lugar, mas em diferentes sincronismos com o local, pois Fedors acaricia os pequenos Yagons e os alimenta com farelos de pão jogados ao chão pelo visitante curioso. Salazar acaba de acordar de um tranquilo sono sob o luar fascinante de Esteros e dormiu depois de oito horas de diálogo com a criatura desconhecida. E, ao contrário do viajante, Fedors não pregou os olhos, pois sono já não é mais uma dádiva para esse homem surrado por tantas tragédias em sua vida.

Salazar acorda e olhando para os lados, pode ver o vulto dos pequenos Yagons correndo de um lado para outro. Criaturas belas e puras, pois não conhecem a maldade esteriana, nem mesmo qualquer sentimento imundo que são o legado dos seres inteligentes.

Com um grande bocejo, o homem levanta seus braços ao alto, enquanto começa a dialogar com o recém-amigo e companheiro de solidão:

— Bom dia, Fedors! Perdoe o meu sono repentino, mas estava cansado de uma longa jornada — nesse momento, Fedors está de semblante baixo. A sua atenção está focada sobre a pequena criatura em seu colo.

Enquanto acaricia um Yagon, Fedors levanta seu rosto rumo a Salazar, e em seguida responde:

— Tudo bem, meu amigo. Se ainda tivesse essa dádiva de poder dormir um bom sono, com certeza também o faria. Infelizmente, você adormeceu bem na hora que a minha história começava a ficar interessante!

Levantando o lençol empoeirado e o chacoalhando a favor do vento, o homem começa a enrolá-lo, guardando-o dentro do saco de mantimentos. Voltando a olhar para a criatura, diz novamente:

— Irei escutar a sua história por completo, pois foi interessante desde o começo. Antes peço apenas que me indique onde poderia arrumar água, pois tenho sede e preciso lavar o rosto! Voltarei assim que me lavar. — Essas palavras deixam Fedors um bocado triste, afinal ele temia que o seu novo amigo partisse e não mais retornasse para poder escutá-lo.

Fedors sorri, enquanto liberta o pequeno Yagons de seu colo. A pequena criatura corre, se juntando rapidamente aos demais amiguinhos. Voltando a olhar novamente para Salazar, o undead explica ao homem o caminho a seguir:

— Se, caminhar rumo ao leste, a dois quilômetros daqui poderá encontrar água. Acredito que você não voltará mais a mim, pois muitos já passaram por aqui, e nunca retornaram.

Escolhendo um galho seco do chão, o homem começou a cortá-lo com uma pequena faca afiada. Então amarra sua trouxa no galho e encarando a criatura, responde ao seu mais novo amigo:

— Eu voltarei, pois nem todos os homens são iguais. Preciso muito escutar a sua história. — Nesse momento, o semblante de Salazar expele seriedade e certeza em suas palavras.

Fedors, sorri. Enquanto imagina que o homem mente para ele, levanta a mão direita e despede-se dizendo:

— Vá, e caminhe nesta direção. Desde já agradeço pela sua companhia, siga o seu caminho bom homem e que Deus o acompanhe.

Salazar, sorri surpreso com as palavras de otimismo do homem, que mesmo estando em pleno sofrimento, ainda é capaz de pronunciar a bondade de Deus. Olhando novamente para ele, diz algumas palavras em agradecimentos:

— Obrigado, pelas suas palavras, grande amigo! Realmente a minha jornada é grande, mas você foi diferente de todos os homens que conheci. Então, mais uma vez peço que me espere, pois voltarei em algumas horas.

Salazar parte rumo ao riacho apontado por Fedors. A criatura levanta-se devagar, estala os ossos do corpo e rapidamente volta a sentar-se. Olhando para o leste, contempla o viajante desaparecer em meio ao calor incessante. Salazar caminha em direção ao riacho, enquanto Fedors começa a fumar seu enorme cachimbo prateado.

Dos seus olhos, escorrem algumas lágrimas de solidão...

No riacho de águas calmas, Salazar refresca o rosto, enquanto continua frente às águas cristalizadas. De repente, uma figura aparece nas suas costas. Salazar contempla o reflexo nas águas, observando o desconhecido.

Ainda não se vira e observando-o pelo lago, comenta:

— Por acaso, pretende-me pegar distraído?

A criatura fica imóvel. Salazar o encara de frente. Rapidamente, com um gesto majestoso, o asmetro deixa seu capuz cair ao chão empoeirado, revelando a sua forma demoníaca. A criatura começa a se debater e ainda de pé o seu corpo sofre uma rápida transformação. Sua aparência torna-se bela, suave, esplêndida:

— Pai?! Por que eu tentaria golpeá-lo pelas costas? Sendo que de nada adiantaria?

Salazar sorri e em seguida responde:

— Nazebur, meu filho... Aos meus ouvidos já foram anunciados os seus males, por que atormenta a vida dos inocentes?

“Nazebur”, o próprio demônio estava frente ao andarilho:

— Eu fui traído, pai. Fui golpeado pelas costas! Os meus próprios irmãos me roubaram.

Salazar chacoalhou a cabeça e respondeu:

— Filho... De tudo sei e tudo sinto, não deve tentar me enganar. Você continua sendo uma pessoa má. A propósito, quero que deixe Fedors em paz, deve libertá-lo de seu sofrimento...

Nazebur arregalou os olhos, enquanto Salazar toca a sua cabeça:

— Ele é meu! Não pode libertá-lo, foi ele quem me ofereceu a sua alma. Pai, não mais cabe a você interferir nessa decisão! — Nazebur gemeu em tom alto

e agudo — Salazar tocou a sua cabeça, fazendo com que o corpo demoníaco do asmetro se deformasse, caindo apenas as cinzas ao chão. Logo levadas pelo forte vento...

Algumas horas se passam. Fedors segue angustiado enquanto contempla os céus, que começam a se fechar armando uma breve tempestade.

Casualmente, volta a olhar em frente e ao longe observa uma figura se formando. Salazar está voltando como prometeu, cumprindo a sua promessa. Um sorriso de felicidade é notado na face sofrida de Fedors. Ao se aproximar, o viajante sorri para criatura, enquanto conversa com ele:

— Como eu disse, precisava apenas refrescar-me, pois o corpo mortal não vive sem suas necessidades diárias!

Fedors, levanta os olhos para Salazar e seguidamente agradece a ele mais um dia de companhia:

— Obrigado por voltar e oferecer a sua companhia por mais um dia, é uma honra tê-lo aqui novamente!

Salazar feliz com a observação do homem, volta a agradecer as palavras sinceras do amigo:

— Fico muito feliz por admirar a minha companhia. Tenho água e comida em meu poder, caso tenha fome ou se sede. Fique à vontade para servir-se. Pois, a única coisa que desejo nesse momento é poder continuar a escutar sua história.

Olhando fixamente para Salazar, Fedors concorda com as palavras do homem. Enquanto em dúvida, faz um comentário:

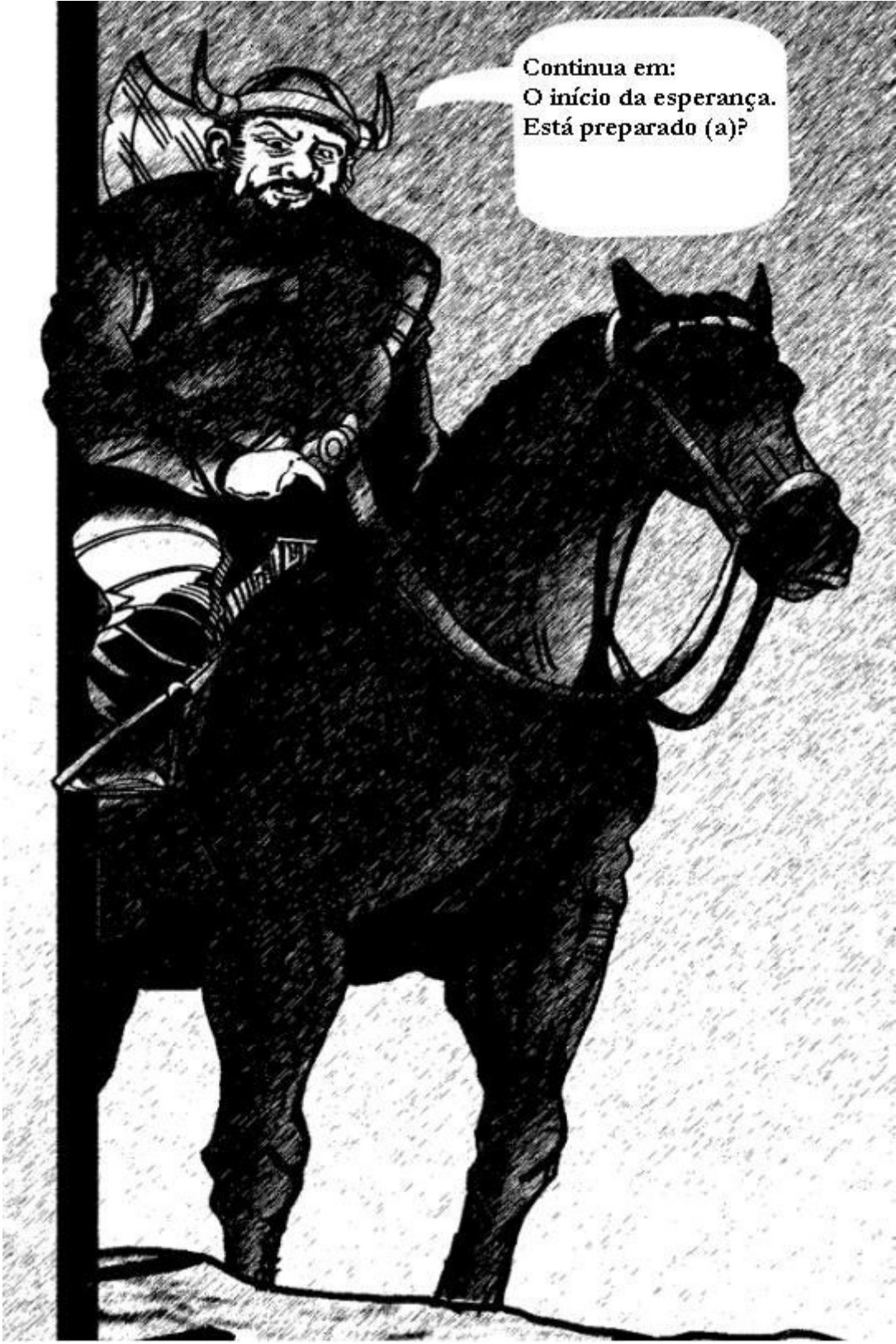
— Fome e sede, eu não tenho meu bom homem... Mas, antes de continuar a contar-lhe a minha história, fiquei em dúvida sobre o comentário de um corpo mortal ter muitas necessidades. Poderia me explicar melhor as suas palavras? — Nesse momento, Fedors encara o viajante com firmeza, o undead parece sufocar aquele homem, afinal aquelas palavras foram duvidosas.

Salazar toma mais um gole de água e olhando novamente para Fedors, responde com ironia:

—Explicar? — Salazar sorriu agudamente — Perdoe-me a risada, mas seria uma falta de educação não escutá-lo primeiro. Termine antes sua história. — Seja o que for que Salazar quis dizer com tais palavras, intrigou ainda mais a criatura. Mas, agora ele deveria escutar, antes de criticar. Afinal, apesar de um monstro, Fedors é inteligente e muito educado.

Fedors aceita as palavras do homem em sua frente e concorda com ele. Mesmo imaginando que o seu recém-amigo esconde alguma surpresa, sobre a sua real origem. Volta a contar a sua história, enquanto gesticula com o homem dizendo:

— Muito bem, seria desconfortante começar a contar-lhe a minha história e não terminá-la. Como eu disse há um dia, está muito próximo de eu me apresentar em meio a minha própria história...



Continua em:
O início da esperança.
Está preparado (a)?

Aos leitores que gostaram do livro quero dizer que o segundo capítulo está sendo publicado no fim de 2014. Tenho muitos planos para a série e as expectativas são as melhores possíveis.

Tenho uma tradução em inglês em andamento e, em breve o livro será traduzido para espanhol.

Peço que divulguem para seus amigos e recomendem o livro. Muito obrigado e leiam as primeiras páginas do livro já traduzidas.

THE FEDORS'S CHRONICLES
THE BOOKS OF ESTEROS – BOOK 1

Aldemir Alves da Silva

Dear adventurer, if you are a obsessed reader for books that are been related in first person, if you to cling to a only character, STOP TO READ NOW, certainly, this book isn't for you.

The Esteros's relate has been write for the reader doesn't lose anyone detail, by the way, the first publishing house had entitled him as "the author uses a new mode for to relate your story".

Here I priority the woof and show a new world for to be explored.

For a medieval's fantasy relater, in my opinion, the story must have the most featured. For Esteros I use a "lighter" related than RPG's relaters, therefore, this book hasn't the essence of RPG narrated and played, even the story is based on the RPG genre.

I hope this little text has been done you to feel curiosity for read himself, and if the answer is YES, turn this page and have great adventures in ESTEROS!

When I readed The Books of Esteros – The Fedors's Chronicles for the first time, I was sure that wasn't anyone book in my hands, I don't know if the author had the intencion, but the way that him relates the Andor's saga delighted myself deeply. I felt myself like I was reading a book about medieval fantasy for the first time.

Knowing, feeling, living with all the events caused by Vamcast in that pacific world, as much in the opinion of the innocent Andor as the mysterious and suffered Fedors, I just asked one thing for the author when I talked with him: "When will be released the next book"?

*In a era where a lot of writers try **to copy** the most famous styles, the writer of the books of Esteros did a simple thing and that I like: he told a story.*

I hope everybody feel that, and I hope the gods of Esteros and the gods writing permit the Aldemir's mind always be overflow of ideas.

Ricardo "Mestre" Urbano – Geek na Rede

In a world that changed the pain and the death into myths of the past, Vamcast Destrus grew up with a lot of doubts and jealousy about your younger brother, 'cause your father's love, becoming a great warrior, wishing power above all. Now, steeped in shadows and wrapped by yours most darkness feelings, he became a kings' murder, declaring himself na enemy of all the tribes in Esteros.

Daniel Silva – RPGVale

PROLOGUE

The Fedors's Chronicles it's a saga that describes the memories of the character "Fedors", a man who became moribund, due the ways he chose. Yes, a zombie. For who don't know, zombie is a person walking without life, a rotten person who still carries a soul.

The Fedor's story has started any years ago, he was once a mortal and from that he says in his first chronicle, he knows very well the world of Esteros and your tribes. Your *death* has been caused by tragic fact, what make him suffer from what confused memories and regrets of your past. He lost hope. He released his fate to the winds, and he has been long fallen on the dusty ground. Your only friend was an old tree and almost lifeless.

However, the hope reborn and "Salazar", a wander who walked there, accepts hear him. So, your story starts.

Fedors remains as the narrator of the book. He'll tell to Salazar and the readers why he suffered so much. He will relate events that marked the Destrus family, family which he was also part. The outcome of this first chronicle is scheduled for five books, that may be advanced. Depends on how the story will flow. While I write this prologue, I have four finished manuscripts about the saga, just waiting the publication. But the readers are very interested by the book. So, I intend for forward the publication or, perhaps, I advance the publication of the full volume. After the outcome of story I plan to write great tales about "the world of Esteros and your dwellers".

ABOUT THE PROCESS OF WRITING

When I created the first chapter of Esteros in 2010, I was very involved with MMORPG, in particular, the World of Warcraft game. I always loved themes involving Norse Mythology, Celtic mythology, Greek mythology and Egyptian mythology. The book about these mythologies normally has been created by great authors, RPG lovers. Besides seeking inspiration In something that already exists, this authors innovated and made it through his own essence to book, creating them own languages.

Inspired by these mythologies, big names have grown over the years. J.R.R. Tolkien and your "The Lord of The Rings"; C.S Lewis and "The Chronicles of Narnia", among other great names of world literature.

Became a fan of mythological characters, especially orcs fans, elves fans, dwarves fans gnomes fans and fairy fans, made me want to create my own story in this genre. Creating characters that I every want, with belief and particular costumes for Esteros, I gave life to new races and new tribes. The esterian's mythology it's built on the childhood of humanity. All this began after the betrayal of angels to your Supreme God. This betrayal unchain the destruction of first paradise, recreating the Heaven and the Hell, near the worlds and new planets.

The creation of esterian's mythology it's based on fictitious facts and scientific facts connected to universe, also all living beings. Of course this theory to rejection the acceptance of a Lord. We should, however, to detach the fact that the big bang theory is, by the way, a consequence of another theory: the theory about expanding universe. For the mythology is more realist, I insert a God over her, I joined all my religious knowledge and my theoretical knowledge and even using something that others have explored, I created an "innovative" thing.

When the great paradise became a place of prostitution and disorder, the Lord destroyed all his creation. However, He loved your children. So, He saved the pure, “the kids”. The Gods of esterian’s mythology come alive after these events.

There are thirty Gods throughout the universe, and each one has your legacy: taking care of the lives that were assigned to them. Based on this big bang theory, I do the reader’s imagination to flow in a way that relates other “worlds” to esterians. Maybe, our world can be part of the same galaxy of Esteros. This is perfect, ‘cause I could to insert the humans in this book’s woof, one day.

The esterian’s mythology relates the first confront between the domineering of habitable worlds and the first discord between Nazebur and him brothers. Everything happen on this home woof, born the Heaven and the Hell, then. Nazebur needs to destroy the life in the world that exists in the universe, him mission is to corrupt the mortal souls and to promote the wickedness over this people. Getting help from mortals own, he intends to decimate the life in the planets, quenching all the living beings and changing their souls to transform them to immortal soldiers. Creatures know as Asmectros.

These creatures can walk on parallel worlds, fortify and evolve in mortal bodies, like maggots on a host. They take possession of mortal souls, until they absorb all the vital energy of the individual. When they finally win absolute control, they develop completely, becoming an extremely powerful creature. The Nazebur’s plan is to gather thousand of Asmectros at this side, and use them against other gods and become the Supreme Lord of all planets.

The focus of the story is especially about family Destrus, they are the oldest and most respected kings of Naires. They decreed peace after defeating the greatest villain that Esteros has ever known, the orc Nalefis Onus.

Since the time of Lord Mancarus Destrus, father of Mussafar Destrus and who destroyed the Orc Nalefis, the continent Naires is sheeted for peace and party time among species. However, previous wars a hundred years ago, caused by king Mancarus, still haunt the tribes, who fear by him return.

In the woof, there are also creatures remarkable, and they can be invoked during battles. These creatures will be reward for them conquerors. After the conquerors posses the spiritual stones, they will have a mascot-shield in their side. These stones, after being invoked, will give life to various creatures. However, the nature of the creature will be same to your domineering. When a villain to execute the invocation, he will have at his side a malign monster, a zombie, winged demon, dragons, among others. If a good person, will give life to a creature of light as an angel, winged saddle horse, Pegasus, fairy, Minotaur. After the manipulator creates the creatures, he wins a ring, that is placed on your finger, and this ring can never separate of his domineering, except this ring be destroyed in a battle.

NOTE OF THE AUTHOR

For a better understanding of this story, I suggest the reader reads first “the esterian’s mythology”, in the end of this book. The mythological part relates the descendents of the tribes shown here and explains clearly how came the gods and planets shown in story. The changes implemented in this new edition have been edited with the intention of improving reading. Most of them based on the visions of literary critics who pointed out mistakes and successes in the narrative. The main changes will be featured are the characterizations of the world and characters.

Even if the criticism has inspired me to improve this book, I knew that there are possibilities for this book not to let all the readers happy, and many readers can to criticize the way I wrote this story, however, still, I’m sure other people will love this book and have a lot of funny with its. Obviously some people will say that this woof isn’t the more original in the fantastic literature, or the more creative. However, this book has pleased a lot of readers since your first publication. I guess an author never must create your book just for yourself, ‘cause this will be selfishness.

The books of Esteros had its first published version in 2011, in a site where the publication is free an 100% on demand. There, I tasted for the first time the glory of know that people are reading something that I wrote, and I followed the previews of my first readers. For some readers, the book was little and had few dialogues, for others, was a pleasant reading and that left some issues, and the readers needed to know the answers. Day by day I was more involved in this project, so I didn't stop and I continued creating the story.

In 2012, I finished the book, with 600 pages, When I finally finished the story with the title Esteros – The Naires Continent, I boarded on a attempt frustrated of publication. I sent this book for a lot of little, middle, and big publishing houses. I never received positive answers and the only publishing houses who gave me positive answers charged me absurd prices, out of my financial reality. I was giving up and coming back from “there site”, when I received an offer a little more friendly, the publishing house offered me 300 books for \$7000,00, that year. I though and I was right for the publication at anyway, so I though in divide the book in parts. From there, I became a published author.

However, the simple publication, without any disclosure by the publishing house in selling my books, frustrated me again. I understood that I embarked on a ship about to sink. Again, I was on a “site on demand”, however how I needed to pay. There publishing house didn't do anyone good revision in my book, the publishing house hadn't interest in sell my book and her wasn't serious, much less well accepted by readers.

Desperation took me. I preferred sincerely broke the contract and come back at site on demand. But before I come back, a light at the end of the tunnel came. A young publishing house gives me an opportunity. The Selo Jovem publishing house, which was born with the junction of some authors willing to publish by themselves. The mission was to give life to an editorial seal; we ourselves would work in our books, each of assuming your function and helping each other. The idea worked, and I went there I got to publish at no cost and the readers began to appear... Finally I was being read!

The books of Esteros had its official publication in early 2013. Being published in parts. Shipped to a fair price, mainly on the site of the publishing house and also in the Amazon. The books is being well accepted by fantasy readers. From experience I, Aldemir Alves, say to you dear authors:

You must invest in your dreams, believe that you are able and never give up when somebody says you aren't good enough to do this or that. You can try, you must risk and you'll get.

For readers who criticize my book and other readers who will still criticize it, I mention only a fragment from a review written by Tolkien, an author who has always inspired me.

J.R.R.Tolkien says in his prologue:

“Any people who read my book, or otherwise make a critical of it, said it is boring, absurd or contemptible. I have no reason to complain, up because I have similar opinions regarding the work of these people, or the type of work that they evidently prefer. But even from the point of view of many readers who liked my story, there is a lot lacking. Perhaps not be possible to please everyone at all points and to displease all the same points ... The most critical reader of all, myself, now I find many defects, minor and major, but unfortunately I don't must to criticize the book or write it again, they will pass on a silence, except for a defect that was noticed by some; the book is too short! ”

So, dear friends, Tolkien's answer to destructive criticism was simple, with him words he says “I will write more and more, this story will become huge and you will have many things to criticize”. Tolkien resolved this defect, look at the size of his work. It is inspiring, isn't it?

Esteros will grow, all these first books will be unified. How I described in the first book, there are five continents to be discovered, and I must demarcate this world with maps and write about all other continents.

Finally, I hope this prologue has piqued your attention to the book, I also hope that this story can teach all that the family has more value and is up for anything. Even though this book addresses a fiction as the predominant theme, the arguments discussed here can be truthful, when applied in real life. Carelessness and

disaffection against an innocent person is able to transform it for life. My message is for parents to treat their children equally, which offers about the same extent for all members of a family.